

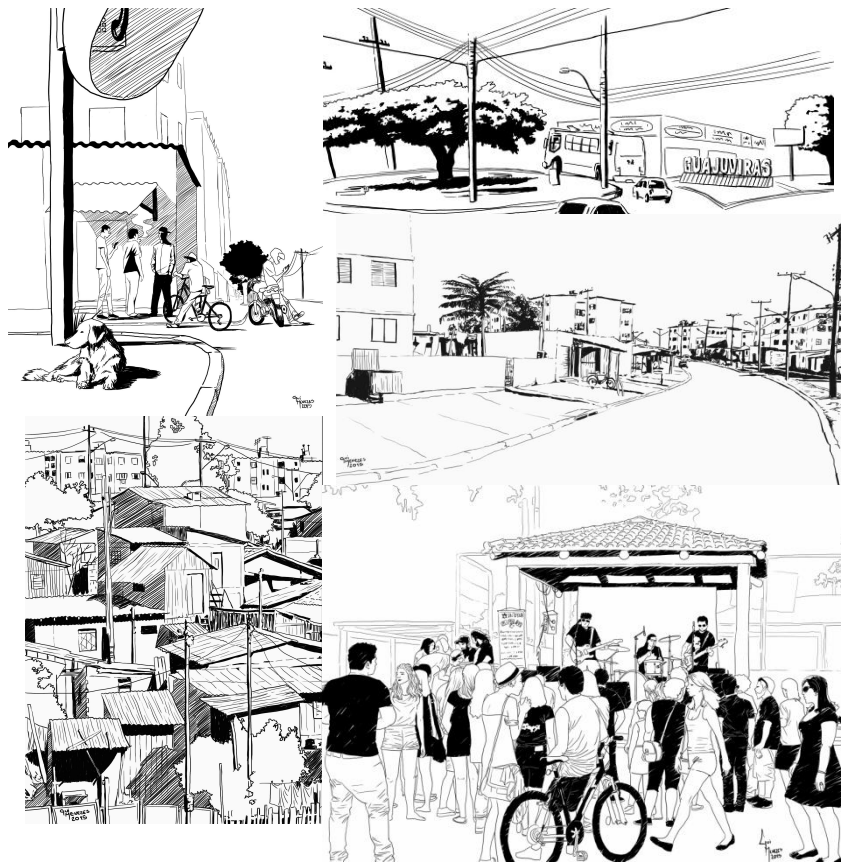
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

TESE DE DOUTORADO

**ENTRE DOMINAÇÕES E APROPRIAÇÕES, REPRODUÇÕES E CRIAÇÕES,
CENTRALIDADES E PERIFERIAS: PRÁTICAS E ESPAÇOS DE
REPRESENTAÇÕES DE JOVENS DO GUAJUVIRAS – CANOAS/RS**

NOLA PATRÍCIA GAMALHO

ORIENTADOR: PROF. DR. ÁLVARO LUIZ HEIDRICH



PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 2015.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ENTRE DOMINAÇÕES E APROPRIAÇÕES, REPRODUÇÕES E CRIAÇÕES,
CENTRALIDADES E PERIFERIAS: PRÁTICAS E ESPAÇOS DE
REPRESENTAÇÕES DE JOVENS DO GUAJUVIRAS – CANOAS/RS**

NOLA PATRÍCIA GAMALHO

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

**Tese apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Geografia
como requisito para obtenção do
título de Doutora em Geografia.**

PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 2015.

CIP - Catalogação na Publicação

Gamalho, Nola Patrícia

Entre dominações e apropriações, reproduções e criações, centralidades e periferias: práticas e espaços de representações de jovens do Guajuviras - Canoas/RS / Nola Patrícia Gamalho. -- 2015. 312 f.

Orientador: Álvaro Luiz Heidrich.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Juventudes. 2. Espaços de apropriação. 3. Práticas Espaciais. 4. Guajuviras. 5. Bairro. I. Heidrich, Álvaro Luiz, orient. II. Título.

NOLA PATRÍCIA GAMALHO

**ENTRE DOMINAÇÕES E APROPRIAÇÕES, REPRODUÇÕES E CRIAÇÕES,
CENTRALIDADES E PERIFERIAS: PRÁTICAS E ESPAÇOS DE
REPRESENTAÇÕES DE JOVENS DO GUAJUVIRAS – CANOAS/RS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Aprovada em 29 de outubro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Piñon de Oliveira (UFF)

Prof^a. Dr^a. Rosane Oliveira Duarte Zimmer (FACED/PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Cláudia Luísa Zeferino Pires (POSGEA/UFRGS)

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigo Soares (POSGEA/UFRGS)

Dedico essa tese às memórias de minha amada mãe, Francisca Duarte Gamalho, e de meu amado pai, Percy Gamalho, meus grandes mestres da vida, da luta e do amor.

AGRADECIMENTOS

Nesse longo caminho, muitas pessoas estiveram presentes, de forma direta ou indireta. Suas contribuições, orientações, provocações, assim como o carinho, conhecimento e companheirismo foram essenciais para a concretização da pesquisa.

Agradeço aos meus amados pais, *in memoriam*, cuja herança de educação, amor, respeito e persistência permanecem comigo, junto com a infinita saudade.

A minha família, irmãos e irmãs que não tiveram as mesmas oportunidades e, como tantos brasileiros, são guerreiros e vencedores. Grande admiração e gratidão por tudo.

Ao meu companheiro, Marcos, homem ímpar em paciência e carinho, a quem admiro e amo e com quem aprendo cotidianamente.

Ao meu orientador, que provoca inquietações e instiga a autoria, sempre com paciência e respeito ao processo de aprendizagem. Foi uma longa caminhada, e a admiração e o respeito são imensuráveis.

A CAPES, pelo auxílio à pesquisa, sem o qual não teria sido possível realizar um levantamento de campo denso e complexo.

Às queridas amigas Julia e Marta, que abriram portas no Guajuviras, instigaram problematizações, desconstruíram posicionamentos e me acolheram como amiga em suas vidas.

A Rosane Zimmer e toda a “família” da escola Cônego José Leão Hartmann, por terem me recebido tão calorosamente.

Aos/às jovens do levantamento, que dispuseram seu tempo e suas histórias.

Ao Gui Menezes, jovem artista do Guajuviras, pelas belas e significativas ilustrações da tese.

Aos profissionais do Instituto Canoas XXI, pela disponibilidade para o diálogo e pelo fornecimento de bases cartográficas e informações.

Aos professores do Departamento de Geografia e dos congressos, pelos diálogos, pelas provocações e aprendizagens.

Aos colegas de graduação, de pós-graduação e dos congressos de Geografia, pelas incontáveis contribuições e discussões.

À secretária Alynny Kist e aos/às bolsistas da Secretaria de Pós-Graduação, pela paciência, atenção e disponibilidade em auxiliar na resolução dos problemas.

À querida “bruxa” Raquel, presente há longo tempo nessa caminhada acadêmica e eterna provocadora dos (des)caminhos geográficos.

À “bruxinha” Sabrina, pelas traduções e confidências, sempre com paciência e carinho.

À querida amiga Carina, pelas traduções, revisões, companheirismo, carinho, sabedoria e generosidade nos momentos de crise.

À amiga Juçara Spinelli, com quem vivenciei as desventuras da tese, as inquietações, inseguranças, superações e alegrias.

À amiga Ana Clara, pelas leituras, sugestões e críticas.

Ao amigo Felipe Ewald, pelos diálogos e encantos com as temáticas relativas a periferias.

A Karen e ao Daniel, pela gentileza de trazer material de pesquisa de São Paulo.

Aos amigos Daniele Viera e Igor Dalla Vecchia, pelos diálogos e pelas trocas.

Às amigas Lenize e Hildete, minha caminhada é muito mais divertida e crítica com vocês.

Aos amigos que entenderam a distância: Lucimar, Marli, Tássia, Carla, Paola...

A Silvani, que tanto me auxiliou a encontrar o caminho das respostas no meu coração.

A Deus, a minha sabedoria interior, aos mestres e às energias do universo.

RESUMO

A presente tese tem como objetivo compreender a produção do espaço urbano a partir das práticas e representações de jovens do Bairro Guajuviras, espaço representado como uma periferia do município de Canoas, Região Metropolitana de Porto Alegre. O estudo parte da relação de coprodução entre juventudes e espaço de um bairro popular. Evidencia os conflitos inerentes às disputas representacionais que constituem, de um lado, imaginários urbanos que generalizam essas juventudes como problema e definem o bairro como espaço periférico e, de outro, produção de representações do espaço que reafirmam tanto o local, quanto os/as jovens. As narrativas e experiências desses/as jovens redirecionam as perspectivas teóricas para a compreensão do espaço no rompimento com as dualidades centro-periferia, desconstruindo os estereótipos embasados nas hierarquias sócio-espaciais e orientando para perspectivas que evidenciam as diferenças, aqui acentuadas na elaboração conceitual do bairro popular. Dessa forma, a pesquisa percorre a produção do Guajuviras nos diálogos a partir das teorias da produção do espaço de Henri Lefebvre (2013), as práticas microbianas de Michel de Certeau (2009) e as concepções de ator e agente de Guy Di Méo e Pascal Buléon (2007). As práticas espaciais identificadas nas narrativas dos/as jovens do Guajuviras orientam pelo reconhecimento de práticas de apropriação do espaço urbano no bairro, através das relações de convivência e dos usos de ruas e praças como espaços de permanência e sociabilidade e, nos espaços metropolitanos mais distantes, nas relações de trabalho e comunidades de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004). A relação juventude-espaço revela feições do urbano de coprodução entre espaços e sujeitos através das trajetórias de vida e formas de inserção nas relações sociais do bairro e do espaço metropolitano. Dessa forma, a pesquisa demonstra os processos de produção do espaço através de relações de condicionamentos e transgressões, identifica aspectos e conflitos do urbano através dos quais são indicadas perspectivas para pensar o bairro popular e suas juventudes.

Palavras-chave: Juventudes. Espaços de apropriação. Práticas espaciais. Guajuviras (bairro).

ABSTRACT

This thesis aims to understand the production of the urban space from the practices and representations of young people of Guajuviras neighborhood, space represented as a popular suburb of Canoas city, in the metropolitan area of Porto Alegre. The study starts from the co-production relationship between youths and space of a popular neighborhood. It shows the inherent conflicts of the representational disputes that, on one hand, constitute some urban imaginary that generalize these youths as a problem and define the neighborhood as a peripheral space and, on another hand, the production of space representations that reaffirm the local and also the young people. The narratives and experiences of these young people redirect the theoretical perspectives to the understanding of the space in the rupture with the centre-periphery dualities, deconstructing stereotypes grounded in socio-spatial hierarchies and guiding to perspectives that show the differences, here accented in the conceptual elaboration of the popular neighborhood. Thus, the research explores the production of Guajuviras in the dialogues from the space production theories of Henri Lefebvre (2013), the microbial practices of Michel de Certeau (2009), and the concepts of actor and agent of Guy Di Méo and Pascal Buléon (2007). The spatial practices identified in the narratives of the Guajuviras youths guide through the recognition of appropriation practices of the urban space, through the conviviality relationships and the use of streets and squares of the neighborhood as permanency and sociability spaces and, in the most distant metropolitan spaces, in the work relationships and in the sense communities (BERGER; LUCKMANN, 2004). The youth-space relationship reveals urban features of co-production between spaces and individuals through the life trajectories and insertion ways in the social relations of the neighborhood and the metropolitan space. Thus, the study demonstrates the processes of space production through the relations of conditioning and transgressions. It identifies aspects and conflicts of the urban space that allow indicate perspectives to think the popular neighborhood and its youths.

Key-words: Youths. Appropriation spaces. Spatial practices. Guajuviras (neighborhood).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Localização de Canoas e do Guajuviras na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)	16
Figura 2 –	Mapa conceitual: conexões conceituais propostas no estudo	18
Figura 3 –	Mosaico de fotografias aéreas captadas na década de 1960	48
Figura 4 –	Mosaico de fotografias aéreas captadas na década de 1990	49
Figura 5 –	Propaganda da COHAB-RS	52
Figura 6 –	Ocupações por período	66
Figura 7 –	Casas em meio aos eucaliptos	77
Figura 8 –	Localização das vilas irregulares em fotografias aéreas de 1990	80
Figura 9 –	Notícia sobre reintegração de posse	84
Figura 10 –	Tumulto na ocupação X e Z	84
Figura 11 –	Homem com filho entre os eucaliptos	84
Figura 12 –	Sistematização da formação de Canoas e do Bairro Guajuviras	95
Figura 13 –	Síntese demonstrativa das práticas e suas espacialidades	268
Fotografia 1 –	Vista de Canoas, década de 1940	39
Fotografia 2 –	Construção de casas do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti.....	53
Fotografia 3 –	Construção de prédios do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti – 1985	53
Fotografia 4 –	Notícia sobre a situação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti – 1983	55
Fotografia 5 –	Notícia sobre o cerco policial ao Guajuviras	58
Fotografia 6 –	Mosaico de fotografias do Guajuviras na década de 1990	64
Fotografia 7 –	Av. 17 de Abril (Próximo ao Setor 6)	184
Fotografia 8 –	Comércio local	184
Fotografia 9 –	Macroquarteirões	204
Fotografia 10 –	Vila Comtel	204
Fotografia 11 –	Vila Recanto dos Seus	204
Fotografia 12 –	Vila Nova Nancy	204
Quadro 1 –	Características dos grupos focais analisados no estudo	28
Quadro 2 –	Biografias dos/as jovens do Guajuviras	294
Quadro 3 –	Práticas e comunidades de sentido de Jovens do Guajuviras	308

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Crescimento populacional de Canoas 1940-2010	43
Tabela 2 – Ocupações dos conjuntos habitacionais na RMPA	50
Tabela 3 – Ocupações em Canoas/RS e no Guajuviras em 1999	82
Tabela 4 – Pessoas de 10 anos ou mais por classes de rendimento	157

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PERCURSOS METODOLÓGICOS	22
2.1	PRIMEIROS PASSOS	24
2.2	INSTRUMENTOS DE PESQUISA	27
2.3	ORGANIZANDO E DESORGANIZANDO NARRATIVAS	33
2.4	LEVANTAMENTO EM PERIÓDICOS	35
3	A PRODUÇÃO DO ESPAÇO: CONTRADIÇÕES, PERMANÊNCIAS E RUPTURAS	37
3.1	CANOAS: PERIFERIA DA CAPITAL?	37
3.1.1	Ocupações: a cidade das vilas irregulares	44
3.2	CONJUNTO HABITACIONAL ILDO MENEGHETTI: A ORIGEM DO GUAJUVIRAS	50
3.2.1	De Conjunto Habitacional II do Meneghetti a Guajuviras	57
3.3	AS PLANTAÇÕES DE EUCALIPTOS COMO FRONTEIRAS: AS VILAS IRREGULARES DO GUAJUVIRAS	65
3.3.1	Primeiros eucaliptos derrubados: as ocupações do final da década de 1980 e década de 1990	66
3.3.2	As ocupações de março de 1999	81
3.3.3	Ocupações e política habitacional nos 103 hectares	88
3.4	O PERÍGO RESIDE NA “PERIFERIA”: VIOLÊNCIAS E SUAS REPRESENTAÇÕES	95
4	ATORES E AGENTES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	107
4.1	POR UMA GEOGRAFIA DOS ATORES E AGENTES	110
4.2	JOVENS COMO ATORES E AGENTES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	123
4.2.1	Juventudes como construções sociais	124
4.2.2	Juventudes em recortes etários e trajetórias	132
4.2.3	Juventudes em recortes geracionais	135
4.2.4	Construindo posicionamentos	138
4.3	JOVENS DO GUAJUVIRAS: ENSAIOS BIOGRÁFICOS	140
4.3.1	Jovens do Guajuviras: juventudes de representação	141
4.3.2	O trabalho, a formação educacional e o ócio nas experiências e representações de jovens do Guajuviras	143
4.3.3	Juventudes a partir da distância social	153
4.3.4	Os conteúdos do reconhecer-se ou não como jovens	161
4.3.5	Posicionando-se como potenciais atores do espaço geográfico	166
5	A VIDA DE BAIRRO: CONCEPÇÕES, EXPERIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES	171
5.1	A VIDA DE BAIRRO NA REGIÃO METROPOLITANA	174
5.2	TRAÇOS DA VIDA DE BAIRRO NAS NARRATIVAS DOS JOVENS	185
5.3	O BAIRRO COMO CENTRALIDADE	197
5.4	A MINHA VILA: ESPAÇOS VIVIDOS, PERCEBIDOS E REPRESENTADOS	203

6	ESPAÇOS PRATICADOS: INTERSEÇÕES ENTRE O BAIRRO E O ESPAÇO METROPOLITANO	214
6.1	PRÁTICAS DO BAIRRO	217
6.1.1	As ruas: entre condicionamentos e táticas	219
6.1.2	Rua: arena das táticas de apropriação	229
6.1.3	As ruas nos processos de aprendizagem	234
6.1.4	Território da Paz e Protejo como referências das práticas juvenis	241
6.2	PRÁTICAS ENTRE O BAIRRO E A CIDADE	244
6.2.1	A cidade como aventura: os bondes nas trajetórias de jovens	246
6.3	COMUNIDADES DE SENTIDO	253
7	CONCLUSÕES.....	270
	REFERÊNCIAS	279
	APÊNDICE A – Breves biografias dos/as jovens do Guajuviras	292
	APÊNDICE B – Síntese das práticas espaciais	308

1 INTRODUÇÃO



Aqui estamos, um final que se transforma em começo: apresentar o que vem a seguir, o resultado de discussões, leituras, dúvidas, curiosidades, inquietações, encontros, análises. A tarefa que se coloca é guiar o leitor na aventura de percorrer espaços, imaginar paisagens, conhecer sujeitos, interpretar a cidade, construir e desconstruir posicionamentos, concordar e discordar das palavras escritas e, talvez, subvertê-las, transformá-las ou parafraseá-las. A partir desse momento, as palavras não mais pertencem exclusivamente à pesquisadora, tampouco as inquietações; é o momento de compartilhar reflexões e entrar na arena das discussões e trocas.

O ponto de partida do estudo é a intuição de que a relação juventudes¹ e cidade pode revelar feições do urbano contemporâneo que devem ser problematizadas. Pontualmente, quais processos estão presentes na produção de espaços e representações por jovens de periferia da região metropolitana de Porto Alegre? O problema está em um contexto de reciprocidade: pensar as juventudes em relação à cidade elucida nuances do processo urbano e, ao mesmo tempo, produz compreensões sobre as juventudes.

Essa problemática se insere em dois importantes campos: primeiro, corresponde à compreensão da cidade contemporânea, suas transformações e permanências sob o viés de jovens, o que implica revelar feições desse processo que, assim como as materialidades, explicitam conteúdos do urbano, como seu caráter ideológico e, na relação com jovens pobres, como coerção, controle e subversão. Segundo, a proposta teórica de dialogar a partir das elaborações sobre a produção do espaço de Lefebvre (2013) e as práticas microbianas de Certeau (2009), com enfoque geográfico, introduz perspectivas analíticas que transitam entre escalas, lógicas e reconhecem a coexistência de campos de força antagônicos e implicados.

A temática juventudes e espaço é um campo potencial para os estudos contemporâneos e não são exclusivos à Geografia. A exemplo dessa questão, pode-se referir os estudos de Carrano (1999) sobre os processos educativos a partir de práticas trançadas na cidade e as cartografias da cultura e da violência desenvolvidas por Diógenes (2008). Ambas evidenciam, de forma complexa, a relação entre espaço e juventudes. O encontro entre educadores e os contextos de bairros pobres ou as práticas na cidade são fontes de importantes reflexões, promovendo a articulação das juventudes com os espaços.

Qual seria, portanto, a importância da perspectiva geográfica para compreender as juventudes hoje? Como argumenta Turra Neto (2008), algumas análises que relacionam juventudes e espaço “[...] por passarem ao largo de um debate com a Geografia, pecam em precisão conceitual e, por isso, deixam de avançar na própria consideração do espaço” (p. 21). É latente a potencialidade de compreensão do espaço através das juventudes e vice-versa, devendo constituir um campo de análise em que a Geografia pode desenvolver contribuições para o debate das juventudes em intrínseca relação com o processo urbano contemporâneo. No entanto, é preciso situar que a análise não corresponde aos estudos amplamente identificados como de juventudes. A abordagem a partir de jovens do Guajuviras não tem o

¹ O conceito de juventudes utilizado corresponde a construções sociais, históricas e geográficas em disputa. O conceito no plural é inspirado em Duarte (2000) que o adota em uma perspectiva metodológica de observação partir da diversidade. O termo jovem ou jovens é utilizado na referência direta aos sujeitos. A discussão conceitual sobre juventudes está presente no terceiro capítulo do desenvolvimento.

comprometimento de argumentar exclusivamente sobre práticas juvenis, mas sim as práticas e representações de jovens na vida de bairro.

Sujeitos jovens estão presentes nas preocupações geográficas de diferentes formas e, às vezes, apenas subentendido. Questões associadas aos/às jovens emergem nas análises relativas ao urbano e ao rural, embora nem sempre o núcleo dessa relação seja problematizado. Há temas, como as práticas culturais e marcações nas paisagens das manifestações do Hip-hop, que tem forte relação com sujeitos jovens, embora nem sempre o jovem esteja centralmente considerado ou problematizado na análise. O que torna a relação juventudes e espaço um emergente campo de estudo para a Geografia.

No campo conceitual da Geografia, Cassab (2009) e Turra Neto (2008) são precursores na centralização da análise geográfica a partir de jovens e sua problematização. Além dos trabalhos de doutorado, os pesquisadores potencializam a ampliação do campo de estudo a partir da constituição de grupos de estudos, pesquisas e orientações nas universidades em que são docentes. A perspectiva geográfica favorece olhares sobre as questões juvenis, a partir de suas práticas e marcas no espaço. Cassab (2009) aborda as práticas da cidade como políticas, em que o espaço é objeto de luta e sociabilidade. Turra Neto (2008), por sua vez, percorre perspectivas de produção cultural e de redes de sociabilidade que se desenvolvem e correspondem a diferentes espaços da cidade no espaço e no tempo. Os pesquisadores contribuem para a ampliação de análises geográficas nas temáticas das juventudes, o que potencializa as discussões e compreensões interdisciplinares pela inserção sistemática da Geografia no campo de estudos sobre juventudes.

Embora as práticas espaciais e culturais de jovens nos espaços da cidade estejam presentes em análises de diferentes áreas do conhecimento (Educação, Psicologia, Serviço Social, Sociologia, Antropologia), são temáticas que a Geografia e seu escopo teórico, além de enriquecerem as compreensões sobre essas questões, também se enriquecem ao problematizar e reconstruir suas análises a partir desse imbricamento. A abordagem a partir das juventudes favorece a articulação entre diferentes escalas de ação e intenção, identificando materialidades, sentidos, práticas e, conseqüentemente, paisagens, territorialidades, constituição de lugares ou “pedaços” (MAGNANI, 2007). Revela relações de dominação e apropriação, de coprodução entre os espaços e os sujeitos, que, na articulação entre o local, as referências globais, as interdições do concebido e as astúcias, constituem-se como poliédricos (LUSSAULT, 2000).

As perspectivas contemporâneas que articulam espaço e juventudes desenvolvem-se sob o viés de reconhecimento da importância dessas práticas para a constituição de espaços

mais plurais, cidadãos, educativos, em cofabricação entre as juventudes e os espaços, o que, em associação à teoria de produção do espaço, é abordada como coprodução (BERDOULAY, 2002). São entrelaçadas as/os múltiplas/os tramas/percursos, identidades, representações a partir das quais emerge a produção do espaço e dos sentidos das juventudes. É a partir dessas perspectivas que a análise visa contribuir para o debate científico e para a compreensão das juventudes em coprodução com o espaço geográfico.

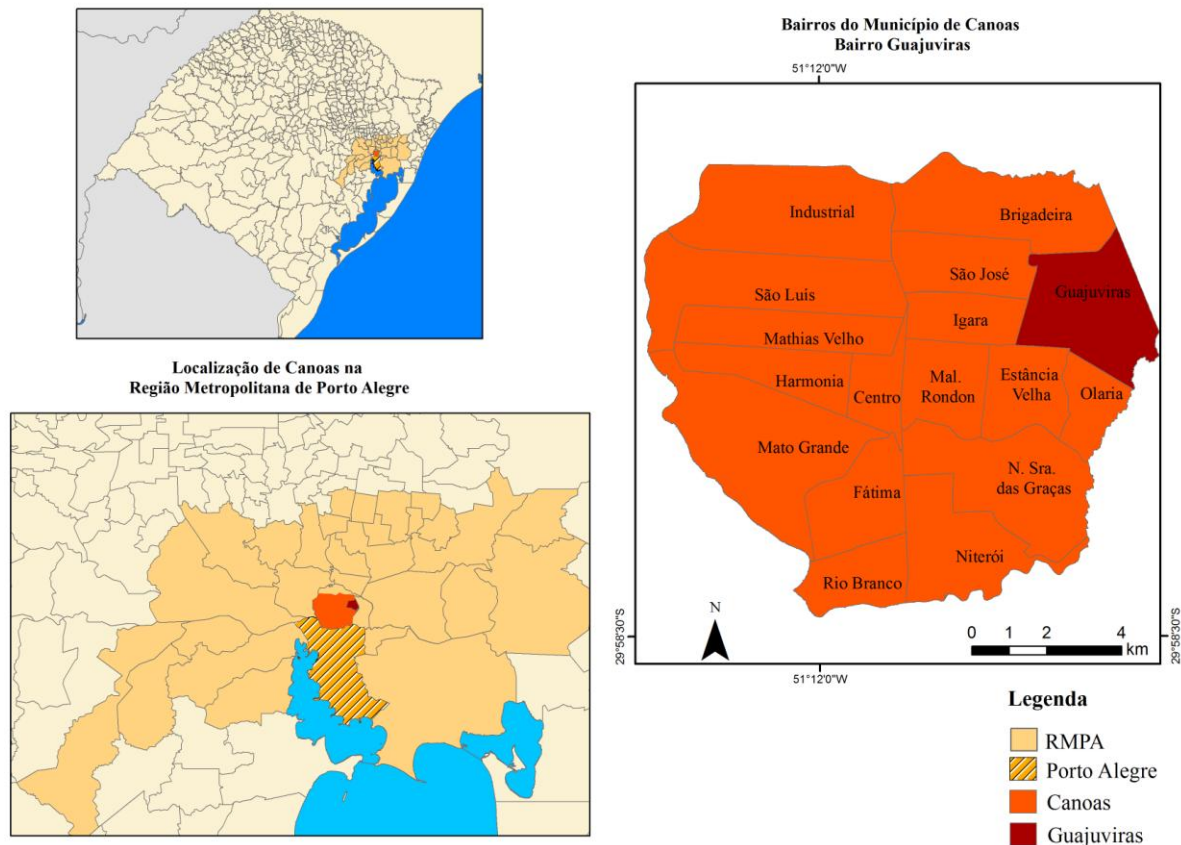
O cerne do problema originou-se das práticas e inquietações decorrentes das relações no âmbito escolar, dos embates como educadora e da relação com estudantes de espaços periféricos, dos desencontros e das incompreensões, instigando a necessidade de conhecer os/as jovens, em específico das periferias, questão central em nossa perspectiva geográfica. Interessa-nos a geografia das vozes silenciadas, dos corpos estereotipados, das vidas marginalizadas, dos “espaços subterrâneos”. O problema impõe o fazer, aqui alicerçado em metodologias e técnicas de pesquisa qualitativas. Fazem parte desse percurso certezas e incertezas, caminhos e descaminhos, encontros e desencontros, a observação crítica e a intenção de pensar a cidade na confluência das diferenças e, com isso, trazer no estudo perspectivas a partir do direito a cidades mais humanas.

O problema de estudo transformou-se ao longo da pesquisa. A ideia inicial consistia em dar continuidade à dissertação de mestrado que abordou a produção do espaço e suas representações no Bairro Restinga, um local identificado como uma periferia de Porto Alegre. O enfoque da dissertação foi a constituição de diversos percursos de aquisição da moradia e como esse processo alterava as representações de um espaço estigmatizado. Assim, a ideia inicial da tese pretendia identificar as práticas espaciais e representações de jovens da Restinga, centrando a análise na relação juventudes-periferia. No entanto, as reflexões iniciais conduziram à necessidade de acirrar o estranhamento com o espaço analisado e, dessa forma, possibilitar outros olhares sobre o problema de pesquisa, ainda na perspectiva de periferias e juventudes. O estranhamento é uma ferramenta importante na pesquisa, pois potencializa a observação das diferenças.

A escolha pela abordagem a partir do Bairro Guajuviras, localizado no município de Canoas, Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) (Figura 1), foi consequência de suas representações de periferia violenta e fortemente associada aos/às jovens, ou seja, o acesso ao Guajuviras foi através do imaginário urbano sobre o bairro. O município de Canoas, embora corresponda a uma importante cidade industrial, tem desde sua origem relações de centro-periferia com a capital, cujo crescimento foi marcado pela expansão de bairros populares. O Guajuviras é um bairro conhecido no imaginário da região metropolitana como um local

interditado pelo fenômeno da violência urbana, o que estimulou o desenvolvimento no local de um Território de Paz, política pública de segurança com cidadania fortemente relacionada às juventudes, tema que já foi objeto da tese de doutorado de Damico (2011).

Figura 1 – Localização de Canoas e do Guajuviras na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)



Fonte: Elaboração da autora.

Nota: Base cartográfica IBGE (2010a). Base municipal fornecida pelo Instituto Canoas XXI.

Como a abordagem inicial partia da temática de periferia, a escolha por um bairro no espaço metropolitano rompe com a capital como espaço de centralidade na própria análise, pois é salutar produzir conhecimentos sobre as dinâmicas e processos da região metropolitana. Por fim, Canoas é também um espaço de memórias de quem nasceu e viveu a juventude em outra periferia do município. O estudo torna-se um retorno à própria identidade, pois as pesquisas não partem apenas dos estranhamentos e curiosidades, mas também das proximidades, dos interesses, dos desejos e das familiaridades. O estranhamento e o familiar compõem duas faces articuladas dessa experiência.

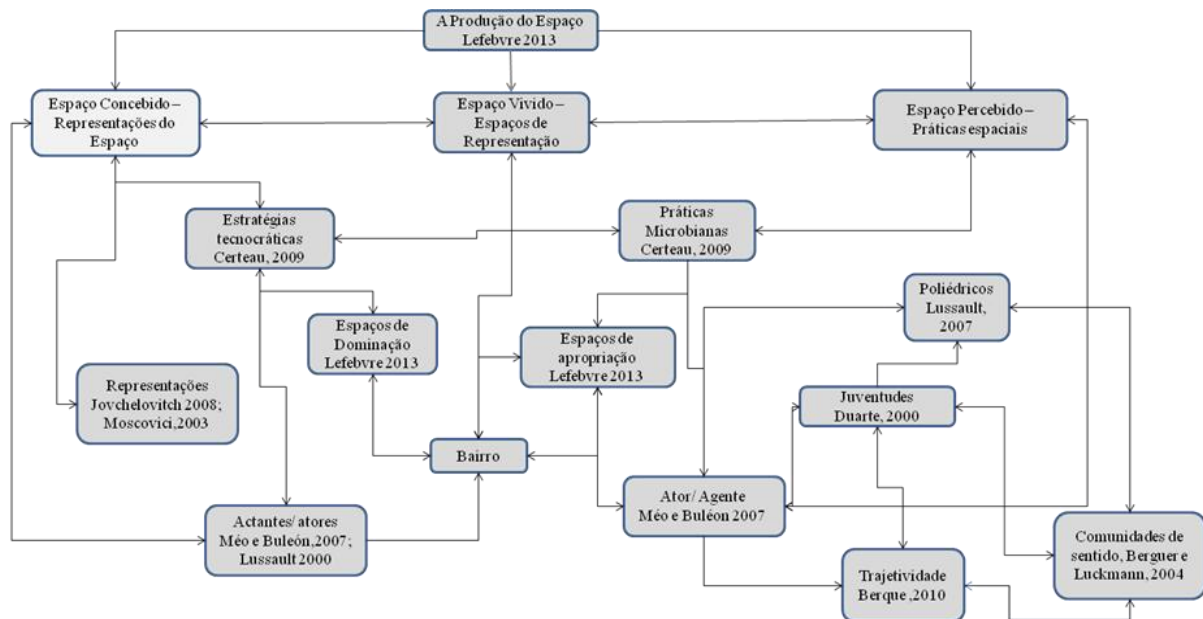
Embora o acesso ao Guajuviras seja através das representações e concepções sobre o local, o que a pesquisa almeja interpretar é o mundo vivido, produzido e representado pelos/as

jovens em coprodução com essa periferia, o que, ao longo do estudo, orienta a desconstrução das noções de periferia, que mais ocultam e corroboram a estigmatização do que contribuem na elucidação dos processos e das relações de produção sobre esse espaço. O tema de pesquisa enuncia o caminho, qual seja: instrumentos qualitativos para geração de dados acerca do universo estudado. Aos conceitos e às perspectivas iniciais, outros são somados para a construção de compreensões que elucidem a complexidade observada.

A composição do objeto de pesquisa na coprodução entre espaços e juventudes orienta as interseções entre condicionamentos e subversões, o produto e a obra, os espaços de dominação e apropriação. Coexistem os condicionamentos, as transgressões e violências simbólicas, presentes tanto nas práticas de bairro, quanto metropolitanas e que podem interferir nos processos de identificação de jovens com o bairro e na constituição de modos de vida urbanos pautados no compartilhamento de cotidianos e na pluralidade das formas de constituição dos jovens em suas relações com o bairro. As juventudes constituem-se a partir dos espaços de suas experiências que lhes marcam e os quais são marcados por eles. Relacionam-se com o espaço do bairro e da cidade como instâncias de sua inserção social, sendo, portanto, aspectos da formação desses/as jovens, que constituem os conteúdos dessa coprodução.

O percurso teórico exposto na Figura 2 corresponde às conexões conceituais propostas no estudo. O conceito de produção do espaço torna-se o substrato a partir do qual são estabelecidos os diálogos. Parte da tríade de produção do espaço através da qual estão relacionados os conceitos de estratégias tecnocráticas e práticas microbianas, cuja conexão ocorre, respectivamente, nos espaços concebidos e vividos, através dos quais são também relacionados os espaços de dominação e apropriação. A produção não corresponde exclusivamente às materialidades, mas também às relações e ao campo das ideias e dos saberes, ou seja, das representações sociais. A relação entre, de um lado, actantes e atores, associados aos espaços concebidos e as estratégias tecnocráticas e, de outro, os atores e agentes associados aos espaços vividos e percebidos e às práticas microbianas marcam os conflitos de produção do espaço, de suas lógicas e representações. Esses campos, embora aparentem estar seccionados, são processos relacionados e articulam diferentes escalas de ação e interesses.

Figura 2 – Mapa conceitual: conexões conceituais propostas no estudo



Fonte: Elaboração da autora.

Os atores e agentes na análise correspondem às juventudes, que, segundo Duarte (2000), estão pluralizadas na premissa de que a perspectiva metodológica deve observar o mundo em sua diversidade. As juventudes são, portanto, agentes das práticas microbianas que se constituem a partir de sua trajetividade, através da qual sujeito e espaço são relacionais e contidos no processo histórico de transformações, no contínuo processo de coprodução entre sujeitos e espaços, o que, no mundo moderno, atravessado por múltiplas referências entre o plano local e global, constituem-se como poliédricos, ou seja, possuem múltiplas formas de constituir-se coexistindo, o que corresponde a múltiplas faces de um mesmo sujeito. As juventudes têm suas práticas no bairro, que é também um espaço metropolitano, o qual é reelaborado nas narrativas de jovens como centralidade. Mediadas pelas relações no bairro, são desenvolvidas práticas espaciais em outras espacialidades metropolitanas, seja através da inserção no mercado de trabalho ou em comunidades de sentido (as práticas espaciais na sua condição de formar comunidades e articular as relações entre bairro e metrópole), que, por sua vez, correspondem à convergência de jovens com interesses, valores, estéticas comuns, os quais interagem em redes através das quais se desenvolvem experiências além do espaço do bairro.

A questão inicial, somada aos problemas que emergiram nas narrativas de jovens do Guajuviras, foi delineando ao longo da pesquisa alguns contornos explicitados a seguir: Partindo da premissa do espaço como uma produção plural, que envolve distintos atores e lógicas, objetiva-se analisar/interpretar como os/as jovens do Bairro Guajuviras inscrevem-se,

marcam-se e são marcados no processo de produção do bairro e do espaço metropolitano. Inerente a essa relação está a produção de representações das juventudes e dos espaços como campos em disputas.

Acrescenta-se como objetivos complementares: (a) estabelecer como o Bairro Guajuviras vem sendo produzido, concebido e representado ao longo do tempo (Quais são os conteúdos que compõem as representações do espaço e que estão presentes na coprodução entre local e juventudes, seja através da experiência dos processos espaciais ou da assimilação dos sentidos e/ou materialidades presentes no cotidiano dos/as jovens); (b) identificar as formas em que os/as jovens do Guajuviras constroem as concepções sobre juventudes e jovens do bairro, identificando os elementos que os/as singularizam e os/as conectam às juventudes contemporâneas; (c) compreender como os/as jovens constroem os seus espaços vividos e percebidos, identificando os significantes do espaço do bairro e suas formas de produção de alteridade; e (d) analisar as práticas espaciais de jovens do Guajuviras, distinguindo os conteúdos que as constituem, suas representações e conflitos, através dos quais são inscritas ou interditadas suas lógicas, suas estéticas e seus valores no bairro e espaço metropolitano. E, nesse percurso, os processos urbanos em relação às juventudes.

O primeiro capítulo do desenvolvimento apresenta os percursos trilhados na realização da pesquisa: inquietações da relação pesquisadora – sujeitos da pesquisa, reflexões sobre os instrumentos em metodologia qualitativa e os procedimentos de sistematização dos materiais textuais e sua transformação em informação. Nesse capítulo, são compartilhadas as dificuldades e os obstáculos do desenvolvimento do estudo. A importância desse diálogo localiza-se no exercício de compartilhar informações que contribuam para o avanço de discussões sobre metodologias e inserções em campo.

O segundo capítulo emerge da necessidade de problematizar os sentidos do espaço vivido presentes nas narrativas de jovens. As representações de vilas² e ocupações, muito presentes nas distâncias sociais – inicialmente internas ao Guajuviras, depois relativas à relação do bairro na cidade – traziam conteúdos que impuseram a necessidade de compreender a formação do espaço e das representações ao longo de sua história, pois as relações, as materialidades e os sentidos contemporâneos são uma bricolagem entre passado e

² O dicionário Houaiss traz seis definições de vila: 1) povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia; 2) a população da vila; 3) casa de campo ou de recreação nos arrabaldes das cidades italianas; 4) casa requintada e elegante; 5) conjunto de casas em beco com uma única saída para a rua e 6) qualquer conjunto de casas agrupadas. A noção de vila está presente desde a origem de Canoas na fragmentação do espaço em localidades: Vila Rio Branco, Vila Niterói, etc. Regionalmente o sentido pode ser compreendido como sinônimo de periferia e favela. Constitui uma forma de identificação dos espaços da população pobre/trabalhadora e, em específico ao Guajuviras, significa também espaços cuja origem corresponde a ocupações urbanas.

presente. Esse capítulo tem a abordagem fortemente associada ao espaço concebido e suas representações. Delineia a formação do município de Canoas no contexto de áreas próximas à capital, o crescimento de vilas irregulares na região metropolitana iniciado na década de 1970, os percalços da política habitacional da época, presente na elaboração e execução do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti (CHIM), sua ocupação em 1987 e as ocupações de áreas verdes no bairro, subdivididas em ocupações que ocorreram no final da década de 1980 e 1990, grandes ocupações de 1999 e ocupações da década de 2000. Por fim, evidencia a emergência do sujeito jovem, as representações que o vinculam a problemas urbanos e as formas de intervenção no espaço através de jovens.

O terceiro capítulo do desenvolvimento aborda os/as jovens da pesquisa, problematizando os atores e agentes em perspectivas geográficas, traz compreensões das juventudes como construções sociais e, por fim, faz emergir, a partir de narrativas dos/as jovens, como eles/as identificam o que é ser jovem em suas trajetórias de vida, trazendo à tona questões relativas ao contexto sócio-espacial (SOUZA, 2013)³ no qual estão inseridos e as formas de ser e representar os/as jovens do Guajuviras. Por fim, traçam-se os processos e conteúdos acionados na identidade de jovem de um bairro popular⁴ através do seu empoderamento. Nesse capítulo é latente o papel do espaço nas formas de reconhecimento dos/as jovens, evidenciando as relações de coprodução.

O quarto capítulo do desenvolvimento enfatiza as juventudes na vida de bairro, problematizando os conceitos de bairro e periferia em contextos e representações de práticas atravessadas por relações de dominação e de apropriação. Assim, o bairro emerge como um conceito e como espaço de modos de vida particulares a cotidianos fortemente compartilhados e que, no contexto atual, correspondem a aspectos do urbano residuais. As narrativas conduzem à compreensão do conceito de periferia inserido nas relações de poder e como mais um mecanismo de elaboração das distâncias sociais alicerçadas em hierarquias e desigualdades. Dessa forma, o bairro adquire centralidade nas práticas, o que permite a emergência da vida de bairro em sua diversidade.

³ O espaço-social com hífen corresponde, segundo Souza (2013): “É aqui que entra em cena o sócio-espacial, no qual o ‘sócio’, longe de apenas qualificar o ‘espacial’, é para além de uma redução do adjetivo ‘social’, um indicativo de que se está falando, direta e plenamente, também de relações sociais.” (p. 16).

⁴ O termo popular é utilizado aqui com um adjetivo do conceito de bairro e tem como finalidade qualificar um determinado tipo de bairro em que as relações de proximidade, visibilidade e compartilhamento de histórias e cotidianos constituem permanências desse modo de vida no urbano contemporâneo. Popular é associado no dicionário Houaiss a questões do povo, de realização de pessoas simples. Dessa forma, popular vem qualificar o conceito de bairro, diferenciando-o do bairro administrativo ou onde as relações de proximidades são reduzidas ou não existem.

Por fim, o último capítulo do desenvolvimento discute as práticas espaciais e suas representações no bairro e espaço metropolitano. Inicia com as práticas do bairro, em representações das ruas e seus conteúdos, como espaços de aprendizagem e qualificadores das suas juventudes. Junto com as práticas, emergem os conflitos de definição, controle e coerção centrados nas juventudes do bairro. Algumas práticas tornam-se articuladoras entre o bairro e o espaço metropolitano, como a inserção no mercado de trabalho, os “Bondes” e as comunidades de sentido. Atravessadores das diferentes práticas estão os processos de violência simbólica presentes nas formas de coerção às práticas juvenis e nas representações que remetem esses/as jovens a potenciais infratores/as.

Os apêndices apresentam dois quadros produzidos no levantamento de campo e que auxiliam na compreensão das juventudes do Guajuviras. O primeiro quadro traz a síntese da trajetória dos/as participantes do levantamento. É uma breve biografia de cada jovem. O segundo, corresponde à síntese das práticas, com o detalhamento individual das práticas desses/dessas jovens e as conexões entre bairro e espaço metropolitano.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS



As relações com o campo e os problemas de pesquisa constroem-se no planejamento e na experiência, no realizar o levantamento, encontrar desafios, produzir interpretações, ter certezas transformadas em dúvidas e dúvidas que se tornam importantes *insights*. A pesquisa tem início na organização prévia, nos planejamentos e cronogramas. No entanto, o percurso impõe os descaminhos, as descobertas imprevistas, as transformações da própria pesquisadora, promovidas pela relação com o objeto de estudo. Assim, pesquisar é prever, preparar, mas também estar receptivo para as surpresas e, dessa forma, construir a pesquisa no equilíbrio entre estabilidade e instabilidades, caminhos e descaminhos. Esse jogo de palavras tem como objetivo externalizar que, paralelo aos planejamentos, cuja eficácia assegura a

cientificidade do resultado, estão as surpresas, o inusitado e que acolhê-los é aventurar-se em produções de conhecimento, em compreensões do mundo contemporâneo em sua pluralidade, coexistências e contradições. Ribeiro (1999) argumenta que pesquisar pode tornar-se um território rígido e então provoca-nos no título de seu artigo com a afirmação de que “não há pior perigo do conhecimento do que a terra firme”.

As referências conceituais e as metodologias instrumentalizam as interpretações do mundo e, dessa forma, são imprescindíveis no pesquisar. No entanto, não são locais da pesquisa com fronteiras impermeáveis, rígidas, fixas e inflexíveis. É preciso dialogar com perspectivas teóricas que não possuem apenas convergências, apropriar-se de conceitos e interpretá-los na relação com o objeto de estudo e, em pequenas reinvenções dentro da complexidade que se objetiva apreender, redefinir os conceitos no mundo e o mundo nos conceitos. As metodologias não são aprisionamentos, mas sugestões de caminho que podem conter certa ginga, um movimento que se constrói nas relações em campo.

Os conceitos que substanciam a análise, como a produção do espaço de Lefebvre (2013), as práticas microbianas de Certeau (2009), articulados aos conceitos de ator e agente de Di Méo e Buléon (2007) e comunidades de sentido de Berger e Luckmann (2004), de bairro (SERPA, 2007; MAYOL, 2011) são apropriados e interpretados em seu próprio conteúdo e tornam-se inspirações para a análise do objeto de estudo. As teorias são dilatadas e reelaboradas e, com isso, periferia torna-se central, os agentes das práticas microbianas transformam espaços e sentidos, as vilas tornam-se referências identitárias, os espaços de apropriação são horizontes possíveis do urbano. Porque parte da pesquisa corresponde ao planejamento e às pré-concepções e outra parte aos desvios que o objeto demanda.

Desvios são premissas das metodologias qualitativas. As ideias iniciais para pesquisa já conjugavam questões relativas à coprodução (BERDOULAY, 2002) de juventudes e espaços periféricos às metodologias qualitativas, que pressupõem a inclinação pelo inesperado, pelo que escapa das ideias preconcebidas, pelo que emerge explicitamente ou de forma latente nas narrativas dos/as jovens, em conversas sem roteiro rígido, estimulando emergir o raciocínio lógico, as emoções, o que sabe e o que pensam sobre sua condição de jovens e em relação ao espaço vivido.

O universo de práticas e sentidos dos/as jovens do Guajuviras é diversificado, o que orienta na apropriação dos instrumentos necessários para interpretar as relações possíveis entre juventudes e espaços. Assim, o percurso metodológico consiste em análises textuais de narrativas (LINDÓN, 1999) de vida, de cotidianos, de práticas de jovens moradores/as do Guajuviras e de reportagens dos periódicos locais. O percurso da pesquisa tem início com a

realização de grupos focais em escolas de ensino fundamental e médio do Guajuviras, realização de entrevistas não-diretivas (THIOLLENT, 1980) e a prática de registro em caderno de campo do cotidiano observado e vivido nas visitas.

2.1 PRIMEIROS PASSOS

Para a inserção em territórios estranhos é necessário criar estratégias de aproximação com os atores/agentes da pesquisa. Para tanto, foram acionadas duas estratégias, uma a partir da realização de grupos focais em escolas públicas do bairro e através dos quais, além do material produzido, havia a possibilidade de ampliar o contato com alguns/algumas jovens na realização de entrevistas não-diretivas, conversas informais e observação do cotidiano. Outra estratégia foi a aproximação de lideranças de diferentes locais, o que tornou possível o acesso a outros/as jovens de territórios distintos do próprio Guajuviras. Por fim, e de forma secundária, também foram utilizadas as redes sociais, através das quais os diálogos com os/as jovens eram realimentados, assim como possibilitou inserir novos/as jovens à pesquisa, a exemplo do que ocorreu com Rodrigo e Guilherme⁵, cujos contatos foram, respectivamente, através da comunidade Guajuviras do Facebook e das redes de amizade da pesquisadora.

O ponto de partida foi a realização de grupos focais com um duplo objetivo: ter acesso à diversidade territorial de jovens para, posteriormente, ampliar a relação com eles a partir de entrevistas e observação, assim como tecer compreensões iniciais sobre as representações que eles/as elaboram sobre si e o bairro. Além do contato com os/a jovens a partir do grupo focal, duas outras inserções no território têm destaque: a relação com a Escola Estadual de Ensino Médio Cônego José Leão Hartmann, cujo acolhimento propiciou inúmeros diálogos com jovens e com uma liderança da Vila Comtel, um dos locais mais estigmatizados do bairro, a educadora social Marta Aguiar, através da qual foi estabelecida uma rede de contatos com jovens e com lideranças locais, envolvendo moradores do Parque São José, dos Macro Quarteirões e da Vila Caic, ampliando a inserção em diferentes territórios do Guajuviras. Através da Marta foi possível entrar em contato com Amanda, Wagner, Giovana, Ricardo, Bento e Mateus. A rede de contatos vai sendo tecida, assim, a partir de Mateus, através de quem obtive contato com Felipe e com Otávio. Wagner indicou Caio, que indicou Bernardo, que indicou Wilson. A partir do contato de Ricardo, foi possível entrar em contato com Márcio e Janaína. Também sob influência da Marta e das lideranças do

⁵ No apêndice está o quadro com os/as jovens da pesquisa, com nome fictício, idade, local em que mora e uma breve biografia.

Parque São José e Macro Quarteirões, foram possíveis os contatos com Vitor, Clara, Everton e Eliana. O contato com os/as jovens ocorreu por essas múltiplas redes através das quais se consolidou o grupo de jovens da pesquisa. Realizar um levantamento qualitativo e diversificado exige empenho e persistência para obter acesso aos/às jovens. A partir da entrevista, é necessário demonstrar os objetivos da conversa, a segurança de que seus nomes seriam omitidos e a abertura para a curiosidade dos/as jovens, que também querem saber sobre a pessoa que realiza a pesquisa. Nesse percurso, ocorreram encontros e desencontros, exigindo a sensibilidade de identificar até que ponto o/a jovem estava efetivamente confortável em participar. Algumas tentativas e encontros marcados não se concretizaram. Foram tardes e finais de semana de espera e de expectativas frustradas.

Outras inserções ocorreram através dos grupos focais e por redes de contato. Através dos grupos focais, além dos relatos desenvolvidos na dinâmica, ocorreu a prática inserida em contexto escolar, o que assegura certa segurança aos/às jovens, ou seja, os mecanismos de distância e estranhamento são atenuados. Assim, foi possível ampliar a relação com alguns/algumas jovens na realização de entrevistas e na observação de seus cotidianos. Jaqueline, Julia, Jeferson, Carolina, Tais, Jorge, Lucas, Miguel e Alessandra são jovens cuja proximidade deu-se através dos grupos focais e do acesso ao contexto escolar do bairro. A partir de Alice, obteve-se contato com Rafaela e, a partir de Lucas, com Heitor e Joana.

Ao participar de uma atividade de regularização fundiária promovida pela administração municipal, houve contato com uma liderança da vila Nova Nancy, através da qual tive acesso a Karen. Por fim, foi através das redes virtuais que estabelecemos contato com Rodrigo e Guilherme. Ao total, 33 jovens fizeram parte da pesquisa, através das entrevistas e conversas informais. Desses, 19 são do sexo masculino e 14 do feminino. As faixas etárias estão entre 15 e 27 anos. Com alguns desse grupo o contato restringiu-se à entrevista; com outros foi possível acompanhar o cotidiano, encontrar e conversar em diferentes momentos.

O esforço para compor um conjunto de jovens que possibilitasse traçar análises sobre suas práticas em contexto de bairro e metropolitano exigiu também que a pesquisadora fizesse uso de táticas, de persistências e de múltiplas estratégias. A inserção em campo demanda paciência, persistência e postura ética. Esse processo teve início em janeiro de 2012 em uma primeira aproximação com os responsáveis locais pelo programa Mulheres da Paz, Casa das Juventudes e Associação de Moradores. Em março do mesmo ano foram iniciados os grupos focais e as entrevistas. O levantamento encerrou em janeiro de 2014, tendo sido retomado em novembro do mesmo ano, com uma última entrevista.

O levantamento tinha como objetivo contemplar o aspecto territorial em que a diversidade do Guajuviras, as múltiplas inserções e os múltiplos contextos de experiências dos/as jovens – estudantes, não estudantes, estudantes de EJA, formados no ensino básico e universitários – fosse representada⁶. Dessa diversificação e da própria pluralidade inerente às inserções, aos gostos e às estéticas de jovens emergiram as representações de juventudes, práticas e sentidos de bairro. Preencher essas lacunas demandou esforço em ampliar contatos e encontrar jovens com trajetórias diferentes. O último aspecto contemplado foram os jovens universitários no Guajuviras, uma vez que há certo desconhecimento sobre as possibilidades de formação superior e confusão desse nível com cursos técnicos.

Ao entrar em campo, deparamo-nos com outras variáveis e percalços que precisam ser superados: somos estrangeiros (SIMMEL, 1983), assumimos posições, papéis sociais junto aos grupos e sujeitos com os quais dialogamos. Ao estabelecer relações com os/as jovens, somos os/as pesquisadores/as, professores/as e, por vezes, tornamo-nos amigos/as, confidentes, conselheiros/as. Somos aquela pessoa disposta a escutar e que pergunta coisas que parecem muito banais. No entanto, além do papel de pesquisador/a, se é muitas outras coisas que não são encaixotadas e depositadas em um cofre para a realização do trabalho: se é mulher ou homem, pobre ou rico, central ou periférico. O que também constitui as proximidades. Uma das primeiras impressões a campo foram as cercas de madeira que tanto lembraram minha infância, quando aos 6 anos brincava com minha vizinha pelos vãos, ou quando aprendi a andar de bicicleta sem rodinhas, segurando-me na cerca. Ou em relação às trajetórias de vida, de inserção precoce no mercado de trabalho em redes de lanchonete, de morar em bairro pobre. As distâncias são maiores e menores do que aparentam.

Somos forasteiros, aqueles que questionam e estranham tudo aquilo que se perde na banalidade do cotidiano. O estrangeiro e o forasteiro são o próximo-distante que, por um determinado período, torna-se familiar. Essas relações pautadas nas metáforas do forasteiro e do viajante não podem incorrer na ilusão de que, ao estar em campo, o contexto observado está isento de conteúdos e representações, mas reforçam o exercício de desconstrução constante das pré-concepções. É um exercício da pesquisa questionar as nossas próprias ações, as representações e visões de mundo que, invariavelmente, levamos conosco e que podem gerar ruídos na compreensão do objeto da pesquisa. Outro aspecto, em especial na metáfora do viajante, corresponde ao fato de que, em determinado momento, os contatos e a

⁶ Foram entrevistados/as jovens que cursavam o ensino básico em diferentes fases, estudantes do ensino superior, jovens que interromperam a formação escolar (não estudantes) e jovens trabalhadores (que conciliam formação e trabalho ou cujo ensino básico já foi encerrado e também jovens que interromperam a formação em virtude do emprego).

presença diminuirão e, em alguns casos, se extinguirão, mas que o resultado, a pesquisa, permanecerá para uso e reescritas pelos/as próprios/as jovens em usos e apropriações que escapam às projeções imaginadas. A partir dessa leitura, Simmel (1983) explica a condição de viajante, de estrangeiro em campo:

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado da maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva; é uma forma específica de interação. (p. 182-183).

A dualidade que se complementa do próximo e do distante é também a ética de quem pesquisa em assumir seu papel junto ao grupo com o qual trabalha. A ética e o respeito estão presentes em todas as etapas da pesquisa. Os/as jovens devem saber e têm curiosidade sobre a pesquisa e os pesquisadores e, portanto, devemos estar disponíveis para sanar suas dúvidas e curiosidades. É importante ter sensibilidade e idoneidade nos usos das narrativas. Por exemplo, podem-se citar as relações com diferentes religiões e que sua abordagem na pesquisa deve preservar o respeito à fé dos/as jovens. Ao confiar nos/as pesquisadores/as, esses/as jovens compartilham suas experiências, seus sentimentos, suas visões de mundo. Doam para a pesquisa suas vidas e seus conhecimentos através dos quais a pesquisa se realiza. São suas perspectivas de mundo que interessam, como veem e elaboram seus espaços, suas práticas e representações. Dessa forma, tem-se o esforço de ver a partir do outro (MORAES, 2003), estimular o empoderamento através das narrativas, as quais também se transformam sob o olhar da pesquisa.

2.2 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

A combinação de grupos focais, entrevistas não-diretivas e observações de campo produziu um corpus textual a partir do qual são realizadas as análises sobre juventudes e espaços vividos e praticados no bairro e no espaço metropolitano.

Foram realizados 7 grupos focais (Quadro 1), a partir dos quais são tecidas algumas compreensões das representações da juventude e do bairro. Os dados produzidos a partir dos grupos focais direcionam um olhar específico para algumas questões: distinção entre setores e vilas e as práticas associadas ao espaço, como as esquinas, becos e vilas e os sentidos de juventudes nas distâncias sociais internas ao Guajuviras e em relação com a cidade.

Quadro 1 – Características dos grupos focais analisados no estudo

Grupo Focal	Instituição	Características	Data
1	Escola Estadual de Ensino Médio Cônego José Leão Hartmann	Jovens dos Primeiros anos do ensino médio. Turma da manhã.	09/04/2012
2	Protejo – Casa da Juventude	Jovens que participam do Protejo. Turma da tarde	27/04/2012
3	Escola Estadual de Ensino Médio Cônego José Leão Hartmann	Jovens do 2º e 3º anos do ensino médio. Turma da manhã.	10/05/2012
4	Escola Municipal de Ensino Fundamental Erna Wurth	Jovens das séries finais do ensino fundamental. Turma da manhã.	18/10/2012
5	Escola Municipal de Ensino Fundamental Erna Wurth	Jovens do Eja. Turma da noite.	18/10/2012
6	Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Nancy Ferreira Pansera.	Jovens das turmas finais do ensino fundamental. Turma da manhã.	02/10/2012
7	Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Nancy Ferreira Pancera.	Jovens das turmas finais do ensino fundamental. Turma da manhã.	30/10/2012

Fonte: Levantamento de campo.

No grupo focal, um conjunto de 6 a 12 pessoas é reunido para discutir um determinado tema. Os temas propostos foram: Juventude; Guajuviras; Juventude do Guajuviras. Embora envolvam certa abstração, os temas estão relacionados às experiências dos grupos. Durante a realização da atividade, o mediador deve instigar as discussões, evitando emitir posicionamentos que possam influenciar o andamento das questões. São percursos de compreensão em que se oportuniza a busca de entendimentos a partir do que foi produzido, inclusive o silêncio e a fragilidade em que esses/as jovens se encontram. Compreender os sujeitos é vê-los a partir da posição deles, como o exercício de censurar as formas como vemos, para compreender através das formas como esses/as jovens elaboram conceitos, sentimentos, opiniões.

Após e paralelamente à realização dos grupos focais, foi sendo construída a rede de relações com jovens do bairro a partir de contatos repetidos ou de entrevistas em determinadas ocasiões, com a constante observação das suas práticas e do cotidiano do local: é um denso exercício de escuta, observação e registro, através do qual surgem as primeiras

interpretações e as possibilidades de questionamento e dúvida, ambos propulsores de compreensões em consonância com a complexidade dos mundos que buscamos compreender.

A oralidade é central, sendo os/as jovens narradores/as de suas vidas e trajetórias, de espacialidades que se revelam no processo reflexivo de voltar-se para a própria história e as próprias práticas. Para tanto, foi utilizada a metodologia de entrevista não-diretiva, na qual a conversa ocorre sem uma estrutura prévia, como questões que direcionam respostas e conversas, com registro posterior no diário de campo. Os/as entrevistados são incitados para que explorem suas próprias memórias e concepções com pequenos estímulos e provocações. A não diretividade, além de atingir os elementos racionais do diálogo, potencializa a emergência de questões e perspectivas de modos de vida, visões de mundo, emoções.

Ora, quer-se cartografar o banal, tirando-o da penumbra e colocando-o em posição central. A entrevista não-diretiva caracteriza-se pela liberdade do/a entrevistado/a em formular concepções sobre suas vivências, práticas e formas de significar o mundo e a si mesmo. Há questões de fundo cujo objetivo é manter em movimento a conversa. Tudo sobre o cotidiano é de interesse para a pesquisa. O que parece sem importância (banal, corriqueiro) é revelador do quadro cultural, de valores e práticas dos sujeitos. As conversas tornam visíveis não somente os espaços e sentidos que exigem atenção constante para o que é explícito, mas também o que está velado. As narrativas têm representações, sentimentos, medos, memórias, sonhos que revelam esse ator/agente em seu quadro de significação. O não-diretivo (THIOLLENT, 1980) fomenta o inusitado, o inesperado, visto que os/as jovens podem trazer questões, formular problemas, revelar percepções diferentes do que estava previsto no planejamento, fazendo emergir no processo questões que se impõem à pesquisa. Não raro, as provocações surpreenderam mais a pesquisadora do que os/a jovens, como o questionamento sobre se o Guajuviras seria bairro ou vila, ao qual os/as jovem responderam além das expectativas, definindo-o como centralidade e não periferia.

Através das narrativas particulares e na combinação de diferentes narrativas é possível traçar quadros das formas de conceber a juventude e o espaço dos/as jovens do Guajuviras, em narrativas que articulam as práticas locais, a cultura de massa e as práticas metropolitanas. Cada entrevista é particular, cada jovem corresponde a uma biografia específica que estabelece ligações de concordância ou divergência com outras biografias. As narrativas de vida dos/as jovens do Guajuviras envolvem o percurso biográfico, a trajetória de escola, trabalho, moradia; assim, um mesmo tema – violência, por exemplo – aparece em múltiplos significados.

Para fluir e emergir as questões relativas às juventudes, além do apoio nas referências biográficas, as conversas eram estimuladas pelo campo de interesse dos/as jovens. Por exemplo, com um jovem pichador a conversa e as referências espaciais e biográficas são ativadas pela prática da pichação. Jovens vinculados à música, à dança e a religiões produzem densas narrativas ao se estimular a fala a partir de suas comunidades de sentido. A conversa desenvolve melhor e desperta o interesse dos/as entrevistados/as quando são estimuladas a partir de suas preferências, gostos, estéticas, inquietações.

As conversas e entrevistas, ora com o uso de gravador, ora com o uso de anotações em caderno, foram realizadas em um evento único ou em múltiplos encontros e, principalmente, pelas ruas e praças do bairro, embora algumas vezes tenham sido realizadas nas casas dos/as jovens. Diversos contatos tiveram continuidade nas redes sociais, embora não constituam um material de uso para a pesquisa. Em todas as situações, as narrativas são de autores de biografias próprias, compartilhadas, que, através da perspectiva da pesquisa, tornam-se conteúdos da pesquisa.

A comunicação necessita esse exercício de interpretar também os silêncios e as censuras. Pesquisadores/as têm o constante desafio de compreender e deixar os sujeitos da pesquisa confortáveis, confiantes. É imprescindível estar atento às formas de comunicação não verbais ou organizadas no diálogo, como silêncios, palavras perdidas, gestos, olhares. As narrativas são compostas de significantes que necessitam ser interpretados a partir dos/as narradores/as. Essa distância entre o dito e o escutado é relatada também na relação de Franz e Sabine, do romance a “Insustentável leveza do ser” ou de João e Santiago no documentário “Santiago”:

Ele a escutava falar de sua vida avidamente e ela o ouvia com a mesma avidez. Compreendiam exatamente o sentido lógico das palavras que pronunciavam, mas sem ouvir o murmúrio do rio semântico que corria entre essas palavras. (KUNDERA, 1985, p. 94)

Santiago escreveu: ‘desgraçadamente, apesar de ter aumentado o cristal de minha lente, vai progredindo, do olho esquerdo, a catarata’. Deu a essa passagem o título: *Lento ma non troppo*. É um bom título. Santiago sugeria que a vida podia ser lenta, mas não era suficientemente lenta. Ao longo dos cinco dias de filmagem ele não falou de outra coisa. Eu não entendi. [grifo nosso]. (SANTIAGO, 2007).

Traçar compreensões sobre a relação entre a produção do espaço e dos sujeitos jovens é uma atividade complexa, que exige uma densa reflexão teórica e um intenso trabalho de acompanhamento desses grupos. É necessário, como aponta Geertz (1991), dissolver a opacidade que encobre o problema e, nesse caso, colocar os jovens dentro do quadro de sua

normalidade. Ou seja, entendendo-os em sua teia de produção de significados, de códigos, sem, com isso, reduzir suas particularidades. É parte essencial do instrumento de pesquisa saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos, ampliando as possibilidades de apreensão e interpretação. As dificuldades e erros estão presentes no percurso da pesquisa. Encontrar jovens dispostos a conversar, gerar condições de aproximação, formas de mitigar as distâncias que invariavelmente estão envolvidas no diálogo, controlar a ansiedade e formular questões que possibilitem aos/as entrevistados formularem suas conclusões são questões constantes no fazer pesquisa. Foram incontáveis as vezes que jovens não compareceram no encontro agendado ou esqueceram-se dele. A construção do grupo que compõe o corpus da pesquisa leva tempo, enfrenta percalços e desencontros. As entrevistas não realizadas são situações que devem ser compreendidas dentro da pesquisa.

Outra situação em relação aos percalços e às aprendizagens que o fazer pesquisa nos proporciona está relacionada com a premissa de Whyte (2005) sobre aguardar que as nossas questões, não raro, sejam respondidas sem a necessidade de formação da pergunta. A título de exemplo, recordo as ocasiões em que a ansiedade foi mais veloz que o raciocínio, estimulando perguntas que traziam as minhas concepções, como perguntar diretamente sobre os preconceitos. As falhas, os percalços e os desvios fazem parte da ação que é realizar a pesquisa, por isso a vigia e as reflexões sobre a própria prática devem ser constantes. Essas questões não fragilizam os resultados da pesquisa, mas contribuem para o compartilhamento das dificuldades encontradas. Escrever apenas metodologias de acertos pode ser um erro que não contribui para o desenvolvimento do campo científico. Mergulhar em terreno que não seja firme, em alusão ao questionamento de Ribeiro no início do texto, e a exposição dos percalços são constituidores do pesquisar e devem ser interpretados como possibilidades de crescimento.

Também é importante desvestir-se de concepções estéticas e morais, para perceber os/as jovens de um bairro pobre da região metropolitana, além dos estereótipos e das perspectivas hegemônicas que encobrem suas diferenças sob a rubrica do desvio ou do problema. É indispensável a constante vigia, pois ao entrar em campo carregamos com nós esses estereótipos, embora pretendamos desconstruí-los. O exercício de ser um estrangeiro ou um viajante possibilita aproximações e curiosidades, mas é essencial a atenção ao que torna nebuloso o texto social que se pretende compreender ou que estabelece fronteiras rígidas entre sujeitos pesquisadores e sujeitos que fazem parte da pesquisa. Novamente, João Moreira Salles se expõe, se questiona e contribui para a compreensão dessa vigia.

Essa é a última filmagem que fiz com Santiago. Ela me permite fazer uma observação: não existem planos fechados nesse filme, nenhum close de rosto. Ele está sempre distante. Penso que a distância não aconteceu por acaso: ao longo da edição entendi o que agora parece evidente. A maneira como conduzi as entrevistas me afastou dele. Desde o início havia uma ambiguidade insuperável entre nós, que explica o desconforto de Santiago. É que ele não era apenas o meu personagem e eu não era apenas um documentarista. Durante os cinco dias de filmagem eu nunca deixei de ser o filho do dono da casa e ele nunca deixou de ser o nosso mordomo (SANTIAGO, 2007).

Os registros de campo são importantes instrumentos de reflexão. Neles tudo deve ser registrado: impressões, materialidades, conversas. É também instrumento de autorreflexão em que o/a pesquisador/a encontra-se na relação racional e emocional com o objeto de estudo. A honestidade corresponde a assumir o papel de que também nos construímos e desconstruímos na pesquisa. Em algumas situações me percebi atravessada pelos estereótipos do medo, o que faz parte da desconstrução dos resíduos que trazemos a campo.

É tradição da Geografia a observação e sistematização do espaço geográfico; no entanto, a prática é um exercício constante. O livro “A sociedade de esquina”, de Whyte (2005), foi inspiração para a inserção em campo e os registros das observações. Whyte, na década de 1930, fez uma intensa imersão a campo, indo morar na sua área de estudo. O autor traz importantes reflexões sobre as práticas, desde a sistematização dos dados, até seus percalços e falhas. Suas observações são importantes orientações para o trabalho de campo, como o tempo lento, tempo dos informantes, de ter uma inserção na área de estudo e uma aceitação dos sujeitos envolvidos; mitigar as diferenças, sem com isso simular algo que não se é; avaliar quando determinada questão deve ser expressa e observar que várias respostas não demandam a formulação de questões. Cada campo é uma expectativa e um exercício de saber o que perguntar, quando perguntar e como perguntar. Algumas respostas vieram com o tempo, sem a necessidade de formulação da questão, outras surgiram nos diálogos com os/as jovens. Há diferentes formas de observar: um observador que não participa – quando se está em uma praça, ou se caminha pelas ruas e se observa a dinâmica local; observador que participa – na convivência cotidiana, nas práticas espaciais, em situações em que se está fazendo parte da dinâmica. Nessa perspectiva, Diógenes (2008) destaca a importância de:

[...] exercitar um olhar nômade em relação à dinâmica juvenil, qual seja um olhar aberto à percepção da construção de uma racionalidade recortada pela dimensão do trabalho, da família, da cidade, da violência, entre outras. (p. 56).

A inserção ocorreu nas possibilidades ofertadas pelos jovens, o que também é revelador, como quando eles evitam que a conversa seja realizada em suas casas. O limite de

até onde ir é colocado sutilmente pelos/as jovens. Entrar nas casas, participar, nem que seja momentaneamente do cotidiano familiar, é um ponto que amplia a compreensão sobre esses sujeitos. Dois exemplos opostos dessa questão fizeram parte do percurso da pesquisa: os encontros com Felipe foram recorrentes e, em determinadas situações demandados por ele, que solicitava conselhos, ideias sobre as questões que estava vivendo. Felipe tinha uma grande confiança e admiração na figura da pesquisadora, pois existem os momentos em que rompemos com os papéis entre quem pesquisa e quem é pesquisado. Contudo, apenas uma vez passamos próximo a sua casa. As conversas foram realizadas nas praças, na casa de amigos, na igreja, nunca em sua casa. Já com Mateus, logo no segundo encontro, quando fomos à sua aula de canto na UFRGS pela manhã, almoçamos em sua casa, fomos à aula de funk à tarde e ao culto à noite. As interdições também são reveladoras, tanto quanto as portas abertas fazem parte da individualidade de cada jovem.

2.3 ORGANIZANDO E DESORGANIZANDO NARRATIVAS

A análise e a interpretação das informações foram desenvolvidas na articulação da proposta de Michelat (1980), segundo a qual as observações e o levantamento de campo são decompostos em unidades de significação e classificados em categorias, e de Moraes (2003), através do qual são identificadas categorias dedutivas, originárias do planejamento e intuitivas, que emergem da análise. Os autores são inspirações para o estudo, e suas propostas são adaptadas à análise, não constituindo modelos. A retomada a esse acervo produzido deve ser intensa, visando uma total imersão, em um tempo de maturação e investigação (THIOLLENT, 1980). A leitura e a releitura do material textual oportunizam *insights* iniciais sobre as particularidades e generalidades, a confirmação das categorias de sentido presentes na proposta de pesquisa e outras que emergem do levantamento.

O primeiro passo é impregnar-se do material textual em leituras e releituras através das quais, segundo Michelat (1980), têm-se interpretações que envolvem desde o conteúdo mais manifesto até o latente. A partir dessas interpretações, identifica-se uma grande gama de questões que emergem das narrativas, o que Moraes (2003) argumenta como desmontagem do texto. O segundo momento corresponde à reunião de algumas unidades na constituição de categorias que são analisadas na singularidade biográfica do/a jovem e em relação com o restante do corpus de narrativas. A desconstrução e unitarização identificam diversos fragmentos nos quais emergem os sentidos que, em um segundo momento, são agrupados em

categorias, sob a identificação de um termo aglutinador. O material textual foi fragmentado e agrupado segundo as seguintes categorias:

- Juventudes (juventudes, jovens pobres, aprendizagens de jovens);
- Vilas (os sentidos e referências particulares a determinadas espacialidades do Guajuviras);
- Comunidades de sentido (reúne as práticas espaciais formadoras de comunidades);
- Práticas (reúne as práticas em si e os sentidos);
- Território de paz (representações, comunidades de sentido e repressão policial);
- Violência (vivida, representada e como aprendizagem);
- História (trajetória pessoal e heranças de narrativas associadas à formação espacial);
- Estrutura (equipamentos, melhorias, comércio e desenvolvimento do Guajuviras)
- Mecanismos de distinção (sentidos e materialidades da distância social);
- Vida de bairro (táticas da convivência).

Dessas categorias, algumas não foram aprofundadas na análise, como as referências ao território de paz e à violência, que, no entanto, aparecem transversais nas análises de outras categorias. As pesquisas, ao mesmo tempo em que possibilitam evidenciar múltiplas e subterrâneas vozes, silenciam outras. Como a análise priorizou o olhar sobre o local e suas juventudes a partir do prisma das diferenças, as violências tornam-se subjacentes, não centrais. Outras categorias deram origem aos capítulos referentes à constituição das juventudes, à vida de bairro e às práticas entre bairro e metrópole.

Algumas categorias foram novamente subdivididas na análise ao longo da tese, visando organizar e instrumentalizar a produção textual. São categorias em conexão que a análise fragmenta para desenvolver os argumentos.

- Juventudes: vir a ser, estigmas, distância social, saberes, violências, estudo, trabalho;
- Vilas: vilas, estrutura e sentidos, estereótipos, pobreza, identidade, ancoragens em favelas e periferias, irregularidades.
- Práticas: do bairro e metrópole, visibilidades (positiva e negativa), violência (concordância e discordância), conhecimentos; Bondes; aprendizagens, ruas e esquinas, usos, trabalho, cultura.

- Comunidades de sentido: rotina, religião, protejo, Bondes, trabalho, musicalidade, dança, família; práticas da metrópole, como emprego, festas, formação, lazer, aventura e comunidades de sentido.

Juventudes, espaço do bairro e espaço da metrópole eram categorias prévias ao levantamento, constituindo categorias dedutivas. Outras categorias emergem no interior dessas e de forma articulada. As aprendizagens e os sentidos de aprendizagem correspondem à condição de juventudes e às práticas de bairro e metrópole. As comunidades de sentido e as práticas da rua como aprendizagens são categorias que emergiram do levantamento, questões que se impõem como reveladoras das formas de ser jovem nesse bairro.

A escrita foi organizada a partir das categorias em interseções entre o corpus de narrativas e as concepções conceituais. Ora a teoria apoiando a compreensão do fato, ora as narrativas apontando possibilidades de superação das teorias para refletir o mundo contemporâneo.

2.4 LEVANTAMENTO EM PERIÓDICOS

Os sentidos do espaço são resultado do seu processo histórico de produção. Como o material bibliográfico sobre a formação do Guajuviras, em particular da formação das ocupações de áreas verdes, são reduzidos, optou-se por produzir esse material a partir do levantamento em periódicos locais. O recorte temporal teve início no final da década de 1970, quando começaram a aparecer as negociações da COHAB-RS para produção do Conjunto Habitacional até dezembro de 2010, quando os processos de ocupação reduzem, e após a constituição do programa Território da Paz. Para cobrir esse período, foram analisadas notícias dos periódicos disponibilizados para consulta na Biblioteca Pública Municipal João Palma da Silva. Como nenhum periódico cobria todo o intervalo de tempo, foram utilizados quatro:

- Diário de Canoas (entre 1992 [incompleto] e dezembro de 2010);
- Folha de Canoas (entre maio de 1986 e dezembro de 1992);
- O Timoneiro (entre 1979 e dezembro de 1993);
- Radar (entre julho 1983 e 1993).

Assim como o material textual produzido a partir das narrativas, o jornalístico foi fragmentado em categorias previstas na pesquisa, como a compreensão da produção do bairro, que, na articulação entre o trabalho de campo e o levantamento nos arquivos, dividiu-se em duas categorias centrais: COHAB-RS e ocupações de áreas verdes. Associado a essas, emergiram do levantamento categorias relativas ao distrito industrial e penitenciária, campos de disputa e conflito político desde a origem do Guajuviras, assim como os discursos e estereótipos presentes nos processos de ocupação. Toda reportagem envolvendo o Guajuviras foi registrada e arquivada, inclusive as referentes à violência urbana. Foi realizado levantamento fotográfico das reportagens, que, depois, foram sistematizadas em arquivos textuais.

Esse material textual foi sistematizado e identificado segundo as categorias:

- Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti;
- Infraestrutura no conjunto;
- Ocupações de áreas verdes/vilas;
- Violência;
- Distrito industrial;
- Penitenciária;
- Outros.

As categorias possibilitam identificar sentidos e representações que são evidenciados na análise. Desse levantamento e categorização foi interpretada a produção do Guajuviras ao longo do tempo e permeado por múltiplos conflitos. A categoria violência foi subdividida entre violência e violência em condições que especificassem o sujeito jovem, seja através dos termos jovem, rapaz e menor, presentes nas reportagens, seja através dos dados etários disponibilizados nos textos.

3 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO: CONTRADIÇÕES, PERMANÊNCIAS E RUPTURAS



3.1 CANOAS: PERIFERIA DA CAPITAL?

Em 2013, durante o Fórum Mundial de Cidades Periféricas⁷, realizado em Canoas, o então prefeito, Jairo Jorge⁸, iniciou sua fala definindo Canoas como periferia de Porto Alegre. Ora, o que leva um município com o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) do Estado, três instituições de ensino superior, a refinaria Alberto Pasqualini (Refap) ser considerado

⁷ 3º Fórum Mundial de Autoridades Locais de Periferia (III FALP) sobre o tema Direitos e Democracia para Metrôpoles Solidárias e Sustentáveis, realizado na cidade de Canoas/RS, nos dias 11, 12 e 13 de junho de 2013.

⁸ Jairo Jorge da Silva. Prefeito eleito em 2008 e reeleito em 2012 pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

uma periferia? É provável que essa afirmação apoie-se tanto na história da produção do espaço em Canoas, fortemente vinculado à capital, mas também nas transformações e ressignificações do conceito de periferia. Ao longo do capítulo são discutidas a produção do espaço e suas representações, primeiro do município de Canoas e, na sequência, do Bairro Guajuviras, fortemente associado a uma periferia, como local precário, pobre, distante, violento.

As discontinuidades e continuidades na produção do espaço (LEFEBVRE, 1999) coexistem de forma relacional, uma vez que as transformações contêm permanências, tempos pretéritos e as permanências contêm microtransformações e resistências. Assim, para compreender a produção do Guajuviras e as relações e práticas dos/as jovens desse bairro, é imprescindível que se trace sua produção a partir das contradições, lógicas, representações e conflitos que se desenrolam no município de Canoas e seu contexto metropolitano, a formação do Guajuviras, logo em espaços-tempo e escalas diversos. Estação de veraneio, cidade operária, cidade industrial, cidade-dormitório (VIEGAS, 2011), cidade periférica e cidade das vilas irregulares são denominações que indicam as tramas de relações entre diferentes escalas, atores e representações associadas à produção de Canoas.

A construção do primeiro trecho da Estrada de Ferro do Rio Grande do Sul entre Porto Alegre e o próspero núcleo de colonização alemã⁹ (SINGER, 1977), localizado em São Leopoldo, estimulou o povoamento das estações intermediárias, como a Estação Capão das Canoas¹⁰. O dinamismo das ocupações alemãs orientou o crescimento na direção sul-norte, instrumentalizado a partir da estrada de ferro (CARRION, 1989).

No plano do lugar, a estrada atravessava a Fazenda Gravataí¹¹, de propriedade dos herdeiros do Cel. Vicente Ferrer da Silva Freire¹². Com a inauguração, em 1874, um dos herdeiros, Maj. Vicente Ferrer da Silva Freire, parcelou e loteou suas terras para constituir no local chácaras de veraneio para a elite porto-alegrense. A estação de Veraneio do Capão das Canoas desenvolveu-se na articulação de uma lógica e ordenamento territorial e da lógica e

⁹ Colonização alemã teve início em 1824 (CARRION, 1989).

¹⁰ Ao ser demarcado o traçado da ferrovia, Vicente Ferrer da Silva Freire, proprietário das terras, colocou alguns homens próximo da estação para evitar roubos, depredações e construir canoas para uso no Rio dos Sinos, sendo a localidade chamada por Capão das Canoas, assim como a localidade de Capão dos Esteios, onde eram feitos moerões (SILVA, 1978).

¹¹ As terras de seu filho, Maj. Viente Ferrer da Silva Freire, do arroio Sapucaia ao arroio Araçá e de seu genro, José Joaquim dos Santos Ferreira, desde o arroio Araçá até o Rio Gravataí.

¹² O Maj. Vicente Ferrer da Silva Freire foi bisneto de Francisco Pinto Bandeira, proprietário da Fazenda do Gravataí. Francisco Pinto Bandeira casou-se com Clara Maria de Oliveira. Seu filho, Rafael Pinto Bandeira casou-se com Josefá Eulália de Azevedo, que posteriormente adquire, com o falecimento do marido, o apelido de Brigadeira. Dessa união, nasceu Rafaela Pinto Bandeira, que em 1812 casa-se com o coronel Vicente Ferrer da Silva Freire. O filho Vicente Ferrer da Silva Freire é o então loteador das chácaras de veraneio quando foi construída a Estrada de Ferro (SILVA, 1966, 1978).

interesse do proprietário local. É no imbricamento da ordem distante e próxima (LEFEBVRE, 2001) que tem início a estação de veraneio e o marco do povoamento urbano de Canoas.

O capão das Canoas e a estação ferroviária ocupam o centro de uma formosa região, com dezenas de outros capões aflorando pelas Coxilhas e várzeas. Belos capões, descritos como verdadeiras matas virgens em miniatura, quase todos com vertentes de água fresca e cristalina. E é toda essa beleza natural que faz de Canoas um lugar de retiro, de veraneio e preferido para excursões de fins-de-semana. A maioria vem de Porto Alegre, compreendendo comerciantes, industrialistas, intelectuais e artistas. (SILVA, 1978, p. 36).

Aliado à beleza bucólica da Estação das Canoas (Fotografia 1), o trem era novidade, o que contribuía para o deslocamento de famílias de Porto Alegre para a Estação de veraneio. Simultaneamente, havia a vinda de empreendedores que instalaram hotéis e sistema de comércio, como Jorge Gothel Henrique Wittrock, em 1882, com a construção de seu hotel e armazém.

[...] Por volta de 1875 aqui existiam bosques belíssimos e Wittrock, cuja propriedade se situava nas proximidades da estação velha [...] arrumou o seu sítio de acordo com o gosto dos alemães, construindo – Wanderwegel (ruelas para passear a pé) [...]. Já em janeiro de 1878 as sociedades alemãs da Capital alugavam trens especiais para Canoas, a fim de passar o fim de semana no – Gartenrestaurant Hotel de Wittrock, que havia adquirido a propriedade em 14.01.1872, por Cr\$ 500,000 (quinhentos mil réis) de Carlos Thompson Flores, em frente ao Capão das Canoas. (PFEIL, 1992, p. 30).

Fotografia 1 – Vista de Canoas, década de 1940



Fonte: Graebin (2010, p. 28).

Dentre o processo de parcelamento, encontram-se nomes como Coronel Saturnino Mathias Velho, Israel Barcelos Schell, hoje nomes de ruas e bairro (SILVA, 1966). O processo de parcelamento e comercialização das chácaras resultou também na constituição de residência fixa, fortalecendo o incipiente povoamento urbano. Penna (1996) argumenta que o objetivo de constituir Canoas como um espaço de lazer falhou em detrimento da estratégica localização próxima a Porto Alegre e à região colonial, atraindo para o povoado homens de negócios¹³. Silva (1966) aponta que, passados aproximadamente 30 anos de início do povoamento, em 1907, havia 600 habitantes, cerca de 100 prédios e várias Chácaras em Canoas.

Se, por um lado, a instalação da parada da linha férrea na localidade favoreceu a utilização do povoado como um ponto de veraneio, por outro, projetou, também, alternativas de comércio ligadas, em um momento inicial, muito mais à localização privilegiada de Canoas do que às reais possibilidades e incentivos de negócios da região. Assim, a criação da estação de trem veio a favorecer o despertar de práticas urbanas no Povôado de Canôas que, a partir de 1880, passou a pertencer à Vila de Nossa Senhora dos Anjos de Gravataí; em 1908, foi elevado à Capela Curada; em 1912, foi anexado como quarto distrito da mesma sede. (VIEGAS, 2011, p. 42-43).

Assim como a estrada de ferro, outros dois marcos de articulação entre escalas e lógicas são importantes no processo de fixação da população e emancipação¹⁴ de Canoas. O primeiro foi por intermédio do Presidente do Estado, Borges de Medeiros¹⁵, que solicitou aos irmãos lassalistas a fundação de uma escola de agronomia em Canoas/RS (VIEGAS, 2011). Em março de 1908 iniciavam as obras do Colégio São José (PENNA, 1996). Outro marco foi a vinda do Terceiro Regimento de Aviação Militar para o distrito em 1937, que contribuiu e estimulou o processo de emancipação. Canoas já não era mais estação de veraneio e outros processos inseriam nesse espaço outras representações, logicamente fortalecidas pelo incipiente processo de expansão de Porto Alegre e o estabelecimento de núcleos operários a partir dos quais Canoas adquire alcunha de local de dormitório. Em ambos, há uma

¹³ Se por um lado são mais visíveis no processo de povoamento os atores sociais de maior poder, que na atualidade são nomes de ruas e bairros, por outro, o espaço é produzido por inúmeros atores menores, agentes (DI MÉO; BULÉON, 2007), como os irmãos que construíram as Canoas, que aparecem nos livros de Silva ora como escravos, ora índios, ora pardos. Eram eles: Antônio, Elias, José e Sebastião Corrêa e o amigo Antônio Ferreira, filho da ex-escrava Gervázia Maria da Conceição (SILVA, 1966). Fato também destacado por Viegas (2011) na análise de um cartão postal da Estação das Canoas, de 1910, com predomínio de negros na imagem.

¹⁴ Em 1880, é criado o município de Gravataí, passando a Estação das Canoas a ser incorporada como 2º Distrito do novo município. Em 1912 é elevada à sede do 4º Distrito e somente em 1939 é emancipada, constituindo-se como município de Canoas/RS.

¹⁵ Exerceu a função de governador entre 25 de março de 1898 a 24 de março de 1908 e de 25 de janeiro de 1913 a 24 de janeiro de 1928.

desconexão quanto ao povoamento central, constituindo diferentes espacialidades, coexistindo em lógicas próprias e em relação com as transformações da Capital e seu entorno.

Com a construção da estrada de ferro e, posteriormente, a estrada de cimento (concluída em 1934) (SILVA, 1978), a proximidade da capital, a abertura da Av. Farrapos em Porto Alegre (1940), a não existência de normativas de loteamento em Canoas e o crescente valor do solo em Porto Alegre favoreceram o desenvolvimento de loteamentos em Canoas, no limite sul desta com a capital. Nesse momento, Canoas era um arrabalde de Porto Alegre e os novos loteamentos eram os arrabaldes de Canoas/RS. Para Hiernaux e Lindón (2004):

Las voces ‘arrabal’, ‘subúrbio’ y ‘periferia’ tienen punto de acercamiento, pero también tienen importantes diferencias que no son ajenas a la historicidad de los fenómenos que denotan. Entre las semejanzas se puede señalar que las tres voces han referido a la zona de expansión de la ciudad [...]. (p. 104).¹⁶

Os bairros Rio Branco e Niterói eram áreas de expansão de Porto Alegre no sentido norte. Esses dois núcleos limítrofes com a capital apresentam diferenças em suas origens, um identificado como área industrial (Vila Rio Branco) e outro como dormitório (Vila Niterói), ambos em área de alagamento do rio Gravataí. Em 1939, foram inaugurados os Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros LTDA¹⁷, às margens do rio Gravataí. A necessidade de abundante mão de obra estimulou o processo de migração de famílias de outras regiões do Estado, contribuindo para o crescimento do loteamento da Vila Rio Branco.

O crescimento industrial de Porto Alegre e o valor mais reduzido das terras em Canoas estimularam migrações oriundas tanto do interior, quanto da capital. Em 1931 foi fundada a empresa territorial Nictheroy Ltda., responsável pelo processo de comercialização de lotes. Dos belos chalés de veraneio e de passeio de trem para a elite porto-alegrense, Canoas passa a constituir-se de “vilas” em locais alagadiços, insalubres e ausentes de qualquer infraestrutura, acolhendo populações pobres em busca de terrenos de menor valor comercial próximos à capital. Viegas (2011) identifica Niterói como cenário representativo de Canoas como cidade dormitório nos anos 1930. Na Vila Rio Branco, o povoamento ocorreu aos poucos, sem depender de processos de loteamentos (PENNA; CORBELLINI; GAYESKI, 2004).

¹⁶ “As vozes ‘arrabalde’, ‘subúrbio’ e ‘periferia’ têm pontos de aproximação, porém também têm importantes diferenças que não são alheias à historicidade dos fenômenos que denotam. Entre as semelhanças, pode-se notar que as três vozes têm se referido à área de expansão da cidade [...]” (HIERNAUX; LINDÓN, 2004, p. 104, tradução nossa).

¹⁷ Em 1956 passou a ser chamado de Frigosul.

Porto Alegre não conseguia alojar os contingentes populacionais que vinham do interior do Estado em busca de melhores condições de vida e trabalho e, assim Canoas foi a alternativa plausível para operários os quais ficaram próximos dos centros de produção. (GRAEBIN, 2010, p. 19).

Assim, Canoas passa por um intenso processo de migrações. Na década de 1940, possuía 17.630 habitantes; em 1950 passou a 39.826; e, em 1960, a mais de cem mil habitantes (VIEGAS, 2011), apresentando um crescimento superior a 400% no período referido. Canoas adquire a alcunha de cidade-dormitório, uma vez que a busca por moradia é intensificada em virtude do valor do solo e da proximidade com a capital, ainda que esse seja carente de infraestrutura e saneamento. Paralelamente aos loteamentos, há também a constituição de Canoas como localidade industrial, estimulado pela iminente elite dirigente e pela expansão industrial da capital apontada por Singer (1977):

A indústria porto-alegrense extravasa os limites da cidade e transforma municípios vizinhos (Guaíba, Canoas, Esteio, Sapucaia) em subúrbios industriais da capital, em relação aos quais há perfeita continuidade urbana [...]. (p. 184).

Concomitante ao processo de emancipação ocorreu a criação da Câmara municipal de indústria e comércio, o que, juntamente com a intrínseca relação entre prefeitos e presidentes da referida câmara, denotam a transformação do ideário da elite dirigente: transformar Canoas em importante cidade industrial¹⁸.

Paralela às medidas de contenção do fortalecimento de Canoas como uma cidade dormitório, estava a idéia de sua substituição por uma cidade industrial. A Legislação da época também fez valer tal projeção. Em 1961, a Lei n. 665 autorizou a redução de 30% nos lançamentos de impostos sobre indústrias; ela foi seguida, já em 1962, pela Lei n. 739 que isentava totalmente de tributação. (VIEGAS, 2011, p. 162).

Canoas apresentava um intenso desenvolvimento no sentido Sul-Norte, com processos de loteamentos em outras vilas; contudo, os novos processos eram produzidos na distinção entre classes sociais. Assim, destaca-se como maior loteamento da década de 1950 e destinado à população pobre a Vila Mathias Velho (VIEGAS, 2011). Outros loteamentos, como a Vila Igara, Vila Ideal, Vila Fernandes, apresentaram melhores condições e valores do

¹⁸ Os processos referem-se a múltiplas escalas. No plano do lugar, ocorriam políticas de incentivos fiscais para atrair indústrias. No plano nacional, ocorriam modificações no cenário brasileiro, em que o país passou por uma revolução industrial iniciada no governo de Getúlio Vargas (1950-1954), com planos de desenvolvimento dos setores de infraestrutura, instalação no país de indústrias de bens de consumo, base e produção. Com o governo de Juscelino Kubistchek e o plano de metas (1956-1961), ocorreu a implantação da indústria automobilística, criação de indústrias de autopeças, crescimento do comércio (GRAEBIN, 2010).

solo superiores, embora ainda carentes de infraestrutura. Os diversos loteamentos de Canoas adquirem os sentidos de Vilas, em contextos intermediários entre a urbanização generalizada e formas ainda próximas do rural. Canoas seguiu apresentando um importante crescimento, embora reduza ao longo das décadas posteriores à sua emancipação, como pode ser observado nas taxas de crescimento da Tabela 1.

Tabela 1 – Crescimento populacional de Canoas
1940-2010

Ano	População	Crescimento – em comparação ao ano anterior. Em %
1940	17.630	*****
1950	39.826	125,89
1960	104.257	161,78
1970	153.730	47,45
1980	220.446	43,39
1991	279.127	26,61
2000	306.093	9,6
2010	323.827	5,79

Fonte: IBGE (2010b); Carrion (1989).

O maior crescimento encontra-se nos anos iniciais do município, porém permanece em crescimento em taxas menores. Entre as décadas de 1960 e 1970 o crescimento foi de 47,45%; entre 1980 e 1991 de 26,61%; e de 2000 a 2010, de 5,79. O crescimento populacional tem características distintas conforme o momento histórico, sendo que a partir da década de 1970 passa a tornar-se significativo os processos de ocupação urbana nos municípios que viriam a conformar a região metropolitana de Porto Alegre. Embora o crescimento populacional em Canoas apresente queda ao longo do período, foram intensificadas formas de acesso ao solo de forma irregular a partir da década de 1970, com as ocupações que se intensificaram na década de 1980, quando também ocorreram as ocupações dos conjuntos habitacionais em construção.

Nas três primeiras décadas o crescimento é mais intenso, 491%, fortemente pautado pelo processo de êxodo rural e fracionamento de Canoas em loteamentos, os quais originam as Vilas, atuais bairros. Nas três décadas seguintes (1970-1991) tem-se crescimento de 81%. É nesse período que iniciam as ocupações irregulares.

3.1.1 Ocupações: a cidade das vilas irregulares

A partir da década de 1970, os municípios que viriam a compor a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA)¹⁹ e, em específico Canoas, apresentam crescimento da ocupação de solo urbano através das denominadas vilas irregulares. Esse espaço metropolitano em configuração, assentado em um primeiro momento na comercialização de lotes sem infraestrutura, tem intensificado o processo de produção do espaço pela população excluída deste enquanto mercadoria e que, nos processos de transformação do Brasil rural a urbano e da especulação imobiliária, encontra nos processos ilegais o acesso à moradia próxima à capital os mecanismos de inserção na cidade, acelerando a expansão desordenada da malha urbana e constituindo as periferias sociais.

Os processos de normatização dos loteamentos em Porto Alegre em 1954 e RMPA (Canoas, 1954, Esteio, 1956, São Leopoldo, 1955) (CARRION, 1989) contribuíram no aumento do valor do solo urbano para importante parcela populacional que buscava nesses municípios alternativas de moradia. Essas vilas, tanto por sua condição material, quanto social, são caracterizadas pela ilegalidade da posse da terra, irregularidades urbanísticas, carências de infraestrutura, sítios inadequados e má qualidade das habitações (METROPLAN, 1982, 1992). Vila é, portanto, uma formação espacial marginal, o espaço vivido de sujeitos marginalizados e excluídos do mercado de terras.

A Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional (Metroplan) realizou dois inventários sobre as vilas irregulares da região metropolitana²⁰: o primeiro, publicado em 1982; e o segundo, em 1992. Em ambos, o crescimento das vilas é superior ao crescimento da própria região metropolitana, sendo Canoas exponencial em valores absolutos. O primeiro estudo evidenciou 167 vilas irregulares, correspondendo a 8,6% da população da RMPA. Em 1992 o número de vilas cresceu para 505, e a estimativa populacional para 237.451 habitantes, com um crescimento de 155%, representando 13,5 da população total. Em relação às vilas da região metropolitana, o crescimento foi em um ritmo duas vezes superior ao conjunto da população: enquanto a primeira cresceu 9,8%, a segunda cresceu apenas 4,6%.

¹⁹ A RMPA foi criada em 1973, composta, na época, por 14 municípios: Alvorada, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Estância Velha, Esteio, Gravataí, Guaíba, Novo Hamburgo, Porto Alegre, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Viamão.

²⁰ Em ambos, Porto Alegre está excluída do levantamento, pois possui levantamento próprio. Também há diferença nos municípios que compõem a região. Em 1982 eram 13: Alvorada, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Estância Velha, Esteio, Gravataí, Guaíba, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Viamão; e, em 1992, eram 21: os 13 municípios citados anteriormente e Dois Irmãos, Eldorado do Sul, Glorinha, Ivoti, Nova Hartz, Parobé, Portão e Triunfo.

Para efeitos de demonstração da gravidade do problema na RMPA, tem-se que em 1981, a população estimada das vilas, em valores absolutos (92.950 hab) era praticamente igual a do município de Alvorada (91.490 hab.). Estabelecendo-se a mesma comparação, tem-se hoje que a população vileira²¹, composta por 237.451 hab. é de aproximadamente o dobro da atual população do mesmo município (140.005 hab.). (METROPLAN, 1992, p. 75).

Canoas apresentou um crescimento de 239% das vilas em relação a 1981. No primeiro levantamento foram identificadas 10 vilas, com 3.830 casas e uma estimativa populacional de 17.235 habitantes. No levantamento de 1992, foram identificadas 37 vilas, 12.997 casas e estimativa populacional de 54.587 habitantes.²² O tempo de moradia das vilas inventariadas em Canoas evidencia o fenômeno como uma nova forma de acesso à moradia na cidade a partir da década de 1970, com uma vila com mais de 10 anos, 6 entre 5 e 8 anos e 3 com até 4 anos.

A população de vilas adquiriu importante representatividade quantitativa no município. Entre 1980 e 1991 a população de Canoas teve um crescimento de 26,61%, enquanto que as vilas apresentaram um crescimento populacional de 216%, partindo de 17.235 habitantes em 1981 para 54.587 habitantes em 1991. Assim, “A comparação entre estes números revela que o número de novos moradores de vilas equivale a 64% do número de novos moradores de Canoas.” (METROPLAN, 1992, p. 27). As vilas irregulares aumentaram em número, casas e população. O relatório salienta que, embora as vilas irregulares resultem de processos ilegais, apresentam ordenamento de marcação de lotes e sistema viário.

Esse crescimento é resultado de múltiplos processos: êxodo rural; legislações de parcelamento e loteamento do solo urbano; mudanças do mercado imobiliário com o respectivo aumento do valor do solo e dos aluguéis; insuficiência de loteamentos populares; predomínio do capital financeiro no mercado imobiliário; programas habitacionais que não atingem a população de mais baixa renda (METROPLAN, 1982). As vilas são associadas a favelas, às periferias, às moradias caracterizadas por sub-habitações, à ausência de saneamento básico, ao abastecimento irregular de energia elétrica e água. Panizzi (1990) salienta essas formações espaciais como processos de segregação urbana física, social e legal, identificando essas áreas como periferias com predomínio do acesso ilegal ao lote urbano.

²¹ O uso do termo vileiro evidencia o entrelaçando entre moradores e espaços. Contemporaneamente, o mesmo termo adquire sentidos pejorativos.

²² O cálculo da Metroplan é de 4,2 habitantes por moradia. O segundo levantamento identificou 8 vilas que já existiam no período do levantamento anterior, mas não tinham sido identificadas. A justificativa é que no primeiro estudo não foram computadas vilas com menos de 10 casas.

A atuação do Estado, com a criação do Banco Nacional de Habitação (BNH)²³ e o Sistema Financeiro de Habitação (SFH), além de não atingir as famílias de mais baixa renda, intensificou, sob a égide do mercado financeiro, a disputa pela produção habitacional. Embora a produção habitacional tenha sido ampliada, as condições de apropriação limitaram-se. “Assim, [...] o poder público definiu quem (renda necessária para pagar prestações de financiamento) e como (adequação do plano diretor) poderia morar de forma ‘legal’” (AZEVEDO, 2002, p. 55). A solução encontrada por esse contingente populacional coloca-os periféricos à cidade legal, uma vez que as condições existentes para acesso ao lote urbano são inacessíveis, fazendo com que essa população construa o seu espaço urbano. As vilas são o resultado das leis de mercado; logo, estar à margem do processo é também estar no centro dele. São as contradições da produção do espaço, pensado de forma homogênea, mas fragmentado a partir dos locais e estratégias.

O déficit habitacional, resultado do processo de urbanização capitalista e da propriedade privada, estão estreitamente ligados aos processos de invasões. A respeito disso, no periódico *Folha de Canoas*, de 3 de fevereiro de 1987, consta: “Canoas, conforme dados de estudos no assunto, há cerca de 80 mil pessoas residindo em áreas invadidas situadas nas beiras dos diques, valas e valões cujos nomes, são dados pelos próprios invasores [...]” (p. 5)²⁴. As ações da administração municipal para conter as invasões atravessaram múltiplas gestões, sendo recorrentes mecanismos de repressão e estigmatização, construídos através da produção de representações desses espaços que os inserem na distância social simbólica.

Atualmente o trabalho que está sendo realizado é de contenção da invasão com uma forte fiscalização. Conforme diz o arquiteto Luiz Carlos Busato, do Departamento de Planejamento Urbano da Prefeitura. Segundo ele, nos sete dias da semana, os fiscais rodam pela cidade na tentativa de impedir que novas áreas sejam tomadas pelos invasores. A primeira medida é o aviso sobre a ilegalidade da construção e, caso não seja obedecida, a ordem, é acionar a Brigada Militar para retirar os infratores. [...] ‘Estas pessoas que invadem acabam tendo mais direitos que os próprios donos, que muitas vezes, são vistos como criminosos por possuírem estas propriedades, mas com a aplicação da nova lei irá melhorar bastante e esta situação pode ser revertida’. (p. 19).²⁵

²³ Foi criado durante a presidência de Castelo Branco, na ditadura militar, visando conter as camadas populares descontentes.

²⁴ CARDOSO, Regina. Ano internacional da habitação. **Folha de Canoas**, Canoas, 3 fev. 1987.

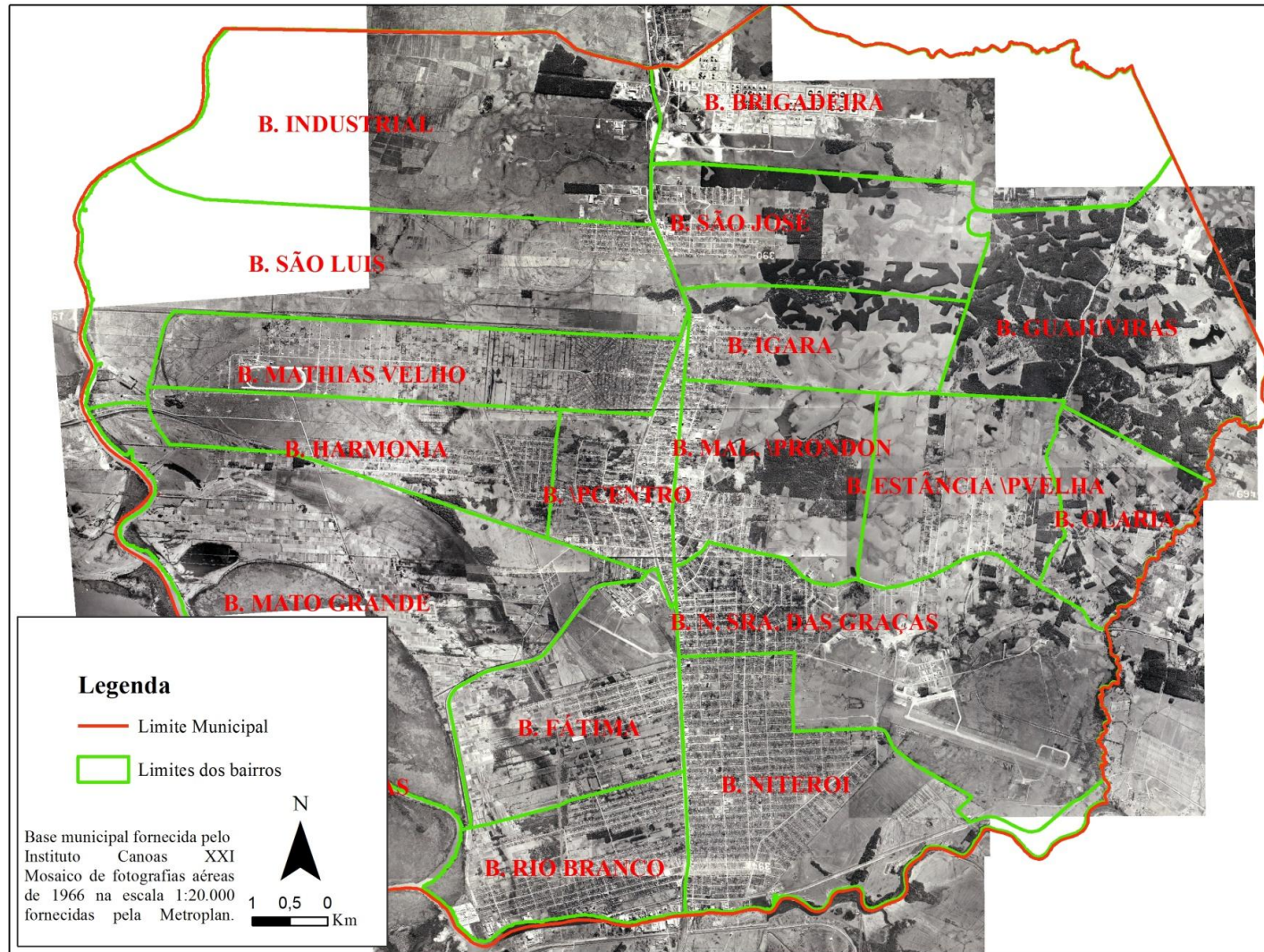
²⁵ CANOAS está preocupada com áreas clandestinas. **Folha de Canoas**, Canoas, 27 maio 1986.

Nas figuras 3 e 4, mosaico de fotografias aéreas de 1966 e 1990²⁶, é possível observar o crescimento e adensamento da área ocupada no município, tanto em áreas regulares, quanto irregulares. É possível observar a expansão urbana nos bairros, com destaque para as diferenças nos bairros Mathias Velho, Igara, Nossa Senhora das Graças, Harmonia, Estância Velha, Olaria. No primeiro mosaico há vegetação onde hoje é o Guajuviras; no segundo pode-se identificar as moradias produzidas pela COHAB-RS e o início de algumas vilas.

Por fim, é na esteira dos processos de ocupações e configuração das vilas irregulares, término do período da ditadura militar, crise econômica e insatisfação com as políticas públicas que outro processo de ocupações ganhou manchete nos jornais no mês de abril e maio de 1987: as ocupações de conjuntos habitacionais. Entre elas, o Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, em Canoas.

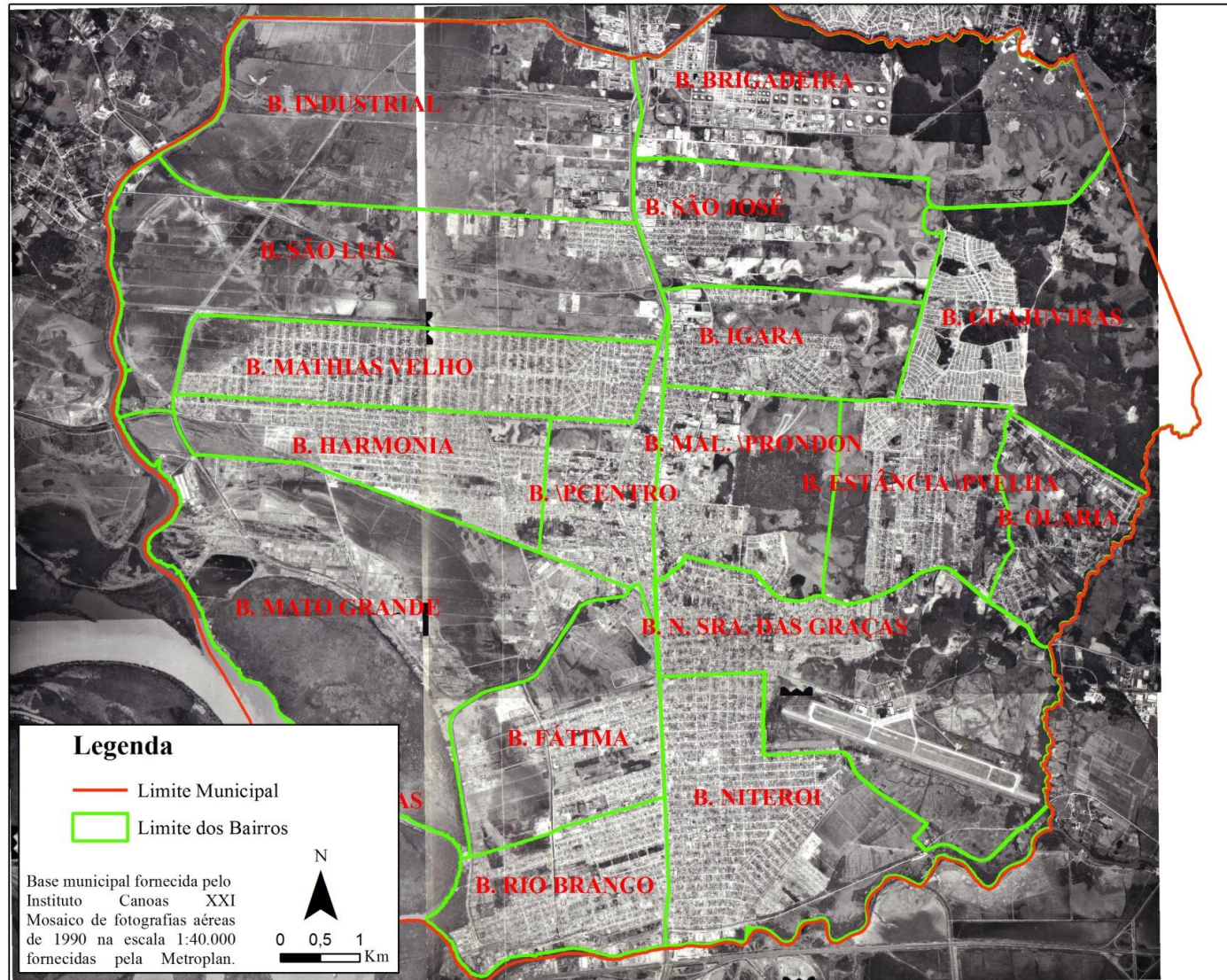
²⁶ A divisão de bairros e limites de Canoas que os mosaicos apresentam são da configuração atual do município, excluindo da representação o atual município de Nova Santa Rita, que fazia parte de Canoas e teve sua emancipação em 1992.

Figura 3 – Mosaico de fotografias aéreas captadas na década de 1960



Fonte: Elaboração da autora.

Figura 4 – Mosaico de fotografias aéreas captadas na década de 1990



Fonte: Elaboração da autora.

3.2 CONJUNTO HABITACIONAL ILDO MENEGHETTI: A ORIGEM DO GUAJUVIRAS

Nesse contexto de produção de vilas irregulares por ocupações que, entre 11 de abril e 16 de maio de 1987, foram ocupadas mais de 16.482 mil unidades habitacionais (Tabela 2) pertencentes a COHAB-RS e às construtoras privadas (AZEVEDO, 2002). A falta de credibilidade da COHAB e o uso eleitoreiro das obras, os problemas financeiros e administrativos entre o Banco Nacional de Habitação (BNH) e as empreiteiras, com algumas decretando falência, construções interrompidas, prédios dilapidados pelo tempo, depredações, roubos e o risco do processo de ocupações desencadearam, no dia 11 de abril de 1987, o início das ocupações de conjuntos habitacionais na RMPA. O primeiro foi em Alvorada, o Conjunto Habitacional Vales Verdes, renomeado como 11 de Abril. Impulsionado pela tensão e pelo risco de ocupação decorrente desse primeiro evento, o CHIM, conhecido como Guajuviras, foi ocupado.

Tabela 2 – Ocupações dos conjuntos habitacionais na RMPA

Ocupação	Município	Data	Unidades hab.
11 de Abril ²⁷	Alvorada	11 de abril	2040
Guajuviras ²⁸	Canoas	19 de abril ²⁹	6200
Conj. Res. Sarandi	Porto Alegre	19 de abril	109 casas
Rubem Berta	Porto Alegre	22 de abril	4992
Conjunto Grande Esperança	Cachoeirinha	22 de abril	1706
Jardim Algarve e Jardim Porto Alegre	Alvorada	27 de abril	331
Granja Esperança	Cachoeirinha	21 de abril	Não informado
Parque dos Mais ³⁰	Porto Alegre	09 de maio	Não informado
Morada do Vale III	Gravataí	16 de maio	Não informado

Fonte: Síntese a partir de Azevedo (2002).

A política habitacional surge como intervenção pública em meio aos problemas decorrentes do crescimento urbano desordenado, de habitações precárias e, conseqüentemente, do déficit habitacional. O crescimento populacional da região

²⁷ Nome original: Campos Verdes.

²⁸ Nome original: Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti.

²⁹ Algumas fontes de jornais da época identificam como dia de ocupação o dia 19; no entanto, publicações mais recentes e as narrativas dos moradores reconhecem como data da ocupação o dia 17 de abril, nome dado à principal avenida do bairro.

³⁰ Os ocupantes foram retirados e voltaram a ocupar o conjunto (AZEVEDO, 2002).

metropolitana, fruto da migração rural-urbana, e a pressão inflacionária foram potenciais focos políticos de revolta popular no contexto da ditadura militar (SCHMIDT, 1983). Assim, a política habitacional surge menos como solução ao problema de moradia e mais como estratégia do Estado em obter credibilidade junto à população (AZEVEDO, 2002), o que fica evidente na carta da deputada Sandra Cavalcanti (que viria a ser a primeira presidente do BNH) ao general Castelo Branco:

Prezado amigo Presidente Castelo,
Aqui vai o trabalho sobre o qual estivemos conversando. Estava destinado à campanha presidencial do Carlos (Lacerda, observação da autora), mas nós achamos que a Revolução vai necessitar de agir vigorosamente junto às massas. Elas estão órfãs e magoadas, de modo que vamos ter de nos esforçar para devolver a elas uma certa alegria. Penso que a solução dos problemas de moradia, pelo menos nos grandes centros, atuará de forma amenizadora e balsâmica sobre suas feridas civis. (SANVITTO, 2010, p. 91).

O Guajuviras tem início no contexto municipal e metropolitano de proliferação de vilas irregulares, no crescimento urbano excludente e alicerçado em uma política habitacional ideo-lógica de dominação (LEFEBVRE, 2001). Em documento do BNH de 1979³¹, tem-se a informação de que fora aprovado, em reunião de 7 de dezembro de 1978, o empréstimo para a construção de 6.236 unidades habitacionais no Conjunto Guajuviras, em Canoas, na antiga fazenda Renner. Em agosto de 1979, o periódico *O Timoneiro* noticiava o grande empreendimento a ser realizado em Canoas:

Estão aprovados recursos da ordem de 600 milhões de cruzeiros para execução do Projeto Guajuviras, onde deverá nascer uma outra cidade dentro de Canoas, numa área de 250 hectares, com mais de seis mil unidades de habitação: quatro mil casas e 2072 apartamentos. A informação foi dada ao prefeito Guindani³² pelo arquiteto José Luiz Castro, supervisor de Projeto e Apoio da COHAB/RS, que esteve na Prefeitura acompanhado pelo Eng. Júlio Comin, chefe de serviços, e pelo arquiteto Everton Eltz, chefe da Seção de Planejamento Físico, também da COHAB. O início da execução do Projeto depende de algumas medidas, entre elas a aprovação da CEEE [Companhia Estadual de Energia Elétrica] e da Corsan [Companhia Riograndense de Saneamento], além da aprovação da Câmara de Vereadores porque a área destinada deverá ser transformada em zona urbana. Caso contrário, não serão permitidas construções dentro dos seus limites. O projeto Guajuviras, cuja importância foi salientada na ocasião pelo prefeito Guindani, terá 53 hectares de área verde e uso institucional, quatro centros comunitários, cinco unidades de atendimento infantil, uma creche, sete supermercados, quatro postos de saúde, quatro áreas para escolas (três de 1º Grau e uma de 2º), uma delegacia de polícia, um templo religioso, área para hospital. (p. 2).³³

³¹ Ofício Cos/Gerência nº 002, Processo nº 00/103749.

³² Prefeito Oswaldo Cypriano Guindani, nomeado para o período de 5 de julho de 1979 a 25 de abril de 1983.

³³ GUAJUVIRAS, outra cidade. *O Timoneiro*, Canoas, 10-16 ago. 1979.

O Guajuviras foi o maior empreendimento da COHAB-RS (Figura 5, Fotografia 2 e Fotografia 3), o que corrobora a afirmação de construção de uma cidade dentro de Canoas.³⁴ A previsão de entrega do Conjunto Habitacional estava prevista para 1983, sendo o maior projeto no Estado, com 4.036 casas e 2.200 apartamentos, servidos de infraestrutura, como esgotos pluviais e cloacais, ruas pavimentadas, iluminação pública, reserva de áreas para comércios, escolas, creches, etc. A construção estava a cargo das seguintes empresas (construtoras): Construtora Majara S/A; C.R Almeida S/A; Protécnica; Coenco; Esusa Engenharia e Construções S/A.³⁵

Figura 5 – Propaganda da COHAB-RS

Canoas Guajuviras

Casa própria para mais de 6 mil famílias.

O projeto No início do próximo ano, a COHAB vai entregar ao povo gaúcho o Núcleo Habitacional Estado. Criado com o propósito de permitir fácil acesso à casa própria pelas populações de baixa renda.

Infraestrutura do empreendimento Está localizado em Canoas, no entroncamento da Estrada de Naveiro com a Rua Bosqueiros. Terá um total de 4.036 casas e 2.200 apartamentos, com água, luz, esgotos pluviais e cloacais, ruas calçadas e pavimentadas, totalmente iluminadas, para abrigar mais de 30 mil pessoas. A COHAB reserva áreas para os seguintes equipamentos comunitários: mini-mercado, supermercado, escolas, centros comunitários, creches, postos de saúde, hospitais, igrejas e postos policiais; todos os serviços que uma cidade necessita.

Renda familiar Como estímulo especial à compra, visando dar condições de aquisição da casa própria aos assalariados, a renda familiar máxima exigida será de Cr\$ 28.550,00 e a máxima de Cr\$ 98.040,00.

Colaboração decisivamente na realização deste empreendimento as seguintes empresas:

CONSTRUTORA ICI MARAJÁ S.A. C. R. ALMEIDA S.A. protécnica COENCO PROCONSA esusa - eng. e construções s.a.

Conjunto Habitacional Governador Ildo Meneghetti COHAB RS Administração Amarel de Souza

Fonte: O Timoneiro (1982, p. 7).

Os anos seguintes são marcados por conflitos, falências das construtoras e reportagens sobre a má qualidade das obras. Em dezembro de 1983, ano da previsão de entrega do Conjunto Habitacional, O Radar noticiava os atritos entre a administração municipal e o

³⁴ Em 1981 a COHAB-RS recebeu as concorrências para a construção do conjunto em setores: 1, 2, 3, 4, 5 e 6, sendo respectivamente: 1.676 casas e 336 apartamentos no setor 1 e 2, 367 casas e 520 apartamentos no setor 3, 292 casas e 168 apartamentos no setor 4B, 809 casas e 576 apartamentos no setor 5, 561 casas e 600 apartamentos no setor 6. O projeto previa a construção dos apartamentos em: 368 de um dormitório, 1648 de dois dormitórios e 184 estilo JK. As casas: 404 de um dormitório, 1615 de dois dormitórios e 605 de três dormitórios.

³⁵ GUAJUVIRAS terá 4.036 casas e 2.200 apartamentos. **O Timoneiro**, Canoas, 17-23 jul. 1981.

empreendimento: “Muitas casas condenadas pela fiscalização da prefeitura”.³⁶ Já em 1984 tornam-se manchete nos jornais as paralisações nas obras: “Governador vai intervir no caso Guajuviras”.³⁷ Na reportagem o governador Jair Soares³⁸ promete intervir junto ao BNH para prosseguimento das obras. Em março do mesmo ano a questão persiste: “Construção civil pede providências para Guajuviras”.³⁹

Fotografia 2 – Construção de casas do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Municipal Hugo Simões Lagranha, Canoas/RS.

Fotografia 3 – Construção de prédios do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti – 1985



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Municipal Hugo Simões Lagranha, Canoas/RS.

³⁶ MUITAS casas condenadas pela fiscalização da prefeitura. **Radar**, Canoas, 15 dez. 1983.

³⁷ GOVERNADOR vai intervir no caso Guajuviras. **Radar**, Canoas, 23 fev. 1984.

³⁸ Governador Jair Soares, do Partido Democrático Social (PDS), eleito para o mandato de 15 de março de 1983 a 15 de março de 1987.

³⁹ CONSTRUÇÃO civil pede providências para Guajuviras. **Radar**, Canoas, 15 mar. 1984.

Se por um lado a criação do BNH veio para legitimar a política federal, por outro lado resultou em uma crise de legitimidade da instituição. As obras paradas e deteriorando-se constituíam a própria contradição de sua produção, uma vez que coexistiam com o intenso déficit habitacional. Em maio de 1984 o canteiro estava parado há mais de seis meses. Em janeiro de 1985 era noticiado que o Conjunto deveria ter sido entregue há um ano e que as construtoras Marajá, Esusa e Protécnica haviam falido. Os entraves relacionados à construção do Conjunto Habitacional vinham preocupando a administração municipal por ter que arcar com o ônus dos problemas do Conjunto, sendo tema dos poderes Legislativo e Executivo municipais, como publicado pelo Jornal Radar:

[...] Na ocasião, o presidente da Casa, Ney Calixto anunciou a visita ao local, feita pela manhã na companhia de deputados canoenses: ‘Vamos tentar reunir uma comissão interpartidária para que o Guajuviras não fique no estado em que se encontra’. Segundo Calixto, é inacreditável o estado das casas e edifícios que estão ‘abandonados e sendo usados por animais’ [...]. (p. 6).⁴⁰

Manzoni⁴¹ informa há ainda uma construtora trabalhando no Guajuviras, a Marajá – depois da falência da Esusa e a saída da Protécnica. Das seis mil unidades habitacionais previstas no projeto, 80% foram iniciadas, mas a maioria tem construídos até agora apenas paredes e telhados, faltando todo o acabamento. As previsões de Manzoni indicam que dentro de três ou quatro meses 600 casas estarão concluídas. No momento as obras se limitam à recuperação de unidades depredadas com a paralisação do projeto em 83. Em cima disso, o coordenador salienta novamente que é intenção da COHAB aprontar e entregar as casas o quanto antes, afinal de nada adianta elas serem concluídas e ficarem à mercê de novas depredações [...]. (p. 7).⁴²

Com as deficiências da obra e o não cumprimento da infraestrutura constante no projeto (Fotografia 4), intensificam-se os atritos entre a esfera municipal e estadual, o que vai perdurar até os anos 2000, em todo o Guajuviras. O conjunto tornou-se um potencial perigo para a administração municipal, que temia a possibilidade da COHAB-RS não entregar o conjunto conforme o projeto.

⁴⁰ GUAJUVIRAS foi assunto na câmara de vereadores. **Radar**, Canoas, 22 mar. 1984.

⁴¹ Adolfo Manzoni, coordenador e assessor jurídico da COHAB-RS em Canoas/RS.

⁴² CRIADA comissão externa para tratar do Guajuviras. **Radar**, Canoas, 14 mar. 1985.

Fotografia 4 – Notícia sobre a situação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti – 1983



Fonte: MUITAS... (1983, p. 1).

Na ocasião, o prefeito Cláudio Schultz⁴³ manifestou a posição da administração municipal de somente receber o conjunto caso a COHAB-RS cumprisse integralmente a estrutura proposta, conforme publicação do jornal O Timoneiro:

Segundo o Prefeito, a COHAB está pressionando o Município para que este aceite as 460 unidades, recém-concluídas pela COENCO, sem as instalações de equipamentos comunitários previstos. Deveriam ser construídos escolas, posto policial, creche e posto médico, além de áreas para comércio e atividades recreativas, mas a COHAB alega não dispor de verbas para tais obras, do que depende de repasses do Banco Nacional de Habitação. Mesmo a pavimentação provisória, construída para facilitar o trabalho, não será recomposta e nem construídos os passeios públicos. Irregularidades. Meses atrás, o Poder Público Municipal nomeou uma comissão de técnicos para estudarem o problema e levantar as irregularidades no Conjunto Habitacional. Uma das integrantes, a arquiteta Iara Weingartner, é taxativa: o Município não tem condições de receber as obras sem a infraestrutura necessária. Não poderia arcar com o ônus da conclusão destes serviços. Iara alerta, ainda, que o projeto original previa verbas para a construção destes equipamentos que a COHAB, agora, nega-se a construir. O presidente da COHAB, João Odil Haas, admite que o projeto está alterado e que os equipamentos são indispensáveis, mas explica que seu órgão não dispõe de recursos para construí-los pedindo a compreensão e ajuda da Comunidade para conseguir-se as verbas necessárias. Opina que muita coisa foi 'cortada' por medida de economia, como a redução das bocas de lobo e capeamento asfáltico [...]. (p. 7).⁴⁴

⁴³ Cláudio Bloedow Schultz, do Partido Democrático Social (PDS), nomeado prefeito pelo período de 13 de setembro de 1984 a 25 de maio de 1985.

⁴⁴ PREFEITURA não aceita obras inacabadas de Guajuviras. **O Timoneiro**, Canoas, 25 jan. 1985.

Vereadores são unânimes em dizer que não é possível a entrega do Guajuviras sem os equipamentos comunitários.

‘O Guajuviras é uma cidade dentro de Canoas, não podemos aceitá-lo incompleto de forma alguma. Transmita ao Presidente da Companhia, João Odil Haas, nossa posição. Não podemos concordar, pois seremos responsabilizados e chamados de coniventes’.⁴⁵

‘Guajuviras é um cemitério de empresas. Mas, a COHAB é responsável, porque contrata essas empresas e depois, permite que essas coisas aconteçam’ – afirma Válder Souza, diretor da Sub-sede canoense e secretário geral do Sindicato dos trabalhadores da Construção Civil de P. Alegre. (p. 1).⁴⁶

Os problemas no conjunto seguem até o ápice desencadeado pelas ocupações em 1987. Os anos que antecederam a ocupação foram marcados por paralisações, deterioração dos prédios e furtos. A produção do espaço envolve múltiplos atores que, não raro, possuem interesses discordantes, como na relação entre o âmbito municipal e a COHAB-RS, o que evidencia que até mesmo no âmbito do espaço concebido (LEFEBVRE, 2013), presente nas esferas estaduais, municipais, e os grupos vinculados ao setor de indústria no município têm conflitos internos nas lógicas e nos interesses da produção do espaço. Ou seja, os embates não se desenrolam apenas entre espaços concebidos, vividos e praticados, mas internamente a cada um.

O congelamento de preços no Plano Cruzado, do então presidente José Sarney⁴⁷, em 1986, e o retorno da inflação após as eleições colaboraram para que o ano de 1987 fosse marcado por intensa falta de credibilidade da esfera pública, uma vez que a população via-se novamente em alarmantes índices inflacionários. A questão habitacional é ponto crucial de um Brasil cada vez mais urbano, estando presente nos periódicos da época: “80 mil pessoas não têm onde morar”⁴⁸; “Ano internacional da habitação”⁴⁹; “Aumentam aluguéis: poderão faltar imóveis”⁵⁰. Antecedendo as ocupações ocorreram aumentos na ordem de 50% nos aluguéis (AZEVEDO, 2002). É o próprio Estado, na figura da COHAB-RS, que detém a legitimidade da ordem pública, produtor de espaços marcados por irregularidades e buscando desvencilhar-se da questão, repassando-a para a administração municipal, que também não possuía uma política habitacional que viesse a atender as necessidades populacionais.

⁴⁵ GUAJUVIRAS incompleto não deve ser recebido. **O Timoneiro**, Canoas, 21-27 mar. 1986.

⁴⁶ GUAJUVIRAS: Cohab é a responsável. **O Timoneiro**, Canoas, 8-27 jul. 1986.

⁴⁷ José Sarney, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), foi presidente do República Federativa do Brasil no período de 15 de março de 1985 a 15 de março de 1990.

⁴⁸ 80 MIL pessoas não têm onde morar. **Folha de Canoas**, Canoas, 3 fev. 1987.

⁴⁹ CARDOSO, Regina. Ano internacional da habitação. **Folha de Canoas**, Canoas, 3 fev. 1987.

⁵⁰ AUMENTAM aluguéis: poderão faltar imóveis. **Folha de Canoas**, Canoas, 17 fev. 1987.

O prefeito municipal de Canoas recebeu, na semana passada, a visita do presidente da COHAB, Adroaldo Conzatti, acompanhado de seus assessores Vinícios e Renato Marques. O propósito foi o de discutir o problema habitacional na cidade e encontrar fórmulas para minimizar a falta de habitações populares em Canoas. Conzatti acompanhou o Prefeito a uma inspeção às obras do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, conhecido como Guajuviras e ao recém ocupado loteamento Profilurb. No primeiro, conheceu parte das 6336 unidades residenciais concluídas e por concluir e visitou as escolas em construção no Conjunto. Segundo planos da COHAB, dentro de 90 dias, aproximadamente, 1200 unidades entregue aos interessados juntamente com as escolas em construção. Ao final do encontro, Giacomazzi⁵¹ mostrou-se entusiasmado com o interesse do presidente da COHAB para com os planos da habitação em Canoas, reafirmando sua convicção que um trabalho entre Prefeitura e Cooperativa trará muitos benefícios a população canoense. (p. 15).⁵²

É nessa conjuntura que o espaço torna-se essência do conflito por sua produção, inserindo na dinâmica os atores (DI MÉO; BULÉON, 2007) menores através do processo de ocupação do Conjunto Habitacional. As contradições da produção do Guajuviras, articulado às crises conjunturais, a pressão por moradia decorrente dos processos de constituição de núcleos de habitação irregular, especulação imobiliária e elevação do custo de vida, desencadeou ações da população em resolver o problema habitacional. Em decorrência disso, a população entrou em conflito tanto com a administração municipal, quanto com a COHAB-RS. Segundo relato de Maria Aparecida de Flores Lima, uma das primeiras ocupantes, divulgado no Diário de Canoas, a Comunidade Eclesial de Base⁵³ e o movimento sindical (em especial o Metalúrgico), junto com vários trabalhadores, decidiram pela ocupação em razão do alto custo de vida, da alta de aluguéis e da inexistência de política habitacional do município.⁵⁴

3.2.1 De Conjunto Habitacional II do Meneghetti a Guajuviras

O Guajuviras foi uma produção do espaço irregular empreendida pelo Estado. Durante o feriado de Páscoa de 1987, o segundo Conjunto Habitacional da RMPA foi ocupado por 700 famílias, totalizando aproximadamente 3.000 pessoas que encontraram casas e apartamentos inacabados e em péssimo estado.⁵⁵ O período inicial de ocupação foi marcado pela tensão

⁵¹ Carlos Loureiro Giacomazzi, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), prefeito eleito para o mandato de 1 de janeiro de 1986 a 31 de dezembro de 1988. Foi também presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Canoas nas gestões 1966-1967 e 1967-1968.

⁵² PRESIDENTE da COHAB visita Giacomazzi. **Radar**, Canoas, 2 abr. 1987.

⁵³ Comunidades territoriais vinculadas, principalmente, à Igreja Católica e incentivadas pela Teoria da Libertação.

⁵⁴ OCHÔA, Valéria. Conjunto ainda sofre com falta de infra-estrutura. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 jan. 1994.

⁵⁵ GUAJUVIRAS: permanece o impasse: 700 famílias continuam ocupando o conjunto, desde a madrugada de domingo. **Folha de Canoas**, Canoas, 23 abr. 1987.

com a Brigada Militar (Fotografia 5), que bloqueava a entrada junto à Avenida Boqueirão, tanto para quem estava dentro, quanto para quem desejasse ocupar.

No entanto, nos dias seguintes a notícia foi repercutindo e outras formas de entrar no Conjunto e ocupar⁵⁶ uma casa ou apartamento foram engendradas. Penna, Corbellini e Gayeski (1998) narram o processo de um ocupante que, ao ouvir no rádio sobre a ocupação, decidiu tentar adquirir uma casa ou apartamento no Guajuviras.

Fotografia 5 – Notícia sobre o cerco policial ao Guajuviras



Fonte: INVASORES... (1987, p. 1).

Na entrada do Conjunto havia pelotões da Brigada Militar controlando a população que ali se concentrava, impedindo que mais pessoas participassem do processo.⁵⁷ No entanto, assim como o conjunto 11 de Abril, em Alvorada, o Guajuviras teve uma ocupação inicial que estimulou outras. Uma artimanha foi entrar no Guajuviras pelo lado norte, o que fica evidente na narrativa da jovem Joana, sobre as histórias de seu pai acerca da ocupação (Joana, 25 anos, em 07/01/2014) e do relato de Vera Lúcia Lima Pereira, publicados no periódico Diário de Canoas:

⁵⁶ Embora as reportagens priorizem o termo “invasão”, a análise adota o termo ocupação, porque tem mais aproximação com uma perspectiva de direito à cidade, enquanto invasão é fortemente associado a infrações à propriedade privada. Também no contexto interno é utilizado para distinguir a ocupação da COHAB-RS das ocupações de áreas verdes e conforma as distâncias simbólicas internas ao Guajuviras.

⁵⁷ TENSÃO, carência e direitos eliminados. **Folha de Canoas**, Canoas, 28 abr. 1987.

O pai veio no segundo dia de ocupação e já não conseguia mais entrar lá pela rótula, já tava cercado pela brigada. Então eles vieram aqui pela Esperança, invadiram um banhado e vieram costeando e quando o pai veio, chegou no Setor 5, tava tudo fechado. Eles não tinham passado da lombra pra baixo. Não tinham descido ainda. O pessoal foi se acomodando pra lá e na época a Comtel ali era uma área verde, então o pessoal não desceu. (Joana, 25 anos, em 07/01/2014).

‘Nós morava na Oliveira Lima, no Niterói, naquela época. O Caio ainda trabalha na CORSAN e falou pra nos que era uma boa a gente reunir uma turma para invadir as casinhas da COHAB. Nós falamos com um monte de gente. Ninguém quis ir. Todos ficaram com medo da polícia. Eu tinha decidido comigo mesmo. Eu vou ir. Nesta época, eu e a Mirian trabalhávamos no TRENSURB [Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A.]. Os nossos maridos saíram para o trabalho e nós pegamos os dois guris pequenos e fomos invadir o Guajuviras. Tava aquele tumulto, mais gente do que brigadiano. Eu empurrei o guri pra dentro da cerca, ele tava com treze anos na época e falei pra ele pega uma casinha pra nós. Ficamos conversando e quando o brigadiano deu uma olhada para o lado, entramos e não saímos mais do Guajuviras.’ Era uma segunda-feira ferias, dia 20 de abril, três dias depois do início da invasão. [...]. (p. 3).⁵⁸

Um difícil entrave do processo de ocupação foi a questão da alimentação, pois o bloqueio na entrada impedia o abastecimento para os ocupantes. “Até segunda-feira, estavam sem alimentação, uma vez que a Brigada Militar não permitia que ninguém entrasse ou saísse [...]” (p. 14-15)⁵⁹. Foi um jogo de forças entre ocupantes e Estado, intermediado por políticos em apoio a ambos os lados, os quais utilizavam o conjunto como trunfo em eleições. A pressão da COHAB-RS consistia em priorizar os inscritos e resolver as questões pendentes com o sistema financeiro, as construtoras e empreiteiras. A justificativa é que o conjunto inacabado não poderia receber o “habite-se”, permanecendo como irregular. A posição do governo do Estado era de forçar a retirada dos ocupantes, argumentando que os inscritos receberiam suas moradias em 30 dias.⁶⁰ A ocupação possibilitou que a população fora do recorte salarial estipulado pela COHAB-RS pudesse adquirir sua moradia. No processo de cadastramento dos moradores executado pela COHAB-RS, eles foram informados de que os que não possuísssem a inscrição e haviam ocupado o local seriam reassentados em um projeto de emergência.⁶¹ No entanto, a instituição não possuía mais credibilidade junto à população.

O diretor financeiro da COHAB⁶², que recém assumiu o cargo e está trabalhando numa sala em precárias condições, desabafou dizendo que recebeu uma grande herança do governo passado ‘que sempre atendeu a caprichos eleitoreiros e o

⁵⁸ OCUPAÇÃO relatada por duas mulheres. **Diário de Canoas**, Canoas, 19 abr. 1997.

⁵⁹ GUAJUVIRAS: permanece o impasse: 700 famílias continuam ocupando o conjunto, desde a madrugada de domingo. **Folha de Canoas**, Canoas, 23 abr. 1987.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 14-45.

⁶¹ CONJUNTO Residencial Guajuviras continua sem água e luz. **Radar**, Canoas, 30 abr. 1987.

⁶² Celso Pitol, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), diretor administrativo financeiro da COHAB-RS no referido ano.

conjunto residencial Guajuviras, inacabado e construído com material de péssima qualidade é um exemplo claro das administrações'. (p. 16).⁶³

[...] o vereador Ney de Moura Calixto (PDT) disse que continua a politicagem no Guajuviras. 'Esse projeto famigerado, o mais triste já feito neste município, que elegeu tanta gente, continua sendo usado para jogo político. A vítima, como sempre, é o povo humilde, massacrado e sofrido'. (p. 17).⁶⁴

A situação precária dos ocupantes foi definida por Luiz Antônio da Silva, conhecido como Muchila, líder pedetista na época, como um campo de concentração. No período que segue, paulatinamente são acrescidos serviços ao Conjunto. Em 12 de maio de 1987 a Folha de Canoas noticiava que o Guajuviras já possuía posto médico. No dia 15 de maio de 1987, que a luz e a água não haviam sido instaladas, pois havia problemas de canalização que demandariam recursos inexistentes, constituindo-se como solução o abastecimento de água por carros-pipa e bicas.

Enquanto permanece o impasse, eles vão vivendo humildemente. Sem colchões, dormem no chão puro a noite utilizam o liquinho para quebrar a escuridão. As dificuldades são muitas, ela carrega água de um poço um pouco distante, mas mesmo assim acha que está valendo a pena tanto sacrifício. (p. 16).⁶⁵

O acesso às condições básicas de sobrevivência tem a negociação iniciada em maio de 1987, quando o prefeito Carlos Loureiro Giacomazzi⁶⁶ comprometeu-se com os ocupantes em providenciar a distribuição de água por carro-pipa, instalar um posto de atendimento médico, uma escola, a venda direta de alimentação através de caminhões da Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL)⁶⁷, início da coleta de lixo e o estudo para as questões relativas ao transporte público.⁶⁸ A precariedade do Conjunto Habitacional e o distanciamento da administração municipal persistem ao longo do ano, sendo noticiado no periódico Radar em 19 de novembro de 1987: "Uma cidade periférica, sem recursos, dentro de Canoas".⁶⁹ A notícia desperta o interesse ao colocar o Guajuviras como uma espacialidade ao mesmo tempo externa e contida no município.

⁶³ CONJUNTO Residencial Guajuviras continua sem água e luz. **Radar**, Canoas, 30 abr. 1987.

⁶⁴ GUAJUVIRAS: "um campo de concentração". **Radar**, Canoas, 7 maio 1987.

⁶⁵ O SONHO da casa própria. **Radar**, Canoas, 30 abr. 1987.

⁶⁶ Carlos Loureiro Giacomazzi, eleito prefeito de Canoas pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) para o período de 1 de janeiro de 1986 a 31 de dezembro de 1988.

⁶⁷ A COBAL, junto com a Companhia de Financiamento da Produção (CFP) e a Companhia Brasileira de Armazenamento (CIBRAZEM) deram origem a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

⁶⁸ NINGUÉM pode ser despejado. **O Timoneiro**, Canoas, 8 maio 1987.

⁶⁹ SOTTIS, Adriana; BARCELLOS JÚNIOR, Hélio. Uma cidade periférica, sem recursos, dentro de Canoas. **Radar**, Canoas, 19 nov. 1987.

A situação dos ocupantes era instável em diversos âmbitos. Havia a pressão da COHAB-RS e prefeitura, escassez de alimento, abastecimento de água precário e insuficiente, falta de iluminação, preconceitos devido ao acesso irregular à habitação e ainda corriam o risco de, ao sair, não poder mais entrar ou encontrar outra família na moradia ocupada:

Apesar do clima aparentemente tranquilo dentro do núcleo, continuam acontecendo as ocupações de casas já habitadas, Carlos Alberto Soares Prelelué e Edson Araujo Souto estão ocupando a mesma, desde o dia em que o primeiro saiu para trabalhar e quando voltou encontrou o segundo e sua família. ‘Fui despejado, estou sem casa e encontrei esta aqui desabitada’, argumentou Edson. Agora, os dois estão dividindo o mesmo teto, até que a COHAB resolva a situação. (p. 17).⁷⁰

As ocupações de ocupações, também relatadas em Penna, Corbellini e Gayeski (1998), eram mais uma insegurança, uma vez que exigiam a presença permanente na residência, interferindo em outras esferas da vida, como o trabalho. Alguns ocupantes perderam o emprego, outros abandonaram as casas e apartamentos. Essas situações possibilitaram a explicitação do vereador João D’Ávila, na época presidente da Câmara, sobre o benefício de um Estado interventor:

Para Ávila, ‘a inexistência de autoridades é um convite à violência. É revoltante ver a inoperância da COHAB. Começo a sentir saudade dos interventores, do governo militar e saudades daqueles que tinham coragem para usar a força se fosse preciso para coibir abusos e corrupção. Sinto medo do futuro’. [...]. (p. 3).⁷¹

Em 15 de maio de 1987 os ocupantes reuniram-se com a administração municipal⁷². Nessa reunião ficou decidido que a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) faria a instalação de energia, que seriam ligadas bicas de água, reativado o poço artesiano e instaladas linhas de ônibus. No entanto, em manchete do periódico Radar, do dia 16 de julho de 1987, ainda havia problemas com os abastecimentos: “Guajuviras ainda sem água e sem luz”. Segundo a reportagem, apenas uma parcela estaria recebendo água em suas casas.⁷³ No

⁷⁰ COMEÇA cadastramento dos ocupantes do Guajuviras. **Radar**, Canoas, 7 maio 1987.

⁷¹ IRREGULARIDADES no Guajuviras criticadas: imóveis habitados estão sendo invadidos. **Radar**, Canoas, 20 ago. 1987.

⁷² Participaram da reunião: o prefeito Carlos Giacomazzi; o presidente da COHAB, Adroaldo Conzatti; o diretor técnico da COHAB, Vinícius Galeazzi; o gerente e chefe da Corsan, Telmo dos Santos Lima e Luiz Cezer Theobald; o gerente da CEEE, Flávio Madruga; Deputado Federal Paulo Paim do Partido dos Trabalhadores (PT); Aldair Silva, representando a Cobal; Jackes Faingluz, secretário de Saúde e Assistência Social; Paulo Enor Silva Nunes, secretário de Transportes; Luiz Antônio Silva, vereador pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT); Marcos Antônio Zandona, vereador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB); e componentes da Comissão de Moradores, Valmir Gomes, Luiz Carlos da Conceição, Marcos Aurélio Machado, Gerson Kras da Fonseca e Maria Aparecida de Lima (GUAJUVIRAS..., 1987).

⁷³ GUAJUVIRAS ainda sem água e sem luz. **Radar**, Canoas, 16 jul. 1987.

mesmo mês, foi inaugurada a primeira escola do bairro, visando atender aproximadamente 1.200 crianças. Em agosto do mesmo ano foi inaugurada a segunda escola, localizada no Setor 5. Em junho o Conjunto passou a ter ônibus integração com o TRENURB.⁷⁴

Os problemas de infraestrutura e serviços não tardaram a ser associados à irregularidade do conjunto. A administração buscou eximir-se de responsabilidades com essa população, o que fica explícito na notícia de capa de *O Timoneiro*, de 8 a 14 de janeiro de 1988: “Guajuviras: Moradores esbanjam energia elétrica”.⁷⁵ São construções alicerçadas na característica de ilegalidade, de não consonância com os processos de propriedade privada, considerados mais legítimos.

[...] Daí Prá afirmou diante das representantes dos moradores que ‘a prefeitura sempre deu atenção ao Guajuviras, lógico que não com a mesma regularidade da comunidade canoense’, referindo-se ao fato de que o município ‘não tem retorno com o trabalho que realiza no local (tubulações, postos de saúde, creches, escolas, além da mão de obra). De uma certa forma, é uma injustiça com a população que paga seus impostos’. (p. 3).⁷⁶

As questões de infraestrutura persistem no início da década de 1990, ainda sem acordo entre as esferas municipais e estaduais:

Lagranha⁷⁷ envia telex ao governador Collares⁷⁸ solicitando medidas no Conjunto Guajuviras. Lagranha garante que a municipalidade não tem condições de manter o Conjunto, devido a seu elevado custo. Alerta ainda, para a péssima qualidade da pavimentação do Guajuviras, que não cumpre as especificações do projeto inicial. (p. 1).⁷⁹

O Guajuviras é um loteamento ilegal. Para isto, o prefeito entrou com uma notificação para que a COHAB registre o loteamento, já que ela não cumpriu o seu projeto original. Luís Possebon, líder do PDT, afirmou que ‘o Guajuviras é um bairro de Canoas. A omissão do prefeito tem aumentado os problemas do local’. (p. 4).⁸⁰

⁷⁴ GUAJUVIRAS já tem integração com o metrô. **O Timoneiro**, Canoas, 19-25 jun. 1987.

⁷⁵ GUAJUVIRAS: moradores esbanjam energia elétrica. **O Timoneiro**, Canoas, 8-14 jan.1988.

⁷⁶ QUEM paga imposto tem prioridade. **Folha de Canoas**, Canoas, 19 jul. 1988.

⁷⁷ Prefeito Hugo Simões Lagranha. Foi nomeado prefeito para o período de 1 de janeiro de 1964 a 9 de julho de 1971 pelo Partido Democrático Social (PDS)/Aliança Renovadora Nacional (ARENA); nomeado novamente para o período de 26 de julho de 1983 a 12 de setembro de 1984 (ARENA), eleito para o período de 1 de janeiro de 1989 a 31 de dezembro de 1992 pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) e eleito para o período de 1 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)/Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

⁷⁸ Alceu de Deus Collares, Partido Democrático Trabalhista (PDT), governador eleito para o período de 15 de março de 1991 a 1 de janeiro de 1995.

⁷⁹ EXECUTIVO cobra ação da COHAB. **Folha de Canoas**, Canoas, 12 jul. 1991.

⁸⁰ MORADORES fazem acusações. **Folha de Canoas**, Canoas, 26 jun. 1992.

A população ocupante do Conjunto via-se entre duas entidades públicas eximindo-se de suas responsabilidades. A Prefeitura argumentava que o Conjunto pertencia à COHAB-RS e que essa deveria arcar com os equipamentos constantes no projeto. Elefante Branco e Terra de Ninguém eram expressões usadas para designar o Guajuviras. Nas gestões municipais e estaduais de Liberty Conter⁸¹ e Alceu Collares, em agosto de 1993 iniciaram as negociações de repasse do Guajuviras para a Prefeitura.⁸² A prefeitura assumiria o Conjunto caso o Estado passasse as terras da Fazenda. Na mesma época têm-se tentativas de transformar a área verde do Guajuviras em distrito industrial⁸³. As intenções da prefeitura estão claramente pautadas na questão industrial, como pode ser observado nos periódicos da época: “[...] o prefeito já sonha em instalar a *Peugeot* na Fazenda Guajuviras. A proposta da prefeitura de ‘abraçar’ o residencial em troca da área da Fazenda [...]. [grifo nosso]” (p. 2)⁸⁴. O termo “abraçar” da notícia é sintomático da relação que tanto as administrações municipal e estadual negligenciam o Guajuviras, sendo o abraçar retirá-lo do não lugar em que se encontrava e incorporá-lo à cidade.

Os moradores do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti parece que agora terão a quem reclamar melhorias no bairro. Há anos que o impasse de assumir os problemas do Guajuviras existia entre Estado e prefeitura. O prefeito Liberty Conter e o governador Alceu Collares firmaram acordo verbal garantindo a cessão da área de terra da Fazenda Guajuviras em troca do município de Canoas assumir o conjunto. O acordo foi fechado na manhã de ontem, quando o prefeito propôs que sejam repassados os 558 hectares de terra da Fazenda para implantação de um Distrito Industrial Ecológico no local. (p. 3).⁸⁵

O repasse da Fazenda ao município é de grande interesse devido às intenções industriais da administração, mas também da entrega de áreas passíveis de comercialização, o que acarretaria em recursos para aplicação no próprio Guajuviras. Com o repasse a prefeitura deveria responsabilizar-se com pavimentação, recuperação das ruas, canalização pluvial, iluminação pública, vazamentos de esgoto, etc., questões de infraestrutura que persistem na década de 1990 (Fotografia 6).

⁸¹ Liberty Dick Conter, Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), prefeito eleito para o mandato de 1 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1993. Foi também presidente da Câmara de Indústria e Comércio de Canoas/RS na gestão 1982-maio de 1985.

⁸² DICK finaliza acordo com Collares sobre o Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 ago. 1993.

⁸³ As discussões e embates acerca do distrito industrial remontam à própria origem do Guajuviras. Desde a desapropriação para construção do conjunto habitacional que há o interesse em implantar o distrito na Fazenda Guajuviras. (FRANK, 1988). Os embates persistem ao longo das décadas, mobilizando grupos ambientalistas, interesses industriais e população de ocupantes irregulares.

⁸⁴ OCHÔA, Valéria. Prefeito quer a Peugeot instalada em Canoas. **Diário de Canoas**, Canoas, 6 mar. 1994.

⁸⁵ COLLARES confirma troca da área verde pelo Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 29 set. 1993.

Fotografia 6 – Mosaico de fotografias do Guajuviras na década de 1990



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Municipal Hugo Simões Lagranha, Canoas/RS.

Somente em 1995, já no governo estadual de Antônio Brito⁸⁶ e com a extinção da COHAB-RS, o repasse da Fazenda Guajuviras foi aprovado.⁸⁷ Na junção de outros interesses e lógicas, a população do Guajuviras vislumbra a possibilidade de regularização e atendimento público para a infraestrutura.

Todavia, o conjunto permaneceu irregular até 1998, uma vez que o repasse, com exceção da Fazenda, ainda não havia se efetivado completamente. Em maio de 1997, decorridos 10 anos da ocupação do CHIM, uma parceria entre Prefeitura e Registro de Imóveis iniciou o processo de regularização do Guajuviras.⁸⁸ A preocupação da administração municipal estava centrada no direito de comercializar os lotes destinados a atividades comerciais e com isso gerar capital, o que, segundo a administração, seria convertido nas infraestruturas ainda precárias.

Coelho⁸⁹ cita uma quantidade de terras existente junto da avenida Boqueirão, no começo do bairro, onde existem lotes que seriam destinados ao comércio. ‘Esta é uma parte do negócio’, comenta, mas a companhia estadual de habitação não estaria disposta a tornar disponíveis estas áreas. (p. 7).⁹⁰

⁸⁶ Antônio Britto, governador eleito pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) para o período de 1 de janeiro de 1995 a 1 de janeiro de 1999.

⁸⁷ Lei Municipal nº 10.427, de 10 de julho de 1995, autorizando o Poder Executivo a doar ao município de Canoas uma área de 558,45 hectares de terras da Fazenda Guajuviras. Com o repasse, deveria ser implantado um parque de preservação e um distrito industrial.

KOVASKI, Claudia. Assembléia aprova repasse da fazenda para o município. **Diário de Canoas**, Canoas, 14 jun. 1995.

⁸⁸ INICIA regularização do Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 9 abr. 1997.

⁸⁹ Gilberto Coelho, Secretário Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura de Canoas/RS.

⁹⁰ SOBRAL, Antônio. Faltam US\$ 12 milhões para investir no bairro. **Diário de Canoas**, Canoas, 15 jan. 1997.

O Guajuviras entra na década de 2000, mais de dez anos após a ocupação, com desacordos entre Município e Estado em relação à regularização. Segundo o Diário de Canoas, a prefeitura acusava o Estado de não cumprir com o acordo, como o repasse das áreas comerciais e o esgoto cloacal, que seria de sua responsabilidade.⁹¹ Dessa forma, ainda em 2000, já com amplas áreas de vilas irregulares ocupadas, o Conjunto Habitacional permanecia aguardando a regularização.

3.3 AS PLANTAÇÕES DE EUCALIPTOS COMO FRONTEIRAS: AS VILAS IRREGULARES DO GUAJUVIRAS

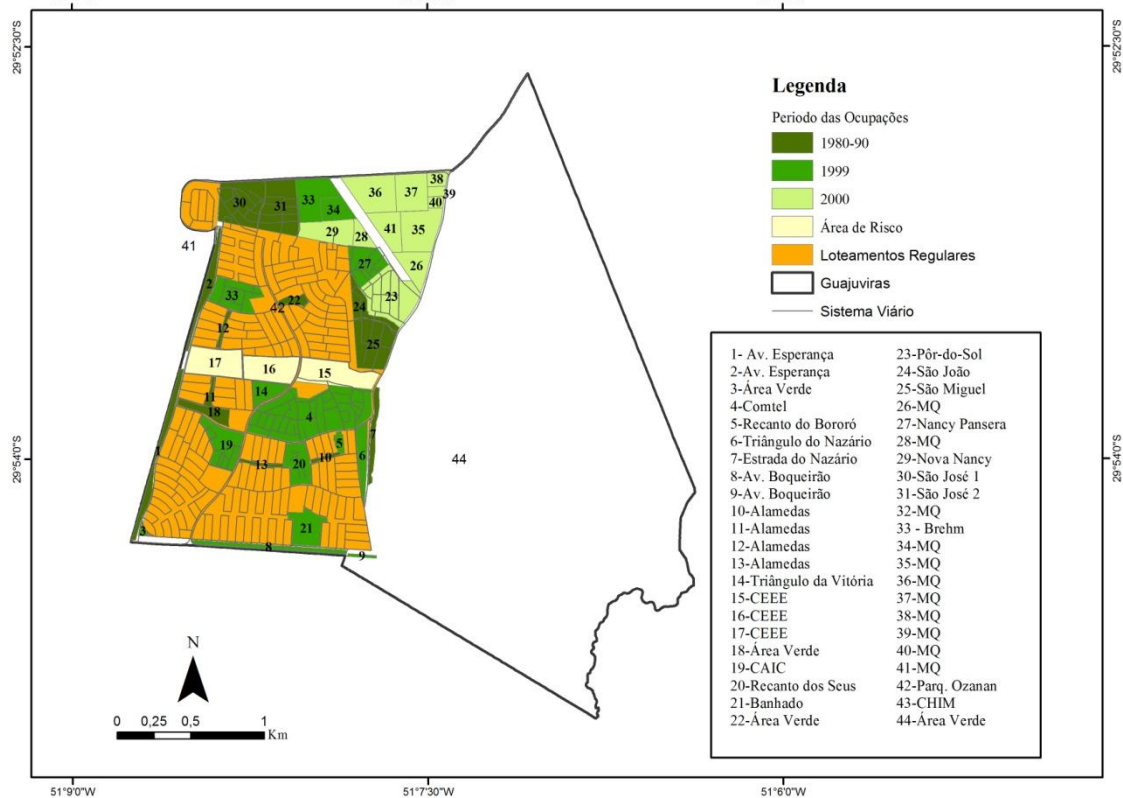
Outras ocupações no Guajuviras seguiram-se após a grande ocupação do Conjunto Habitacional e podem ser classificadas em três segmentos: as ocupações que ocorreram na sequência da primeira ocupação durante o final da década de 1980 e década de 1990; grandes ocupações que ocorreram no ano de 1999; e as ocupações dos anos seguintes em área da Academia de Polícia (Acadepol)⁹², também denominada como 103 hectares (Figura 6).

Se a ocupação do Conjunto Habitacional foi marcada por precariedades e violência institucional, as ocupações das áreas verdes têm intensificado esses conteúdos nos processos. Todavia, evidenciam que as contradições da produção do urbano potencializam as dissonâncias entre o espaço concebido e vivido, este como ações contrárias às intenções dos atores hegemônicos, o que pode ser observado na sequência nas intenções de constituir a Fazenda Guajuviras um distrito industrial.

⁹¹ PLANEJAMENTO Urbano acusa Estado. **Diário de Canoas**, Canoas, 7 abr. 2000.

⁹² A periodização das ocupações foi realizada através de levantamento em periódicos de Canoas/RS e da oralidade de moradores. Algumas ocupações aparecem em dois momentos, como as relativas à Estrada do Nazário, estando presentes no mosaico de fotografias aéreas de 1990 e nas reportagens sobre as ocupações de 1999. Algumas dúvidas foram elucidadas com a contribuição dos técnicos da Diretoria do Instituto Canoas XXI. As ocupações são processos que acontecem em determinado evento e que vão expandindo ao longo do tempo, o que pode explicar a ocupação estar presente em dois momentos. A ocupação do Brehm aparece em reportagens de 1999, no entanto há registros orais de moradores a partir de 1997, o que também pode estar relacionado a um movimento de ocupação inicial e sua intensificação posterior. Assim, a periodização traz aproximações que visam compreender o processo de ocupações ao longo do tempo. Também as ocupações referentes a CEEE fazem parte do conjunto de ocupações e remoções, pois a área é imprópria para habitação.

Figura 6 – Ocupações por período



Fonte: Elaboração da autora.

Nota: Base municipal fornecida pelo Instituto Canoas XXI.

3.3.1 Primeiros eucaliptos derrubados: as ocupações do final da década de 1980 e década de 1990

Nos primeiros anos de ocupação do CHIM as extensas áreas verdes foram alvo de inúmeras ocupações constituindo no interior do conjunto as vilas irregulares. Em janeiro de 1989 é possível encontrar informações sobre as ocupações nos periódicos locais. O Radar noticia a preocupação da COHAB-RS e administração local (prefeito Hugo Lagranha) sobre “[...] área verde invadida por barracos no Guajuviras, que estaria destinada para a duplicação da avenida.” (p. 1).⁹³ Em outra reportagem, sem ficar claro se é a mesma área, tem-se o percurso de expulsão dos ocupantes. A área, próxima a Avenida Esperança, havia sido ocupada há mais de três meses por 80 famílias. As casas, designadas de casebres, correspondem aos amplos processos de ocupação irregular iniciados nos anos 1970 e vinham possibilitar acesso à moradia para a população pobre da própria região metropolitana e

⁹³ PRESTAÇÕES do Guajuviras definidas ontem. **O Radar**, Canoas, 26 jan. 1989.

interior. Todavia, o processo de ocupações é marcado por múltiplos conflitos, entre eles os riscos dos mandados de reintegração de posse e conseqüente despejo. Também acerca das ocupações em áreas verdes dentro do Conjunto Habitacional, as administrações estadual e municipal eximem-se de responsabilidades. A primeira alegando que as ocupações não garantem a posse da terra; a segunda, que a área não é da Prefeitura e que ela não tem onde realocar os moradores.⁹⁴

Essas ocupações são ancoradas (MOSCOVICI, 2003), ou seja, são associadas às formações espaciais já disseminadas no imaginário comum das vilas irregulares e favelas. A vila Esperança é designada como uma favela erguida ao lado do Guajuviras.⁹⁵ Dar nomes e definições é questão de poder e corrobora a produção do imaginário sobre esses espaços e seus moradores, produzindo representações alicerçadas nas distâncias sociais e na ilegalidade, a partir da norma e do desvio. A construção de um imaginário corresponde a “[...] relações de força objectivas que tendem a reproduzir-se nas relações de força simbólicas, nas visões do mundo social que contribuem para garantir a permanência dessas relações de força.” (BOURDIEU, 2007b, p. 145).

Apenas dois anos após a ocupação do conjunto, as ocupações seguem crescendo e expandindo, e os moradores são identificados como invasores dos arredores do Conjunto Residencial Guajuviras, em áreas reservadas para construção de hospital, creche e posto da Brigada Militar, o que intensifica junto aos próprios moradores do Conjunto Habitacional e da cidade a não legitimidade e o entrave desses novos ocupantes para o desenvolvimento local e municipal.

Como a COHAB-RS tinha o interesse de repassar o Conjunto Habitacional para a administração municipal, deveria antes resolver as questões das ocupações irregulares de áreas verdes. Assim, a instituição comprometeu-se a cadastrar os moradores para participarem de um projeto que estaria dependendo de recursos da Metroplan.⁹⁶ Em 20 de outubro de 1989, nos periódicos locais há a informação de que a população não seria despejada, mas removida; no entanto, a COHAB-RS já vinha há muito tempo desacreditada pela população.

O presidente da Câmara de Vereadores e o Vice-prefeito Municipal ‘autorizaram a localização de 33 famílias em área verde de Guajuviras’ em fevereiro deste ano. As famílias só ficariam por 60 dias, sem construir benfeitorias, até que fossem levadas para outro local onde poderiam ficar em definitivo. O compromisso foi firmado em papel timbrado da COHAB/RS, mas sem a assinatura de um sequer de seus titulares.

⁹⁴ DIREITOS garantidos, só mesmo na justiça. **Radar**, Canoas, 2 fev. 1989. FAMÍLIAS expulsas não terão para onde ir. **Radar**, Canoas, 2 fev. 1989.

⁹⁵ COHAB cadastrou mil canoenses sem-casa. **Folha de Canoas**, Canoas, 16 maio 1989.

⁹⁶ DESPEJO: COHAB garante suspensão de liminar. **Folha de Canoas**, Canoas, 17 out. 1989.

Alguém deve ter surrupiado o papel. A área verde fica na Esperança, Quadra X e é uma reserva onde não devem haver habitações. Em 17/5, o Gerente Regional da COHAB autorizou a demolição e retirada das casas já erguidas pelas famílias, muitas das quais já haviam vendido seus terrenos e ido embora. [...] Em zona próxima à área verde invadida, já construíram mais de 80 outras casas, sob rede elétrica de alta-tensão. Prefeitura, CEEE e COHAB-RS nada fizeram para impedir uma tragédia muito possível. Para coroar o quadro do caos administrativo, a própria COHAB ‘vende áreas verdes’, diz Noel Pereira Andrade, que mora em Guajuviras e é credenciada pela COHAB para, junto às autoridades, ‘intervir e coordenar ações visando a retirada de invasores das áreas verdes e reservas técnicas’. Noel está confuso e desiludido, diante de tanta ‘balbúrdia’, em que as próprias autoridades públicas, que o nomearam, não cumprem o que determinam que ele faça. Noel também é fiscal do IBAMA [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis], mas está impotente face a tanta confusão. (p. 8).⁹⁷

Diversas ocupações ocorreram nas áreas verdes e reservas técnicas do Guajuviras. Em 13 de fevereiro de 1990, o periódico Folha de Canoas noticiava a retirada de 33 famílias que haviam ocupado uma área do Setor 1, sendo realocadas próximo à Avenida Esperança, no mesmo bairro, onde já havia tido processo de ocupação com moradores lá estabelecidos. Outras ocupações são noticiadas, como uma área verde localizada no Setor 5. Nesse período, o Guajuviras contabilizava oito novas ocupações, denominadas de subocupações de áreas verdes e os ocupantes como subinvasores. Visando conter o fenômeno das ocupações, a administração municipal intensifica as ações de contenção do processo:

[...] será dado um basta ao problema das invasões, e para isso, foi acordada uma intensa fiscalização. Caso aconteçam novas invasões, estas não serão toleradas e a Brigada Militar está autorizada a retirar. [...]. (p. 3).⁹⁸

Diversos discursos atravessam a questão das ocupações de áreas verdes dentro do Guajuviras, como o discurso ambiental, criminalizando as ações devido ao corte de eucaliptos e os interesses acerca do distrito industrial, objetivo antigo das diversas administrações e elite dirigente e que incorpora a possibilidade de conter o processo de ocupações. Em ambos estão presentes os sentidos de criminalização dos ocupantes, que sentem a violência simbólica do direito à cidade, adquirido por suas margens, não físicas, mas legais e sociais. Vidas e histórias marcadas por ocupações, remoções e reintegrações de posse. Esses ocupantes têm sua inserção na cidade de forma irregular, sendo objetos da violência institucional, legalizada e repressiva.

Os moradores denunciaram ainda que a casa de Luiz Paulo Santos, (onde só se encontra seu tio, João Carvalho – doente mental) foi retirada e levada, junto com ele,

⁹⁷ AS INCERTEZAS de uma vila “sem dono”. **O Timoneiro**, Canoas, 19-28 out. 1990.

⁹⁸ QUADRA invadida: Noite Ilustrada não vai sair neste carnaval. **Folha de Canoas**, Canoas, 13 fev. 1990.

para o lixão da prefeitura. ‘Deixaram meu tio lá por 24 horas, sem água e sem comida’. [...] Outra denúncia dos três é quanto a casa de Claudiomiro Conceição Maria, a primeira a ser demolida. Segundo eles, o morador possui os documentos dados pela COHAB que comprometia-se a retirá-los de lá somente quando uma nova área fosse encontrada. (p. 3).⁹⁹

A violência institucional está presente, entre outros fatos, nas ações policiais, nas políticas públicas executadas na época em relação aos ocupantes, nos processos de remoção e na moradia como valor de troca. A distância social consolida-se na ilegalidade da moradia, no corte dos eucaliptos, na ocupação de terras nas quais a administração municipal e o setor industrial têm interesses para atrair novas indústrias para Canoas. As vilas são representadas como entrave ambiental e de desenvolvimento do município. Como argumenta Bourdieu (2007b), “[...] os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra [...]” (p. 11).

A dominação presente no ordenamento do espaço concebido está dissimulada, encoberta por representações que objetivam ser hegemônicas, mas que entram em conflito no plano do vivido com as condições objetivas de viver na cidade. Assim, “El orden próximo, el de la vecindad, y el orden lejano, el del Estado, han dejado claramente de coincidir: se inserta uno en el outro o chocan entre sí.” (LEFEBVRE, 2013, p. 272)¹⁰⁰. Tem-se como resultado um misto entre a internalização das estruturas, dos sentidos, das imagens e dos imaginários e o confronto com a realidade experienciada, o que leva os ocupantes a compreender suas ações enquanto desvio, mas também como possibilidade de sobrevivência.

[...] Diante da questão, se a implantação de um Distrito Industrial na cidade não atrairia desempregados do interior do Estado o prefeito (Lagranha) foi categórico, afirmando não permitir que surjam loteamentos gerados por invasões, como acontecia em gestões anteriores. [...] (p. 6).¹⁰¹

As 33 famílias que foram gradativamente invadindo uma área verde há cerca de um mês no setor um do Conjunto Habitacional Guajuviras, levaram o presidente da COHAB, Wilson Cignachi, a realizar ontem, às 12 h, uma reunião com o prefeito em exercício, Liberty Conter. O presidente concedeu entrevista ao término da audiência, comunicando que o pessoal será deslocado amanhã para um conjunto. Num prazo de 30 a 60 dias a COHAB definirá o planejamento para a construção de novos 350 lotes. Os moradores das 10 áreas invadidas dentro do Conjunto já estão cadastrados para serem os proprietários destas novas áreas. Também não haverão mais invasões. De modo resumido Cignachi falou, invadiu saiu o pau. (p. 10).¹⁰²

⁹⁹ SUBOCUPAÇÕES: ainda muita confusão. **Folha de Canoas**, Canoas, 1 maio 1990.

¹⁰⁰ “A ordem próxima, a da vizinhança, e a ordem distante, a do Estado, têm claramente deixado de coincidir: se insere uma na outra ou colidem entre si.” (LEFEBVRE, 2013, p. 272, tradução nossa).

¹⁰¹ PREFEITURA e CICC depõem na Comissão Fazenda Guajuviras. **Radar**, Canoas, 21 jun. 1990.

¹⁰² NOVOS 350 lotes abrirão a décima invasão em área verde. **Radar**, Canoas, 8 fev. 1990.

Os discursos de proteção ambiental tornam-se recorrentes como justificativa para ações de coerção a novas ocupações. Invadir torna-se uma infração ampla, ancorado em representações que mais ocultam o processo do que revelam: as ocupações aparecem como corrompendo a propriedade privada, onerando as economias públicas, desviando recursos de outras ações e revertendo para grupos sociais que não contribuiriam com a economia municipal. Chega ao ponto de reviver falas exaltando as ações da ditadura militar e em encarcerar e cobrar fiança dos ocupantes pelo corte dos eucaliptos.

A Associação Canoense de Proteção ao ambiente natural (Ascapan) recebeu em dezembro mais uma vez, por telefone, a denúncia de que árvores estavam sendo cortadas no Setor Quadro do Conjunto Habitacional Guajuviras. Dois membros da Ascapan deixaram suas obrigações e foram até a brigada Militar solicitar apoio e verificar a denúncia, conforme informa um dos membros da entidade, Leonardo Rorig, localizado na rua da caixa d'água, foi verificada que uma série de casas e malocas invadiram uma das áreas verdes definidas para o bairro. Vários eucaliptos foram derrubados. Os invasores alegaram que as árvores ameaçavam cair sobre suas casas, mas, segundo Leonardo, as árvores foram transformadas em moirões de cerca, segundo arbitrariamente esticadas para as áreas verdes públicas. [...] Em relação ao corte de árvores, com fiscais voluntários do IBAMA que os representantes da Ascapan são, Leonardo diz que poderia ser solicitado que a Brigada recolhesse os infratores ao presídio ou que recebessem uma multa que jamais poderia pagar. Mas o bom senso e a miséria das pessoas não permitiram tal atitude. 'Optamos por passar de casa em casa orientado as pessoas a não derrubarem as árvores, explicando os porquês. [...]'. (p. 8).¹⁰³

No tocante às invasões de áreas verdes do Conjunto Residencial Guajuviras, que vêm sendo acompanhadas pela ASCAPAN desde seu início, a entidade não pode concordar com afirmações de que estes subinvasores sofram de crises nervosas em decorrência da ação da COHAB, Prefeitura e Brigada Militar, que vêm removendo barracos clandestinos [...]. Áreas verdes do conjunto, estas invasões estão se tornando diárias. Por entender que as Áreas Verdes, muito mais do que áreas com vegetação, são essenciais para uma qualidade de vida pelo menos razoável neste monstrego urbano que é o Conjunto Guajuviras [...]. (p. 3).¹⁰⁴

As vilas irregulares do Guajuviras, em suas materialidades, práticas e processo de produção são marginais à própria ocupação do Conjunto. A denominação de vila tem significado de irregularidade e de espaço precário, assim como Rio Branco e Niterói eram denominadas quando se originaram, por serem espaços da população pobre e pela inexistência de infraestrutura. As vilas irregulares que têm origem na década de 1970 e crescem no Guajuviras adquirem sentidos das vilas dos anos 1930-1940, acrescidos dos sentidos de ilegalidade e desordem urbana. São espaços calcados em múltiplas violências, físicas, associadas às ausências e precariedades, aos constantes riscos de despejo, mas também simbólicas, nos sentidos incorporados à palavra Vila e seus moradores. A violência é

¹⁰³ GUAJUVIRAS sofreu queda de eucaliptos. Radar, Canoas, 25 jan. 1990.

¹⁰⁴ WEBER, Vera. Guajuviras, sem áreas verdes, não será habitável. **O Timoneiro**, Canoas, 5 out. 1990.

institucional, em lógicas de cidade firmadas na propriedade privada: “Segundo o gerente regional da Companhia, Cid Umpierre, a princípio ficou decidido por uma limpeza total da área com a retirada de todos os subocupantes.” (p. 7)¹⁰⁵.

Maria Lúcia Silva dos Santos, ocupou a área verde do Setor Dois do Residencial Guajuviras há cerca de um mês. Naquele local, segundo a ocupante, nada tem ocorrido, mas em outra área (próxima a bica d’ água) a prefeitura municipal e COHAB estão promovendo a derrubada de barracos, deixando as pessoas assustadas [...]. O prefeito Hugo Simões Lagranha, manifestou-se dizendo que as invasões têm se tornado diárias, e que seu pessoal ‘está ficando cansado de ouvir desaforos’. Conforme o prefeito, à medida em que a prefeitura sabe de uma nova invasão vai no local e retira as casas. ‘Eles marcam os terrenos e eu mando demolir’. De acordo com Lagranha, está havendo uma fiscalização mais intensa e a forma de agir precisa ser esta porque a cidade acabará ficando ingovernável. [...]. (p. 1).¹⁰⁶

As ocupações persistiram nos anos seguintes, sendo recorrentes os desacordos entre administração municipal e COHAB-RS, que ao delegarem uma à outra as responsabilidades sobre o local, deixam essa população desassistida e sem uma esfera pública a recorrer. São diferentes atores com intenções parcialmente discordantes que no ordenamento do espaço metropolitano encontram outros atores, cujas práticas microbianas, teimosas, alicerçadas na necessidade básica de moradia, apropriam-se da cidade (CERTEAU, 2009). Os conflitos entre Município e Estado são concretos no cotidiano das ocupações e frequentes nos periódicos locais:

Correspondência do prefeito Hugo Simões Lagranha, datada de seis deste mês, foi dirigida à Companhia de Habitação – COHAB – no sentido de que a empresa não mais solicite auxílio à prefeitura municipal para retirada ou qualquer outro tipo de problemas com invasores. Segundo o prefeito, a prefeitura não mais irá se envolver com nenhum tipo de invasão no Conjunto Residencial Guajuviras para evitar maiores desgastes e, porque o município não tem recebido, por parte da companhia, a atenção devida. A carta foi endereçada ao gerente regional da COHAB, Cid Umpierre [...].

Cid Umpierre observou também que os subocupantes cadastrados até maio de 89 têm reassentamento garantido no Guajuviras em áreas de reserva técnica. Para que isso aconteça, faltam somente detalhes como verificações sobre a infraestrutura próxima aos locais onde serão os lotes. A partir do levantamento que está sendo efetuado, a companhia começa a chamar as pessoas para comercializar os lotes. Quanto aos demais subinvasores, cerca de 700, Umpierre diz que é outra situação e que a COHAB não está preocupada com a solução. ‘Até porque foge da nossa alçada já que estas áreas verdes pertencem a Prefeitura’. (p. 3).¹⁰⁷

Enquanto o prefeito alega não se envolver mais com as ocupações, a COHAB-RS argumenta que o Guajuviras é um problema da prefeitura. Os embates entre as duas esferas,

¹⁰⁵ COHAB quer retirada total dos invasores. **Folha de Canoas**, Canoas, 16 jun. 1990.

¹⁰⁶ MÃE alega que filho ficou traumatizado. **Folha de Canoas**, Canoas, 4 set. 1990.

¹⁰⁷ PREFEITO não ajuda mais Cohab. **Folha de Canoas**, Canoas, 23 nov. 1990.

que sequer haviam resolvido plenamente as questões estruturais do Conjunto Habitacional, como a pavimentação asfáltica e saneamento, são acrescidos das novas ocupações. Esse espaço abstrato¹⁰⁸ que se concretiza nas práticas do espaço concebido e visa dominar o vivido na tentativa de homogeneização condiciona a ação prática, produz símbolos e signos e é objeto de disputa dos grupos que se querem hegemônicos.

Fica explícita a produção da cidade no confronto entre um ordenamento abstrato e contraditório, visando à dominação, ao controle e ao desenvolvimento industrial e, por outro lado, famílias decorrentes das migrações vindas do interior e do próprio crescimento da cidade, como a constituição de novos núcleos familiares de moradores/as já metropolitanos/as. Delineia-se de forma generalizada um pensamento de cidade alicerçado no desenvolvimento e na propriedade privada. Inúmeras vilas consolidaram-se, enquanto outras sofreram os processos de despejo. Dentre as políticas de contenção do crescimento das vilas, a administração municipal dispunha da passagem de volta, contenção de fronteiras e fiscalização. A cidade é palco, essência e objeto de embates, nem sempre tendo as intenções explícitas nos discursos, frequentemente atravessados por violências.

Ana Maria diz que o dono de cada imóvel é antes cientificado e ganha o prazo de 24h par autorizar a retirada do material para algum outro local, sob pena de demolição. ‘Isto evita que os ocupantes saiam do Guajuviras e se instalem em outro loteamento’, diz a juíza. Ela informa que muitos ocupantes são do interior do Estado, mas que a prefeitura colocou passagens à disposição para que esses possam retornar ao local de origem. O material das casas demolidas foi recolhido ao depósito da prefeitura e pode ser retirado desde que o proprietário tenha um lugar onde colocá-lo.

‘Quando tu rouba ou mata não tem essa quantidade de polícia que tu tá vendo aí’, esta declaração de uma subocupante revoltada contra a atitude da prefeitura. ‘Que destruiu minha casa e não deixou nem roupa nem comida’. A ocupante, que não quis se identificar, diz que está passando as noites no mato, com duas crianças. Como ela, uma legião de sem teto não tem para onde ir e não sabe o que fazer agora, que suas casas foram parar no depósito da prefeitura. O que se ouve pelas áreas verdes do Guajuviras, onde várias casas já foram demolidas é só lamentação e desespero. ‘O pessoal tem mais é que matar e roubar para poder sobreviver’. ‘Não vai sair ninguém daqui. Pode vir prefeito, polícia, vamos ficar aqui, nem que a gente coma formiga’. ‘Vai faltar lugar no presídio feminino. Pelo menos lá a gente teria casa e comida’. Essas são algumas das afirmações indignadas pronunciadas em coro pelas subocupantes desalojadas, que ilustram a situação em que se encontram. (p. 5).¹⁰⁹

O enfoque das administrações municipais em Canoas eram os incentivos para a vinda de indústrias e para a construção de um distrito industrial na Fazenda Guajuviras. No entanto,

¹⁰⁸ Hiernaux (2004) traz uma compreensão sobre o espaço abstrato de Lefebvre como um qualificativo do espaço marcado pela racionalidade da expansão do capitalismo e a intervenção do Estado por meio da planificação e ordenamento do território. Para ele, o espaço abstrato manipula o vivido, tornando-o instrumental aos seus fins.

¹⁰⁹ PREFEITURA retira subocupantes das áreas verdes. **Radar**, Canoas, 13 dez. 1990.

a produção do espaço é um campo em disputa e revela suas contradições, ou seja, o argumento de desenvolvimento exclui as questões relativas ao bem-estar social. As vilas irregulares demonstram o quanto o crescimento metropolitano ocorreu, reforçando as desigualdades sociais, em que administração municipal se exime de problemas sociais, como habitação, saneamento, buscando resolver o crescimento através da contenção do processo migratório.

A política municipal de habitação parece estar centrada em dois únicos aspectos: impedir novas invasões de áreas em Canoas e conviver, na base da omissão, com as já existentes [...]. ‘O problema da habitação quem vai resolver é o futuro prefeito’, desvencilhou-se Lagranha ao ser questionado sobre o que tem feito sua administração em relação às invasões. [...]. (p. 16).¹¹⁰

O problema das constantes invasões que ocorreram nos últimos tempos em Canoas é bastante grave e, perdurando, tende a transformar-se em tragédia nos próximos sete anos. Nos demais municípios do Rio Grande do Sul, as áreas de terra são da municipalidade. Aqui, em Canoas, as grandes áreas são de propriedade do Governo do Estado. Por estarem ociosas, estas terras têm sido invadidas sem que o Governo Estadual tome qualquer providência, ficando indiferente ao problema, uma vez que só o Estado tem poderes para requerer liminar na justiça, a fim de retirar os invasores. Para citar um exemplo bastante concreto e atual, vê-se a área onde será implantado o Distrito Industrial do Guajuviras, que está sendo invadida sem que o Estado providencie a retirada dos ocupantes. Embora isto atrase a efetiva instalação do Distrito Industrial que irá gerar inúmeros empregos aos canoenses, além de trazer benefícios financeiros à cidade. [...]. (p. 11).¹¹¹

Em 1993 assumiu a prefeitura Liberty Conter¹¹². Em sua administração foi empreendida uma operação de vigilância nas entradas da cidade, como a BR116 e BR386 e a estrada de Cachoeirinha, para conter famílias pobres vindas do interior em busca de moradia na região metropolitana. Assim, o novo prefeito seguiu a política de repressão e coerção, declarando que a administração iria combater, tal qual em uma guerra, o crescimento de ocupações a partir do controle sobre as imigrações.¹¹³

O prefeito sabia que as ocupações agravam problemas de outras áreas, como segurança e saúde [...] qualquer caminhão com mudanças, ‘tábuas velhas’ ou qualquer sinal externo que indique se tratar de um potencial invasor será abordado e,

¹¹⁰ PREFEITO responsabiliza governo pelas vilas irregulares de Canoas. **O Timoneiro**, Canoas, 20-26 nov. 1992.

¹¹¹ LAGRANHA, Hugo Simões. Invasões preocupam. **Folha de Canoas**, Canoas, 2 dez. 1992.

¹¹² O prefeito Liberty Conter, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) foi eleito para o mandato de 1 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996. Também conhecido como Dick, o referido prefeito tinha fortes vínculos com a Secretaria de Indústria e Comércio de Canoas (sic), tendo sido seu segundo secretário na gestão de 1962-1963 e presidente em duas gestões: 1982-1984 e 1984-1986. Em sua gestão são retomadas as discussões e propostas de instalação de um parque industrial e reserva ecológica na Fazenda Guajuviras a partir do repasse da fazenda para o município.

¹¹³ FLORES, Lourenço. Dick declara guerra contra as invasões. **Diário de Canoas**, Canoas, 12 fev. 1993.

se a pessoa não comprovar que possui terreno para se instalar, será imediatamente mandado de volta para o município de origem. [...]. (p. 3).¹¹⁴

Sobre o direito de ir e vir, o Diário de Canoas publicou declaração do então prefeito: “Os invasores vão chegar e ser mandados embora. Este é o direito de ir e vir. [...]” (p. 1)¹¹⁵ Paradoxalmente, ele garante que, “Se pegar caminhão de outras prefeituras largando maloca aqui dentro, eu vou confiscar” (p. 3)¹¹⁶.

É recorrente atribuir a precariedade de serviços públicos na cidade à constituição de vilas irregulares. O imaginário sobre o conjunto de ilegalidades das ocupações perdura no tempo e é reproduzido contemporaneamente, em que moradores/as de ocupação as identificam como não modernas, como malandragens, dissociando o problema de sua relação estrutural e desigualdades.

A contenção do processo migratório não era eficaz na redução do crescimento de áreas ocupadas, uma vez que Canoas já possuía crescimento populacional interno, sendo as vilas irregulares resultado não apenas das migrações vindas do interior, mas do próprio município. Sendo assim, as ocupações persistiam, em frequentes embates com a operação vigilância. Até mesmo o conhecimento sobre os próprios direitos e os processos legais de desapropriação, cuja determinação impede a retirada do ocupante após as primeiras 48 horas sem intervenção da Justiça, são identificados como entraves à Operação Vigilância.¹¹⁷ Assim, a história do Guajuviras é também a história dos conflitos entre Prefeitura e COHAB-RS, uma vez que esta é responsabilizada pela não regularização do Conjunto Habitacional, favorecendo, com isso, as ocupações irregulares. Ao mesmo tempo, a COHAB-RS declara que a regularização do residencial é tarefa da Prefeitura.

No Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, Guajuviras, na sexta-feira, aproximadamente 20 famílias demarcavam terrenos, derrubavam árvores e se instalavam, indiferentes às determinações repressivas alardeadas nos gabinetes municipais. No setor seis do Guajuviras ou, simplesmente, Esperança Dois, uma área verde que circunda as casas e prédios construídos pela Companhia de Habitação do Estado (COHAB) é desmatada e terrenos demarcados a cada dia. As invasões não cessam e as novidades propagadas pelo prefeito não chegam a fazer eco na zona oeste da cidade. (p. 3).¹¹⁸

Operação vigilância deflagrada há mais de um mês pelo prefeito Liberty Conter para inibir invasões está reformulada. As equipes da secretaria de planejamento urbano não se detêm em proibir a entrada de migrantes nos limites da cidade, mas em vigiar

¹¹⁴ FLORES, Lourenço. Operação Vigilância para coibir invasões. **Diário de Canoas**, Canoas, 12 fev. 1993.

¹¹⁵ FLORES, Lourenço. Dick diz que não vai ceder aos invasores. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 fev. 1993.

¹¹⁶ FLORES, Lourenço. Dick defende Operação Vigilância. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 fev. 1993.

¹¹⁷ PASTORE, Maristela. Operação Vigilância pára na burocracia da justiça. **Diário de Canoas**, Canoas, 30 mar. 1993.

¹¹⁸ BERNARDI, Flávio. Aumentam as invasões no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 15 fev. 1993.

as vilas e terrenos mais visados. ‘Durante a operação, descobrimos que o maior número de invasões ocorre por parte de pessoas que moram em Canoas, argumentou Hermeto’. (p. 3).¹¹⁹

Embora os processos de ocupação ocorram como subversões da cidade formal, não são uma ideologia de resistência à cidade ordenada; ao contrário, são recorrentes as afirmações de intenção de pagar pelo lote e pelos serviços de energia elétrica e abastecimento de água. A cidade formal é internalizada, embora as condições concretas de sobrevivência imponham táticas contrárias à formalização. A propriedade atravessa inúmeros âmbitos da vida cotidiana e consolida o imaginário social. As constantes acusações da administração municipal quanto ao ônus público e consequente desvio de recursos para áreas regulares em detrimento das ocupações intensificam a fratura entre o formal e o informal. É na internalização dessa violência que a população ocupante reafirma o interesse em, a partir da prática irregular, ingressar na cidade formal, onde teriam acesso não apenas à moradia, mas à vida urbana.

As 31 famílias que ocupavam uma área verde na Estrada do Nazário, fundos do Guajuviras, foram retiradas do local na quarta-feira, 14. Eles tiveram seus barracos desmontados um dia antes pelos funcionários da Secretaria de Planejamento Urbano, responsáveis pela Operação Vigilância. [...]. ‘A prefeitura sequer mostrou uma ordem judicial’, denuncia o líder do acampamento, Jorge Pais Carvalho. [...] ‘Agora que já iniciamos a construção das casas, eles querem nos tirar’, alega. Jorge explica que as famílias querem pagar pelos terrenos de alguma forma. ‘Vamos arcar com água, luz e impostos. Não queremos nada de graça’, justifica o líder. Segundo ele, todos estão organizados para erguer a ‘Vila do Sossego’, nome com que foi batizado o local. [...] A maioria dos ocupantes são jovens vindos da periferia de Canoas. (p. 3).¹²⁰

‘Queremos morar e queremos pagar’, garante um dos integrantes da comissão de negociação, Luiz Carlos dos Santos. ‘O movimento foi pacífico e tranquilo, só queremos ter a certeza da definição da questão’, ressalta Aguielo Jesus Leite, um motorista de ônibus que, casado, dois filhos e um salário aproximado de Cr\$ 1 milhão, estava pagando cerca Cr\$ 450 mil de aluguel por um apartamento de um dormitório. (p. 2).¹²¹

O desejo de obter um lugar para morar não rompe com a lógica da mercadoria, uma vez que são recorrentes as afirmações de que os ocupantes desejam pagar pelo lugar, presentes em diferentes periódicos: “Só queremos um lugar para morar, um canto sossegado

¹¹⁹ INVASÕES: vilas e terrenos vigiados. **Radar**, Canoas, 18 mar. 1993.

¹²⁰ RETIRADOS invasores da área verde do Guajuviras: 31 famílias tiveram seus barracos desmontados por funcionários da Secretaria de Planejamento Urbano. **Radar**, Canoas, 15 abr. 1993.

¹²¹ FLORES, Lourenço. Área da COHAB invadida por 31 famílias: ocupantes já emarcaram lotes e formaram uma comissão para negociar com a companhia. **Diário de Canoas**, Canoas, 3 ago. 1992.

para construir uma casinha – por isso o nome escolhido – e pagamos o que for possível para isso. [relato de um jovem ocupante removido]” (p. 3)¹²².

Entre as ocupações dessa primeira etapa, a Vila Pantanal¹²³ é mencionada no Diário de Canoas, referindo sua existência a período anterior à década de 1990: “O sucateiro Brito diz que foi um dos primeiros a chegar à invasão Pantanal. Brito diz que em dez anos viu muita coisa mudar na área.” (p. 3)¹²⁴. A Vila São Miguel, importante referência espacial do Guajuviras, tem início no final de 1992. A ocupação São Miguel, segundo o periódico, deu-se de forma organizada, com os moradores estruturando creche, sede social, comércio local, arruamento. A reportagem declara ainda que a ocupação estaria em diálogos com a Corsan para o abastecimento regular de água. O crescimento de ocupações dentro do Guajuviras em terras do Estado intensifica-se ao longo da década de 1990.

Já Paulo César Linck Gomes, 23 anos, acompanhado pela mulher, grávida de seis meses, morava no terreno dos pais, na Estância Velha. ‘Como a gente é pobre, não tem como comprar um terreno, e não dá para continuar vivendo daquele jeito [...]’.
(p. 3).¹²⁵

O embate entre ocupantes e ordem pública dá-se, de um lado, através da repressão do Estado, e, de outro, através dos invasores em táticas, práticas de obtenção de um espaço para posterior fixação. De início, as ocupações (Figura 7) são compostas por barracos de lona, casas com sobras de materiais de construção. As ruas, intransitáveis, com tocos de eucalipto, ajudam a proteção dos ocupantes, uma vez que no primeiro momento o Estado é o opressor. Ocupam famílias, irmãos, tios, tias, pai, mãe; portanto, é comum encontrar vilas com núcleos familiares morando próximos.

¹²² FLORES, Lourenço. Invasão: desmontadas casas de 31 famílias. **Diário de Canoas**, Canoas, 14 abr. 1993.

¹²³ Segundo entrevista realizada com técnicos do setor de Regularização Fundiária da Prefeitura de Canoas/RS em 11 de novembro de 2014, a Vila Pantanal, presente no levantamento dos periódicos e em narrativas corresponde a Vila São José, da qual também faz parte o local denominado por moradores/as como Parque São José.

¹²⁴ COSTA, José Luis. Moradores de invasões enfrentam dificuldades. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 out. 1996.

¹²⁵ FLORES, Lourenço. Invasão: desmontadas casas de 31 famílias. **Diário de Canoas**, Canoas, 14 abr. 1993.

Figura 7 – Casas em meio aos eucaliptos



Fonte: PREFEITURA... (1993, p. 1).

Nas ocupações há pessoas de todos os tipos, o que, associado ao difícil e não desejado acesso da polícia e falta de iluminação, propicia atos de contravenção. Com o passar do tempo e a consolidação da ocupação, os barracos transformam-se em casas de madeira, alvenaria, instala-se um pequeno comércio, uma ferragem, muito útil no início da ocupação, em que canos, fios, materiais de construção são importantes, mercearias e pequenos armazéns para abastecimento de alimentação e material de limpeza. Assim, as ocupações passam por inúmeros processos de transformação física, embora os símbolos e significados sejam mais resistentes às alterações, conformando o imaginário das vilas como espaços depreciados.

No jogo de forças, a administração municipal faz uso de diversos instrumentos de coerção, atravessando múltiplas administrações, como as políticas de Lagranha e Conter em impedir novas ocupações em Canoas. Outra estratégia é limitar o acesso às condições básicas de existência na cidade, como o abastecimento de energia elétrica, água e saneamento, o que pode ser confirmado no impedimento de que CEEE e CORSAN fizessem a instalação de energia elétrica e de água nas vilas irregulares e o cercamento das áreas verdes. Todavia, como fica explícito nos processos ocorridos no Guajuviras, no espaço urbano tem-se o embate de diferentes atores em relações de força que, embora preponderem nas instituições, não lhes são exclusivas.

Prefeitura veta instalação de água e luz nas invasões. (p. 1).¹²⁶

Depois de muita pressão de dezenas de moradores de vilas irregulares que lotaram as galerias da Câmara Municipal, na sessão de ontem à noite, os vereadores, inclusive a bancada do PPR, aprovaram o Decreto Legislativo que acaba com as proibições do prefeito Liberty Conter à instalação de água e luz nas áreas invadidas. (p. 1).¹²⁷

Na tarde de quinta-feira, as mais de 500 famílias da invasão Parque São José, ficaram totalmente sem luz. Uma equipe da CEEE, respaldada por mais de uma dezena de policiais militares, fez o corte de energia nas ligações clandestinas, inclusive levando embora os fios, sob o olhar espantado e indignado dos ocupantes da área. (p. 2).¹²⁸

Outra ocupação importante desse período foi o Parque São José, que, segundo reportagem do Diário de Canoas de 2 de fevereiro de 1994, existia aproximadamente desde 1989 em área da Academia de Polícia.¹²⁹ Embora uma ocupação antiga, apenas em 1994 foram iniciados os processos de instalação de energia elétrica e abastecimento regular de água. Até mesmo esses serviços que, simultaneamente, melhorariam as condições de vida dos moradores, contribuiriam com as contas públicas e conteriam os precários abastecimentos irregulares, constituíam objeto de discursos contrários às ocupações, como observado no depoimento de Hermeto Lagranha: “[...] o problema se agrava quando se dá um pouco de infraestrutura. 'Depois nós é que temos que dar colégio, creche, assistência médica no local', justifica.” (p. 5)¹³⁰. Somente em 1995 o serviço de energia elétrica foi regularizado.¹³¹

Ainda que a ocupação remeta a uma origem específica, sua expansão pode ser constante e por longos períodos, nos quais as vilas avançam sobre os eucaliptos. A motivação é a falta de condições de participar da cidade formal através da moradia como mercadoria. Assim é na Vila São Miguel, Parque São José e tantas outras, em que sua constituição dá-se como subversão à cidade formal, ainda que o desejo seja participar dela.

A história das famílias iniciou há cerca de cinco anos, quando existia apenas uma floresta de eucaliptos no local. No começo, eram poucos os invasores, na sua maioria pessoas cansadas de ver aluguéis exorbitantes e, a cada fim de mês, ter menos condições financeiras para manter-se. Havia, também, casos de pessoas que moravam com parentes em pequenas casas e não conseguiam adaptar-se. A situação foi crescendo e há um ano e meio o número de famílias que procurou a invasão de São José teve um aumento considerável. (p. 3).¹³²

¹²⁶ O TIMONEIRO. Canoas, 28 maio a 3 jun. 1993.

¹²⁷ FLORES, Lourenço. Câmara derruba proibições do prefeito Dick. **Diário de Canoas**, Canoas, 31 ago. 1993.

¹²⁸ VEREADORES negociam solução com Dick. **Diário de Canoas**, Canoas, 23-24 jul. 1994.

¹²⁹ KOTHE, Raquel. Moradores pedem infraestrutura. **Diário de Canoas**, Canoas, 2 fev. 1994.

¹³⁰ KOTHE, Raquel. Instalação de luz em invasão é embargada. **Diário de Canoas**, Canoas, 16-17 abr. 1994.

¹³¹ OLIVEIRA, Cláudia. Regularizada situação na Vila São José. **Diário de Canoas**, Canoas, 7 mar. 1995.

¹³² KOTHE, Raquel. Moradores pedem infraestrutura. **Diário de Canoas**, Canoas, 2 fev. 1994.

Olímpio Cardoso, 55 anos, de machado em punho corta um eucalipto para dar continuidade a sua nova casa, a primeira moradia própria de sua vida, onde abriga a mulher e o filho de sete anos. Ganha um salário mínimo e pagava aluguel no bairro Mathias. 'Aqui estou contente'. (p. 5).¹³³

Somente após a consolidação das ocupações é que a administração municipal passa a dar início ao abastecimento de água nas Vilas São José e São Miguel, em maio de 1997, sob nova administração de Hugo Lagranha. As ações deram-se em cooperação com a comunidade local, que fez mutirão para a instalação dos equipamentos.¹³⁴ No mesmo período, são reforçadas as referências às Vilas Pantanal e São João: “No próximo dia 26, às 10h, as vilas São João, Pantanal e Estrada do Nazário passam a receber água da Companhia Rio-grandense de saneamento (CORSAN), dentro do programa 100% legal.” (p. 8)¹³⁵.

Segundo estudos da prefeitura de Canoas/RS, publicados no Diário de Canoas de 26 de outubro de 1996, o município possuía no referido ano 29 mil pessoas (9,7% da população) vivendo em 36 áreas públicas ocupadas. A maioria delas provenientes de Canoas (55%), da RMPA (16%) e do interior (25%), o que reforça o caráter de crescimento e fragmentação familiar interno no município.¹³⁶ Entre as vilas identificadas em anos anteriores a 1999, estão: Esperança II; Nazário; São Miguel; São João; Pantanal; Parque São José; ocupação sob os fios de alta tensão da CEEE. Na Figura 8, a partir de fotografias aéreas de 1990, é possível visualizar o início de algumas ocupações, como a Vila São José, a Estrada da Esperança, a Escola Jussara Polidoro, assim como identificar os locais onde as ocupações seguintes iriam ocorrer durante a década de 1990, em 1999 e na década de 2000.

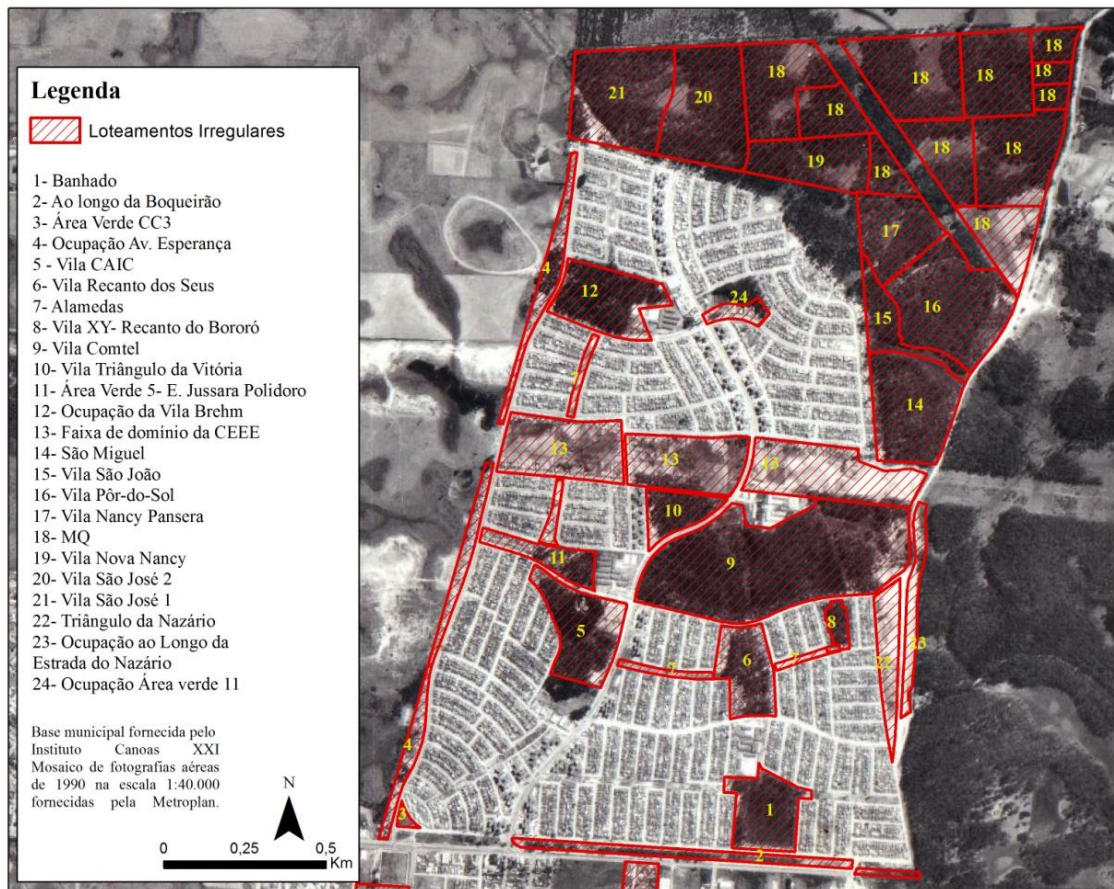
¹³³ PASTORE, Maristela. Invasões desrespeitam advertências. **Diário de Canoas**, Canoas, 24 mar. 1994.

¹³⁴ MUTIRÃO garante água para vila São Miguel. **Diário de Canoas**, Canoas, 12 maio 1997. VILA São Miguel forma um mutirão para ter água. **Diário de Canoas**, Canoas, 12 maio 1997.

¹³⁵ GONZAGA, Luiz. São João, Pantanal e Nazário receberão água. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 jul. 1997.

¹³⁶ COSTA, José Luis. Habitação irregular atinge 9,7% da população. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 out. 1996.

Figura 8 – Localização das vilas irregulares em fotografias aéreas de 1990



Fonte: Base municipal fornecida pelo Instituto Canoas XXI.

Nota: Elaboração da autora.

A pressão por moradia persiste e ocupações dentro do Guajuviras são comuns, revelando o crescimento interno ao bairro, no qual tanto o crescimento familiar e/ou de núcleos familiares dos moradores do Conjunto Habitacional, como o das ocupações de áreas verdes estimulam novas ocupações, como expõe a reportagem sobre ocupação de um campo de futebol no São José: “[...] ficou constatado que 90% dos ocupantes são moradores do Parque São José, com deficiência de moradia. [...]” (p. 10)¹³⁷. O Guajuviras, com extensas áreas verdes, é, desde sua origem, objeto de múltiplas ocupações, sendo o ano de 1999 o marco de um evento de ocupações em Canoas e, em especial, no Guajuviras.

¹³⁷ GONÇALVES, Iara. Invasores chegam a uma solução. *Diário de Canoas*, Canoas, 1 abr. 1998.

3.3.2 As ocupações de março de 1999

O primeiro grande evento de ocupação do Guajuviras foi o CHIM em 1987; o segundo foi marcado por diversas ocupações que ocorreram em março de 1999, em terrenos de particulares, do Estado e em áreas repassadas ao município. A partir de março de 1999 ocorreram múltiplas ocupações na cidade e, em especial, no Guajuviras, como as quadras X e Z, que estariam destinadas a remoções de moradores de outros bairros situados embaixo de fios de alta tensão, que foi invadida por aproximadamente 50 famílias.¹³⁸ Em poucos dias já havia dez áreas de ocupação no Guajuviras (Tabela 3). Os periódicos apontam que as ocupações ocorreram em locais próximos às escolas, como as ocupações da Escola Guajuviras e da Escola Cônego José Leão Hartmann, ocupação da estrada do Nazário, próxima a Vila São Miguel, área entre mato e banhado no Setor 2. Das dez áreas ocupadas, 7 pertenciam ao município e 3 ao Estado.¹³⁹

Grande área que forma o Bairro Guajuviras está lotada de barracas de lona, todas improvisadas, cadeiras e até sofás, dispostos em espaços delimitados com cordas, formando novos lotes, em banhados, em canteiro onde um dia funcionou uma pracinha. Até a tarde de ontem, segundo estimativa da Secretaria Municipal de Planejamento, 500 famílias ocupavam dez pontos de terras (todas públicas) no Guajuviras, mas ainda haviam pessoas engrossando as fileiras da invasão. Em torno de 80% das terras pertencentes ao município no Guajuviras estão nas mãos dos ocupantes. [...] Das dez áreas tomadas, sete (incluindo áreas verdes) são do município e apenas três pertencem ao Estado (à extinta COHAB, que também ingressou com pedido de reintegração de posse). (p. 3).¹⁴⁰

Os diálogos entre Estado, através do secretário de Habitação da época, Ari Vanazzi¹⁴¹, e a Prefeitura, através do prefeito Hugo Lagranha¹⁴² e do secretário municipal de Planejamento Urbano, Gilberto Coelho, sobre as ocupações e possíveis soluções foram marcados por atritos. Contudo, a intenção de ambas as partes era a desocupação das áreas.

¹³⁸ IMPASSE em invasão no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 17 mar. 1999.

¹³⁹ VARELLA, Neco. Áreas do conjunto habitacional Guajuviras recebem 500 famílias invasoras. **Diário de Canoas**, Canoas, 24 mar. 1999.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 3.

¹⁴¹ Secretário de Habitação durante o mandato de Olívio Dutra como governador do Rio Grande do Sul (RS), eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para o período de 1 de janeiro de 1999 a 31 de dezembro de 2002.

¹⁴² 4º Mandado de Hugo Lagranha como prefeito de Canoas. Esse mandato, como prefeito eleito, foi para o período de 1 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000.

Tabela 3 – Ocupações em Canoas/RS e no Guajuviras em 1999

Data da Ocupação	Local	Nº de Famílias
14/03/1999	Quadras XY - Guajuviras	50
18/03/1999	Estrada do Nazário - Guajuviras	50
20/03/1999	Em frente ao colégio Guajuviras (seria o Recanto dos Seus?)	76
21/03/1999	Área do Nazário – Vila São Miguel -Guajuviras	60
23/03/1999	Avenida Boqueirão – Guajuviras	60
24/03/1999	Setor 2 – Guajuviras	70
25/03/1999	Áreas do Scotta/Collaziol e CTG Cheior da Terra – Jardim Atlântico	37
28/03/1999	Rua da Barca – Mathias Velho	77
28/03/1999	Chácara dos Vasconcelos – Rua da Barca	200
11/04/1999	Terra dos Bertoldo – Estância Velha	90
11/04/1999	Rua da Barca (nova ocupação após despejo)	200
12/04/1999	Áreas da Bolognesi – Porto Belo	50
15/04/1999	Área próxima a Biachini – Mato Grande	200
	DTG Herdeiros do Pampa – Setor 6, frente quadra G- Guajuviras	34
	Área verde nos fundos da Escola Santos Drummond – Guajuviras	Não informado
	Área verde entro os setores 5 e 6 – Guajuviras	10
	Praça entre os Setores 5 e 6	Não informado
	Terras próximas a Brigada Militar – Setor	Não informado
Total Parcial obtido nos levantamentos¹⁴³		1264

Fonte: Sistematização da autora.

Nota: Levantamento de notícias do Diário de Canoas sobre ocupações entre março e abril de 1999.

Esse processo é resultado do intenso déficit habitacional e da ausência de políticas públicas para habitação no município. Segundo estimativas da Secretaria Municipal de Planejamento, publicados no Diário de Canoas, no período das ocupações Canoas possuía em torno de 25% de sua população vivendo em área invadida, com um déficit habitacional próximo a 80-100 mil moradias.

Todas as áreas públicas nos 360 hectares do Conjunto Habitacional Guajuviras, incluindo oito áreas verdes e alamedas, estão ocupadas. É o equivalente a 15% de toda a extensão do bairro. Enquanto Estado e Prefeitura negociavam ontem à tarde alternativas para desfazer a invasão, novas porções de terra eram tomadas. [...] O secretário especial de habitação, Ary Vanazzi, solicitou a presença da Brigada Militar no bairro para acompanhar a movimentação. No início da noite, o comando do 15º BPM informou que o policiamento foi reforçado no Guajuviras e áreas próximas. (p. 3).¹⁴⁴

¹⁴³ As ocupações correspondem a movimentos constantes de ingresso e saída de ocupantes, o que conduz a necessidade de compreender esses valores como indicadores do processo, não como dados concretos e finais.

¹⁴⁴ ÁREAS públicas do Guajuviras estão totalmente invadidas. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 mar. 1999.

A maior ocupação do Guajuviras, a Comtel, não é evidenciada nesse primeiro momento. Alguns indícios são encontrados, como a notícia de ocupação¹⁴⁵, por 70 famílias, de uma área próxima à Escola Cônego José Leão Hartmann ou na referência à Comtel: “Na ocupação do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, na área atrás da Comtel, vivem cerca de 300 famílias” (p. 3)¹⁴⁶. As notícias indicam a Comtel em processo de produção, com crescente número de ocupantes ao longo do tempo. Ocupações em áreas extensas como essa ocorrem continuamente por um período mais prolongado, com a substituição constante dos eucaliptos por casas e barracas. “Hoje o trabalho prossegue nas áreas invadidas do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti (Guajuviras), nas proximidades da Comtel. Neste local estão mais de 700 famílias. [...]” (p. 5)¹⁴⁷.

Segundo dados apresentados pela Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e divulgados pelo Diário de Canoas, o município teria 14 áreas em processos de ocupação, com 1.163 crianças, 273 adolescentes, 41 crianças entre zero e 13 anos e 92 adolescentes de 14 e 17 anos fora da escola. Nas ocupações estariam vivendo aproximadamente 1.115 famílias, 279 estariam desempregados; 962 famílias seriam de Canoas e 53 de outros municípios.¹⁴⁸

Rosane da Silva, que se instalou há 18 dias numa barraca na área entre as quadras X e Y, conta que morava com a mãe no Guajuviras, onde já residem três famílias. Com duas crianças, Rosane diz que busca garantir seu ‘cantinho’. Na barraca ela e o marido revezam de noite e de dia para segurar o lugar. (p. 6).¹⁴⁹

As condições de vida nas ocupações (Figuras 9, 10 e 11) revelam o problema social do solo urbano e a habitação constituírem-se como mercadorias regidas pelo valor de troca e pela especulação imobiliária. Famílias numerosas e mais de um núcleo familiar coabitando, novas famílias em busca de moradia, mas sem condições de adquiri-la são algumas das motivações para as ocupações que ocorreram nesse período. A luta por moradia é uma das etapas de opressão e violências às quais a população pobre está sujeita, mas também é um percurso do direito à cidade.

¹⁴⁵ MAIS quatro invasões no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 23 mar. 1999.

¹⁴⁶ ÁREAS invadidas na Fazenda Guajuviras serão retomadas. **Diário de Canoas**, Canoas, 2 jun. 1999.

¹⁴⁷ MAIS de 300 famílias cadastradas. **Diário de Canoas**, Canoas, 14 jun. 1999.

¹⁴⁸ SEM-TETO procuram direitos humanos. **Diário de Canoas**, Canoas, 27 maio 1999.

¹⁴⁹ FAMÍLIAS de invasores podem ser reassentadas. **Diário de Canoas**, Canoas, 6 abr. 1999.

Janice da Silva Vieira, que tem sete filhos, de 14, 12, 10, 5, 4, 2 e 1 ano foi uma das beneficiadas com os agasalhos. A mulher conta que vive com apenas R\$130,00 pagos como benefício ao filho mais velho, que é doente. O marido é presidiário. Ela saiu do bairro Mato Grande com os filhos que apenas agora retornam à escola. (p. 3).¹⁵⁰

[...] Paulo Antônio Hiski, 30 [ocupante da Comtel]. Com três filhos, Paulo está desempregado. Para suportar as noites geladas, improvisou um fogão no chão com algumas telhas. 'Até agora as crianças não ficaram doentes', declara, mas observa que 'ainda tem muito inverno pela frente'. (p. 3).¹⁵¹

Figura 9 – Notícia sobre reintegração de posse



Fonte: MUNICÍPIO... (1999, p. 1).

Figura 10 – Tumulto na ocupação X e Z



Fonte: TUMULTO... (1999, p. 1).

Figura 11 – Homem com filho entre os eucaliptos



Fonte: MAIS... (1999, p. 5).

¹⁵⁰ ROUPAS e alimentos para os invasores. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 maio 1999.

¹⁵¹ ÁREAS invadidas na Fazenda Guajuviras serão retomadas. **Diário de Canoas**, Canoas, 2 jun. 1999.

A violência do Estado está presente nas repetidas ações de reintegração de posse, na inconsistência das propostas da Administração Municipal e Estadual para a população de ocupantes e a ausência de políticas públicas de habitação. O município de Canoas tem, nas organizações vinculadas à indústria, fortes atores que orientam/influenciam as ações políticas no município. Assim, não causa estranhamento que o processo de ocupações tenha sido discutido pela Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Canoas (CICS), juntamente com a Associação de Jovens Empresários de Canoas, o Conselho Comunitário Pró-Segurança Pública (Consepro Canoas), o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul (CREA), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, a Associação das Empresas do Mercado Imobiliário, o Rotary Club e o Sindicato das Indústrias Metal Mecânicas e Eletro Eletrônicas de Canoas e Nova Santa Rita (Simecan).¹⁵² Também é evidente a posição, nesse jogo de forças, dos ocupantes, uma vez que o tema é discutido sem a representação deles.

Foram inúmeros processos de reintegração de posse solicitados pela Prefeitura e pelo Estado. Em 27 de março foi emitida uma liminar da Justiça determinando a desocupação de três áreas públicas.¹⁵³ Contudo, essa ação foi suspensa.¹⁵⁴ Esse embate segue nos meses seguintes, o que pode ser observado a partir dos títulos das reportagens do Diário de Canoas:

- Invasores esperam decisão judicial (05/04/99, p 3);
- Situação dos invasores permanece inalterada (06/04/99, p. 5);
- Governo do Estado consegue na justiça a primeira reintegração de posse (13/04/99, p. 3);
- Município vai retomar áreas verdes invadidas (18/05/99, capa);
- Invasores ganham recurso na Justiça e prefeito corta combustível da BM¹⁵⁵ (19/05/99, p. 3);
- Sem teto procuram direitos humanos (27/05/99, p. 6);
- Áreas invadidas na fazenda Guajuviras serão retomadas (02/06/99, p. 3);
- Município e brigada militar preparam desocupação (17/06/99, p. 9);
- Sem teto são retirados de ares da fazenda Guajuviras (25/06/99, p. 3).

¹⁵² FÓRUM das entidades discute as invasões. **Diário de Canoas**, Canoas, 11 maio 1999.

¹⁵³ LIMINAR da Justiça determina desocupação de áreas. **Diário de Canoas**, Canoas, 27 mar. 1999.

¹⁵⁴ INVASORES podem permanecer em terrenos públicos por decisão judicial. **Diário de Canoas**, Canoas, 31 mar. 1999.

¹⁵⁵ Essa foi uma das ações associadas aos atritos entre prefeitura e estado.

Algumas áreas públicas da Fazenda Guajuviras tiveram a reintegração de posse e retirada dos ocupantes, como o local indicado ao longo da estrada do Nazário. Para tanto, participaram 200 homens do Batalhão de Operações Especiais da Brigada Militar de Porto Alegre, Novo Hamburgo e Canoas.¹⁵⁶ A Fazenda do Guajuviras é uma área de interesse para o município e para a Câmara de Indústria e Comércio, e novas ocupações interferiam no planejamento de transformá-la em distrito industrial.

Outro aspecto levantado pelo vice-presidente de patrimônio da Cics, Antônio Benin, é que a prefeitura resolva o problema das invasões de áreas públicas. Ele diz que o acesso à Fazenda Guajuviras é o 'cartão de visitas' para o Distrito. No entanto, está 'tomado por malocas', o que poderá afastar investimentos na área. [...]. (p. 3).¹⁵⁷

Uma das consequências da inexistência de ações concretas para o problema habitacional é o crescente processo de ocupações urbanas, que, no Guajuviras, pela quantidade de terras públicas, é proeminente. A administração pública, em embates entre Município e Estado, lamenta não poder fazer uso da força como em outros momentos históricos e como nas administrações anteriores:

Segundo Lagranha não há como ter uma política habitacional num município que não possui área e não tem também como intervir junto ao governo do Estado, para a cedência de terras, porque o governo estadual não estaria atendendo-o. O prefeito diz também que 'precisa é um novo AI-5', se referindo ao Ato Institucional nº 5, editado em 1968, e que dava ao governo militar completa liberdade de legislar em política, economia, eleições e tributos, permitindo todos os tipos de repressão aos opositores do Regime Militar de 1964. (p. 6).¹⁵⁸

A inconsistência das políticas públicas é evidente nos embates entre administração municipal e estadual. Após discussões, a prefeitura solicitou ao governo do Estado o repasse de 37 hectares de uma área ao norte do Guajuviras, junto à Academia de Polícia Civil, pertencente ao Governo do Estado, para realocar as famílias invasoras das áreas verdes de Canoas. A prefeitura se responsabilizaria pela infraestrutura. Segundo a Secretaria de Planejamento Urbano, a área poderia assentar 3 mil famílias.¹⁵⁹ No entanto, o Estado comprometeu-se em ceder 10 hectares da área pertencente à Acadepol, com a condição de que quatro hectares seriam destinados às famílias que já ocupavam aquela área e que dois hectares seriam destinados a um projeto habitacional para famílias de servidores da Justiça. Ficam

¹⁵⁶ SEM-TETO são retirados de áreas na Fazenda Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 25 jun. 1999.

¹⁵⁷ ATÉ o final do ano será publicado edital para o Distrito empresarial Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 29 set. 1999.

¹⁵⁸ SEM-TETO acampam na prefeitura. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 abr. 1999.

¹⁵⁹ PREFEITURA de Canoas apresenta proposta e aguarda definição do estado. **Diário de Canoas**, Canoas, 4 maio 1999.

evidentes as inconsistências da política pública, com o agravante de que a área não seria capaz de contemplar todos os invasores. Após um ano das ocupações, o Diário de Canoas noticiava:

Segundo a vice-presidente da Associação dos Sem-teto, Mara Rosane Pereira Druziano, atualmente, cerca de 1,6 mil famílias vivem em 16 áreas ocupadas. O loteamento para onde serão transferidos irá abrigar 720 famílias. Os ocupantes que não forem contemplados com os lotes terão que sair das áreas verdes. (p. 3).¹⁶⁰

O projeto de reassentamento é contraditório: ao mesmo tempo em que os ocupantes vão se estabelecendo em suas áreas, substituindo as barracas por casas de madeira e essas por casas de alvenaria, a matemática das instituições públicas previamente explicita que nem todos ocupantes seriam contemplados. Segundo levantamento sobre a população de ocupantes, foram identificadas 1,6 mil pessoas, número muito superior à previsão de assentamentos.¹⁶¹

[...] E, mesmo tendo consciência de que o lugar não é apropriado a moradias e que o estado e município formalizam a destinação da área para reassentamento – são dez hectares para 700 famílias na Estrada do Nazário – cresce o número de casas construídas, as que já existem são ampliadas e se expande cada vez mais o comércio informal. [...]. (p. 10).¹⁶²

As áreas ocupadas a partir de março do ano anterior paulatinamente consolidam-se, passando a ser mencionadas pelos nomes atuais: Boqueirão, Fundos do Chalé, Banhado, frente da Escola Um, Quadras X e Y, região das antenas, Triângulo da Nazário, Caic, Triângulo da Vitória, área dos cabos e soldados, próxima a escola Nancy Pansera e área da Comtel.¹⁶³

Conforme as ocupações vão se consolidando, as questões do abastecimento de água e energia elétrica, o saneamento público e as melhorias nos arruamentos e conseqüentemente na segurança pública – uma vez que o arruamento possibilita a entrada de coleta pública de resíduos, policiamento e ambulâncias – passam a adquirir mais visibilidade e constituir demanda dos ocupantes.

Em julho de 2001 iniciam obras de arruamento na ocupação Caic, com a retirada de tocos de árvores, o que leva à dedução de que nem mesmo a administração municipal concebia remover as ocupações. No mesmo ano, a administração municipal, ao obter na

¹⁶⁰ ÁREAS públicas de Canoas começaram a ser invadidas há um ano. **Diário de Canoas**, Canoas, 14 mar. 2000.

¹⁶¹ CADASTRADOS 1,6 mil invasores. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 ago. 2000.

¹⁶² INVASORES se fixam no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 21 out. 2000.

¹⁶³ ÁREAS públicas de Canoas começaram a ser invadidas há um ano. **Diário de Canoas**, Canoas, 14 mar. 2000.

Justiça a determinação de desocupação das áreas, solicita mais tempo, pois há o problema de o que fazer com aproximadamente 1,7 mil pessoas: “Em 31 de agosto passado o judiciário definiu que os moradores devem deixar a área. Agora a dificuldade é acomodá-los em outro local [...]” (p. 1)¹⁶⁴. Com a indefinição há três anos da área de 10 hectares, a administração municipal declara que não irá executar a reintegração de posse, podendo os ocupantes permanecer até a prefeitura ter condições de realocá-los.¹⁶⁵

A permanência impulsiona para outras demandas como o abastecimento de luz, água, saneamento e pavimentação. Assim como a possibilidade de permanência, o acesso legal aos serviços públicos é fruto de embates e protestos: é um urbano da luta cotidiana. O abastecimento dos serviços básicos libera a população da água que vinha fraca e da luz com quedas das ligações irregulares. Com o abastecimento regular, tem-se também um endereço e, com isso, um pertencimento formal à cidade. Foram aproximadamente 5 anos vivendo nessas condições, alteradas a partir de 2004, quando foi firmada parceria entre Prefeitura e AES Sul distribuidora de Energia S.A. para expandir a rede elétrica a 11 vilas irregulares.¹⁶⁶ Somente um ano depois o abastecimento de água passou a ser realizado nas ocupações no Guajuviras.¹⁶⁷

3.3.3 Ocupações e política habitacional nos 103 hectares

A pressão sobre a área de reassentamentos, somada à inconsistência dos discursos das instituições públicas sobre as questões de regularização urbana, culminou em outubro de 2000, com a ocupação de cem lotes da área destinada à remoção das famílias por moradores da Vila São João, que, posteriormente, foram retirados. “Estamos cansados de viver no lodo, sempre correndo com os filhos para o hospital” (p. 3)¹⁶⁸, lamentou a dona de casa Ana Lúcia de Oliveira, uma das invasoras do terreno. A insalubridade e falta de regularização de outras áreas já ocupadas motivaram a nova ocupação. “No Beco onde moramos é horrível. O esgoto corre entre as casas e quando chove, alaga tudo” (p. 3)¹⁶⁹, relatou Gélson Lutz.

A área destinada a reassentamentos cresce em número de ocupações e instalação de pequenos comércios locais. O acesso informal à água e luz depende das astúcias dos

¹⁶⁴ JUSTIÇA determina desocupação de áreas verdes do Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 15 set. 2001.

¹⁶⁵ OCUPANTES do Guajuviras vão permanecer nas áreas. **Diário de Canoas**, Canoas, 8 abr. 2002.

¹⁶⁶ PARCERIA leva luz elétrica a 11 vilas irregulares. **Diário de Canoas**, Canoas, 23-24 fev. 2004. ONZE vilas terão energia elétrica. **Diário de Canoas**, Canoas, 23-24 fev. 2004.

¹⁶⁷ INSTALAÇÃO de água na Comtel deve iniciar logo. **Diário de Canoas**, Canoas, 4 maio 2005.

¹⁶⁸ FAMÍLIAS invadem área do Estado. **Diário de Canoas**, Canoas, 14 out. 2000.

¹⁶⁹ FAMÍLIAS invadem área do Estado. **Diário de Canoas**, Canoas, 14 out. 2000.

moradores e das redes de solidariedade entre ocupantes e moradores já estabelecidos, com acesso regular ao serviço.

A dona de casa Doraci Bernardo, 40 anos, está ampliando a casa. Ela acredita que será difícil que ocorra a retira das famílias do local. O mesmo acontece com a comerciante Alice Beatriz Salevane, 24. Para incrementar a renda da família, ele resolveu colocar um brechó (comércio de roupas usadas) na sua residência. (p. 10).¹⁷⁰

Os/as moradores/as são assolados no verão pelo calor e acesso limitado à água; no inverno, pelos problemas de umidade devido à proximidade de banhados. Além disso, sofriam com o esgoto que corria nas improvisadas vias públicas, não raro com tocos de eucalipto no meio, com a violência local em pontos de tráfico, com a ação repressiva do Estado e a violência simbólica que os reduz à condição de invasores.

Em 2001 o Fórum das Entidades segue discutindo com a administração pública “o problema das invasões”, as quais consideram prejudiciais à cidade, uma vez que permanece o interesse em constituir na Fazenda Guajuviras um distrito industrial e um parque de lazer. Em reunião, o então prefeito Marcos Antônio Ronchetti¹⁷¹ argumenta que Canoas precisaria perder o estigma de cidade das ocupações.¹⁷² As ocupações são consideradas como inibidoras do desenvolvimento e o Fórum das entidades solicita ações da Prefeitura, uma vez que os interesses das entidades no local não são os mesmos dos ocupantes.

[...] Vistas como ‘inibidoras do desenvolvimento de Canoas’, pelo presidente do Fórum, Egídio Dall’Agnol, as ocupações irregulares de áreas públicas preocupam pelas condições subumanas e pela ‘impressão ruim’ que passam do município. (p. 3).¹⁷³

Algumas instituições, como o Canoas Country Club, pressionam a administração com o intuito de combater a questão das moradias irregulares. Em reunião-almoço com representantes da Prefeitura e do capitão da Brigada Militar Osório Biazus, a questão das moradias irregulares foi discutida, em especial as do Guajuviras, foco de múltiplos interesses a partir do distrito industrial e parque de preservação. Representante do Canoas Country Club, Osório Biazus sugere que a Prefeitura faça melhorias nas moradias, uma vez que a retirada parece improvável. No entanto, assim como as administrações anteriores, o prefeito

¹⁷⁰ INVASORES se fixam no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 21 out. 2000.

¹⁷¹ Prefeito de Canoas pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), eleito para dois mandatos, de 1 de janeiro de 2001 a 31 de dezembro de 2008.

¹⁷² ENTIDADES pedem providências contra as invasões. **Diário de Canoas**, Canoas, 22 fev. 2001.

¹⁷³ ENTIDADES querem fim das invasões. **Diário de Canoas**, Canoas, 22 fev. 2001.

demonstra acreditar que ações de melhoria seriam atrativos a novas ocupações, como segue em notícia do Diário de Canoas: “Ao mesmo tempo que melhoramos as condições de vida dessa gente, poderemos estar incentivando a invasão de outras áreas, disse.” (p. 6)¹⁷⁴. O Canoas Country Club tem outro entendimento: “Temos que solucionar os problemas, pois precisamos trazer empresas pra cá e, da mesma forma, oferecer qualidade de vida aos canoenses [...]” (p. 5)¹⁷⁵.

Após dois anos das grandes ocupações, outras menores seguem ocorrendo no Guajuviras. Em março de 2001, uma área próxima à Vila Brehm, onde vivem cerca de 200 famílias, foi ocupada por moradores do próprio Guajuviras. A área da Acadepol torna-se mais visada para ocupações. A tensão predominante nos processos de ocupação leva à consolidação e destituição desses processos, a exemplo do que ocorreu em maio de 2002, quando um grupo ocupou o lugar pela manhã, não estando mais à noite quando a Brigada Militar foi intervir.¹⁷⁶ Em julho do mesmo ano a área foi novamente ocupada por aproximadamente 19 famílias, acirrando outra vez os embates entre Município e Estado, uma vez que a área pertencia ao Estado. O Município acusa o Estado de não conter as ocupações, que se expandem em direção à área de 10 hectares destinada ao loteamento, fazendo com que a fiscalização no local se tornasse mais ostensiva.¹⁷⁷ As ocupações evidenciam o próprio adensamento e a fragmentação familiar do Guajuviras:

[...] Entre os novos ocupantes da área há pessoas jovens. O desempregado Maurício Dutra, 18, vive uma situação difícil, pois já é casado e tem filho. Seu pai é policial militar e está ajudando-o a se instalar no local. ‘Preciso ter um lugar para a minha família’, justifica-se. O serralheiro Márcio Roberto Albuquerque Oliveira, 22, está noivo e diz que logo não poderá mais ficar na casa de sua mãe, no Guajuviras. Há três semanas ele está instalado no terreno da Acadepol. (p. 3).¹⁷⁸

As ocupações na área dos dez hectares da Acadepol e em direção a ela, contabilizando 377 famílias em janeiro de 2003, passou por diversas situações de ameaça de reintegração de posse.¹⁷⁹ Os ocupantes não foram retirados, mas precisaram comprometer-se em impedir o aumento de novas ocupações e contribuir no cadastramento dos atuais. Essa área da Acadepol veio a constituir o Loteamento Pôr-do-Sol.¹⁸⁰

¹⁷⁴ MOVIMENTO quer conter as invasões. **Diário de Canoas**, Canoas, 15 ago. 2001.

¹⁷⁵ INVASÕES discutidas na prefeitura. **Diário de Canoas**, Canoas, 3 set. 2001.

¹⁷⁶ INVADIDA área no bairro Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 1 maio 2002.

¹⁷⁷ EMBARGADAS obras de invasores. **Diário de Canoas**, Canoas, 23 jul. 2002.

¹⁷⁸ MAIS uma invasão na área da Acadepol. **Diário de Canoas**, Canoas, 16 jul. 2002.

¹⁷⁹ REUNIÃO orienta invasores da área da Acadepol. **Diário de Canoas**, Canoas, 31 jan. 2003.

¹⁸⁰ COMEÇA reassentamento na área da Acadepol. **Diário de Canoas**, Canoas, 3 out. 2003.

As obras no loteamento Pôr-do-Sol são provenientes da contrapartida da instalação da rede de alta tensão sobre o terreno onde passam linhas de transmissão interligando a usina termoelétrica de Canoas. Essa compensação seria destinada aos dez, dos 113 hectares do Estado¹⁸¹. A vila decorre de múltiplos processos de ocupação iniciados em 2002 e localiza-se na área de dez hectares da Acadepol.¹⁸² O convênio com a Petrobrás possibilitou que a área da antiga Acadebol recebesse infraestrutura:

A comunidade composta por 380 famílias no loteamento Pôr-do-sol, antiga invasão em uma área da Acadepol, na Estrada do Nazário, bairro Estância Velha, deverá ganhar infraestrutura completa até 2005. (p. 3).¹⁸³

Paralelamente às novas ocupações, outras, como Comtel e São João, seguem com problemas de abastecimento de água, que era feito através de bicas e carros-pipa. Após quatro anos de iniciada a ocupação, a Comtel passa a ser beneficiada com infraestrutura. No entanto, alguns entraves seguem atrasando as obras, como a necessidade de projetos de regularização da administração municipal. A precariedade das ruas, com tocos de eucalipto que dificultavam a ação policial no local, reforça o imaginário de área perigosa. “A prefeitura começou esta semana tratativas para levar rede de luz elétrica e de água e esgoto para as mil famílias que residem na vila Comtel, no Bairro Guajuviras.” (p. 7)¹⁸⁴.

Entre as constantes ocupações da cidade, muitas com retirada da população, em outubro de 2004 ocorreu a ocupação de área atrás da Escola Nancy Pansera, no Guajuviras.¹⁸⁵ Essas ocupações estimulam ações mais enérgicas da administração municipal para conter o fenômeno, como a contratação de guardas armados para proteger outras áreas. Com relação a isso, a declaração do secretário municipal de planejamento urbano, Busato, foi assim publicada:

Usaremos a tolerância zero com as novas invasões, destacou. Busato lembrou ainda que a responsabilidade do governo do Estado nessa questão também deve ser assumida, como no caso do terreno de 103 hectares no bairro Guajuviras, pertencentes à Academia de Polícia (Acadepol) que está protegido. O estado deve cuidar de suas áreas, falou. (p. 5).¹⁸⁶

¹⁸¹ A área de 103 hectares engloba também ocupações mais antigas, como o Parque São José, São Miguel, São João. É toda área externa ao Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti e suas áreas verdes.

¹⁸² PÔR do Sol começa a ser urbanizado em 120 dias. **Diário de Canoas**, Canoas, 17 mar. 2004.

¹⁸³ PÔR do Sol receberá infraestrutura. **Diário de Canoas**, Canoas, 10 nov. 2004.

¹⁸⁴ MORADORES da Comtel terão água e luz. **Diário de Canoas**, Canoas, 6 nov. 2003.

¹⁸⁵ DESOCUPAÇÃO agora depende da justiça. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 out. 2004.

¹⁸⁶ ENTIDADES discutem invasões de áreas. **Diário de Canoas**, Canoas, 1 dez. 2004.

Em decorrência da tolerância zero, foram instauradas ações para coibir a construção de “novos barracos” e a retirada de casas da ocupação próxima à Escola Nancy Pansera. Todavia, as pessoas/famílias instaladas, sem terem para onde ir, negaram a possibilidade de saírem.¹⁸⁷ Com o iminente perigo da remoção, marcado para o dia 13 do mês de março, os ocupantes adotam a estratégia de melhorar as moradias:

O bater do martelo quebrava, ontem pela manhã, o silêncio típico das zonas distantes de avenidas movimentadas. Contrariando as ordens da secretaria municipal de planejamento urbano, alguns ocupantes da área próxima à escola Nancy Pansera, bairro Guajuviras, tratavam de melhorar seus pequenos barracos. Um pregava pedaços de madeira para fechar os vãos na parede, outro cavava um buraco para instalar uma latrina. As mulheres na maioria nas casas na segunda-feira de manhã, tentavam cumprir a lida doméstica: buscar água para cozinhar e lavar roupa. A situação de precariedade, falta de luz, água e esgoto, além das moradias improvisadas, levam os invasores a erguer cercas e tentar alguma melhoria. A esperança é com acomodações mais dignas, sensibilizar os órgãos públicos e receber a autorização para permanecer no local. As irmãs Rita Fraga e Sônia Fraga estão no local há dois meses. Com elas, apenas a filha de Sônia, Larissa, 5 anos e a fé em Deus trazem esperança de um desfecho favorável aos ocupantes. Enquanto o prazo para a desocupação não chega, Rita trata de ganhar algum dinheiro vendendo pães caseiros. Aos 50 anos, Rita diz que é difícil conseguir emprego. Até construir um casebre na área irregular, ela trabalhava como diarista e morava de favor nos fundos da casa de conhecidos. [...]. (p. 5).¹⁸⁸

Como a produção do espaço está em constante disputa por diferentes atores, os ocupantes buscaram argumentos para combater a ação da administração municipal, como sua deslegitimidade no processo de reintegração de posse, uma vez que o terreno pertencia ao Estado, e a realização de protestos para permanecer no local. Moradores buscam formas de garantir a permanência na área ocupada, que teve mandato de reintegração de posse expedido. Eles ocupavam a área desde outubro de 2004.¹⁸⁹ Entre as tratativas para a permanência no lugar, o governo do Estado deveria doar o local à Prefeitura, que providenciaria a infraestrutura necessária. Assim, a ocupação Nancy Pansera consolidou-se, possibilitando a instalação de infraestrutura. “Governo Federal repassará R\$ 975 mil e município investirá R\$ 1,2 milhão. Obras de abertura de rua, colocação de postes, criação de lotes devem iniciar em março.” (p. 3)¹⁹⁰. Os recursos também viriam a beneficiar outras ocupações, como São Miguel, São João, Acadepol e Pôr-do-sol.

A área dos 103 hectares é também onde estão os macroquarteirões, produção de habitação popular que iniciou em 2006, a partir de recursos provindos de parceria entre

¹⁸⁷ FISCAIS da SMPU retiram barracos em invasão. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 fev. 2005.

¹⁸⁸ OCUPANTES permanecem no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 22 fev. 2005.

¹⁸⁹ INVASORES discutem hoje reintegração. **Diário de Canoas**, Canoas, 11 jun. 2005.

¹⁹⁰ URBANIZAÇÃO de Nancy deve iniciar em março. **Diário de Canoas**, Canoas, 20 fev. 2006.

Prefeitura, Governo Estadual e Governo Federal. A área foi dividida em 9 macroquarteirões.¹⁹¹ Os recursos também contemplam processos de regularização fundiária das vilas São José, Nancy Pansera, São Miguel, São João, Triângulo da Nazário e Comtel¹⁹²

Todavia, apenas em março de 2007 iniciaram as obras de infraestrutura na Nancy Pansera, como abertura de ruas.¹⁹³

O eletricitista Milton Maurício Dura, 49, concorda com Cleusa. Ele mora no local há cerca de nove meses. “Mas a minha principal reclamação é a pouca quantidade de iluminação no loteamento, destaca” A dona de casa Sílvia Maria Dutra, 40, mora em um terreno com mais nove pessoas. A rua onde ela reside já está com brita. “Agora está muito bom. Tinha que ver como era antes a quantidade de barro”. Esperançosa, a moradora não vê a hora de retirar os “gatos” de sua casa e a ligação de água encanada estar pronta. [...]. (p. 5).¹⁹⁴

Certos procedimentos da administração municipal geraram conflito com os moradores, como a utilização de lixo para aterrar as vias públicas.¹⁹⁵ As ruas estavam sendo aterradas com entulhos e pneus, sendo que a posição do secretário de obras é mais um indicativo de que as ações da Prefeitura são impregnadas de preconceito: Segundo o Diário de Canoas, de 22 de novembro de 2007, o secretário de obras públicas, Gilmar Pedruzzi, afirmou: “É o lixo que eles (moradores) mesmo colocaram” (p. 3)¹⁹⁶. A obra nos 103 hectares é fracionada em macroquarteirões. Área de 5,3 hectares estava destinada à construção de casas e sobrados para reassentar as famílias que vivem sob fios de alta tensão e em áreas impróprias. É nesse contexto que o periódico menciona a Vila Nova Nancy como sendo um local com 380 lotes para reassentamento.¹⁹⁷

[...] No caso do programa 103 hectares, além de garantir a reurbanização das vilas, com a instalação de redes de água e luz, abertura de ruas e terraplenagem dos terrenos, o empreendimento prevê ainda espaços para órgãos de segurança pública, como bombeiros, Polícia Civil e Polícia militar e áreas de lazer. Formado por nove macro quarteirões (MQ), o loteamento já registra 280 assentados no MQ1. O projeto vai construir ainda 422 casas de alvenaria no MQ4 e outras 66 no MQ 2B [...]. (p. 6).¹⁹⁸

¹⁹¹ LIBERADOS R\$ 7 mil para projeto de urbanização. **Diário de Canoas**, Canoas, 20 jun. 2006.

¹⁹² REGULARIZAÇÃO dos 103 hectares está próxima. **Diário de Canoas**, Canoas, 5 jul. 2006.

¹⁹³ LICITAÇÃO de projeto de urbanização em fase final. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 mar. 2007.

¹⁹⁴ POITEVIN, Daiane. Loteamento Nancy Pansera passa por diversas obras. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 ago. 2007.

¹⁹⁵ ESCHBERGER, Luciane. Lixo usado para aterro revolta na Nancy Pansera. **Diário de Canoas**, Canoas, 21 nov. 2007.

¹⁹⁶ ESCHBERGER, Luciane. Lixo usado para aterrar áreas na Nancy. **Diário de Canoas**, Canoas, 21 nov. 2007.

¹⁹⁷ ÁREA para assentamento no Guajuviras é vistoriada. **Diário de Canoas**, Canoas, 23 fev. 2008.

¹⁹⁸ MERKER, Marcos. Loteamentos organizam ocupações irregulares. **Diário de Canoas**, Canoas, 24 abr. 2008.

E assim como o CHIM, as obras na área dos 103 hectares ficaram paradas, sofrendo ações de depredação nas casas construídas. Em dezembro de 2009, 60 famílias ocuparam uma área de três quarteirões. O argumento dos ocupantes é de que as construções estavam paradas e sendo usadas para o consumo e comércio de drogas.¹⁹⁹ O embate entre ocupantes e Prefeitura persiste, com a reintegração de posse. A retomada das obras é mencionada a partir das discussões sobre a construção de um presídio próximo ao Guajuviras, através de obras de compensações.

Atualmente o município desenvolve políticas de contenção de novas ocupações no local juntamente com políticas habitacionais do programa Minha Casa, Minha Vida e da regularização das ocupações do bairro. Os macroquarteirões, localizados na área da Acadepol repassada para o município, com lotes de moradias, lotes com quites de construção, infraestrutura – como a praça das juventudes – são ações desenvolvidas juntamente com a construção de um presídio e de um parque de inovação tecnológica²⁰⁰ na Fazenda Guajuviras.

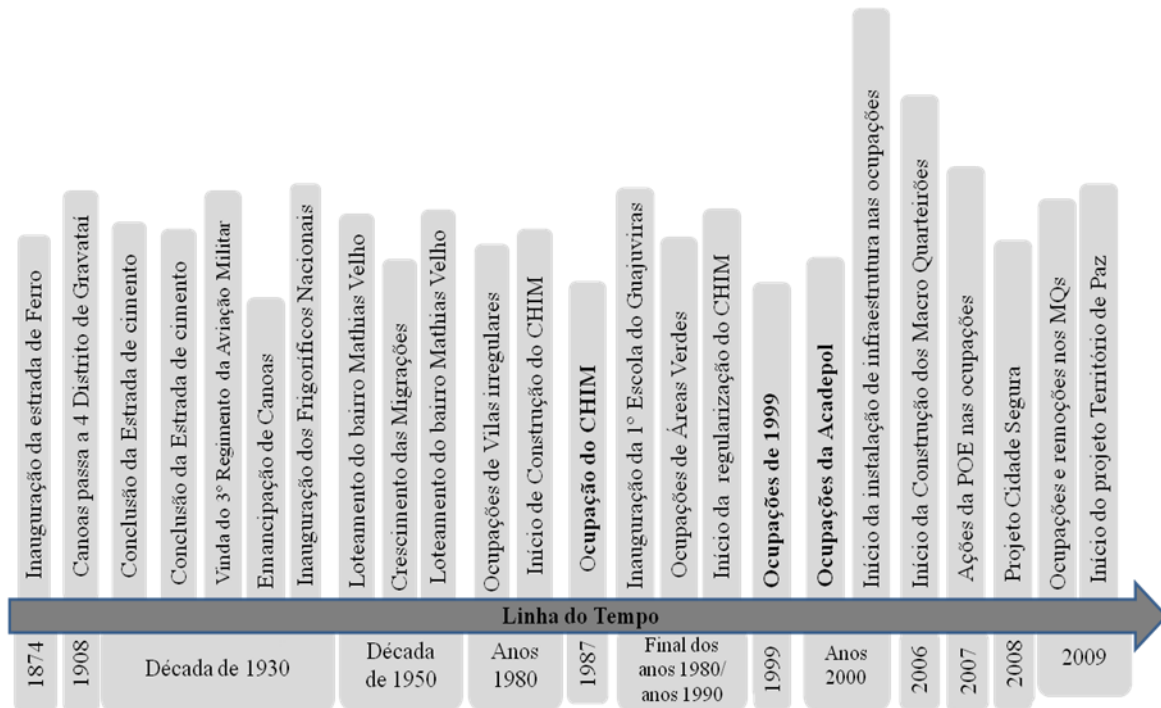
A história de produção do espaço em Canoas e no Guajuviras, sistematizada na Figura 12, é atravessada pelo conflito entre as contradições do espaço concebido e as necessidades do vivido, entre os atores hegemônicos e os atores e agentes das práticas microbianas. As ocupações foram combatidas na esfera legal, na relutância em fornecer infraestrutura e no campo simbólico em representações que excluem as ocupações como formas legítimas da buca do direito à cidade. É a partir dessas experiências de ocupação ou da ausência de infraestrutura e dos estigmas que os/as jovens do Guajuviras constroem suas narrativas e práticas espaciais, consolidando-se como novos/as atores e agentes da produção desse espaço.

De local de veraneio, Canoas/RS passou a ser identificada como local de férias e vilas, em particular no Guajuviras onde os processos de ocupação são proeminentes. As materialidades do Guajuviras alteraram ao longo do tempo, contudo há permanências de sentidos das representações que percorreram a produção do bairro desde sua origem até o período atual.

¹⁹⁹ SALDANHA, Jesiel. Área invadida por 60 famílias na Vila Nancy Pansera. **Diário de Canoas**, Canoas, 2 dez. 2009.

²⁰⁰ O Parque Canoas de Inovação (PCI), com uma área total de 500 hectares, foi lançado a fim de consolidar o município como um novo polo de inovação atrativo para empresas de grande porte (SALDANHA, 2011).

Figura 12 – Sistematização da formação de Canoas e do Bairro Guajuviras



Fonte: Elaboração da autora.

Por fim, de espaço de ocupações, o Guajuviras adquiriu sentidos de violência urbana, fortemente associados à população jovem. Assim, um sentido contemporâneo do bairro refere-se à violência urbana, o que também é relacionado às ocupações e às juventudes do bairro.

3.4 O PERIGO RESIDE NA “PERIFERIA”: VIOLÊNCIAS E SUAS REPRESENTAÇÕES

O fenômeno da violência e suas representações não coincidem exatamente com os conteúdos e as experiências. O Guajuviras, desde o início, é associado à desordem, seja pela forma de acesso à moradia, contrária ao ordenamento e à ideologia da propriedade privada (ainda que não seja separado dessa), seja em relação à ausência ou precariedade de infraestrutura que fizeram parte da história do bairro, como a falta de iluminação pública e os arruamentos das ocupações, em que o tráfego de automóveis – e de viaturas policiais – era, em muitas situações, inviável. Assim, tanto como fenômeno, quanto como representação, constituiu-se o imaginário de bairro perigoso. A análise a partir dos periódicos também permite traçar a construção dessa representação do Guajuviras, assim como evidencia o processo que coloca as juventudes centrais nesse debate, culminando com a instituição do Programa Território de Paz no bairro. A abordagem a partir das representações não é uma

negação dos problemas relativos à violência, mas evidencia que o fato e o imaginário não se sobrepõem com exatidão.

A problemática da segurança pública constitui um recurso ideológico do processo de urbanização e da configuração das cidades contemporâneas, em que o espaço de apropriação cede frente aos espaços de dominação (LEFEBVRE, 2013). Nesse sentido, é imprescindível discernir os conteúdos das representações. Amendola (2000) realiza essa leitura crítica, interpretando os tipos de medo associados ao urbano e evidenciando que o próprio imaginário é mais vivenciado do que o fato em si.

Hay por lo menos tres factores dominantes en la alimentación de círculo vicioso del miedo urbano: la persecución continua de las crecientes promesas y expectativas de seguridad por una parte y la realidad insegura por otra; la decadencia de los criterios tradicionales reguladores de la distribución espacio-temporal de la violencia y la afirmación en su lugar del principio de ubicuidad y causalidad absoluta por los cuales la violencia asume en la ciudad contemporánea una naturaleza tendencialmente estocástica; la mezcla de la violencia verdadera y de la representada y/o reconstruida en el mundo de los media y de imaginario, donde violencia e imágenes de violencia se suman en un empaste indiscernible. Este último factor asume un particular peso en el universo urbano contemporáneo en el cual no hay ya ninguna apreciable distinción entre real e imaginario y donde antes bien, según la lógica postmoderna analizada por Baudrillard, lo real es considerado real sólo si se parece al imaginario. (p. 317).²⁰¹

As questões estruturais vinculadas aos processos de ocupação favorecem a constituição de um ambiente de insegurança, seja na ocupação inicial do Conjunto Habitacional ou nas áreas verdes. No início a iluminação era inexistente ou precária, decorrente das ligações irregulares. Esse aspecto é referência em diferentes períodos históricos do sentimento de insegurança, estando acrescido da convergência em um curto espaço de tempo – processos de ocupação – de pessoas com origens diferentes, conformando o outro como estranho e, portanto, temido. Dessa forma, ao longo do tempo o Guajuviras, reiteradas vezes, foi associado a questões de insegurança. E nas décadas recentes (2000-2010) o medo adquire características da violência urbana presente em furtos, homicídios e tráfico de drogas.

²⁰¹ Há pelo menos três fatores-chave na alimentação do círculo vicioso do medo urbano: a perseguição contínua de promessas e expectativas crescentes de segurança por uma parte e a realidade por outra; o declínio das abordagens tradicionais reguladoras do espaço-tempo de violência e a afirmação no lugar do princípio da causalidade ubiqüidade absoluta e distribuição pelo qual a violência assume na cidade contemporânea uma natureza tendencialmente estocástica; o mix de violência real e representados e/ou reconstruídas no mundo dos meios de comunicação e imaginação, em que a violência e as imagens de violência são adicionadas de modo indiscernível. O último fator assume um peso especial no mundo urbano contemporâneo em que já não há qualquer diferença significativa entre o real e o imaginário; em vez disso, como a lógica pós-moderna analisada por Baudrillard, o real é considerado verdadeiro somente se lembra o imaginário.

As referências diretas ou indiretas de situações de violência no Guajuviras durante os anos de 1990 são modestas no início da década, crescendo ao longo do período, sendo que entre 1995 e 1999 mantiveram-se em média 40 reportagens/ano sobre o Guajuviras nas páginas policiais. Casos de arrombamento, crimes sexuais, crimes passionais de violência contra a mulher, manifestações populares solicitando menos violência, assaltos a ônibus, incêndios, vítimas de ferimento à bala e homicídios são os mais comuns.

As áreas ocupadas são identificadas como potenciais locais de contravenção, destacando-se duas ocupações desse período: Pantanal e São José. Em outubro de 1994, em notícia de capa do Diário de Canoas, figura o título: “Moradores clamam por segurança” (p. 1)²⁰². Na reportagem, há referência à ocupação Pantanal como foco de criminalidade. Repetidamente e de diferentes perspectivas as ocupações são identificadas como geradoras dos problemas sociais do bairro.

O tenente Cesar Adriano Patrício, comandante do terceiro Pelotão da BM que presta atendimento no Guajuviras, assinala a existência das diversas áreas invadidas nas proximidades como fator agravante para o aumento da violência no Conjunto. A vila Pantanal é citada por ele como um dos maiores redutos dos criminosos. (p. 2).²⁰³

Ao mesmo tempo em que se tem a construção do imaginário sobre o Guajuviras a partir da precariedade, da ausência de ordem, dos surtos de pulgas e carrapatos, internamente essas questões são remetidas às ocupações, acirrando as distâncias sociais internas ao bairro. O processo de consolidação de ocupações, a fixação de famílias e a implantação de infraestrutura, a exemplo da iluminação pública, são fatores que favorecem a redução das práticas criminais nesses locais. Os anos iniciais de ocupação são marcados por aspectos de violência, o que se confirma nas reportagens de jornais e nas narrativas de jovens e lideranças.

Ao longo da década de 1990 crescem as referências a grupos etários jovens nas reportagens sobre violência, seja diretamente sob a denominação de menor, jovens e rapaz, seja através da descrição da faixa etária dos/as envolvidos no episódio relatado. Alguns episódios, seja pelas descrições violentas das reportagens ou pela comoção populacional, tornam-se fatos marcantes do imaginário local e como referência para as representações do Guajuviras na cidade. As referências apelativas características das reportagens criminais corroboram a constituição do sentimento de medo. O homicídio do jovem de 24 anos, Claudiomiro Centena Pipete, em agosto de 1995, e sua descrição no periódico são exemplos

²⁰² MITTMANN, Alessandro. Moradores clamam por segurança. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 out. 1994.

²⁰³ MITTMANN, Alessandro. Polícia tem medo de entrar nas áreas invadidas. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 out. 1994.

não apenas do problema social da violência, mas da forma como esses eventos e sua divulgação são emblemáticos na construção do sentimento de medo que relaciona locais e eventos:

[...] Peito furado. Eram quase 18h do dia 24 de julho quando a modesta casa de madeira localizada na invasão São Miguel foi ocupada por um homem armado com um revólver calibre 38. Em um sofá, Pipete dormia quando o primeiro disparo foi efetuado. O tiro, destinado a sua cabeça, acabou atingindo o ombro. Em seguida, mais cinco disparos foram desferidos na direção do coração de Pipete. A filha – de 3 anos – e a mulher dele assistiram a execução. “O peito dele ficou todo furado”, disse um investigador que esteve no local minutos após o crime. Para o autor dos tiros, no entanto, ainda não era suficiente. Sem dizer nada, ele deixou o interior da casa e, no portão, apanhou outro revólver que era empunhado por um homem tripulando uma bicicleta. Voltou, retirou a camisa de Pipete vestia e, num ritual macabro, tornou a descarregar a arma. [...]. (p. 26).²⁰⁴

Outro evento do mesmo período inserido no contexto de crescimento das situações de violência foi a morte de uma menina de 4 anos quando voltava de uma festa com os pais, vítima de um disparo acidental efetuado por um grupo de jovens entre 18 e 23 anos que manuseavam um revólver na rua. Duas características são associadas: o assassinato de uma criança, ou seja, alguém inocente, e a ação decorrer de jovens. A comoção (legítima) e o sentimento de temor pela própria vida somam-se nas demandas por segurança feitas por moradores ao longo dos anos e pelo imaginário de locais perigosos no contexto de Canoas e metropolitano.

A segurança pública cresce como pauta das agendas políticas e midiáticas, transformada em espetáculo (são comuns associações da cidade com campos de batalha ou com um estado de guerra civil), o que somente corrobora o desconhecimento sobre o fato. Para Souza (2008):

Isso acontece, entre outros fatores, porque a mídia, comumente, se encarrega de amplificar e retroalimentar o medo. O crime rende boas manchetes, o medo do crime vende jornais e encontra ampla audiência – da mesma forma que, cada vez mais, o medo do crime rende bons negócios (de carros de passeio blindados a armas, de ‘condomínios exclusivos’ aos serviços de firmas de segurança particular) e promete render bons votos a candidatos a cargos no Executivo e Legislativo. Em uma fobópole [...], o medo do crime encontra, em um contexto em que o ser humano se mostra particularmente vulnerável a irrupção de tal sentimento sob o efeito do (assim percebido) ‘clima de guerra civil’, um terreno fértil para continuar prosperando. (p. 30).

Na segunda metade da década de 1990 crescem as referências a jovens através de notícias de homicídios, prisões e assaltos. Em 1995, das 44 reportagens policiais identificadas,

²⁰⁴ OLTRAMARI, Alexandre. Polícia procura autor da execução. **Diário de Canoas**, Canoas, 4 out. 1995.

14 fazem referência direta ou indireta a jovens: foragido de 24 anos capturado; fechamento de boate utilizada por gangues; estupro de jovem; tiroteio realizado por jovem de 19 anos; jovem morto em roleta russa; menor de 17 anos morto com golpes de pé-de-cabra; pedreiro de 20 anos assaltado por menores; mulher assaltada por cinco jovens; polícia procura assassinos de homem de 24 anos; menor assassinado, menina de 4 anos morta por tiro acidental efetuado por jovens, homem entre 20 e 25 anos morto na São José; preso foragido de 22 anos; arrombadores entre 17 e 20 anos presos. Das 39 identificadas em 1996, 17 tinham referências a jovens. Essas referências crescem ao longo da década, intensificando a identificação dos/as jovens como um problema do espaço urbano. Os/as jovens pobres são cada vez mais atores proeminentes das representações sobre os espaços identificados como periferias, favelas, vilas e associados à condição de infração.

Após as ocupações de 1999 as referências ao Guajuviras em notícias policiais crescem exponencialmente: em 2000 foram identificadas 98 referências; em 2001, 158; em 2002, 134; em 2003, 112; em 2004, 67; em 2005, 96; em 2006, 125; em 2007, 84; em 2008, 73; em 2009, 90; e em 2010, 59. O destacado crescimento do bairro nas reportagens policiais nos primeiros anos da década de 2000 coincidem com o período de consolidação das ocupações de 1999. O intenso e desordenado crescimento decorrente dos processos de ocupação contribuem com o crescimento populacional e a complexificação do processo urbano do município.

Nesse período, além de permanecer as referências às ocupações Pantanal, São José e São Miguel, tornam-se recorrentes as referências à ocupação Comtel, Banhado e Recanto dos Seus, e, a partir da segunda metade da década de 2000, ao Pôr-do-Sol e Nancy Pansera. A ocupação Comtel é o local mais estigmatizado dentro do Guajuviras, em decorrência dos eventos que ocorreram principalmente nos primeiros anos de constituição e consolidação da ocupação. Enquanto que na década anterior eram mais recorrentes as referências a assaltos, arrombamentos, nessa os homicídios (concretizados ou tentativas) praticados e/ou sofridos destacam-se, assim como as referências a jovens. Acrescido às referências a jovens, encontram-se também referências étnicas, embora em menor proporção: “Quatro jovens morenos, aparentando serem menores, invadiram a casa de um padeiro no Setor 2 do Guajuviras” (p. 29)²⁰⁵ e “ José Aldair Gomes, 47, foi abordado por dois jovens mulatos que estavam armados, na Avenida Principal do Guajuviras” (p. 44)²⁰⁶. O destaque de jovens em práticas criminais tem uma primeira tentativa de intervenção através de projeto do então vereador Cezar Paulo Mossini, do Partido Liberal (PL), de toque de recolher para

²⁰⁵ QUADRILHA invade casa de padeiro. **Diário de Canoas**, Canoas, 27 jan. 2001.

²⁰⁶ DUPLA ataca homem no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 8 jun. 2001.

adolescentes.²⁰⁷ A juventude pobre personifica a violência urbana, ao mesmo tempo em que é sua vítima, não somente como sujeitos que sofrem a ação, como vítimas de assalto ou bala perdida, mas também os que praticam as ações, desumanizados sob a alcunha de bandidos e descontextualizados da própria trajetória que os inseriu em infrações. Essa personificação incorre no ônus de generalização às juventudes de bairros pobres. Em 2004 o *Diário de Canoas* tem no título de uma reportagem “A face jovem da violência” (p. 14)²⁰⁸, na qual divulga o dado de que a cada quatro homicídios no Estado, um é praticado por jovens até 20 anos.

As ocupações de áreas verdes novamente são remetidas a contravenções e homicídios, sendo destaque no periódico local: “As áreas irregulares do Guajuviras prejudicam as atividades da polícia. Os agentes têm dificuldade de identificar as pessoas, já que os moradores das invasões não possuem endereço [...]” (p. 37)²⁰⁹. No entanto, a relação entre violência e ocupações não é problematizada dentro do contexto de desigualdades sociais e ausência de infraestrutura e equipamentos sociais, favorecendo compreensões de que esses problemas são intrínsecos desses espaços e seus moradores. No entanto, a construção do sentimento de medo e as representações de violência têm intensidades diferentes conforme o grupo social (classe média moradora de bairros nobres, moradores do Conjunto Habitacional e moradores das ocupações de áreas verdes).

O Guajuviras na década de 2000 foi marcado pela intensificação de um quadro de recorrência de eventos como assaltos e homicídios. Essa característica é constatada tanto no levantamento nos periódicos, quanto nas narrativas de jovens e lideranças do bairro. A ocupação Comtel aparece de forma recorrente nas notícias das páginas criminais, sendo que alguns eventos destacam-se na constituição do imaginário de local perigoso dentro do Guajuviras. Entre eles, está a cobrança de pedágio e as execuções em confronto de grupos rivais. Em maio de 2002 o periódico divulgou uma matéria sobre as vilas e o medo, destacando a Comtel nessa relação:

A invasão da Comtel, área irregular localizada no interior do bairro Guajuviras, em Canoas, é temida por moradores e visitantes. As ruas estreitas, escuras e sem identificação contribuem para que o local seja de difícil acesso para a polícia e ideal para o esconderijo de foragidos e criminosos. A Comtel é considerada pela polícia como um dos locais mais violentos do município. [...] de janeiro de 2001 até o dia 23 de maio de 2002, o distrito contabilizou 19 assassinatos no bairro Guajuviras. Deste total, sete ocorreram na invasão da Comtel e proximidades. É uma área dominada pelo medo. [...]. (p. 13).²¹⁰

²⁰⁷ TOQUE de recolher será discutido. *Diário de Canoas*, Canoas, 20 fev. 2001.

²⁰⁸ GALLAS, Luciano. A face jovem da violência. *Diário de Canoas*, Canoas, 29 ago. 2004.

²⁰⁹ CRESCE número de homicídios. *Diário de Canoas*, Canoas, 15 mar. 2001.

²¹⁰ CEZAR, Luciano. Vilas e bairros atormentados. *Diário de Canoas*, Canoas, 26 maio 2002.

Nesse período a ação policial é intensificada. Em 2006 o Pelotão de Operações Especiais (POE) passa a atuar em Canoas nos bairros com altos índices de criminalidade como Guajuviras e Mathias Velho. Em 2007 a POE age na Comtel a partir das denúncias de cobrança de pedágio que seriam feitos por traficantes no local. Em notícia do Diário de Canoas de 1 de março de 2007, o comandante do 15º Batalhão da Polícia Militar, o Tenente Coronel Rodolfo Pacheco declara: “Farei todo o necessário para mostrar a estes meliantes que aqui não é terra de ninguém [...]” (p. 28)²¹¹. Dessa forma, crescem as intervenções da polícia civil e militar no Guajuviras, em especial nas ocupações. No mesmo ano, o assassinato do jovem David Cristiano Vieira da Silva, conhecido como DVD, de 18 anos, morto próximo a sua casa no Recanto dos Seus, desencadeou uma série de confrontos entre grupos rivais envolvendo essa ocupação e a Comtel:

Com a morte de jovem no domingo, traficantes teriam prometido vingança. Disputa por pontos de tráfico, cobrança de pedágios, desapropriação de residências, ameaças, tiroteios, execuções, e agora toque de recolher. Esta é a realidade vivida pela população amedrontada da vila Comtel. Traficantes da vila teriam ameaçado o primeiro toque de recolher na noite de ontem. Segundo uma moradora, a morte de David Cristiano da Silva, 18 anos, o DVD, gerou revolta entre os traficantes, que prometeram vingar a morte do chefe da boca de fumo da localidade do Recanto dos Seus. Na manhã de ontem, um bando armado passou na escola Cônego e avisou crianças e adolescentes que deixavam o colégio para a partir das 20 horas, ninguém deveria sair de casa, pois haveria confronto. Mas moradores estavam nas ruas na hora prevista e dizem não saber o toque de recolher. [...]. (p. 28).²¹²

A partir desses confrontos nova intervenção da POE foi realizada no Guajuviras, com a prisão de suspeitos, revista de casas e abordagens na via pública. A operação da POE em abril de 2007 envolveu 50 policiais civis e militares.²¹³ Nesse percurso, a Comtel ganha inúmeras manchetes no periódico: “Comtel pede mais atenção do Estado contra a violência” (p. 35)²¹⁴. Ao mesmo tempo, as reportagens trazem informações de moradores do local que não vivenciaram as questões de pedágio e toque de recolher: “[...] as pessoas falam muito da ação da bandidagem na Comtel, mas não vejo muito. Saio para trabalhar, volto e só depois fico sabendo que apareceu um morto aqui perto. A bandidagem é bem silenciosa.” (p. 28)²¹⁵. Em relação ao pedágio a situação se repete: “A Comtel tem problemas como a maioria das vilas, especialmente as ocupadas, mas não vejo e não sei de pedágio ou toque de recolher. Isso

²¹¹ MORADORES da Comtel pagam pedágio para circular. **Diário de Canoas**, Canoas, 1 mar. 2007.

²¹² TOQUE de recolher é ameaça na Vila Comtel. **Diário de Canoas**, Canoas, 3 abr. 2007.

²¹³ SALDANHA, Jesiel; VARGAS, Paloma. Polícia faz pente-fino no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 13 abr. 2007.

²¹⁴ GONÇALVES, Iara. Comtel pede mais atenção do Estado contra a violência. **Diário de Canoas**, 9 abr. 2007.

²¹⁵ TOQUE de recolher é ameaça na Vila Comtel. **Diário de Canoas**, Canoas, 3 abr. 2007.

não está acontecendo. [...]” (p. 35)²¹⁶. Essas narrativas exemplificam que mesmo os eventos violentos não fazem parte da experiência espacial de todos os/as moradores/as, embora incidam neles a partir das representações desses espaços e seus/as moradores/as na cidade.

A intensificação das ações policiais no Guajuviras, em especial nas ocupações, é apontada a partir do ano de 2007, com operações e blitz nesses locais. Somado às operações do POE relatadas acima, no mesmo ano o periódico noticiava a ação policial no Recanto dos Seus: “Traficantes da Invasão dos Seus, no Guajuviras, mobilizou 36 policiais militares, seis viaturas e um caminhão e uma retroescavadeira” (p. 28)²¹⁷. Assim, 2007 termina com históricos de conflitos, homicídios, intervenções policiais no Guajuviras.

Em 2008, último ano da administração municipal do prefeito Marcos Antônio Ronchetti, foi anunciado um projeto piloto de segurança no Guajuviras, denominado “Cidade Segura”.²¹⁸ O projeto previa o aumento do policiamento em viaturas e abordagens. Nesse período, Guajuviras e Mathias Velho são os dois bairros em Canoas com maiores indicadores de violência. As ações seguem no decorrer do ano: “Ação preliminar do projeto cidade segura foi desencadeada no final de semana no Guajuviras [...]” (p. 43)²¹⁹. Também um sistema de videomonitoramento é anunciado como mais uma ação de contenção da violência e com recursos do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci):

Hoje será assinado convênio entre o Município e o Ministério da Justiça para implementação do gabinete de gestão integrada municipal de Canoas. O ato autoriza a liberação de R\$799.570,00 através do programa nacional de segurança pública com cidadania (Pronasci). Do montante, R\$600 mil são para a implantação de sistema de videomonitoramento nos bairros Guajuviras e Mathias Velho. (p. 3).²²⁰

Ao longo de 2008 o periódico noticia o crescimento de homicídios em Canoas, destacadamente no Guajuviras e Mathias Velho. Em setembro foi noticiado o 93º homicídio, sendo que 22 haviam ocorrido no Mathias Velho e 25 no Guajuviras. Os eventos violentos levam à nova intervenção no bairro, mais ostensiva ainda. O título da notícia do Diário de Canoas, embora apelativa, fornece uma dimensão da ação policial: “Brigada Militar faz caçada no Guajuviras”.

²¹⁶ GONÇALVES, Iara. Ausência do estado facilita criminalidade. **Diário de Canoas**, Canoas, 9 abr. 2007.

²¹⁷ VARGAS, Paloma. Audácia de traficantes mobiliza Brigada Militar. **Diário de Canoas**, Canoas, 8 dez. 2007.

²¹⁸ SALDANHA, Jesiel. Bairro Guajuviras no “Cidade Segura” da Brigada Militar. **Diário de Canoas**, Canoas, 25 jun. 2008.

²¹⁹ SALDANHA, Jesiel. Brigada Militar faz blitz no Bairro Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 30 jun. 2008.

²²⁰ MERKER, Marcos. Canoas ganha recursos para instalar câmeras. **Diário de Canoas**, Canoas, 3 jul. 2008.

Tiroteio entre grupos rivais e contra uma viatura da 3º CBM levou dezenas de policiais de Canoas e Porto Alegre às ruas do Guajuviras na tarde do sábado. Sete viaturas do POE e seis do Batalhão de operações especiais, duas guarnições de serviço de inteligência, um helicóptero, circularam pelas vilas, como a Comtel. A operação acabou com a prisão de três suspeitos e apreensão de um GM Kadett que estava em ocorrência de roubo. Uma criança de 11 anos e dois homens, de 19 e 23, foram baleados. Tiroteio foi no Setor 5. Fugitivos se esconderam em apartamentos e casas na Comtel. (p. 36).²²¹

Todavia, parece ocorrer uma associação indiscriminada com a Comtel, uma vez que a reportagem faz referência a fugitivos escondendo-se em apartamentos e casas, apesar de ter apenas casas na ocupação. Ainda no mês de setembro, mais duas reportagens repetem o conteúdo apelativo e as ações ostensivas: “BM prepara ‘operação de guerra’ no Guajuviras” (p. 28)²²² e “BM faz trabalho concentrado no Guajuviras” (p. 20)²²³.

Essas ações vinculadas às políticas de segurança pública são precursoras do Programa Território de Paz implementado na administração de Jairo Jorge. É revelador nas narrativas que a violência passou a reduzir antes dessa política pública, o que pode ser inferido nas ações policiais que vinham ocorrendo nos anos anteriores e nas transformações locais a partir da instalação de infraestrutura nas áreas ocupadas. A proposta da nova política em múltiplos campos, não apenas a coerção, inclusive com ações no campo social, cujos objetivos são de reduzir os indicadores de criminalidade e homicídios. O termo “paz”, utilizado no programa e veiculado nas mídias, traz o sentido também de conflito, presente em diversas reportagens como as referências à “guerra”. Assim, o Diário de Canoas traz como título de reportagem: “Paz no Guajuviras é meta de projeto do governo” (p. 3)²²⁴. No entanto, a própria política pública assim como as reportagens contribuem para a consolidação de um imaginário de espaço interdito, o que, na prática, tem distâncias entre a experiência e as representações.

A condição territorial de encaixe socioespacial com fronteiras bem delimitadas e os índices de violência foram estímulos à constituição de um Território de Paz no bairro. O programa é uma ação do Pronasci²²⁵ que, segundo o Ministério da Justiça, objetiva “o enfrentamento da criminalidade e da violência nas suas raízes sociais e culturais, visando

²²¹ POITEVIN, Daiane. Brigada Militar faz caçada no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 15 set. 2008.

²²² POITEVIN, Daiane. BM prepara “operação de guerra” no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 29 set. 2008.

²²³ POITEVIN, Daiane. BM faz trabalho concentrado no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 30 set. 2008.

²²⁴ FREITAS, Rovani. Paz no Guajuviras é meta de projeto do governo. **Diário de Canoas**, Canoas, 10 out. 2009.

²²⁵ Segundo Damico (2011), o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania foi lançado em 20 de agosto de 2007 pela Medida Provisória 384. Na análise do autor, “[...] do ponto de vista dos princípios matriciais, o Pronasci reitera o Plano Nacional de Segurança Pública do primeiro mandato do presidente Lula, o qual, por sua vez, incorporava, sistematizava e explicitava o que já estava, embrionária ou tacitamente, presente no Plano Nacional Segurança Pública (PNSP, 2000) do governo Fernando Henrique Cardoso” (p. 106).

reduzir de forma significativa as taxas de criminalidade”. Articula-se através da parceria entre as esferas Federal, Estadual – responsáveis pela concepção, monitoramento e avaliação – e Municipal, responsável pela execução (DAMICO, 2011). O projeto²²⁶ prioriza a prevenção à violência, agindo a partir da articulação com lideranças das comunidades e a implantação de projetos, entre os quais estão: Mulheres da Paz; Protejo; Núcleo de Justiça Comunitária; Geração Consciente; Sistema de Audiomonitoramento de Detecção de disparos de Armas de fogo; Casa abrigo para Mulheres vitimadas pela violência; Observatório de comunicação cidadã; Centro integrado de policiamento comunitário; Mediação de conflitos; Programa esporte e lazer na cidade; Videomonitoramento; Praça da Juventude.

O projeto emerge em 2009, iniciando formalmente em outubro, executado pelo então secretário de Segurança Pública, Alberto Kopittke. O Território de Paz é lançado em um contexto em que os/as jovens aparecem como foco dos indicadores de violência e das manchetes do periódico local. A política pública com enfoque territorial evidencia os/as jovens na transformação do urbano, com a intencionalidade de reduzir os indicadores de violência. Nesse contexto, o periódico traz essa relação nas manchetes: “Projetos de cultura aos jovens para frear a violência na cidade” (p. 14)²²⁷. Esse título refere-se à reportagem sobre o Projeto de Proteção de jovens em território vulnerável (Protejo), programa que prevê ações junto a jovens entre 15 e 24 anos em ações educativas, inserindo-se no bairro em concepções do espaço que não estejam alicerçadas somente nas ações de repressão. Segundo Damico (2011), o projeto inicial era destinado a jovens em medidas socioeducativas, com formação cidadã através da inclusão digital, práticas esportivas, culturais e educacionais; no entanto, o projeto foi ampliado para todo jovem morador do Guajuviras. Para o autor, “Essa universalização do programa é coerente com o pressuposto de que todos/as jovens de um território conflagrado são potencialmente desviantes [...]” (p. 135). As ações, independentemente do ator social que a exerce, têm múltiplos efeitos; portanto, ao mesmo tempo em que há a generalização do imaginário de jovem do Guajuviras como potencial infrator, o Programa, ao estender sua ação a outros jovens, ampliou o acesso à

²²⁶ A análise não tem como objetivo avaliar o Programa, embora dois aspectos devam ser explicitados. Primeiro que, ainda que tenham ocorrido avanços das formas de intervenção policial com jovens moradores/as do bairro em relação às gestões anteriores, são recorrentes e atuais as narrativas de intervenções inadequadas e violentas. O segundo aspecto corresponde à condição de espaço concebido do projeto, mas que acaba sendo ou vivenciado pelos educadores sociais (por exemplo no Protejo) engajados em questões sociais ou tem-se pessoas de bairros populares como protagonistas neles, como os educadores de hip-hop e funk, constituindo efetivamente um espaço potencial de transformação e instrumentalização das juventudes do bairro.

²²⁷ MERKER, Marcos. Projetos de cultura aos jovens para frear violência na cidade. **Diário de Canoas**, Canoas, 10 ago. 2009.

instrumentalização técnica na produção musical que há longo tempo é diversificada e emergente no bairro, assim como outras atividades, tais como teatro, dança, inclusão digital.

As juventudes pobres vão sendo construídas como um problema contemporâneo do espaço urbano, como potenciais infratores, o que se repete no Guajuviras. O imaginário predominante tende a homogeneizar o que é heterogêneo na prática. Configuram-se, portanto, representações que são vivenciadas como violência simbólica e normativas urbanas que prescrevem formas de ser jovem em espaços pobres. São reduzidas as reportagens sobre práticas culturais de jovens do Guajuviras, embora sejam diversificadas e numerosas. O que corrobora a compreensão de que a produção do imaginário social conforma espaço e jovens nas características de desvio. O sentimento de medo “[...] opera intervenções, aciona aparatos de segurança, produz uma infinidade de escudos imaginários e concretos que acabam armando toda a ordem social” (DIÓGENES, 2011, p. 210).

O ano de 2010 inicia com a perspectiva de construção de um presídio em Canoas: “Construção de casa penitenciária em Canoas já está confirmada pelo governo do Estado e administração municipal. [...] O anúncio de que seria no bairro Niterói causou mobilização contrária de moradores locais. [...]” (p. 12)²²⁸. Por fim, o presídio está sendo construído na Fazenda Guajuviras, que em décadas passadas (1980-1990) foi campo de conflito político entre preservação, construção de presídio e distrito industrial. A construção do presídio reforça o imaginário de local perigoso, de infratores, o que emergiu em algumas narrativas de lideranças sobre “cuidar de nossos presos”, ou seja, a condição de lugar e moradores perigosos é internalizada.

Embora o Programa envolva a participação da comunidade na questão da segurança, é pouco problematizada a violência como um fenômeno das desigualdades sociais, percebido como algo intrínseco àqueles sujeitos, aos homens, às mulheres e, principalmente, aos jovens dos espaços concebidos como periferias. Essa contradição revela que a intencionalidade está pautada principalmente na regulação territorial, levando a esses espaços a ideologia de um modo de vida fortemente ligado aos espaços privados, do consumo, já que a rua se torna um lugar a temer.

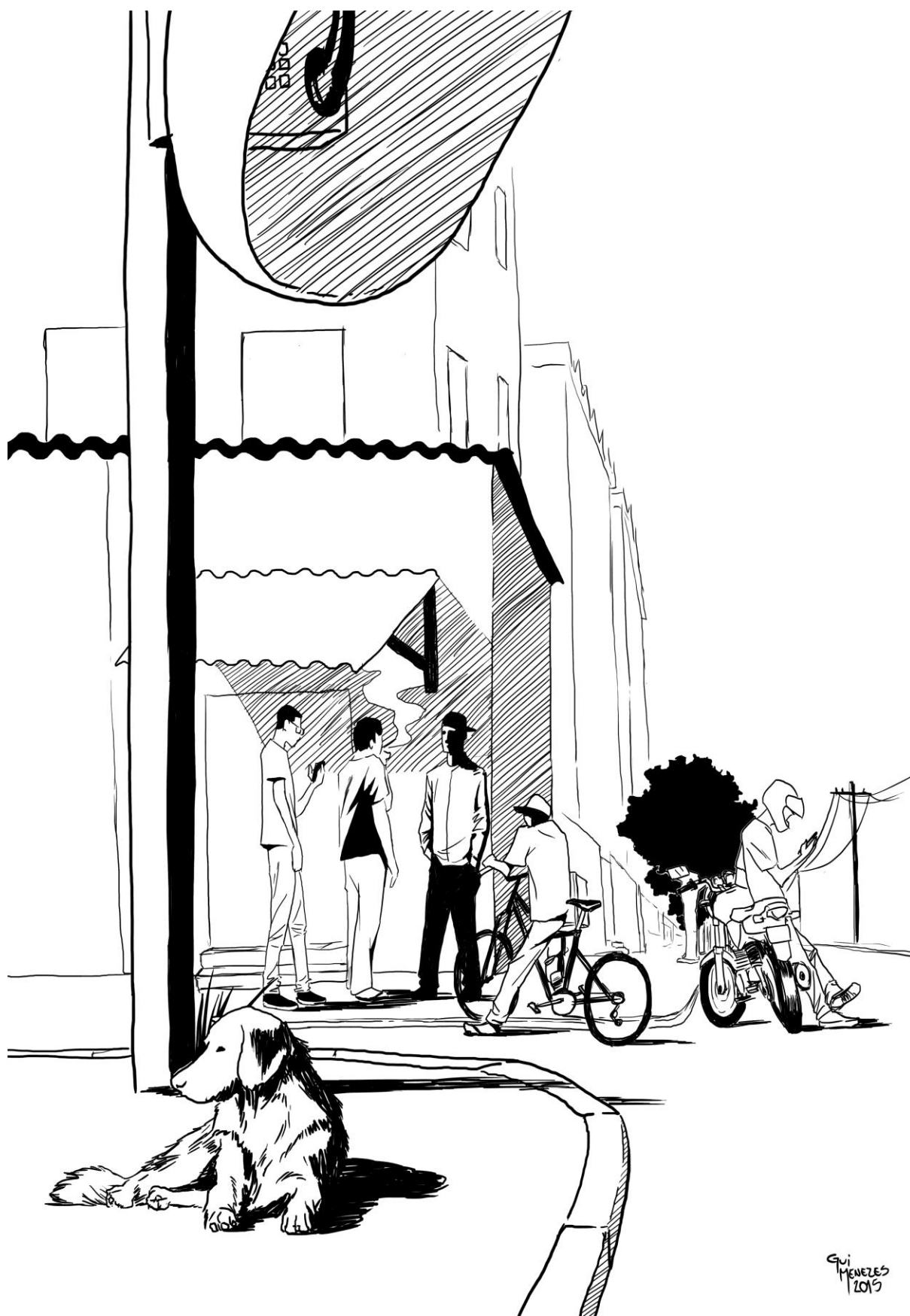
Encobre-se que os riscos e violências – múltiplas formas de violência, entre elas as representações que marginalizam os sujeitos não participantes da cidade legal – são generalizados e as liberdades são seletivas. Estabelecem-se ações sobre a população que, em parte, limitam a mobilidade urbana e, em parte, agem como um novo higienismo urbano, não

²²⁸ VARGAS, Paloma. Município avalia áreas para presídio. *Diário de Canoas*, Canoas, 13 jan, 2010.

mais na expulsão dos pobres para as periferias, mas no controle e na transformação de bairros, favelas e vilas dos segmentos sociais mais empobrecidos e previamente criminalizados. Ao mesmo tempo, esses sujeitos criminalizados têm menor peso no embate discursivo de definição do perigo e de quem é perigoso. É um conflito estabelecido e reprodutor de posições desiguais.

Este capítulo delineou a produção do espaço e suas representações desde a construção do Conjunto Habitacional até o final de 2010. Nesse percurso, as representações sobre o Guajuviras constituem-se pelo acúmulo de informações associadas às irregularidades do solo urbano – ocupações, ausência de infraestrutura, moradias precárias, entre outras. Contemporaneamente essas representações são elaboradas a partir da associação entre espaço e jovens com a violência urbana, onipresente e constantemente alardeada por diferentes veículos midiáticos.

4 ATORES E AGENTES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO



A produção cotidiana do espaço através das práticas evidencia o papel do sujeito da ação, identificado como ator, agente, pessoa e/ou indivíduo que, na experiência de vida, constitui, reflexivamente, a si próprio e ao espaço de suas trajetórias cotidianas, tanto nos aspectos materiais, quanto em representações. O ator do espaço geográfico é compreendido em um amplo diálogo entre referências da Geografia e de áreas do conhecimento afim, sendo atravessadas pelo conceito de produção do espaço de Lefebvre (2013) em diálogo com as práticas microbianas de Certeau (2009). Em ambos, embora não explicitamente, é possível vislumbrar os sujeitos comuns, os moradores das cidades, das práticas cotidianas. Dessa forma, tem-se o entrelaçamento entre sujeitos e espaços sem que um prepondere sobre o outro, possibilitando a análise das geografias dos jovens em suas relações, mútuas influências e produções.

Portanto, são traçadas convergências das teorias a partir das quais são interpretadas as práticas dos/as jovens. A teoria de produção do espaço de Lefebvre é o ponto de partida e arcabouço denso de inspirações para analisar as relações entre os/as jovens e o Guajuviras. Segundo o autor, espaço é uma produção que envolve os aspectos físico, social e mental. Sua proposta teórica é a construção de um referencial de convergências, de uma teoria unitária e não de fragmentações e perspectivas parcelares. Para o autor, esses campos correspondem a:

En primer lugar, del físico, la naturaleza, el Cosmos; a continuación, del mental (incluida la abstracción formal y la lógica); y por último, del social. En otros términos, la investigación concierne al espacio lógico-epistemológico, al espacio de la práctica social, al espacio ocupado por los fenómenos sensibles, sin excluir lo imaginario, los proyectos y proyecciones, los símbolos y las utopías. (LEFEBVRE, 2013, p. 72).²²⁹

Logo, as materialidades, os sentidos e as relações sociais são aspectos entrelaçados no espaço como produção, produto e produtor, sendo consequência da ação humana nas esferas do concebido, vivido e percebido, envolvendo nesse tripé a racionalidade (do capital, do Estado, dos grupos hegemônicos), a subjetividade inerente à experiência íntima com o espaço e a intersubjetividade como liame desses campos. Os sujeitos são, portanto, objetos da reflexão em sua relação com o espaço nas complexas articulações e interseções presentes nas práticas espaciais e nos espaços vividos. A prática espacial articula os espaços vividos e concebidos, correspondendo não apenas aos atores hegemônicos, mas também aos sujeitos

²²⁹ “Em primeiro lugar, a natureza física, o Cosmos; então mental (incluindo a abstração formal e lógica) e, finalmente, o social. Em outras palavras, o inquérito diz respeito ao espaço lógico-epistemológico, o espaço da prática social, o espaço ocupado por fenômenos sensoriais, sem excluir os imaginários, projetos e projeções, símbolos e utopias.” (LEFEBVRE, 2013, p. 72, tradução nossa).

ordinários do cotidiano, configurando a possibilidade de compreensão das dinâmicas espaciais a partir de jovens em suas subjetividades e intersubjetividades. Assim, o autor define as práticas espaciais de forma ampla, contudo articulada: “[...] vida cotidiana de un habitante de vivienda social en la periferia – caso límite, pero sin duda significativo –, sin que esto nos autorice a dejar de lado las autopistas o la política de transporte aéreo.” (LEFEBVRE, 2013, p. 97)²³⁰. A teoria não negligencia nenhuma escala de ação; pelo contrário, identifica-as nas conexões/interseções e divergências.

As convergências com Certeau (2009) estão na proximidade entre o espaço concebido da racionalidade que normatiza e domina e as estratégias tecnocráticas, definidas como âmbitos de manipulação das relações de força, que estipulam um lugar de poder e querer próprios, de onde é possível gerir e impor suas lógicas, seus interesses e seus valores; e os espaços das práticas e táticas, definidas como as artes dos fracos, que se realizam em relação com as estratégias tecnocráticas e nos espaços concebidos. “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia.” (CERTEAU, 2009, p. 101). Dessa forma, tem-se a análise a partir dos sujeitos comuns do cotidiano vivido, em suas maneiras de fazer e de representar, nas táticas e astúcias que inscrevem suas práticas no espaço do outro e em confronto ou subversão com as normatizações, valores e ordenamentos impostos.

Em Certeau (2009) tem-se o desenvolvimento de uma teoria a partir das incontáveis, às vezes imperceptíveis, maneiras de fazer que tiram proveito ou subvertem o ordenamento imposto segundo suas lógicas e interesses. O que está em destaque é a pluralidade de maneiras de fazer contidas no que aparenta uma homogeneidade estruturada. Já em Lefebvre (2013) as possibilidades de subversão à norma, como as situações postas pelos espaços de apropriação, coexistem com os condicionamentos e dominação do espaço instrumental. Através de suas práticas, experiências e processos representacionais os sujeitos são produtores ativos do espaço.

Têm-se, então, os atores e agentes como sujeitos das práticas espaciais, de ações, produtoras de materialidades ou efêmeras, de dominação ou apropriação, condicionada/ou de resistências (sutis e/ou explícitas). As práticas de jovens do Guajuviras estão relacionadas mais aos aspectos fugazes, efêmeros, cujas paisagens são marcadas pelo corpo. No entanto, revelam feições do urbano, modos de vida, conflitos e distâncias sociais presentes na

²³⁰ “[...] vida cotidiana de um habitante de moradia social na periferia – caso limite, porém sem dúvida significativo –, sem que isto nos autorize a deixar de lado as autopistas ou a política de transporte aéreo.” (LEFEBVRE, 2013, p. 97, tradução nossa).

configuração da cidade contemporânea. Ao revelar a constituição desses sujeitos a partir de suas práticas, vislumbra-se o urbano das diferenças, mas também das opressões. Portanto, as relações entre sujeitos e o espaço constitui um percurso analítico, interpretativo e problematizador do urbano contemporâneo, contribuindo para a visibilidade das cidades em múltiplas e microbianas geografias.

4.1 POR UMA GEOGRAFIA DOS ATORES E AGENTES

Esse espaço de práticas, vivido, que adquire feições de lugar ou território, redireciona o olhar geográfico para a prática e, com isso, impõe desafios à ciência geográfica como uma questão relativa ao seu escopo e com a qual se pode contribuir para o avanço nas discussões sobre o tema. Torna-se imprescindível para essa leitura do espaço, associado ao diálogo com outras áreas do conhecimento, desenvolver compreensões e contribuições epistemológicas próprias sobre os produtores do espaço. Assim, parte-se do diálogo com geógrafos que vêm pensando, problematizando a questão, como Di Méo (1999, 2000); Berdoulay, Treyture e Sartre (2010a, 2010b); Lussault (2000, 2007); Berdoulay (2002); Di Méo e Buléon (2007); Berque (2010); Turco (2010); Berdoulay e Entrikin (2010, 2012); Raibaud (2011). A partir das incursões por suas perspectivas teóricas, é possível construir um posicionamento em relação à denominação, que compreende o sujeito, o ator, o indivíduo, o agente, problematizando as discussões polarizadas entre o indivíduo e a sociedade, subjetividade e objetividade, interioridade e exterioridade, condicionamento e autonomia, reprodução e criação. A partir dessas reflexões têm-se interlocuções com a noção de experiência de Dubet (1994), sujeito, indivíduo e ator em Touraine (1994), indivíduo e sociedade de Elias (1994), *habitus* de Bourdieu (2007a, 2007b) e práticas microbianas/artes do fazer/ táticas de Certeau (2009). Embora as perspectivas teóricas tenham diferenças, as convergências e as possibilidades de tensionamento favorecem compreensões das juventudes nessa análise.

A preocupação com o sujeito comum, das práticas microbianas, plurais e singulares, foi pouco elaborada e, não raro, relegada a uma posição marginal nas preocupações geográficas. Berdoulay, Treyture e Sartre (2010a) parte do princípio de que, se a Geografia não está localizada externamente à problemática do indivíduo, relega-o ao segundo plano. Na mesma linha, a partir da Geografia Anglófona, Entrikin (2010) argumenta que para os geógrafos contemporâneos, em especial na Geografia Humana e Social, a análise voltada para o sujeito e a subjetividade (tanto deste, quanto do pesquisador) torna-se central. Werlen (2000), a partir do raciocínio de desencaixe espaço-tempo decorrente dos processos de

globalização, argumenta sobre a urgência de desenvolver geografias não mais centradas nos espaços, mas nos sujeitos da ação em suas espacialidades. Para o autor, “[...] se os geógrafos não mudarem o foco de pesquisa do ‘espaço’ para a ‘ação’, eles serão incapazes de apreender as novas geografias do dia-a-dia nas próximas décadas” (p. 20). Dentro do próprio desencaixe espaço-tempo constituem múltiplos e desiguais arranjos, inclusive particularidades espaciais na constituição dos sujeitos, sem com isso incorrer em determinismos ou reprodução de preconceitos.

A Geografia direciona sua análise tendo em vista esse espaço vivido por sujeitos complexos, que o produzem tanto materialmente, quanto em sentidos, ideologias, ideias. O sujeito é protagonista das ações, não sendo reduzido ao condicionamento das estruturas sociais e políticas, ou como usuário desprovido de reflexão e de criação. Touraine (1994), em sua proposta sociológica, reforça essa reflexão de constituição relacional entre sujeito, indivíduo e ator produtores das relações. Assim, “[...] o sujeito que é vontade do indivíduo de ser produtor e não somente consumidor de sua experiência individual e de seu meio-ambiente social” (p. 245). Tornam-se centrais as formas como o mundo e a sociedade são produzidos e conhecidos. Se por um lado a atenção mais pontual e desenvolvida relativa ao sujeito na Geografia é relativamente recente, a dimensão do mundo sensível está mais consolidada. Todavia, o redirecionamento do olhar geográfico ao mesmo tempo em que produz uma bricolagem de seus referenciais com novas construções teóricas transversais ao problema, agrega perspectivas teóricas e metodológicas à ciência. Para Entrikin (2010):

[...] la question du sujet et du soi traduit des changements au sein même de la géographie humaine, mais aussi au regard des conceptions dominantes de la subjectivité. Cela révèle une importante fracture intellectuelle qui développe bien au-delà de la géographie. (p. 421).²³¹

Consonante com tais perspectivas, parte-se do esforço de atribuir ao sujeito posições mais centrais na análise geográfica, o que demanda aventurar-se em releituras do espaço geográfico na intrincada teia sujeito-espaço, buscando nesse percurso contribuir na problematização da questão, diversificação e inovação dos fundamentos teóricos. Embora outras disciplinas, como sociologia, antropologia, psicologia tenham realizado importantes contribuições aos conceitos relativos à condição dos sujeitos e atores, é importante,

²³¹ “[...] a questão do sujeito e do si reflete mudanças dentro da geografia humana, mas também em relação às concepções dominantes da subjetividade. Isso revela uma importante divisão intelectual que cresce bem além da geografia.” (ENTRIKIN, 2010, p. 421, tradução nossa).

preservando o diálogo, empreender interpretações geográficas nessa questão, como bem delineado pelos autores:

En conséquence, nous avons délibérément choisi d'aborder ce questionnement en partant de la géographie. Il ne s'agit pas pour nous d'importer – comme cela se fait souvent- une conception tirée d'une autre discipline, jugée plus légitime ou légitimante, pour en déduire la bonne façon de l'utiliser en géographie. Outre que cela nous ferait stéréotyper abusivement plusieurs siècles de débats philosophiques et épistémologiques, ce serait disqualifier a priori la capacité du regard géographique sur la question du sujet. Certes, ce regard ne peut prétendre à cerner seul le sujet, mais rien ne permet de poser que la géographie doive être inféodée à d'autres disciplines et que sa contribution propre ne mérite pas d'être soulignée. (BERDOULAY; TREYTURE; SARTRE, 2010a, p. 399).²³²

A abordagem proposta não privilegia exclusivamente o polo do sujeito, mas sua relação de coprodução de si e do espaço, pois “Él es quien tiene que dar coherencia a su mundo y, de igual manera, construir y reconstruir su identidad. Ya no es posible estudiar por separado el sujeto, la cultura y el espacio.” (BERDOULAY, 2002, p. 55)²³³. O espaço, na prática vivida, é explicitado quando o sujeito é definido como morador, cidadão, estudante, trabalhador, evidenciando os diversos papéis sociais cuja dimensão geográfica é essencial na constituição identitária, embora sejam frequentemente pouco problematizados nas análises. Suas ações desenvolvem-se em espaços, como a casa, a rua, a escola, a igreja, os terreiros (locais de práticas das religiões de origem afro-brasileiras), a oficina de consertos, o shopping, entre outros. Nesse percurso de coprodução, os sujeitos desenvolvem uma consciência de si, que tem fortes vínculos com os espaços das experiências. O sujeito e o espaço vivido, do lugar praticado, instituem-se mutuamente (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). Evidencia-se com isso que uma importante dimensão da constituição dos sujeitos é o espaço geográfico, constituído de heranças e inovações, do local e do global, de permanências e transformações. Não apenas um ou outro, mas ambos, coexistindo em variáveis arranjos: o global com o local, a herança com a inovação, as permanências com as transformações, as assimilações e os condicionamentos com as resistências e as subversões. O tornar-se sujeito social dá-se no

²³² Por isso, nós escolhemos deliberadamente para abordar estas questões começando com a geografia. Não é uma questão para importarmos – como se faz frequentemente – uma concepção tirada de outra disciplina considerada mais legítima ou legitimante, para deduzir a maneira correta de usar na geografia. Também nos faria estereotipar abusivamente vários séculos de debates filosóficos e epistemológicos, seria desqualificar a priori a capacidade da abordagem geográfica para a questão do sujeito. Certamente, este olhar não pode pretender identificar apenas o sujeito, mas nada permite de colocar que a geografia deve ser submetida a outras disciplinas e que a sua própria contribuição não merece ser sublinhada. (BERDOULAY; TREYTURE; SARTRE, 2010a, p. 399, tradução nossa).

²³³ "Ele é quem tem que dar coerência ao seu mundo e, também, construir e reconstruir a sua identidade. Já não é possível estudar separadamente o sujeito, a cultura e o espaço." (BERDOULAY, 2002, p. 55, tradução nossa).

processo de aprendizagem da vida em família e pública, com elementos da cultura herdados e as possibilidades de modificação e produção de valores, estéticas e costumes. É o que Berdoulay, Treyturé e Sartre (2010a) definem como tensão geograficamente fundadora. No plano geográfico dos lugares de vivência cotidiana que as contradições e interseções entre planos ideológicos, econômicos, políticos e culturais interagem de diferentes formas, constituindo os sujeitos nessa tensão, que pode ser delineada nas experiências entre a ordem próxima e distante.

[...] la tension ne peut faire du sujet un donné et que celui-ci advient, et évolue, en fonction des contextes avel lesquels il interagit. L'entre-deux qui caractérise le lieu et dans lequel se déploie la tension universel/particulier participe pleinement de l'émergence et de l'évolution du sujet. (BERDOULAY; TREYTURÉ; SARTRE, 2010a, p. 405).²³⁴

A relação indissociável da constituição do sujeito e do espaço pode ser inferida em Berque (2010) através do conceito de trajetividade²³⁵ que corresponde à realidade como interação entre sujeito e objeto, constituindo-se historicamente no campo relacional. Dessa forma, a trajetividade evidencia o caráter não dual, mas processual e interacional entre sujeito e objeto, configurando, dessa forma, a própria realidade geográfica. O sujeito da ação, diferenciado no contexto histórico e social em que as subjetividades são formadas na especificidade do lugar pautado em trajetórias articuladas às materialidades, como os recursos, e também na atribuição de sentidos; logo, a trajetividade é a relação do sujeito com o meio em sentido amplo, caracterizado pela crescente multiplicidade de possibilidades do mundo contemporâneo, em que até mesmo os espaços hiper-reais²³⁶ (DI MÉO; BULÉON, 2007) são vivenciados como representações no cotidiano. A trajetividade estimula a observação das práticas corriqueiras, marcadas no espaço, mas também no campo das ideias.

²³⁴ “[...] a tensão não pode fazer do sujeito um dado e que isto acontece e evolui, em função dos contextos com os quais ele interage. Entre os dois que caracteriza o lugar e no qual se desenvolve a tensão universal/particular plenamente participante da emergência e evolução do sujeito.” (BERDOULAY; TREYTURÉ; SARTRE, 2010a, p. 405, tradução nossa).

²³⁵ No original o termo usado é *trajectivité*. Não foi possível identificar a tradução para a noção, no entanto foram encontrados textos e pesquisas em que aparece a referência com a tradução, como Berque (2012), por exemplo.

²³⁶ O conceito de hiper-real corresponde à simulação midiática da realidade, constituindo uma realidade às vezes mais presente no campo representacional que a realidade em si. A exemplo disso está a questão das favelas do Rio de Janeiro, que servem de ancoragem (MOSCOVICI, 2003), por exemplo, nas representações do Guajuviras. São os espaços hiper-reais das referências midiáticas que são transpostos para o plano do local, pois a experiência do cotidiano em si e das diferenças que nele coexistem são escamoteadas em detrimento das representações hegemônicas.

Para o autor,

Dans ‘trajectivité’ il y a ‘trajet’. Cela concerne en effet très concrètement, aussi, nos déplacements physiques. Mais Il ne s’agit pas simplement de trajet physique, car la trajection, c’est le va-et-vien à la fois matériel et immatériel, technique et symbolique, corporel et mental, de notre relation avec les choses. (BERQUE, 2010, p. 462).²³⁷

O ponto de articulação entre as perspectivas dos autores aqui mencionados está no caráter da ação reflexiva como característica do sujeito que age e com isso desenvolve práticas no espaço, internaliza códigos, apreende culturas e cria realidades. O grau de empoderamento e consciência sobre o próprio ato diferencia o ator do agente (DI MÉO; BULÉON, 2007), o ator, operador e actante (LUSSAULT, 2007) e indivíduo, sujeito e ator (RAIBAUD, 2011). A análise, a partir do ator e do agente, emerge na segunda metade do século XX, tornando complexo o tema do ator econômico racional, hoje colocada em questão a partir das teorias pós-estruturalistas que evitam a ideia de um si com conotação de totalidade, unidade e coerência. Nessa linha o sujeito unívoco e coerente deixa de existir, priorizando o sujeito descentrado, cuja produção de identidade dá-se de forma fragmentada, plural e em permanente disputa das posições de ator e agente (ENTRIKIN, 2010).

Indivíduo, ator, agente e sujeito correspondem a construções teóricas articuladas, porém distintas. Touraine parte da perspectiva de transformação social a partir do ator. Para ele, “[...] o ator não é aquele que age em conformidade com o lugar que ocupa na organização social, mas aquele que o modifica.” (TOURAINÉ, 1994, p. 220). Para o autor, a noção de ator é indissociável à de indivíduo e sujeito sem, contudo, confundir-se. Assim, o indivíduo é a unidade particular entre experiência e consciência, relativa ao imbricamento entre subjetividade, intersubjetividade e o mundo. Sujeito é a latência da transformação presente nas ações do ator. “Ele é o apelo à transformação do Si-mesmo em ator. Ele é Eu, esforço para dizer Eu, sem jamais esquecer que a vida pessoal está repleta, de um lado, de Id, de libido, e, do outro, de papéis sociais.” (TOURAINÉ, 1994, p. 221). Para Raibaud (2011), há atualmente o imperativo da liberdade individual e dos direitos e o constrangimento social de papéis sociais, conduzindo a construção do indivíduo em sujeito. O ator é aquele que age nas margens da racionalidade e intencionalidade.

²³⁷ “Na ‘trajetividade’ há ‘trajeto’. Trata-se, concretamente, também, dos deslocamentos físicos. Mas não é apenas a questão do trajeto físico, pois a ‘trajeção’ envolve o vai e vem, a vez material e imaterial, técnico e simbólico, físico e mental, de nossa relação com as coisas.” (BERQUE, 2010, p. 462, tradução nossa).

O indivíduo é a menor fração da diferença em que as transformações ainda não se desenvolveram no âmbito social. É a parcela que, embora subsumida nas estatísticas – como as referentes a homicídios entre jovens – é particular, única. Dela, vislumbram-se nuances nas narrativas de jovens do Guajuviras. O indivíduo e a sociedade em Elias (1994) são elaborados em suas relações e funções. O indivíduo em sua singularidade, não dissociado da sociedade, mas a partir das diversas possibilidades de tecer a relação indivíduo-sociedade, presente no argumento de que o Eu é inseparável do Nós, o que o autor exemplificou na metáfora da rede:

Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele. (ELIAS, 1994, p. 35).

As narrativas de jovens do Guajuviras possibilitam a compreensão de como eles se elaboram nas redes sócio-espaciais, a partir de seus papéis sociais, de suas afeições, de seus desejos e medos, em suas inserções nessas densas redes de sociabilidade entre o bairro e a metrópole e de indivíduo, elaboram-se como atores e sujeitos das práticas espaciais, agentes das práticas microbianas. Ator e sujeito são noções próximas, ambas correspondem à ação. O ator aproxima-se, por analogia, aos papéis sociais, que, conforme Dubet (1994) não são interpretados, mas vividos. Outra noção, a de agente, relacionado à de ator, faz emergir possibilidades de interpretação na confluência de categorias postas de forma dual, como os condicionamentos sociais e as liberdades individuais.

Di Méo e Buléon (2007) identificam entre o sujeito e a sociedade uma sequência de concepções do homem em processo de socialização. Parte do mim, o si, o indivíduo, a pessoa, o agente, o ator e, por fim, a sociedade. Entre os extremos tem-se o sujeito mais interiorizado, o mim, como autorrepresentação reflexiva e o si como autodistanciamento e constituição de uma objetividade externa a si. É um processo através do qual se tem a incorporação de valores, estéticas e atributos sociais ao mesmo tempo em que permanece o elemento de individualidade. As fronteiras entre a subjetividade e a intersubjetividade, todavia, são porosas e de difícil apreensão. Nesse percurso, Lussault (2000) explicita seu posicionamento em evitar os dualismos, tais como sujeito-sociedade ou subjetividade-intersubjetividade-

objetividade, internalismo-externalismo, liberdade-condicionamento. Desviando de posições fixas, de perspectivas que priorizem a determinação das estruturas e ideologias na constituição do sujeito ou análises superficiais de celebração da autonomia, tem-se a mediação entre os diferentes polos conforme o contexto específico. Ultrapassando essas visões duais, é possível constituir análises complexas da relação indivíduo/subjetividade/ações e sociedade/estruturas sociais e, com isso, traçar abordagens a partir das concepções de ação, prática e experiência. Esses diferentes polos correspondem a construções em mútua relação, como afirma Lussault (2000):

Il faut insister sur le caractère dynamique et producteur de cet aller et retour permanent entre l'individu et sa subjectivité et la société (phénoménale); celui-ci, de par ce mouvement perpétuel, incorpore du social qui prendra place, subjectivé, dans les compétences praxiques de l'acteur, alors que celle-là ingère et produit ainsi de l'individualité. (p. 13).²³⁸

O ator, o agente e o actante são centrais na compreensão geográfica a partir do lugar, do espaço vivido, das práticas territoriais. E, ao agir reflexivamente, potencializam seu caráter de influenciar, transformar e significar o espaço e os demais atores, agentes e actantes. Di Méo e Buléon (2007) discernem o ator enquanto suas possibilidades e potencialidades de ação. Assim, o ator é um actante, definido como uma instância que pode ser um indivíduo ou uma coletividade, dotada de forte capacidade de transformar o espaço segundo seus interesses. A diferença está no maior alcance de ação do actante em relação ao agente. O ator, para Di Méo e Buléon (2007), pode ser também um indivíduo com interioridade subjetiva, consciência autônoma e reflexiva, projetando-se sobre sua exterioridade em ações espaciais. Um prefeito, um empresário da construção civil ou uma organização comunitária podem ocupar a posição de ator em suas ações, uma vez que, definido o contexto, podem estar mais empoderados ao fazer predominar seus interesses. Ainda em uma graduação de potencialidade de agir, tem-se o agente, que, segundo os autores, dispõe de menor capacidade e poder de ação, correspondendo, nessa análise, ao sujeito das práticas e astúcias microbianas. Essas diferentes posições são ocupadas alternadamente no movimento de produção do espaço e, mais precisamente em relação ao ator e ao agente, uma vez que estão em interação, conflitos, desenvolvendo estratégias, sentidos e ações espaciais. Lussault (2000) reforça como característica do ator, além do caráter da ação, sua intencionalidade e reflexividade. Embora a

²³⁸ “É preciso insistir sobre o caráter dinâmico e produtor desse ir e voltar permanente entre o indivíduo e sua subjetividade e a sociedade; esse movimento perpétuo, incorpora o social que toma lugar, subjetividade, nas competências práxis do ator, então que aquela introduz e produz, desse modo, a individualidade.” (LUSSAULT, 2000, p. 13, tradução nossa).

primeira esteja sempre presente na ação, a segunda nem sempre está, uma vez que o ator e o agente podem agir de forma pré-reflexiva, pois há elementos de opacidade em si e para si.

Lussault (2007) acrescenta uma interessante abordagem na definição de actante – também identificado como operador – do ator e do agente. O autor define o actante em sua condição como humano, híbrido ou não humano, podendo ser um indivíduo, um coletivo, uma paisagem, um vírus e até mesmo artefatos técnicos. O actante,

Il s'agit du terme le plus général qui désigne une réalité sociale quelconque (donc pas nécessairement une personne) dotée d'une capacité de contribuer à l'organisation et à la dynamique d'une action individuelle ou/et collective. (LUSSAULT, 2007, p. 149).²³⁹

O actante não é uma realidade permanente, mas algo que ocorre na existência social de contextos e situações específicas e/ou circunstanciais. Nessa perspectiva, o próprio bairro pode configurar um actante, como nos momentos em que adquire sentidos que o personificam e através dos quais o espaço (actante não-humano) tem potencialidade de influenciar as ações de outros/a atores e agentes. O ator, para Lussault, em relação ao actante, possui uma interioridade consciente, reflexividade e capacidade estratégica de suas ações voltadas para a realização de seus objetivos. Assim, o ator é a menor unidade indivisível, que se socializa, comunica e estabelece interações com outros atores. Ator é aquele que age, construído no tempo, no espaço e no campo teórico, assim, “Refuser l’hypostase du sujet transcendantal pour préférer l’individu agissant socialement construit est une condition sine qua non pour mener une véritable démarche de sciences sociales.”²⁴⁰ (LUSSAULT, 2007, p. 165). O caráter da ação é construído através da socialização, emergindo atores com maior e menor possibilidade de ação e, conseqüentemente, de interferir na produção do espaço. Nas práticas espaciais, os atores interagem como actantes e/ou como agentes. As práticas espaciais, executadas pelo sujeito da ação reforçam a importância de compreender esse ator/agente, suas motivações, concepções de mundo, etc. É, eminentemente, questão geográfica.

Tanto o ator quanto o agente são indissociáveis das relações sociais no espaço-tempo, o que reconduz ao distanciamento das dicotomias simplificadoras e insuficientes para compreender o mundo contemporâneo, como as recorrentes fragmentações entre indivíduo e subjetividade da sociedade e intersubjetividade e, principalmente, na separação entre ator e

²³⁹ “Este é o termo mais geral que designa uma realidade social qualquer (portanto, não é necessariamente uma pessoa) com uma capacidade de contribuir a organização e a dinâmica de uma ação individual e/ou coletiva.” (LUSSAULT, 2007, p. 149, tradução nossa).

²⁴⁰ “Refutar a hipótese do sujeito transcendantal para preferir o indivíduo que age socialmente construído é uma condição para liderar um verdadeiro passo nas ciências sociais.” (LUSSAULT, 2007, p. 165, tradução nossa).

agente do espaço. Um está para o outro como recurso. Na relação entre interioridade e exterioridade, indivíduo/ator/agente e sociedade são relações em que não há, necessariamente, a dominação de um nível sobre o outro. O indivíduo existe autenticamente, mas não de forma independente da sociedade. Já o agente é definido como o ator quando tem restrito, por um período de tempo, sua intencionalidade estratégica e seus potenciais de escolha. A maior parte dos atores é, conforme a situação, agentes e vice-versa. Para Lussault (2007), a alienação consciente ou não da reflexividade e consciência deliberativa caracteriza o agente. Essa definição é próxima da de Di Méo e Buléon (2007), em que a capacidade de ação intencional e reflexiva diferencia ator e agente; contudo, há também as artes do fazer (CERTEAU, 2009), próprias dos agentes, que agem nas estruturas tecnocráticas, no espaço concebido (LEFEBVRE, 2013). Ser agente ou ator é circunstancial, uma vez que a mesma pessoa pode ocupar ambas as posições. Lussault (2007) exemplifica esse aspecto com o juiz que é um agente, mas tem sua potência como ator na interpretação da lei.

Agente e ator são posições ocupadas no cotidiano vivido e praticado. Identificar os agentes como possuidores de menor poder de ação não significa, no entanto, que suas ações cotidianas são irrelevantes ou que as estruturas ideológicas e culturais são absorvidas sem alteração ou que constituem um condicionamento determinante e inultrapassável, o que segue a partir dos diálogos relativos ao *habitus* e às artes do fazer e, conseqüentemente, das práticas ditas microbianas, que se delineiam nas estruturas tecnocráticas. Os agentes absorvem, reelaboram e subvertem as estruturas a seu favor. Mesmo a absorção das estruturas simbólicas e de distinção de classe são reconfiguradas, coexistindo nelas o condicionamento e sua subversão. A apropriação dos signos de distinção social e as práticas de apropriação das ruas da cidade são exemplos dessa coexistência e das possibilidades de resistência ao sistema ordenador.

Muitas são as críticas ao conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu (2007a, 2007b), associando-o a um pensamento estruturalista que restringe o agente à condição de passividade frente à força ordenadora e ideológica das estruturas. Tal perspectiva identifica no conceito de *habitus* uma barreira para interpretar as pluralidades de práticas, os contextos da vida social, os mecanismos de adaptação, os conflitos e as estratégias presentes em diferentes disputas. Nessa linha, Berdoulay, Treytire e Sartre (2010a) afirmam que:

[...] on sait que l'oeuvre de Bourdieu n'offre qu'une 'fiction de sujet dans un système tout-puissant'. Le sociologue français renvoie en effet à un acteur passif qui intériorise les normes sociales et dont l'action se résume à la réalisation des dispositions (à voir, sentir, agir) ainsi acquises. Cette idée d'*habitus* fait négliger la

part active de l'individu, la reléguant à quelque chose de marginal, voire d'illusoire. (p. 401).²⁴¹

No entanto, seria condizente com uma análise consistente do espaço eliminar os elementos de sujeição postos pelas estruturas sociais? E até que ponto o diálogo entre os aspectos convergentes das teorias deve ser abandonado? Há mecanismos sociais que condicionam o modo de ser? Seguindo o próprio pensamento de Bourdieu (2007b), o compromisso teórico deve produzir leituras atentas e críticas que possibilitem tanto afirmar, quanto romper, conservar e superar os pensamentos disponíveis. Essa reflexão do autor estimula tanto a problematização das questões levantadas, quanto sua superação e é nesse intuito que é possível persistir na compreensão de que há um sistema de categorias, percepções, modos de agir e pensar compartilhados e distintos na sociedade e intimamente relacionados às diferenças espaciais, implicando aspectos simbólicos e objetivos das distâncias sociais. Essa reflexão não é discordante das artes do fazer, uma vez que sua realização se dá no interior da própria estrutura tecnocrática, sendo que “[...] a tática é o movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’.” (CERTEAU, 2009, p. 94). As artes do fazer dão-se nas fissuras desse sistema coexistindo com o *habitus*, mas tomando (ou não) consciência de mecanismos de subvertê-lo até o ponto em que deixam de ser práticas microbianas, uma vez que são campos em permanente disputa e o agente acaba ocupando também a posição do ator. O que talvez seja o núcleo do questionamento e da observação empírica é o quanto e como o *habitus* e as artes do fazer manifestam-se nas práticas e nos espaços da cidade, reconhecendo tanto as possibilidades de ruptura com as estruturas, as espertezas no interior dessa sociedade tecnocrática e a internalização das normas, dos valores e dos sistemas. Em raciocínio aproximado sobre o indivíduo, Elias (1994) argumenta que:

Justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age. De nenhum tipo de sociedade essa margem estará completamente ausente. Até a função social do escravo deixa algum espaço, por estreito que seja, para as decisões individuais. (p. 49).

É nesse diálogo entre as concepções de estruturação social e condicionamentos presentes no conceito de *habitus*, das práticas microbianas e artes do fazer que a perspectiva a

²⁴¹ “[...] sabemos que o trabalho de Bourdieu oferece somente uma ficção do sujeito em um sistema todo potente. O sociólogo francês de fato refere-se a um ator passivo que internaliza as normas sociais e cujo trabalho resultou na aplicação das disposições (ver, sentir, agir) adquirido. Essa ideia de *habitus* está negligenciando a parte ativa do indivíduo, relegando-a para algo marginal ou ilusório.” (BERDOULAY; TREYTURE; SARTRE, 2010a, p. 401, tradução nossa).

partir do ator e o agente possibilita compreender o espaço e a sociedade no âmbito de seus tensionamentos, não nos extremos dessas posições, mas nas diversas manifestações entre um e outro, como proposto por Elias. Sua elaboração dá-se em consonância com o espaço na perspectiva de sua materialidade, de suas representações e como condição para a existência da vida, onde ocorrem as experiências e aprendizagens humanas. Essa relação é explicitada em Di Méo e Buléon (2007):

Le principe ‘interactionniste’ occupe une position intermédiaire entre l’individualisme méthodologique et le structuralisme constructiviste ou génétique. [...]. Le concept d’*habitus* développé par Bourdieu ne s’éloigne guère, à notre avis, de ce principe. En tant que système de dispositions propre à tout agent social, produit au cours de son expérience biographique, l’*habitus* contribue à construire ses comportements et ses décisions, ses d’action. (p. 36). [grifo nosso].²⁴²

É o processo de acomodação, assimilação, que não exclui sutis rompimentos com as estruturas e condicionamentos do ordenamento social e espacial. O ator/agente tem a elaboração de si nessa relação entre indivíduo, sociedade e espaço, atravessando as estruturas materiais, ideológicas e culturais. Há uma relação dialética entre a constituição dos sujeitos e suas práticas e as estruturas e sistemas sociais. O acaso, a determinação e a subversão coexistem em mútua influência na coprodução entre espaços e agentes. “En somme, les pratiques spatiales du quotidien, bien que soumises aux déterminations socio-économiques et culturelles que pèsent sur leurs auteurs, réservent néanmoins des surprises, de l’imprévu.” (DI MÉO, 1999, p. 82)²⁴³. O autor dialoga a questão do *habitus* em relação às astúcias, sem a hegemonia de um sobre o outro. Nessa mesma linha, Lussault (2000) argumenta sobre a possibilidade de conciliar universos teóricos que a princípio seriam concorrentes, uma vez que o próprio Certeau (2009) tece duras críticas à concepção de *habitus* de Bourdieu.

Lussault (2000) reconhece a importância do *habitus*, relativizando-o, uma vez que o indivíduo não é independente da estrutura social. A distinção social presente em diferentes modos de ser e agir conforme a posição nas estruturas sociais existe, contudo não é um campo inultrapassável ou questão assimilada sem que seja problematizada e até mesmo recriada. É a característica de reflexividade do ator que faz com que os condicionamentos e as estruturas sofram desvios e subversões.

²⁴² “O conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu não se distancia tanto, a nosso ver, desse princípio. Como um sistema de disposições, próprio a todo agente social, produz no curso de sua própria existência, o *habitus*, contribuindo para construir seus comportamentos, decisões, e princípios de ação.” (DI MÉO; BULÉON, 2007, p. 36, [grifo nosso], tradução nossa).

²⁴³ “Em suma, as práticas espaciais do cotidiano, embora subsumidas as determinações socioeconômicas e culturais que pesam sobre os atores, reservam, porém, surpresas e imprevistos.” (DI MÉO, 1999, p. 82, tradução nossa).

Bref, si l'on doit conférer de l'importance à la notion d'*habitus*, dans une acception souple de celle-là, il est nécessaire d'accorder une intense attention à l'invention et à l'inventivité des protagonistes du jeu social, aux 'arts de faire', qu'ils mettent en oeuvre, à partir des matrices pratiques proposées dans l'ensemble social – c'est-à-dire des formes d'usages dont la validité est reconnue par un groupe, Don la personne s'empare éventuellement et qu'elle conforme à son projet. (LUSSAULT, 2000, p. 13).²⁴⁴

O ator/ agente como sujeito da ação intencional o faz mobilizando aspectos do *habitus*, das artes de fazer, o que, associado à multiplicidade de práticas e relações sociais desenvolve-se a partir de uma multirracionalidade. Os atores não são lineares, homogêneos. Sua coerência está na sua multirracionalidade. O sujeito moderno é fragmentado, composto por instâncias complementares e em conflito, o que Lussault (2000) define como entidade poliédrica ou polimorfa, constituindo-se como possuidora de múltiplas faces e formas. Essa multirracionalidade do ator/agente deve ser apreendida tendo-se em conta esse aspecto, uma vez que os atores/agentes estão imersos em múltiplas possibilidades e experiências que, embora aparentem ser contraditórias, coexistem formando-o como um híbrido. Assim, “[...] le sujet ne peut être compris que dans la cohérence qu’il donne lui-même à ses actions et à leur enchaînement dans le temps et au cours de sa vie.” (BERDOULAY; TREYTURE; SARTRE, 2010a, p. 398)²⁴⁵. O ator/agente tem intencionalidades e ações distintas conforme a situação em que se dá a experiência, fazendo uso dos saberes para melhor adequar-se ou transformar a situação.

O espaço e os atores estão em constante interação, redefinindo-se mutuamente e nas constantes disputas que os atravessam. A ação dá-se em um jogo envolvendo ator e demais atores, sociedade e espaço. Cada elemento está em elaboração relacional com os demais. Espaços condicionam ações, que subvertem as normativas de espaços. O espaço corresponde ao meio através do qual são desenvolvidos os eventos (SANTOS, 2002). Ao mesmo tempo em que o agir dos atores elabora espaços, eles atuam como condicionantes: a materialidade, a rua, a igreja e o terreiro, por exemplo, orientam as formas de agir, uma vez que cada parcela do espaço está inserida em lógicas específicas de ações, hierarquias, empoderamento e visibilidade, difundindo mensagens, sentidos, visões de mundo e formas de agir.

²⁴⁴ “Se conferimos importância à noção de *habitus*, em uma acepção flexível, é necessário prestar intensa atenção para a invenção e a criatividade dos protagonistas do jogo social, as ‘artes do fazer’, que elas colocam em obra, a partir das matrizes práticas propostas no conjunto social, ou seja, as formas de uso cuja validade é reconhecida por um grupo, no qual a pessoa eventualmente se empodera, que ela conforma a seu projeto.” (LUSSAULT, 2000, p. 13, [grifo nosso], tradução nossa).

²⁴⁵ “[...] o sujeito somente pode ser compreendido na coerência que ele mesmo dá a suas ações e a sua sequência lógica no tempo e no curso da vida.” (BERDOULAY; TREYTURE; SARTRE, 2010a, p. 398, tradução nossa).

Turco (2010) faz uma leitura da relação entre tradição e transformação das estruturas territoriais e urbanas no oeste do continente africano. Identifica que os sujeitos, na produção de representações de si mesmos, são confrontados por novos mecanismos de pertencimento e por fortes ligações étnicas e de linhagens. Ele constitui-se na negociação de situações, em princípio, contraditórias e conflituais. A autorrepresentação é transformada nas tramas de relações sociais e do processo de adesão vinculados à diferenciação e ao acesso espacial de seus recursos sob relações contratuais e não mais étnicas.²⁴⁶

L'indentité échappe progressivement aux formes cristallisées – qu'elles soient d'inspiration religieuse, lignagère ou politique – pour prendre l'aspect d'une fabrication de la personnalité ou les discours et les pratiques s'entrecroisent, selon les contingences et les alliances possibles, tout en tenant compte des héritages historiques et culturels. (TURCO, 2010, p. 440).²⁴⁷

As transformações ocorridas na região acarretam no que Turco define como dinâmica pós-identitária, uma vez que as relações excedem as determinações históricas, sociais e culturais, estabelecendo ações de competição pelo poder político e controle de recursos sob contextos estranhos aos das linhagens étnicas. Esse sujeito se redefine no jogo constante de suas heranças e de novas bases políticas e culturais, delineando-se em suas subjetividades e perfis de forma flexível, coexistindo a transformação e as múltiplas resistências. Essa análise comprova a possibilidade da coexistência de diferentes arranjos entre as estruturas – que não são hegemônicas no espaço – e os contextos locais, em interseções do global no local.

Os/as jovens são atores e agentes que possuem especificidades tanto na construção e no desempenho de papéis sociais ao longo do tempo e do espaço, mas também como construções teóricas em disputa. Como a situação de ator e agente são posições, os/as jovens do Guajuviras potencialmente ocupam uma ou outra nas práticas cotidianas. No entanto, como o enfoque recai sobre as práticas microbianas, nos aproximamos da noção de agentes.

²⁴⁶ As mudanças estão fortemente relacionadas às transformações impostas no período colonial e pós-colonial, quando foram redefinidos os poderes territoriais em bases estranhas ao contexto local, o que para Turco acarretou na produção de figuras híbridas que transformaram os sistemas tradicionais de representação e de relações com o espaço. Há a transformação de relações pautadas na legitimidade por relações pautadas por legibilidade. “Car si as gestion reposait auparavant sur les évaluations et le savoir de différents villages, par la suite, elle obéit à des réglementations techniques et juridiques complètement étrangères à la tradition précédente: la ‘compétence topique’ des populations locales est remplacée par la ‘connaissance topique’ des acteurs externes.” (TURCO, 2010, p. 436). “Porque se a gestão repousa anteriormente sobre as avaliações e o saber de diferentes vilas, pela sequência, ela obedece aos regulamentos técnicos e jurídicos completamente estrangeiros à tradição precedente: a competência tópica das populações locais passa a ter conhecimento tópico dos atores externos.” (TURCO, 2010, p. 436, tradução nossa).

²⁴⁷ “A identidade escapa gradualmente as formas cristalizadas – de inspiração religiosa, linhagem ou política – para tomar o aspecto de uma fabricação da personalidade ou os discursos e as práticas se cruzam, de acordo com as contingências e alianças possíveis, ao mesmo tempo em que as heranças históricas e culturais.” (TURCO, 2010, p. 440, tradução nossa).

Mesmo as práticas de apropriação, na maior parte das vezes, ocorrem na figura do agente, em pequenas resistências cotidianas inseridas em modos de vida locais ou em confronto com o sistema ordenador. Esse posicionamento não significa relegar os/as jovens ao segundo plano de ação e transformação do espaço; ao contrário, são as múltiplas e incontáveis táticas cotidianas que constituem os espaços nas lógicas da ordem próxima. A juventude constitui atores de forte embate sob a perspectiva da coletividade, como a presença de jovens nas manifestações de julho de 2013, em relação aos agrupamentos denominados Bondes, entre outros. Os/as jovens, como agentes das ações e experiências, produzem, através delas, a si mesmos e aos espaços de suas práticas. Materialidades e sentidos, subjetividades, intersubjetividades e objetividades entrelaçando-se nas práticas de liberdade e coerção, autonomia e condicionamento, sem dicotomias, pois os atores/ agentes elaboram-se a partir de suas próprias ações, o que lhes dá a condição de poliédricos. E, através de suas narrativas, essa realidade complexa emerge.

4.2 JOVENS COMO ATORES E AGENTES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

É a juventude, como argumenta Bourdieu (1983), apenas uma palavra? Uma criação humana atravessada por disputas de definição e controle social? Um recorte demográfico explicativo de determinados fenômenos da sociedade? Possui limites fixos, precisos, os quais podem ser transpostos na compreensão desses sujeitos? Ou permeáveis, ambíguos e mutantes? Essas são questões que atravessam as definições e características das juventudes em sua diversidade, disputas e perspectivas. O campo de estudos sobre juventudes é vasto, abrangendo análises que permeiam questões relativas e pautadas por recortes demográficos; forma de desenvolvimento psicológico; integração social; agentes de transformação; problemas de desenvolvimento; geracionais; construção sociocultural (ALPÍZAR; BERNAL, 2003); e, neste trabalho, as práticas e representações de jovens nos espaços de um bairro pobre e no espaço metropolitano.

Para traçar compreensões que consubstanciem as perspectivas geográficas é imprescindível construir interpretações interdisciplinares através de diálogos com a Sociologia, a Educação, a Psicologia, o Serviço Social, para, por fim, constituir a bricolagem na qual os/as jovens são delineados como atores e agentes do espaço. Nessas incursões as seguintes temáticas são centrais para delinear os/as jovens em suas complexidades e as teorias como instrumentos de interpretação com potencialidades, limitações e visões de mundo: construção histórico-social da concepção de juventude; abordagens que questionam ou se

coadunam com as interpretações que identificam os/as jovens como problemas sociais ou em perspectivas culturais; enfoques geracionais; e, por fim, a coprodução entre jovens e espaços. As noções de jovens e juventudes são elaboradas em determinados “lugares”: na estrutura social, no campo científico e nas representações. E elas implicam relações de dominação, condicionamento, disputas e resistências.

4.2.1 Juventudes como construções sociais

Um primeiro aspecto que se impõe nesta aproximação é o reconhecimento da juventude como construção social distinta no tempo e no espaço. Inegavelmente o percurso da vida em nascimento, crescimento e envelhecimento é compartilhado pelos diferentes arranjos sociais e culturais; no entanto, as especificidades, os sentidos e as institucionalizações dessas etapas são particulares no tempo e no espaço, estando entrelaçadas a embates de definição e modos de vivenciar e internalizar cada fase e até mesmo à supressão das especificidades de determinado período, como sua negação enquanto experiência vivida ou uma alta institucionalização das transições através das instituições de ensino, família, trabalho e, finalmente, a delimitação dos espaços e papéis que cada ator e agente deve ocupar e/ou desempenhar em confronto ou/e condicionadas com os mecanismos de controle social.

Infância, juventude, maturidade e velhice são classificações que estão em relação e impregnadas de um sistema hierárquico que postula o lugar do discurso normativo, caracteristicamente adultocêntrico (DUARTE, 2000), através do qual, em diferentes contextos sócio-espaciais, são utilizados como mecanismos de classificação e dominação ou de manutenção de privilégios de um grupo etário sobre outro. A idade corresponde a um conteúdo biológico, embora seja manipulada e manipulável (BOURDIEU, 1983), cujas características estipuladas como determinantes devem ser internalizadas, preservando, com isso, o sistema hierárquico e a continuidade da estrutura social e, conseqüentemente, os processos de aprendizagem – sejam no âmbito da família, do trabalho ou das instituições de ensino – atuam na produção de indivíduos que deem continuidade à estrutura social. As fases da vida, embora apresentem profundas diferenças em distintos contextos sociais, tanto em papéis sociais, quanto representações e experiências, contêm similitudes como as relações de aprendizagem e os processos de dominação e controle.

As relações atravessadas por questões etárias diferenciam-se em duração, existência, rituais de passagem e papéis dentro da estrutura social. Feixa (1999, 2004) procura responder se a juventude é um fenômeno universal através da análise de estudos antropológicos,

históricos e sociológicos, identificando as fases da vida em sua plasticidade e a partir do contexto sociogeográfico, institucional e técnico, do qual originam (ou no qual são suprimidas). Os processos de transição entre infância e vida adulta apresentam características, hierarquias em que a juventude nem sempre está explicitamente presente, o que ratifica o caráter de construção cultural indissociável das transformações relacionadas às instituições familiares, de trabalho (reprodução social) e as instituições de ensino e formação. Assim, as incursões e reflexões a partir das diferentes classificações e hierarquias da questão etária têm como objetivo a compreensão das juventudes enquanto construção social e cultural distinta no espaço e em suas heterogeneidades.

Um primeiro percurso de compreensão das juventudes enquanto construção é a identificação das formas de sua emergência ou inexistência em diferentes contextos e quais os conteúdos que as distinguem como grupo social. Essas organizações sociogeográficas são identificadas a partir de Feixa (1999, 2004), Pozo (2009), Pérez Islas (2009) e Ariès (1981). Por meio dessas análises são exemplificadas algumas formas de organização social a partir das classificações etárias em diferentes contextos sociogeográficos.

Em sociedades sem Estado é possível identificar diferentes modelos de ciclo de vida: algumas sociedades com forte distinção e longos períodos de transição e outras cujos processos são menos marcados na estrutura social. As fases da vida surgem dentro do contexto de necessidades do grupo, como reforçar a coesão em sociedades coletoras, assegurar a proteção em sociedades pastoras, manter a hierarquia social e a divisão do trabalho em sociedades agrícolas. Em estudos sobre a sociedade coletora dos pigmeus Bambuti da selva Ituri, República Democrática do Congo, desenvolvidos por Turnbull (1961), é identificada como característica do grupo a forte integração social em que todos participam das atividades, inclusive nas decisões.²⁴⁸ O aprendizado dá-se por imitação nas coletas dos alimentos, nos jogos e nas cerimônias. O término da infância é marcado, para as jovens, pelo *elima* (cerimônia de transição), quando têm a primeira menstruação e ficam reclusas por um período de aproximadamente um mês durante o qual aprendem as habilidades para a maternidade e os cantos. Para os jovens, a transição ocorre quando adquirem a capacidade de caçar um animal de grande porte e ao iniciarem-se sexualmente com as jovens reclusas (FEIXA, 2004). Para esses grupos, a aquisição das capacidades de reprodução e subsistência são os marcadores do término da infância. Nessas sociedades não há um período de passagem

²⁴⁸ Feixa (2004) narra os estudos de Turnbull (1961), mas salienta que sua perspectiva é atravessada por uma visão romântica do primitivo, mitigando os conflitos geracionais destacados em estudos de perspectiva marxista.

ou conjunto de imagens que singularizem a juventude como uma fase da vida.

Com a agricultura e a produção de um excedente de alimentos, tem-se maior divisão do trabalho e hierarquização social. Nesse contexto, as juventudes ganham relevância pelo potencial de força de trabalho. Firth (1963) estudou os *Tikopia*, agricultores e pescadores habitantes do Arquipélago de Salomão. Nesse grupo os períodos da vida não têm uma demarcação acentuada, uma vez que a inserção nas atividades proporciona um rápido amadurecimento, não estabelecendo marcadas cisões etárias. Na mesma perspectiva de ausência de conflitos, Mead (1928), em seu trabalho de investigação sobre as adolescentes em Samoa, identifica o período da adolescência como uma etapa sem tensões, de desenvolvimento harmônico de interesses e atividades em lento amadurecimento (POZO, 2009), embora apresente forte sistema de hierarquização social e longo período de subordinação que pode durar até 30 ou 40 anos (FEIXA, 2004).²⁴⁹

As análises de Mead (1928), assim como as de Benedict (2008), desenvolvem-se dentro da perspectiva da cultura, polemizando com Hall (1904)²⁵⁰ cujo estudo argumentava que a adolescência seria uma etapa natural de turbulência. O embate está centrado na relação natureza e cultura. Em análise a partir de diferentes culturas, Benedict (2008) chega à seguinte conclusão: “[...] Aunque es un hecho original que el niño se vuelve hombre, la manera en que la transición se efectúa varía de una sociedade a outra, y ninguno de estos puentes culturales específicos deve verse como un camino ‘natural’ hacia la madurez.” (p. 36)²⁵¹. Embora a teoria de Mead (1928) também tenha sofrido críticas metodológicas acerca dos resultados, ambas as autoras trazem para o debate a desconstrução das categorias etárias como naturais e universais.

Estudos sobre os *Masai* e os *Kypsigis*, sociedades pastoras da África Oriental, revelam marcada estrutura etária e social, principalmente do sexo masculino com a formação permanente para a defesa territorial. Os *Masai* eram organizados segundo a etapa do ciclo de vida e a função a ela atribuída:

²⁴⁹ Os estudos de Mead (1928) de inexistência de conflitos geracionais foram contestados na década de 1980 por Freeman (1983) (POZO, 2009).

²⁵⁰ O autor publicou o primeiro tratado teórico sobre juventude contemporânea, inspirado no conceito de evolução de Darwin em uma teoria psicológica, segundo a qual cada organismo individual reproduz etapas da barbárie até a civilização. A adolescência corresponderia a um período pré-histórico de turbulência e transição, período de tormenta e agitação (FEIXA, 2004).

²⁵¹ “Embora seja um fato original que a criança torna-se homem, a maneira em que essa transição ocorre varia de uma sociedade para outra e nenhuma dessas pontes culturais específicas deve ser vista como um caminho ‘natural’ para a maturidade.” (BENEDICT, 2008, p 36, tradução nossa).

Los varones pasaban por cinco estádios a lo largo de su vida: niños, guerreros, jóvenes adultos, mayores y ancianos. Cada grado tenía un nombre, y correspondía a una función: Il murrán (joven guerrero) se dedicaba a la actividad militar; Il moruak (adulto casado) se centraba en la actividad doméstica; Il piron (mayor) ostentaba el poder de toma de decisiones; Il dasat (anciano) consistía en el poder ritual y simbólico. (FEIXA, 1999, p. 23).²⁵²

Nas sociedades indígenas do México a etapa da juventude era pouco representativa. No grupo étnico *Huicholes*, após os primeiros cinco anos de vida e com maiores possibilidades de sobreviver, a criança, denominada de *nonutzi* passa a *uko*, que significa maior e tem o ingresso nas atividades cotidianas do grupo segundo as diferenças de gênero. As meninas, aos oito anos, são reconhecidas como mulheres e dispostas a casamentos arranjados pela família. De criança dependente os *huicholes* passavam a adultos responsáveis por família própria ou por seus pais.

Cada sociedade possui um sistema cultural mais ou menos marcado, que corrobora a constituição dos papéis sociais com base em diferenças etárias. Estão presentes as oposições responsabilidade-irresponsabilidade, domínio-submissão apontadas por Benedict (2008). Em análise da obra de Benedict sobre culturas primitivas, Pozo (2009) argumenta que a autora resolve o embate entre natureza e comportamento a partir das mediações da cultura na conformação dos papéis sociais entre crianças e adultos, as quais apresentam diferenças particulares ao arranjo sócio-espacial de cada grupo social. Assim,

Las variaciones se dan en función de las obligaciones que definen las prerrogativas de la edad adulta. Así, la iniciación en una tribu guerrera podrá ser más larga y con características totalmente diferentes a la de una sociedad donde la condición adulta permite el privilegio de bailar en una representación de dioses enmascarados. (POZO, 2009, p. 16).²⁵³

Nas sociedades estatais concebia-se a juventude como grupo etário no qual não era reconhecida a plenitude de direitos sociais e ao qual eram atribuídas tarefas educativas e militares, como a *efebia* ateniense – efebo como aquele que chegou à puberdade em sentido natural e jurídico. Na sociedade clássica, a juventude, antes de adquirir os direitos sociais, possui tarefas militares e educativas para formação cívico-militar. Na sociedade grega antiga

²⁵² “Os homens passam por cinco etapas ao longo de sua vida: crianças, guerreiros, adultos jovens, adultos e idosos. Cada grau tinha um nome e correspondia a uma função: Il murrán (jovem guerreiro) estava envolvido em atividades militares; Il moruak (adulto casado) focado na actividade doméstica; Il Piron (maior) detinha o poder de tomada de decisão; Il dasat (mais velho) consistia em poder ritual e simbólico.” (FEIXA, 1999, p. 23, tradução nossa).

²⁵³ “As variações ocorrem nas obrigações que definem os privilégios da vida adulta. Assim, a iniciação em uma tribo guerreira poderá ser mais longa e com características completamente diferentes ao de uma sociedade onde a condição adulta permite o privilégio de dançar em uma representação dos deuses mascarados.” (POZO, 2009, p. 16, tradução nossa).

havia uma fase de preparação para que o cidadão conquistasse uma posição na sociedade, dando origem à Paideia (educação), que oferecia uma base de apoio à ideia de juventudes, vinculando-se às ideias de Eros, amizade e reforma. Um tempo dedicado à formação, contribuindo para a percepção dos jovens na produção de ideias novas, de saberes. Esse recorte é relativo às distinções de classe e gênero. A Paideia é central na produção de ensinamentos e na ordem social, em que aos jovens correspondem os atos, aos homens maduros as decisões e aos velhos as prescrições (SCHNAPP, 1996).

Na sociedade romana são identificados dois períodos com relações etárias e estruturas sociais particulares. No início da república romana a transição da infância para a vida adulta era marcada pela puberdade em um ritual público onde se trocava a vestimenta infantil por outra, o que significava a incorporação dos direitos e deveres dos adultos. No entanto, no século II d.C., são inseridas mudanças que dão origem às juventudes nas classes privilegiadas. Sob a rubrica de direitos são elaboradas as restrições e relações desiguais, potencializando ações de combate à ordem estabelecida, retardando os direitos, como os do próprio patrimônio e, em contrapartida, intensificam-se os deveres, como a defesa da pátria. Esse controle exercido sobre os jovens tem como objetivo preservar a organização social e os privilégios dos segmentos dominantes (FEIXA, 2004). No entanto, as relações de poder e definição estão em constante conflito, e os bacanais, nos quais convergiam de forma voluntária e involuntária grupos sociais excluídos, como as mulheres e jovens, eram expressões de rebelião, combatidas como orgias, fraudes e delitos (LUTTE, 1991).

Ariès (1981), no livro *História Social da Infância e da Família*, demonstra como, ao longo dos séculos, a sociedade europeia relacionou-se e construiu os sentidos das idades da vida, em particular a infância e a juventude. A idade nem sempre foi um dado hegemonicamente relevante, tendo sido em determinados períodos imprecisa em registros²⁵⁴, não diferenciada no cotidiano ou esquecida, demonstrando sua fraca relevância. A juventude como uma fase de transição inexistia na sociedade europeia, na qual de criança se passava a adulto jovem. Os termos para designar as fases da vida eram ambíguos e correspondiam a relações de dependência. A ambiguidade dos termos evidencia uma menor institucionalização das fases da vida:

²⁵⁴ Segundo Ariès (1981), somente no século XVIII que os párocos passaram a manter os registros com a exatidão do Estado moderno de registros civis.

A palavra *enfant*, nos *Miracles Notre-Dame*, era empregada nos séculos XIV e XV como sinônimo de outras palavras tais como *valets*, *valeton*, *garçon*, *fil*, *beau fils*: ‘ele era *valeton*’ corresponderia ao francês atual ‘ele era um *beau gars* (um belo rapaz)’, mas na época o termo se aplicava tanto a um rapaz – ‘um belo *valeton*’ – como a uma criança – ‘ele era um *valeton*, e gostavam muito dele... o *valez* cresceu!’ [...]

Segundo o Calendário das idades do século XVI, aos 24 anos ‘é a criança forte e virtuosa’, e ‘Assim acontece com as crianças quando elas têm 18 anos’. (ARIÈS, 1981, p. 41-42).

No antigo regime (Europa medieval e moderna), tanto aos 7 ou 9 anos as pessoas, de ambos os sexos, saíam de suas casas e passavam a ser aprendizes das tarefas domésticas e ofícios junto a outras famílias. Os grupos etários estavam mesclados nas atividades cotidianas. Nesse contexto, a coesão familiar não era significativa. Nessa sociedade, a transmissão cultural dava-se pelo trabalho (FEIXA, 2004).

As instituições escolares viriam a desempenhar um importante papel na classificação e separação por idades, distinção produzida ao longo do tempo, pois na origem convergiam pessoas de diversas idades. O prolongamento do período escolar viabiliza a constituição de uma condição juvenil como etapa intermediária entre infância e maturidade (ABRAMO, 1994). Esse processo é também atravessado por questões de gênero, em que as meninas, ao assumirem papéis sociais associados hoje a adultos, já se portavam como tais e cujas preparações para a vida adulta priorizavam as questões domésticas nas diferentes classes sociais, sendo que a alfabetização não era prioridade. Embora o público principal das instituições escolares fossem os burgueses, juristas e eclesiásticos, havia nobres que não frequentavam a escola e camponeses que a frequentavam (ARIÈS, 1981).

Conquanto não seja possível definir uma data precisa para o surgimento da juventude enquanto categoria social e cultural, é possível identificar, em contextos ocidentais, essa elaboração no processo de transição do feudalismo ao capitalismo e à industrialização, com as transformações da família, da escola, do exército e do mundo do trabalho. Na primeira, há o prolongamento da dependência dos filhos e controle da autoridade familiar; no segundo, a instituição escolar insere-se no processo de iniciação social e separação dos jovens dos adultos; o exército, através do corte geracional, coloca em convívio jovens de classes e culturas diferentes, propiciando a emergência de uma consciência geracional; e, por fim, o mercado de trabalho emergente na revolução industrial propicia maior autonomia aos jovens, uma vez que o controle fundiário ao qual estavam submetidos foi rompido com as possibilidades de emprego que surgiam (FEIXA, 2004). Também Pérez Islas (2009), baseado em Pahl (1991) traz uma reflexão sobre esse aspecto:

Así, la primera transformación radical se produce en la época preindustrial, cuando la unidad productiva que es fundamentalmente la familia- donde sus diferentes miembros “trabajan” como un solo cuerpo por el bienestar colectivo – es transformada por un capitalismo que rompe con esa articulación de producción-reproducción-consumo y transforma en unidad económica básica al individuo, quien a partir de entonces será quien deba vender su fuerza de trabajo para poder sobrevivir. (PÉREZ ISLAS, 2009, p. 30).²⁵⁵

A construção social do juvenil, de acordo com Pérez Islas (2009), surge em paralelo com o desenvolvimento industrial dos significados do trabalhador e assalariado:

Así, la construcción social de lo juvenil surge en paralelo con la aparición industrial de los significados de trabajador y asalariado, que se generan en la transición de lo feudal al sistema de producción capitalista, junto con el surgimiento de las ciudades, la manufactura doméstica y el comercio internacional. (p. 30).²⁵⁶

A emergência da temática juventude é construída a partir de rotulações: jovens delinquentes, excêntricos, contestadores, contrastando com a estrutura e organização sociais. A juventude é um fenômeno da sociedade moderna (ABRAMO, 1994), decorrente da cronologização do curso da vida empreendido desde o século XIX em paralelo com a constituição das estruturas do mundo moderno, como “[...] a urbanização em grande escala, a industrialização, a mercantilização da vida e autonomização das esferas de ação social.” (GROPPO, 2004, p. 17).

Dois acontecimentos tiveram significativa importância para a constituição de juventudes em contextos geracionais: as guerras mundiais e a revolução soviética.²⁵⁷ As duas guerras mundiais produziram penúrias na Europa, tendo sido significativa a quantidade de jovens vitimados. A revolução soviética em 1917 constituiu-se como paradigma da força regeneradora dos jovens (FEIXA, 2004). Também os regimes fascista e nazista tiveram impacto na constituição de gerações, o que reforça a negação de características intrínsecas aos jovens, que podem ser/estar tanto revolucionários, quanto reacionários, como aponta Feixa (2004):

²⁵⁵ “Assim, a primeira transformação radical ocorre em época pré-industrial, quando a unidade de produção, que é, fundamentalmente, a família – onde os diferentes membros “trabalham” como um só corpo pelo bem-estar coletivo – é transformada pelo capitalismo que rompe com essa articulação de produção – reprodução – consumo e transforma em unidade econômica básica o indivíduo, que, posteriormente, será quem deve vender sua força de trabalho para sobreviver.” (PÉREZ ISLAS, 2009, p. 30, tradução nossa).

²⁵⁶ “Assim, a construção social do juvenil surge em paralelo com o desenvolvimento industrial dos significados do trabalhador e assalariado que se geram na transição do sistema feudal de produção capitalista, juntamente com o surgimento das cidades, da manufatura doméstica e do comércio internacional.” (PÉREZ ISLAS, 2009, p. 30, tradução nossa).

²⁵⁷ Em perspectivas ocidentais.

[...] as juventudes Hitleristas na Alemanha e os Barilla Fascistas na Itália foram espaços de socialização e grupos de choque utilizados para estes regimes estenderem sua hegemonia entre amplas camadas da população. Mas alguns grupos juvenis encontraram na música e na dança um espaço para escapar dessas tendências autoritárias, como ocorreu com os famosos rebeldes do swing na Alemanha, convertendo-se, ao final da década de 30, na única referência de dissidência possível numa sociedade alienada por uma ideologia militarista e totalitária. (p. 301).

Após a 2ª Guerra Mundial, surge um mercado de consumo adolescente, fazendo da juventude a idade da moda. Emergem teorias que identificam a juventude como uma categoria interclassista. A escola e a ampliação da escolarização compõem possibilidades de convivência de pessoas com recortes etários próximos. Ao mesmo tempo surge a imagem do jovem inconformado e do vandalismo adolescente. As fases da vida são elaboradas, construídas e desconstruídas ao longo da história como idades sociais caracterizadas e institucionalizadas sob as quais são instituídos direitos, deveres, lugar social, imagem, potencialidades, representações e estereótipos.

A observação a partir das diferentes manifestações das fases da vida nas sociedades citadas reforça a compreensão das juventudes prioritariamente sob o viés cultural em detrimento dos aspectos biológicos, ainda em voga no senso comum e em análises a partir da categoria social juventude como problema ou como esperança. Também favorece a problematização do seu caráter interclassista, uma vez que ainda que as diferenças coexistam, há atravessadores comuns a diferentes juventudes, como as tecnologias, que têm ampliado seu alcance para diferentes grupos sociais, a disseminação de culturas juvenis globais que se inserem e compõem uma bricolagem de referências entre local e global, as institucionalizações presentes nos mecanismos legais e no sistema escolar. Contemporaneamente as formas concretas e representações de juventude tornam-se complexas em um mesmo contexto de espaço e tempo. Mesmo com a institucionalização da fase de vida e com atravessadores comuns às diferentes juventudes, essas têm distintas formas de vivenciar e atribuir sentidos à juventude.

Os/as jovens vivenciam as mesmas transformações estruturais, mas com impactos e intensidades distintos. Não é possível colocar da mesma forma a precarização do trabalho para jovens pobres que ingressam precocemente nesse mercado e jovens de classes sociais em que é possível estender e qualificar a formação profissional. As diferentes formas de ter ou não a experiência da juventude são distintas e desenvolvem-se na particular articulação entre local e global, que se realiza no espaço vivido e nas práticas espaciais. As experiências de coprodução entre sujeitos e espaços são distintas entre jovens da caatinga, jovens indígenas cantores de rap no Cerrado (como o grupo Brô Mcs), jovens de “periferias”, jovens de classe

média e alta, jovens que vivenciam o dilema entre permanecer ou não no espaço rural. E até mesmo entre jovens de uma mesma cidade ou bairro, que constroem suas diferenças a partir de gostos, de territórios (como no Guajuviras em suas diferentes espacialidades), ou seja, as juventudes são plurais em contextos diferentes e no mesmo contexto.

4.2.2 Juventudes em recortes etários e trajetórias

As fases da vida, enquanto recorte etário, são fortemente institucionalizadas: há uma idade para ingressar no sistema de ensino, idade para votar em processos eleitorais, idade para adquirir carteira de motorista, etc. No Brasil são considerados jovens os sujeitos com idade entre 15 e 29 anos de idade (BRASIL, 2013), sendo essa classificação subdividida em: jovens adolescentes (com idade entre os 15 e os 17 anos), jovens-jovens (entre os 18 e os 24 anos) e jovens adultos (entre os 25 e os 29 anos) (NOVAES et al., 2006). A Organização das Nações Unidas (ONU) classifica como jovens os sujeitos entre 15 e 24 anos. Esses intervalos diferenciam conforme o Estado:

Sin embargo, en los países iberoamericanos se observa una gran diferencia en los rangos de edad con los que define la juventud: entre los 7 y 18 años (El Salvador); entre los 12 y 26 años (Colombia) [...]; entre los 12 y 35 años (Costa Rica) [...]; entre los 12 y 29 (México); entre los 14 y 30 años (Argentina); entre los 15 y 24 años (Bolivia, Ecuador, Perú, República Dominicana); entre los 15 y 25 años (Guatemala, Portugal); entre los 15 y 29 años (Chile, Cuba, España, Panamá, Paraguay); entre los 18 y 30 años (Nicaragua) [...]. En Honduras la población joven corresponde al grupo menor de 25 años [...]. (HOPENHAYN, 2004, p. 290-291).²⁵⁸

As classificações são mecanismos a partir dos quais o Estado, Instituições e ONGs estipulam ações para uma parcela específica da sociedade, identificando-os como sujeitos de direito e/ou em vulnerabilidade. Nesse sentido, Groppo (2004) entende que:

Esta faixa etária não tem um caráter absoluto e universal. É um produto da interpretação das instituições das sociedades sobre a própria dinâmica. A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos ‘estruturantes’ das redes de sociabilidade. (p. 11).

²⁵⁸ “No entanto, em países iberoamericanos se observa uma grande diferença nas faixas etárias com a definição de juventude: entre 7 e 18 anos (El Salvador); entre 12 e 26 anos (Colômbia) [...]; entre 12 e 35 anos (Costa Rica) [...]; entre 12 e 29 (México); entre 14 e 30 anos (Argentina); entre 15 e 24 (Bolívia, Equador, Peru, República Dominicana); entre 15 e 25 anos (Guatemala, Portugal); entre 15 e 29 anos (Chile, Cuba, Espanha, Panamá, Paraguai); entre 18 e 30 anos (Nicarágua) [...]. Em Honduras, a população jovem corresponde grupo de menos de 25 anos [...]” (HOPENHAYN, 2004, p. 290-291, tradução nossa).

Embora as classificações demográficas sejam necessárias para o planejamento e elaboração de políticas públicas para esse segmento social, podem incorrer em generalizações das características dos/as jovens, distanciando-se das diversas possibilidades de vivenciar a juventude, sendo necessário o desenvolvimento de pesquisas em metodologias qualitativas que priorizem múltiplas formas, contextos, conflitos, escalas de referência e poder que atravessam a experiência juvenil e suas representações. A definição das juventudes não é, portanto, exclusivamente biológica, mas principalmente cultural, social e política (MELUCCI, 1997; PERALVA, 1997; ABRAMO, 1997).

Entre os conteúdos que permeiam as definições de juventude está seu caráter de etapa de preparação para o mundo, processo de integração social, fase de transição entre infância e maturidade, um vir a ser pautado no tempo futuro. Para Duarte (2000), as interpretações da juventude como transição fazem com que essa definição perca importância em si mesma, pois o principal parâmetro é o adulto que esses/essas jovens deverão tornar-se. É novamente uma perspectiva adultocêntrica que pauta e prescreve os modos de ser tidos dentro da normalidade, estabelecendo, desse modo, o que seriam os desvios. É um tempo de preparação para que os/as jovens adquiram os valores e as habilidades para a vida adulta de cidadãos e consumidores. Todavia, além de estabelecer um não lugar social para os/as jovens ou de não reconhecer a juventude em seus valores em si, desconsidera que as possibilidades de vivenciar essa etapa, como a participação do mercado de produção e consumo, são diferentes em relação à classe social, ao gênero, à etnia, aos sistemas políticos, etc.

No entanto, devem ser destacadas algumas questões, como a característica de dominação, as generalizações e as representações, as quais incidem sobre as juventudes e suas diferenças, inclusive dentro de um mesmo contexto socioespacial. Os/as jovens são preparados, então, como trabalhadores, consumidores, pais, ou seja, para funções que visam dar continuidade à sociedade, sendo que os modos de ser e de agir destoantes dos estipulados são caracterizados como desvio. Assim, as formas de ser jovem são prescritas e controladas. Ainda que as diferenças culturais, econômicas, sociais e territoriais sejam distintas para o mesmo grupo etário, a normativa é internalizada, embora muitas vezes sejam distantes das possibilidades de ação dos/as jovens. Assim,

[...] las juventudes no existen a priori y se van construyendo en un cierto espacio tiempo social, imaginario y real, ellas adquieren presencia no sólo desde el discurso de quien las habla, sino que sobre todo porque van ganando historicidad desde sus

próprias expresiones y muchas veces irrupciones en el espacio social. (DUARTE, 2000, p. 74).²⁵⁹

Esse período de transição é identificado como uma moratória social (MARGULIS; URRESTI, 1998), como tempo de preparação para a vida adulta, em que o tempo de estudo e postergação dos papéis e funções tradicionalmente reconhecidos como pertencentes à vida adulta, como o ingresso no mercado de trabalho e a constituição de família. É o tempo livre que entre as classes média e alta é legitimado socialmente.

La juventud se presenta entonces, con frecuencia, como el período en que se posterga la asunción plena de responsabilidades económicas y familiares y sería una característica reservada para sectores sociales con mayores posibilidades económicas. Esta sería la juventud paradigmática, la que se representa con abundancia de símbolos en el plano mass mediático: desportiva, alegre, despreocupada, bella, la que viste las ropas de moda, vive romances y sufre decepciones amorosas, pero se mantiene ajena, hasta su pleno ingreso a las responsabilidades de la vida, a las exigências, carências y conflictos relativos a la economía, el trabajo y la familia. (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 6).²⁶⁰

A moratória nesse sentido não corresponde à parcela da população que ingressa cedo no mercado de trabalho, os/as jovens que compõem novos núcleos familiares, que abandonam o ensino básico ou não ingressam no ensino superior. Comumente, o tempo de ócio dos/as jovens pobres é criminalizado como “tempo de marcar bobeira na esquina” (ABAD, 2003). A moratória social é uma idealização de formas de integração socialmente reconhecidas, no entanto, acirra as distinções simbólicas e o reconhecimento de formas de vivenciar a juventude, ainda que longe do sistema de ensino ou atravessadas pelo mercado de trabalho e até mesmo no ócio e em aventuras nas ruas e esquinas da cidade. Pode ser compreendida como um potencial direito que não se efetua de forma generalizada.

Nessa perspectiva, Reguillo (2003) argumenta sobre as transformações da ordem social na constituição de culturas juvenis, destaca o processo de globalização e o retorno de localismos, as tecnologias da informação e o desgaste dos discursos hegemônicos e políticos. As referências de passagem tradicionais para a vida adulta, como término da escolarização,

²⁵⁹ “[...] as juventudes não existem a priori e vão sendo construídas em um espaço social, imaginário e real, elas adquirem presença não só desde o discurso de quem fala, mas principalmente porque vão ganhando historicidade desde suas expressões próprias e muitas vezes irrupções no espaço social.” (DUARTE, 2000, p. 74, tradução nossa).

²⁶⁰ “A juventude é então apresentada frequentemente como o período em que se posterga a ascensão a plena responsabilidade financeira completa e familiar e seria uma característica reservada para setores sociais com maiores possibilidades econômicas. Essa seria a juventude paradigmática, o que representa uma abundância de símbolos no nível de comunicação de massa: desportiva, alegre, despreocupada, bonita, que veste roupas da moda, vive romances e sofre decepções, mas se mantém distante, até o pleno ingresso às responsabilidades da vida, às exigências, às carências e aos conflitos relativos à economia, ao trabalho e à família.” (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 6, tradução nossa).

ingresso no mercado de trabalho e constituição de família deixam de ser importantes marcadores de papéis em diferentes momentos da vida. A juventude é cada vez mais dilatada, seja no recorte etário, em que se pode identificar como jovens sujeitos de menor e maior idade que as definidas para a categoria, mas também dentro das formas de ser desses jovens, como o rompimento com esses aspectos da vida enquanto rituais de passagem. Feixa e Nilan (2009) defendem que não há uma juventude global e homogênea, mas uma hibridização entre as influências do global e do local, fazendo com que “[...] as identidades geracionais sejam cada vez mais deslocalizadas, porém não são homogêneas.” (p. 15).

4.2.3 Juventudes em recortes geracionais

Outro importante campo de análise é o relativo às questões geracionais. Os/as jovens constituem-se no emaranhado de internalizações e criação de valores, normas, padrões. Não estão descolados dos processos estruturais, sendo o resultado das relações e conflitos de cada época e conjuntura. Mannheim (1993) é uma importante referência nos estudos da sociologia da juventude com enfoque geracional²⁶¹. A questão geracional para o autor não é puramente um dado biológico, mas qualitativo, pois corresponde à experiência do tempo, que é subjetiva e, portanto, é qualitativa e não quantitativa, não pode ser resumido à objetividade de tabelas cronológicas. “De esta manera, el problema generacional se transforma en el problema de la existencia de un tiempo interior no mensurable y que sólo se puede comprender como algo puramente cualitativo” (MANNHEIM, 1993, p. 199)²⁶². Para o autor, várias gerações vivem o mesmo tempo cronológico, mas o vivenciam de forma singular, adquirindo diferentes dimensões, ou seja, não é a vivência em si dos fatos, mas sua internalização que configura a posição geracional. Para Abramo (1994), o conceito introduz uma importante problematização entre a herança cultural e as particularidades de pensar e agir da juventude.

O autor desenvolve três aspectos da questão geracional: a posição, a conexão e a unidade. A posição geracional é esse conjunto de potencialidades, dado pela dinâmica sócio-histórica, as quais podem ser reprimidas ou operadas. É o “ser aqui” no tempo e no espaço. A unidade geracional é o “ser com o outro”, que pode ou não constituir grupos concretos pautados pela relação de consciência, intencionalidade de constituição. Já a conexão geracional é o vínculo entre sujeitos na mesma posição geracional. O autor exemplifica com a

²⁶¹ Os estudos sobre juventude foram realizados na década de 1920.

²⁶² “Assim, o problema geracional se transforma em existência de um tempo interior não mensurável e que só pode ser compreendido como algo puramente qualitativo.” (MANNHEIM, 1993, p. 199, tradução nossa).

juventude romântico-conservadora e liberal-racionalista, visto que ambas participam da mesma conexão geracional, mas de unidades opostas. Portanto,

La propia juventude que se orienta por la misma problemática histórica-actual, vive en una ‘conexión generacional’; dentro de cada conexión generacional, aquellos grupos que siempre emplean esas vivencias de modos diversos constituyen, en cada caso, distintas ‘unidades generacionales’ en el ámbito de una misma conexión generacional. (MANNHEIM, 1993, p. 223).²⁶³

Essa intrincada teia de constituição das juventudes evidencia que as coesões são circunstanciais, que a aparente homogeneidade é diversa; logo, o estudo das juventudes tem que ser pautado por suas especificidades, vivências e representações, construindo experiências singulares dos mesmos acontecimentos, ao mesmo tempo articulado com as transversalidades de produção dessas juventudes. “Assim, dentro de um estilo geracional, podem existir várias unidades distintas e até antagônicas – mas sempre referidas aos mesmos problemas históricos e orientadas umas em relação às outras [...]” (ABRAMO, 1994, p. 49). O tempo histórico e social é interligado ao tempo biográfico (FEIXA; LECCARDI, 2010). No entanto, consolidam a importância da conjuntura na constituição das gerações, embora as representações generalizantes das gerações possam estar imbuídas de estereótipos e preconceitos e culminem por constituir uma perspectiva homogênea no senso comum.

As transformações conjunturais impõem rearranjos na composição dos atores e agentes, assim como podem intensificar os conflitos e disputas, pois ser jovem ou velho em relação a alguém também é uma disputa por poder, por definição, por classificação. O que dizer das gerações de jovens descendentes de imigrantes na Europa, hibridizados entre as tradições e as influências ocidentais? Dos movimentos no Brasil de julho de 2013, fortemente associados aos jovens? Dos conflitos protagonizados por jovens nos subúrbios de Paris (2005)²⁶⁴? Os conflitos de Londres (2011)²⁶⁵? E a primavera árabe, fortalecida pelas redes sociais e pela presença de jovens? Certamente há variáveis singulares do momento que contribuem para compor tais práticas e manifestações fortemente associadas àquelas gerações de jovens, assim como a disputa por constituir representações permeadas por controle,

²⁶³ “A própria Juventude, que é guiada pelos mesmos problemas histórico-correntes, vive em uma ‘conexão geracional’; dentro de cada conexão geracional, os grupos que sempre empregam essas vivências de modos diversos constituem, em cada caso, distintas ‘unidades geracionais’ no âmbito de uma mesma conexão geracional.” (MANNHEIM, 1993, p. 223, tradução nossa).

²⁶⁴ Conflitos envolvendo jovens dos subúrbios de Paris, que também teve origem com a morte de dois jovens de 15 e 17 anos por policiais. A partir desse episódio os conflitos e as manifestações foram intensificados, com incêndios de veículos pelos jovens e repressão e detenção de jovens pela polícia (VIOLÊNCIA..., 2005).

²⁶⁵ Jovens entram em conflito com a ordem a partir da morte do jovem Mark Duggan baleado por policiais. O conflito foi marcado pelos saques de jovens ao comércio e forte repressão e violência policial (CONFLITOS..., 2011).

repressão e deslegitimação.

Alpízar e Bernal (2003) salientam o uso do enfoque geracional na constituição de estereótipos ou generalizações/homogeneizações dos jovens, como a geração perdida, a geração X da década de 1990, a geração em rede do século XXI, geração @. Algumas análises, como as de Feixa (2006), potencializam analogias de interpretação de movimentos de constituição dentro de um contexto geracional no qual as juventudes emergem singularizadas. Para o autor, “La historia del siglo XX puede verse como la sucesión de diferentes generaciones de jóvenes que irrumpen en la escena pública para ser protagonistas [...]” (p. 3)²⁶⁶.

As manifestações citadas imbricam o conteúdo geracional às questões de classe, políticas e ideológicas e, portanto, podem não ser relevantes a todos que participam do mesmo recorte etário, mas àqueles que vivenciam de forma similar as mesmas experiências, o mesmo tempo qualitativo (FEIXA; LECCARDI, 2010). Desigualdades sociais e geracionais impulsionam os conflitos, que no caso anterior foram acentuadamente entre as juventudes e a ordem repressiva e ideológica associada aos estados. Jovens cuja mobilidade e situação econômica tornam-se piores que as de gerações antecessoras, jovens entre a tradição e a globalização, jovens dos subúrbios, dos conjuntos habitacionais. As condições estruturais em associação com as conjunturais potencializam a emergência de unidades geracionais cuja contraposição ao sistema torna-se uma forma de construir possibilidades de sobrevivência. Embora, como nos casos mencionados, sejam violentamente combatidas.

Além do aspecto conjuntural que potencializa determinadas práticas e manifestações associadas aos/às jovens, há também as representações de determinadas gerações, que não apenas elucidam, mas distorcem e homogeneizam como características preponderantes. As representações sobre a juventude da década de 1960 e 1970 constituem-se como modelo para as gerações das décadas subsequentes, como portadora de utopias e de potencialidade de transformação em meio ao contexto de repressão do Estado Militar da época. Já a juventude da década de 1980 é associada à carência de idealismo, de capacidade de transformação da sociedade, individualista, hedonista. A década de 1990 é caracterizada pelo fenômeno dos meninos de rua, arrastões, jovens infratores e jovens identificados como em situação de risco (ABRAMO, 1997). No entanto, essas representações embora aparentem hegemonia, somente correspondem a alguns fenômenos e contextos específicos e, portanto, não são intrínsecas à população tida como jovem, tampouco contribuem com a elucidação ou constituição de

²⁶⁶ “A história do século XX pode ser vista como uma sucessão de diferentes gerações de jovens que irrompem em arena pública para os atores [...]” (FEIXA, 2006, p. 3, tradução nossa).

metáforas explicativas das juventudes de determinado momento. Os/as jovens não possuem essências de transformação ou de conservadorismo. Certamente as generalizações incorrem no equívoco de homogeneizar as diferenças, perdendo o potencial analítico presente nas concepções associadas à posição, à conexão e às unidades geracionais. Determinadas condições materiais, econômicas, políticas e sociais são relevantes na produção dos sujeitos nos diferentes grupos etários, embora não sejam suficientes para a compreensão das juventudes.

Os/as jovens contemporâneos vivenciam transformações no âmbito e na estrutura familiar, nas possibilidades de ingresso no mercado de trabalho, no descrédito do sistema educacional como possibilidade de mobilidade social. É claro que essas conjunturas diferenciam-se quanto à classe e ao gênero. Abad (2003) salienta o processo de desinstitucionalização dos jovens, fortemente associada às transformações mencionadas e acrescida das questões relativas ao processo de globalização e constituição de identidades deslocalizadas.

Jovens de diferentes segmentos sociais estão sujeitos aos imbricamentos entre o local e o global, às transformações na estrutura familiar, ao intenso avanço e à disseminação de tecnologias e inserções em espaços/comunidades virtuais no cotidiano. Feixa e Leccardi (2010) destacam a configuração geracional da sociedade em rede. Dificilmente os/as jovens não têm celular. Apenas um jovem do levantamento no Guajuviras não fazia parte de alguma comunidade virtual. A família é cada vez mais plural, sendo que em bairros pobres é fortemente centrada na figura materna e na dependência de avós. Formam-se contextos sócio-históricos associados à produção das identidades, mas com conteúdos particulares segundo a conexão geracional. Esse aspecto é mais nítido na constituição de comunidades de sentido a partir de manifestações de produção e/ou consumo artísticas com forte conteúdo territorial, como as relativas ao rap.

4.2.4 Construindo posicionamentos

Os limites e papéis não são tão fixos quanto aparentam, podendo jovens e adultos transitarem entre uma posição e outra conforme as relações de poder e sistemas de valores nas quais estejam envolvidos: um sujeito posiciona-se como jovem nas manifestações de Hip-hop das quais participa, mas no mercado de trabalho coloca-se como adulto. Ou o processo de juvenilização, que consiste na juventude como um signo apropriado por sujeitos não jovens e até mesmo nem sempre vivenciados na condição juvenil de alguns jovens (GROPPO, 2004;

MARGULIS, URRESTI, 1998). A juvenilização como modos de vida e estéticas fomentadas pela indústria cultural independe da idade. As formas de ser jovem ora são consumidas, ora são signos de desvio.

Ser joven y comprometerse con la transformación social es una opción de vida que no está condicionada por las características del desarrollo hormonal puberal. Ser joven y comprometerse con la transformación social está en directa relación con las experiencias sociohistóricas que cada sujeto experimenta y los aprendizajes que desde ellas pueda elaborar. [...]

Estigmatización: que a partir de nociones de la juventud y sus prácticas como un problema social, la objetiva como conflicto, maldad inherente y riesgo social. Esta estigmatización, que se hace del grupo social juventud y de sus prácticas y discursos, resulta en una objetivación invisibilizadora del tipo “son un problema para la sociedad”. Así la relación que las distintas sociedades construyen con sus jóvenes o con su juventud tiende a fundarse básicamente desde los prejuicios. (DUARTE, 2012, p. 115).²⁶⁷

Todavía, as atribuições do modo de ser e viver as juventudes aparecem desfocadas, ora como desejo, estética e estilo, ora como desvio. Os enquadramentos como o de juventude alienada, rebelde, passiva, consumista, violenta contribuem para a produção dos estereótipos difundidos pelo senso comum e pela mídia, os quais contribuem para as relações de dominação vigentes. Assim, a fetichização das juventudes

[...] é uma realidade emergente, especialmente em um contexto sócio-histórico em que os valores morais, éticos, comportamentais, estéticos e econômicos são regidos pela lógica imperialista de mercantilização das relações e das subjetividades [...]. (PASINI; PONTES, 2007, p. 27).

As dicotomias associadas aos/as jovens encobrem que a produção de atores e agentes do cotidiano se dá nas práticas em contínua e interminável formação. Essa não é uma característica particular dos/as jovens, uma vez que todos estão em contínua construção, sejam crianças, jovens, adultos/as. Não há, portanto, uma essência; o que há são hiper-representações (JOVCHELOVITCH, 2008), cujo objetivo é determinar a norma e o desvio, assim como reforçar as relações de dominação.

²⁶⁷ “Ser jovem e comprometer-se com a transformação social é opção de vida que não está condicionada pelas características do desenvolvimento hormonal da puberdade. Ser jovem e comprometer-se com a transformação social é uma relação direta com as experiências sócio-históricas que cada um vive e as lições aprendidas a partir delas. [...] Estigmatização: que a partir de noções de juventude e práticas como um problema social, a objetiva como conflito, maldade inerente e risco social. Essa estigmatização que se faz do grupo social e suas práticas e discursos, resultando em uma objetivação invisibilizadora do tipo <son un problema para a sociedade>. Assim, a relação que diferentes sociedades constroem sua jovem com ou sua juventude tendem a basear-se essencialmente em preconceitos.” (DUARTE, 2012, p. 115, tradução nossa).

É necessário entender que os discursos/ações do capital -muitas vezes microscópicos, invisíveis e apresentados como desinteressados e naturais- provocam poderosos efeitos: excluem, estigmatizam e tentam destruir a pobreza, notadamente sua juventude. (COIMBRA; NASCIMENTO, 2003, p. 35).

Os/as jovens, como sujeitos que ocupam a posição de ator e/ou agente, instituem na compreensão espacial marcas e práticas menos visíveis, efêmeras e até mesmo temidas, devendo, então, ser controladas. A noção de juventude possui inúmeras perspectivas, compondo-a como uma polifonia, o que corrobora a afirmação de Pérez Islas (1998), de que o substantivo juventude é formado a partir do acúmulo de adjetivos. É nesse sentido que esta análise prioriza algumas facetas, quais sejam: compreender os conceitos como campos em disputas e fortemente manipulados em representações e prescrição de práticas e modos de ser, em especial os/as jovens, a partir do recorte de classe e localização na hierarquia urbana; tecer formas do/a jovem representar-se e quais os seus atravessamentos com o espaço do bairro e metropolitano.

4.3 JOVENS DO GUAJUVIRAS: ENSAIOS BIOGRÁFICOS

A perspectiva do ator/agente através de suas experiências, práticas e construção de sentidos é indissociável do movimento entre a ordem próxima e distante, entre as táticas e as estruturas tecnocráticas, entre o bairro, a cidade e o mundo. Nesse sentido, torna-se importante conhecê-los em suas trajetórias, o que conduz ao esforço de traçar breves retratos biográficos dos jovens da pesquisa (Apêndice A) e analisar, a partir de suas narrativas, como esses/as jovens identificam as formas de vivenciar e representar as juventudes.

As narrativas demonstram a diversidade de possibilidades, práticas e experiências dos/as jovens do Guajuviras. A heterogeneidade de experiências da condição jovem reforça a defesa da pluralização do termo (DAYRELL, 2003; PASINI, PONTES, 2007). Esse posicionamento evidencia a impossibilidade de encerrar a categoria em uma definição precisa, inviável de abarcar a diversidade de vivências. Nas narrativas, dentro de contextos próximos e distantes, encontra-se a diversidade de experiências: são jovens do Guajuviras, de Setores e Vilas, que cursam o ensino básico, outros/as que abandonaram a escola, outros/as que fazem faculdade, infratores/as, religiosos/as, artistas, trabalhadores/as, entre outros.

As concepções de ator e agente utilizadas para interpretar esses/as jovens favorecem uma perspectiva plural, de observações caleidoscópicas (DUARTE, 2000), em aproximações do aspecto poliédrico; assim, o ponto de partida é de reconhecimento das múltiplas

interseções de referenciais e experiências na constituição de ser jovem. As juventudes são produções distintas a partir das práticas espaciais, das diferentes inserções sociais, dos múltiplos (coincidentes ou conflitantes) planos de ação e comunidades de sentido da qual os/as jovens participam, das formas de inserção no mercado de trabalho, das diferentes perspectivas da articulação entre o local e o global. Assim, procura-se compreender os atores e agentes no plural: as crianças, os homens, as mulheres, etc. Assumir essa condição plural não é apenas uma redundância, mas um posicionamento metodológico, como pontuado por Duarte (2000):

[...] la necesidad de desplegar miradas caleidoscópicas hacia o desde el mundo juvenil, que permitan recoger la riqueza de la pluralidad ya mencionada. Se trata sin duda de un esfuerzo, por dejar de lado el telescopio, aquel instrumento que permite imágenes fijas y desde la lejanía, para comenzar a usar el caleidoscopio, aquel juguete que nos permite miradas múltiples, diversas, ricas en colores y formas a cada giro de contraluz que efectuamos. (p. 72).²⁶⁸

São densas e diversas as práticas, as formas de constituir-se como jovens nas relações do bairro e metrópole, seja através das comunidades de sentido, das situações de trabalho, estudo ou lazer, redes de amizades, práticas culturais. Pretende-se na sequência interpretar as juventudes a partir das narrativas produzidas no levantamento de campo. Ao mesmo tempo em que procuramos torná-los narradores dos sentidos e práticas, também buscamos, munidos com as compreensões teóricas, desvendar como esses/as jovens produzem as representações de juventudes, o que é internalizado, desconstruído e recriado.

4.3.1 Jovens do Guajuviras: juventudes de representação

Os jovens do Guajuviras elaboram, de forma articulada, sentidos e representações presentes no senso comum, fortemente impregnadas do que Duarte (2000) qualifica como adultocentrismo, representações de juventude atreladas às distâncias sociais e representações alicerçadas na cultura e no cotidiano próprios ao espaço do bairro e das formas de ser jovem no contexto metropolitano. O espaço vivido torna-se um referencial de estigma, identidade e resistência, a partir do qual os/as jovens se ressignificam como detentores/as de saberes próprios da condição social e espacial, constituindo um capital diferencial que os reinsere nas

²⁶⁸ “[...] a necessidade de implantar olhares caleidoscópicos para ou desde o mundo juvenil, permitindo recolher a riqueza da pluralidade mencionada. Trata-se, sem dúvida, de um esforço para deixar de lado o telescópio, aquele instrumento que permite imagens fixas desde e de longe para começar a usar o caleidoscópio, aquele instrumento que nos permite diversos olhares ricos em cores, formas para cada retroiluminação que efetuamos.” (DUARTE, 2000, p. 72, tradução nossa).

dinâmicas metropolitanas, privilegiando as diferenças em detrimento das hierarquias. Paralelamente às definições dessas juventudes, somam-se os estereótipos e as representações de jovens pobres como “perigosos/as”, a partir do desvio e desajuste. A partir dessas interseções, é possível traçar compreensões das formas de ser jovem em fronteiras marcadas por alta permeabilidade: dos espaços simbólicos, da moratória social, da constituição de ser ou não jovens. As produções de representações dos/as jovens do Guajuviras ocorrem nos imbricamentos das representações de juventudes e das próprias experiências e representações desses/as jovens sobre a condição juvenil.

A relação entre experiência e representações, embora articulada, possui especificidades que Sposito (2003) argumenta a partir da relação entre condição juvenil, como as informações, ideias, e representações que definem, classificam os jovens, e as situações juvenis como as formas de vivenciar a juventude. Essa distinção reinsere a diferença entre prática e representação nas múltiplas possibilidades que os/as jovens têm de vivenciar e significar suas juventudes, entre elas as distâncias sociais. Toda generalização peca em negligenciar as diversidades, especificidades e diferentes articulações entre elementos do local com o global, no que é internalizado, desconstruído ou reelaborado.

As narrativas dos/as jovens do Guajuviras revelam esses elementos e talvez outros que escapam à análise ou ao olhar da pesquisadora, o que significa que não é intenção encerrar os/as jovens nas definições articuladas pela análise, mas apontar formas e sentidos em que esses/as jovens vivenciam suas juventudes. Apoiados no diálogo entre as elaborações teóricas e os elementos observados, são delineados alguns percursos: as relações de transição e moratória social tanto como condição, quanto situação e também suas negações; as relações atravessadas pelas distâncias sociais marcadas no precoce ingresso dos/as jovens ao mercado de trabalho e na constituição de representações que evidenciam tanto resistências, quanto internalizações sobre jovens de “periferias” a partir do conteúdo de problema social, dos elementos relativos às múltiplas violências às quais estão submetidos/as, das estratégias de protagonismo e empoderamento.

Refletir o espaço a partir das juventudes e as juventudes a partir do espaço favorece entendimentos geográficos em que essa coprodução é a essência da identidade em estreita relação com as táticas e manifestações artísticas, de práticas que misturam as permanências dos modos de vida e os conflitos com a ordem, de representações que corroboram os processos de dominação do corpo através do espaço e desse através do corpo, dos condicionamentos e das criações. Esse percurso elucida a diversidade de formas de experimentar essa situação num espaço significado como periferia e todo o conteúdo de

desigualdades que contém, somado à violência simbólica, cujo objetivo é homogeneizar e controlar práticas e sujeitos.

Portanto, a abordagem a partir da relação entre espaço e sujeitos emerge na sua coprodução; assim, tornam-se manifestas as distâncias sociais, assentadas nas diferenças econômicas, culturais, de gostos, em suas relações com o contexto do espaço vivido e das práticas metropolitanas. As juventudes do Guajuviras constroem-se como pertencentes a uma classe e a um espaço social cujas fronteiras precisam ser duplamente superadas: as físicas através das apropriações de espaços da cidade e metrópole (que ocorrem através dos condicionamentos e das subversões) e as simbólicas, ao reelaborarem os sentidos atribuídos aos/as jovens do Guajuviras.

4.3.2 O trabalho, a formação educacional e o ócio nas experiências e representações de jovens do Guajuviras

Os/as jovens do Guajuviras narram trajetórias de vida de inserção precária e exploração da força de trabalho em cursos de Jovem Aprendiz²⁶⁹, nas redes de comércio, nas centrais de vendas por telefone, na construção civil, entre outras. O trabalho, assim como as instituições de ensino, contribui para o controle e disciplinamento social através dos quais as relações geracionais atravessadas pelo conteúdo de classe incluem periféricamente esses/as jovens. As narrativas de Carolina e Mateus são exemplares dessa questão: a primeira referindo-se aos trabalhos na área de alimentação do Canoas Shopping; o segundo, no trabalho de vendas por telefone. Ambos relatam carga horária de trabalho excessiva e mecanismos de driblar as leis trabalhistas e ampliar a remuneração. “Trabalhei no Mc²⁷⁰ dois meses e meio, foi a época que eu mais fui escrava. Depois trabalhei em um café [...] eu saí do café porque eu trabalhava 12 horas por dia, tanto que eu ganhava bem”. (Carolina, 19 anos, em 10/05/2012). Também Mateus narra sobre a necessidade de estar empregado, o que reduz as possibilidades de dar continuidade à formação através de um curso superior ou técnico. “Agora eu estou em dois empregos lá na Uol²⁷¹. Não é permitido, então é por fora.” (Mateus, 20 anos, em 14/04/2013). Esses/as jovens que ingressam no mercado de trabalho jogam com as noções de juventude e vida adulta, acionando o segundo como superação das características

²⁶⁹ “O jovem aprendiz tem entre 14 e 24 anos de idade e está matriculado em um programa de aprendizagem numa ONG, Escola Técnica ou Sistema S (Senai, Senac, Senar, Senat e SESCOOP). Ele passa pela aprendizagem teórica em alguma dessas instituições e a coloca em prática em alguma empresa.” (TENÓRIO, 2014).

²⁷⁰ Rede Internacional de Lanchonetes McDonald’s.

²⁷¹ Universo Online. Empresa de conteúdo, produtos e serviços de Internet.

de irresponsabilidade ou dependência associadas à juventude, como o colocar-se na sociedade através da condição de trabalhadores/as, o que incorpora valores socialmente reconhecidos. Jovens trabalhadores não são aqueles/as que “marcam bobeira” na esquina, que estão expostos aos perigos de viver em um bairro pobre. O reconhecimento dessa juventude a partir das representações do trabalho a desconstitui e incorre na restrição do que Groppo (2000) define como juventude enquanto direito social.

O período exclusivo para formação é raro entre os/as jovens do Guajuviras. O trabalho tem como motivação a necessidade de contribuir no orçamento familiar ou para adquirir bens de consumo, frequentemente símbolos da juventude-signo e, dessa forma, os/as jovens passam a conciliar o período de formação com o trabalho. Taís traz em sua narrativa a importância do emprego na praça de alimentação do Canoas Shopping para o incremento da renda familiar, nas melhorias da casa e na aquisição de bens de consumo: “Esse é o primeiro emprego de carteira assinada. Eu ajudo em casa. Eu ganho quase R\$600,00, mas dou R\$250,00 pra casa [...]. No primeiro salário eu comprei um tênis”. (Taís, 17 anos, em 08/01/2013). A juventude enquanto direito não é vivenciada na totalidade social, seus signos e objetos de consumo são desejos generalizados; no entanto, as desigualdades socioeconômicas são limitações para a inserção através do consumo. Julia traz esse exemplo na sua trajetória, na qual, em diferentes momentos, deu prioridade ao emprego e à geração de renda em detrimento da formação no ensino básico: “Com 13 anos comecei a trabalhar. A mãe trabalha em uma padaria. Eu queria muito trabalhar, queria ter o meu dinheiro, comprar as minhas coisas. [...] Quando começaram as aulas, o horário foi pesado [...]”. (Julia, 17 anos, em 13/06/2012). Nesse percurso, primeiro os/as jovens equilibram-se entre trabalho e estudo; num segundo momento, posterior à conclusão do ensino básico ou ao seu abandono, os/as jovens pouco se reconhecem como jovens em decorrência de estarem mais vinculados aos papéis sociais reconhecidos como de adultos, como constituir família, trabalhar, pagar contas.

Os/as jovens são importantes fontes de renda no contexto familiar e procuram no mercado de trabalho a própria independência financeira ou acesso a bens de consumo. Essas situações se repetem entre os/as jovens, como Felipe, que, após o período de quartel e do pai ficar desempregado, começou a trabalhar em um supermercado da região metropolitana. Ele precisou equacionar seus planos do *rap* com as dificuldades em casa, ocultando da família parte da remuneração para adquirir equipamentos de gravação junto com outro amigo. E Clara narra sobre o trabalho da família na reciclagem e as dificuldades financeiras pelas quais passam. Para ela, as juventudes não estão separadas do trabalho, mas são valorizadas por ele no contexto de dificuldades que vivencia.

No meu ver ser jovem é ter atitude, ter vontade de querer trabalhar. Que tem muitas gurias da minha idade que não querem nem trabalhar pra ajudar em casa.

Nola: e tu já ajuda há bastante tempo, né? Tu acha difícil o trabalho da reciclagem? É que dá muito pouco. O pai e a mãe juntam dez *bag*²⁷² e dá pouco. Dessa vez, se tu viesse ontem ia ver o tanto de *bag* que tinha aqui e sabe quanto deu? Só R\$ 130,00, pra dez *bag*.

Nola: quanto vocês conseguem tirar por semana?

É por mês. É essa a média, de R\$ 130,00 pra baixo.

Nola: e dá pra manter a família?

Não. A mãe pega R\$ 34,00 do bolsa família, a única coisa que tá ajudando é que eu recebo uma cesta básica lá desse curso e R\$ 100,00. Agora dia 26, quinta-feira, nós ganhamos uma cesta básica. (Clara, 20 anos, em 28/09/2013).

A cultura de que o trabalho é a situação ideal para os/as jovens é consequência tanto das dificuldades que as famílias enfrentam, como também forma de evitar a permanência de jovens nas ruas. A preocupação com a inserção precoce no mercado de trabalho conduz à procura de formação em cursos técnicos e profissionalizantes. Wagner, Caio, Márcio, Jaqueline, Carolina e Clara fazem ou fizeram cursos profissionalizantes e de Jovem Aprendiz. Wagner fez curso de auxiliar administrativo no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) aos 17 anos; em 2012 estava encerrando o ensino básico, trabalhando como estagiário e era uma importante fonte de renda em casa. No contexto de bairros pobres a formação associada ao trabalho agrega valor aos/as jovens, enquanto que a ampliação da educação, em especial a formação superior, não é familiar em trajetórias nas quais pais e avós têm baixa escolaridade, sendo, portanto, pouco incorporados os valores da escolaridade em determinados contextos sociais (GOMES, 1997). A moratória social nesse contexto não é uma condição valorizada, como narrado por Rodrigo (27 anos, em 12/11/2014) sobre a situação na qual precisou explicar para a avó as vantagens em estar cursando uma faculdade pública. Como ele exemplifica, há a ideologia de que o/a jovem que não está trabalhando é vagabundo/a:

No segundo semestre eu quase saí da faculdade porque na minha família é assim, ou tu trabalha ou tu é vagabundo. Eu moro com a minha vó então é outra ideologia, outro pensamento. Foi uma briga pra explicar, por no papel. Olha, se eu estivesse em uma universidade privada olha quanto eu gastaria, fazendo três cadeiras²⁷³. E eu tô fazendo seis cadeiras. Olha o quanto eu tô ganhando. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

²⁷² Termo da língua inglesa cuja tradução é mala e que na reciclagem significa o saco onde é armazenado o material coletado.

²⁷³ Termo utilizado para designar as disciplinas realizadas no Ensino Superior.

Palavras denominam e conotam, compõem representações e criam realidades. Termos como vagabundo/a transportam e transbordam violências simbólicas e físicas, dão legitimidade e se transformam em ações através dos mecanismos de controle social, alguns cujas expressões são explicitamente espaciais, como o policiamento, a interdição de determinados espaços da cidade para determinados sujeitos. Essas violências ocultam nos imaginários a perversidade das distinções e contribuem para formas de constituir o espaço urbano em movimentos contrários ao direito à cidade. A constituição de si dos/as jovens de bairros pobres é impactada por essas violências, sendo, às vezes, subjetivada e, com isso, introduzindo os símbolos de distinção. Esse processo corresponde às violências internalizadas e combatidas, uma realidade intervalar, fronteira, segundo Bhabha (2013). Nesse sentido, o autor entende que “[...] as vítimas da violência são elas mesmas ‘receptáculos de significados’: elas são as vítimas de medos projetados, ansiedades e dominações que não se originam dentro do oprimido e não as prenderão ao círculo da dor” (p. 42).

Os/as jovens transitam na cidade a partir das relações de trabalho, interagem com normativas sociais diferentes das práticas de bairro, sobre como portar-se, quem pode transitar. Desenvolvem-se nessa fronteira que, de um lado, cria representações dessas juventudes pobres, impondo-lhes formas de ser e, por outro, as transforma em vítimas de ordenamentos que as incluem periféricamente e ainda as subvertem em astúcias de fazer a seu modo as formas de experienciar a cidade em suas interdições. O trabalho constitui uma forma de inserção na cidade em práticas ordenadas, controladas e, por vezes, superadas. Coimbra e Nascimento (2003) destacam a construção do imaginário do trabalho e da juventude pobre em que as definições são construções que elaboram modelos do bom e do mau pobre e, “[...] ao fugir a esses territórios modelares, entra-se para a enorme legião dos ‘perigosos’, daqueles que são olhados com desconfiança [...]” (p. 26-27). As interdições e seus sentidos são aspectos das múltiplas referências em que jovens de espaços pobres produzem seus autorreconhecimentos e, dessa forma, a inserção deles na cidade dá-se de forma periférica, tornando-os invisíveis atrás do balcão da praça de alimentação do shopping ou nos pacotes dos supermercados.

Esses significados são também subvertidos, transbordando as lógicas e os sentidos do/a jovem pobre para o espaço metropolitano. Dessa forma os percursos promovidos pelas relações de trabalho ensejam espaços de enunciação (CERTEAU, 2009), escrevendo e reescrevendo através das práticas suas diferenças, suas desigualdades e seus conflitos. O trabalho cria oportunidades de desenvolver múltiplas táticas na cidade, constituindo-se como referência que gera condicionamentos, mas também subversões.

Os/as jovens do bairro convivem com a valorização do trabalho, sendo que a ampliação do tempo de formação torna-se um privilégio (DUARTE, 2012), e os/as jovens que não desfrutam dessa condição veem-se em meio à marginalização das suas formas de constituir-se enquanto jovens. O ingresso a um curso superior torna-se distante do cotidiano de jovens que buscam adquirir remuneração e independência financeira ainda durante o período no qual cursam o ensino fundamental e/ou médio. Identificar jovens que cursassem o ensino superior nas redes de relações dos/a jovens da pesquisa foi difícil, tendo ocorrido próximo ao final do levantamento de campo. Entre os/as jovens da pesquisa, quatro cursam o ensino superior, dois em universidade pública (Rodrigo e Alice), duas na privada (Jaqueline e Joana), sendo que do levantamento com jovens do ensino médio, apenas uma até o momento ingressou no ensino superior (Jaqueline). Embora o projeto ou desejo de realizar um curso superior esteja presente em outros/as jovens, tendo sido citado por Mateus, Miguel, Julia, Ricardo, Éverton, Jéferson, sua realização é adiada, abandonada e em menor proporção realizada. Desses, Rodrigo e Alice conseguiram postergar o ingresso formal no mercado de trabalho para a realização do curso superior, o que precisou ser negociado junto às suas famílias, como descreve Rodrigo e como assinala Alice, que negociou com a mãe o período do curso superior em detrimento de um curso técnico, cujo retorno financeiro e inserção no mercado de trabalho seriam mais rápidos. Joana concilia a formação acadêmica com a rotina de trabalho.

Por vezes, a possibilidade de cursar uma faculdade é desconhecida. Rodrigo e Alice narram a importância de professores na rede pública que os orientaram sobre o curso superior. Alguns/algumas jovens não compreendem ao certo o que é o ensino superior, a exemplo do que ocorreu com Miguel, que confundiu a formação em curso técnico de enfermagem da irmã com faculdade. Portanto, além de haver um desconhecimento das possibilidades de ensino superior, esse nível de escolaridade não constitui um capital familiar e existe o imaginário do vagabundo/a e trabalhador/a que entra em conflito com o período de formação estendida desses/as jovens. Novaes (2006) destaca que entre os/as jovens brasileiros há desigualdades, com destaque para a classe social em que a formação escolar está contida na permanência de desigualdades. “Esse recorte se explicita claramente na vivência da relação escola/trabalho. A indagação sobre quando e como um jovem começa e termina de estudar ou trabalhar expõe as fissuras de classe presentes na sociedade brasileira.” (p. 106).

Os/as jovens do Guajuviras vivenciam nas relações de bairro e cidade as representações de que o tempo de ócio é um prejuízo à formação, uma vez que pode conduzir a práticas ilícitas. O tempo de ócio é distinto segundo a classe social, o que evidencia que as

juventudes não são apenas diferentes, mas desiguais e, com isso, têm seus sentidos e prescrições alicerçados nas distâncias sociais. No entanto, as fronteiras são permeáveis e híbridas, e os sentidos atribuídos ao tempo vago são reelaborados no plano local em diferentes articulações, inclusive as ressignificações associadas ao mundo do trabalho, da formação e do tempo de ócio o qual está relacionado à consolidação e ampliação das redes de amizades locais. Otávio exemplifica em sua narrativa a noção de vagabundo nas distâncias sociais na qual ele se percebe inserido em determinada representação de jovens pobres:

Detalhe, tem os playboyzinhos e tem quem tem que tem que ter o futuro de ostentação e tem os humildes que são que nem nós. É que nem aquele dia, eu sei que não sou vagabundo, mas quem vê diz que é vagabundo. (Otávio, 22 anos, em 27/07/2013).

Essa relação apontada por Otávio não é acidental ou estranha aos/as jovens do Guajuviras e conduz à outra referência: o/a bandido/a. A associação entre jovens e violência incide principalmente sobre os rapazes. Essa perspectiva insere violências simbólicas e físicas, seja através das intervenções policiais, em entrevistas de emprego ou nas representações das juventudes do Guajuviras. A construção de si dos/as jovens entra em conflito com o imaginário que os identifica previamente como vagabundos/as, bandidos/as, promíscuos/as. São representações que incidem nas formas de ter a experiência da juventude como interdição e a necessidade de superar essa condição através do trabalho. Mesmo assim, nos momentos das práticas de lazer que se desenvolvem nas ruas, esses/as jovens são objetos de intervenções alicerçadas na premissa de potenciais infratores, como expõe Ricardo em sua narrativa:

Eu já fui abordado de uma maneira muito errada pela polícia, uma vez eu tava no prédio e duas motos, três viaturas e um camburão pararam eu e meus amigos, entendeu?

Nola: o que vocês estavam fazendo?

Eu não sei. A gente tava no colégio, daí eu sei que antes disso o cara tava falando no rádio, o cara falando: ah, tem três jovens... Eu ouvi e que vinha um carro da polícia, mas a gente não tava devendo nada pra ninguém. Daí os caras vieram, apontaram as armas pra gente, fuzil, vários armamentos pesados e nisso eu: esses caras tão loucos, né? Por que eu achei muito engraçado, entendeu? Pra que tudo isso? (Ricardo, 25 anos, em 28/08/2013).

Essas práticas discriminatórias são distintas em relação a jovens de bairros com população de baixa renda e aos de maior renda, como observado ainda por Ricardo: “Tipo, é muito mais fácil tu achar um cara com boné na cara suspeito do que achar um cara com gravata suspeito”. A distinção possui símbolos, signos, que têm referência espacial. Jovens de

espaços pobres cuja estética é atravessada por uma determinada forma de vestir-se e agir é transformado em signo da violência e nem mesmo a observação crítica dessa discriminação está isenta de ser atravessada por essas representações, como a reflexão registrada em diário de campo:

Me percebo um pouco temerosa, como se o fato de ser uma estranha, uma estrangeira, me colocasse em perigo junto a esses atores. Como é forte esse estigma sócio-territorial. Vejo-os passar, na maioria, em duplas. À distância parecem tão perigosos, com suas camisetas, bermudões, bonés e correntes. Tem expressões corporais que parecem intimidar (ou eu que me intimido e reconheço neles essa intimidação?). O que disso tudo é realmente perigoso e o que é representação? Como eles vivenciam tudo isso com os outros atores da cidade, que talvez não tenham o discernimento que eu tenho. Logo que cheguei, haviam dois jovens conversando. Tentei prestar atenção. Eles falavam algo como os da faixa tem mais, etc. Fico pensando se é sobre tráfico de drogas. Não tenho como saber, mas eu pensaria assim se escutasse a mesma conversa em uma praça de um bairro rico? (Diário de Campo. Reflexões na praça, em 15/12/2012).

O controle sobre as juventudes pobres é exercido nas instituições de ensino, no mercado de trabalho, nas normativas e no controle das práticas espaciais e os/as jovens que não dispõem o tempo cotidiano para estudo e/ou trabalho sofrem os conflitos familiares e simbólicos que os/as colocam em situação de desajuste. A identificação como vagabundo é um peso social vivenciado na ordem próxima. O trabalho, que entre suas finalidades combate o ócio, torna-se um artifício de esvaziamento das práticas juvenis no espaço cotidiano do bairro, elemento identitário e de sociabilidade dessas juventudes.

Essa associação de jovens com os sentidos do termo vagabundo/a é recorrente entre os/as jovens do bairro que identificam em outros/as jovens vinculados às práticas de permanência nas ruas, de atividades ilícitas ou de desemprego, como desperdício de tempo e potencialidades. Também jovens que não trabalham e não estudam são associados a vagabundo/a. Essa generalização não é unânime, sendo alvo de discordância entre os/as próprios/as jovens da pesquisa. As representações sobre juventudes produzidas pelos/as jovens desenvolve-se em fronteiras, coexistindo as resistências e os condicionamentos às noções hegemônicas. Assim, as noções são acionadas em diferentes conjunturas: internamente para constituir as distâncias sociais internas (presentes, por exemplo, nas distinções entre vila e setor) e externamente para valorizar as juventudes do bairro.

Jovem A: a cada jovem que estuda e tudo, nasce dois vagabundos. Não, dez, uma dúzia.

Nola: então, tem mais vagabundo que...

Jovem B: não.

Jovem A: quem garante que alguém aqui vai chegar a algum lugar?

Jovem C: quem garante que não?(...) Ser jovem não é só coisa ruim. Eu gosto de ser jovem. (Grupo Focal. E. M. E. F. Nancy Pansera, em 02/10/2012).

Outro aspecto relacionado aos conteúdos relativos a jovens de bairros pobres consiste no abandono ou adiamento da conclusão do ensino básico. Interromper a formação básica priorizando a inserção no mercado de trabalho está relacionado à constituição de prioridades e, em determinadas situações, à ausência de sentido que os/as jovens identificam na educação para seu cotidiano. A educação é problematizada no contexto em que os/as jovens a identificam nas relações das distâncias sociais (presente, por exemplo, na referência de Ricardo sobre a gravata e o boné), nos estereótipos dos quais esses/as jovens são objeto e na distância entre o sistema de educação e o cotidiano vivido. Bernardo exemplifica essa articulação, contudo é importante ter em vista que o horizonte de possibilidades de trabalho identificadas por esse jovem corresponde ao histórico familiar, ao contexto do local onde vive e, nesse caso, o ingresso no mercado de trabalho (em especial no caso de Bernardo que é um jovem com histórico de infrações) é mais valorizado que a formação educacional.

Eu sou lotado de tatuagem e eles veem isso e: ah, se tem tatuagem deve ser de gangue. Preconceito tem muito. Não só com traficante ou como... sei lá... Tem gente que estuda um monte. Eu até hoje não sei pra que serve a metade das contas que a gente faz, que não vai usar pra nada, pra um emprego, pra nada. (Bernardo, 19 anos, em 11/06/2013).

Paralelamente, Bento argumenta sobre a instituição escolar e seus profissionais em relações hierárquicas e distantes da realidade local, o que o estimulou também a interromper a formação básica ainda no ensino fundamental. Em determinadas situações a escola constitui-se em alteridades que fomentam o conflito e, dessa forma, tem-se o distanciamento de jovens da instituição. Na narrativa de Bento as instituições adquirem sentidos de controle e interdição das formas de ser jovem em espaços pobres. Nesse sentido, a relação com as instituições são atravessadas pela autoridade e coerção em detrimento do diálogo e negociação.

Não sabiam conversar, tem aquela imagem de querer mandar, entendeu? Não manda, eu nasci numa vila, já tomei na cara, aí tu acha que eu vou ver um professor que eu não conheço e ele mandar em mim? (Bento, 18 anos, em 30/08/2013).

Gomes (1997) destaca em seu estudo que os/as jovens insatisfeitos com o sistema escolar encontravam no trabalho o seu substituto, assim como as práticas ilícitas, como ocorreu na trajetória de Bento. Clara, Karen, Bernardo, Bento, Jeferson, Jorge são jovens que abandonaram precocemente a formação escolar, estando incluídos nesse aspecto, pelo fato de

a escola não acolher as diferenças, não fazer sentido ou o trabalho ser mais valorizado. São aspectos da situação juvenil de bairros pobres que conduzem parte dos/as jovens a interromper a formação escolar e ingressar no mercado de trabalho.

Sobre emprego, ele sofre o atraso escolar, mas quer fazer alguns cursos, como o curso de solda. Na escola, antes ele era inteligente, passava fácil, agora está mais difícil de decorar. O raciocínio hoje é mais lento. Nada vem do céu. Quer fazer curso de soldador, porque tem poucos soldadores. Empacotador de mercado tem vários, soldador não. (Registros de campo. Bernardo, 19 anos, em 28/06/2013).

Os/as jovens definem-se em meio a um contexto de possibilidades conhecidas, o que é indissociável da própria trajetória, do contexto familiar e do entorno em que moram. Assim, jovens como Felipe, que tem o ensino médio completo, colocam como objetivo próximo a possibilidade de adquirir emprego formal com registro na carteira de trabalho na área de serviços gerais ou construção civil. Ou como Clara, cujo objetivo é conseguir trabalho em uma grande rede de supermercados: “Quero arranjar um serviço bom e ter a minha casinha com meu namorado [...] Qualquer coisa que venha. Eu queria até começar lá no Bourbon²⁷⁴ [...]” (Clara, 20 anos, em 28/09/2013). Outros estabelecem planos de ultrapassar as fronteiras simbólicas das distinções, como Eliana, que planeja fazer faculdade de Direito; Janaína que pretende ser dançarina da cantora estadunidense Beyonce; e Alessandra que quer cursar Medicina e especializar-se em Oncologia.

Márcio traz a relação entre a trajetória da mãe e da avó, que trabalharam toda a vida como domésticas, com suas possibilidades de futuro, visando superar as dificuldades que elas passaram ao mesmo tempo em que as valoriza para sua própria trajetória. Nesse percurso a formação, principalmente técnica, constitui uma forma de superar o contexto social no qual o jovem está inserido.

Que eu sempre fui, eu sempre pensava assim: eu tenho que fazer meu currículo valer a pena, eu tenho que ir nas coisas pra fazer meu currículo crescer pra mim poder trabalhar e fazer um monte de coisa. Que eu sempre falei pra minha mãe: Mãe, eu quero trabalhar, quero ter meu carro, minha casa, quero ter casa na praia, quero ter um monte de negócio. Eu quero dar o meu máximo pros meus filhos. Que nem minha mãe, minha mãe nunca deixou nós passar fome, necessidade, nada. [...] Eu me considero privilegiado em poder estar estudando, fazendo curso em coisas que ninguém tinha oportunidade antigamente, que nem a minha mãe teve que parar de estudar pra trabalhar, pra ajudar a minha vó. A minha mãe trabalhou, sempre fez tudo pra não acontecer isso (Márcio, 19 anos, em 24/10/2013).

²⁷⁴ Rede de shoppings e hipermercados.

A constituição de si desses/as jovens envolve constante e simultaneamente elementos de condicionamento, de internalização das estruturas simbólicas e objetivas e a recriação e resistência em suas redefinições. Conteúdos dessas juventudes associados a questões que os/as classificam como problemas sociais, como o adiamento ou interrupção da formação básica, as questões relativas à definição de vagabundos/as, promíscuos/as, potenciais infratores/as têm seus sentidos em constante movimento, apresentando-se ora consonantes, ora dissonantes com a produção de representações dos/as jovens do bairro. Não são aspectos ou definições estáticos, mas se localizam em um extenso campo de mútua influência, como fronteiras de permeabilidades. O conflito é explícito em Márcio ao externalizar o desejo por um futuro melhor para si, ao mesmo tempo em que valoriza a trajetória da avó e mãe, ambas prestadoras de serviços domésticos e com pouca escolarização.

Quando se torna difícil conciliar trabalho e estudo o primeiro frequentemente tem maior peso, como é o caso de Jorge, que interrompeu o ensino fundamental para trabalhar em um supermercado local; ou Bernardo, que interrompeu a Educação de Jovens e Adultos (EJA)²⁷⁵ para trabalhar, adquirir os bens que desejava e contribuir financeiramente em casa. Frequentemente os/as jovens fazem parte das estratégias de sobrevivência da família, que exerce pressão para o ingresso no mercado de trabalho e no qual convergem interesses dos pais, dos/as jovens e dos conteúdos ideológicos, entre eles o aumento da renda familiar, o afastamento das ruas e pichações, a aquisição de bens materiais e a constituição dos/as jovens como disciplinados trabalhadores. Bernardo define a possibilidade de trabalho como um desejo de autonomia e aquisição de bens de consumo, embora seja também uma imposição social e familiar na qual os/as jovens devem ter o tempo preenchido entre educação e trabalho.

Diz que o salário vai ser de mil reais e mais cesta básica. Mas diz que a mãe vai confiscar uma parte do salário, porque ele anda devendo muito pra ela, inclusive os últimos R\$ 200,00 da fiança. Argumento que mesmo dando R\$ 200 reais para a mãe, ainda sobrariam R\$ 800. Mas ele diz que tem gostos muito caros. Que quer comprar uma jaqueta que custa R\$ 600,00, é uma marca de surfista, quer comprar um relógio novo. Diz que tem gosto caro. (Registros de Campo. Bernardo, 19 anos, em 05/07/2013).

O trabalho exercido por jovens não é apenas o formal ou aquele que produz renda, como argumenta Frigotto (2004); não é somente aquele inserido nas relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho. Os/as jovens assumem responsabilidades internas à

²⁷⁵ Educação destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

família, como cuidar dos irmãos/ãs mais novos. Ao assumir parte da responsabilidade sobre a educação dos membros mais novos, esses/as jovens assumem papéis sociais associados ao contexto adulto, como é o caso de Taís (17 anos, em 08/01/2013): “Meu pai trabalhava de noite e eu ficava cuidando dos meus irmãos mais novos, eu tinha muito medo de ficar sozinha com meus irmãos”. Ou de Bento (18 anos, em 30/08/2013): “Minha família sempre confiou em mim, né? Eu cuidava das minhas irmãs quando era pequeno. Minha mãe saía e eu ficava cuidando de três crianças”. Além das responsabilidades na família de origem, parte dos/as jovens constituem família própria a partir da maternidade e paternidade, como Jeferson, que já tinha um filho no início do levantamento, e Julia, Caio e Márcio, que se tornaram mãe e pais ao longo do período.

Esses contextos demonstram perspectivas de como os/as jovens vivenciam suas juventudes. De forma explícita ou latente estão as distâncias sociais na constituição das noções de juventudes do Guajuviras, assim como a desconstituição da própria juventude a partir da adoção de práticas e responsabilidades caracterizadas como sendo de adultos, tornando o reconhecimento como jovem flexível, o que evidencia que jovens com a mesma faixa etária têm a experiência de juventude bastante desigual (NOVAES, 2006).

É preciso compreender essas juventudes em sua situação e condição juvenis, em experiências e representações, que têm em comum o contexto de bairro pobre e das relações presentes nas distâncias sociais. No entanto, mesmo nas convergências é possível identificar diversas formas de ter a experiência juvenil nos papéis sociais de trabalhador/a, estudante, vagabundo/a. É preciso compreender os/as jovens dentro das possibilidades de vivenciar sua juventude. A situação juvenil dos/as jovens do Guajuviras revela os conteúdos de desigualdades que frequentemente contribuem para a destituição da autorrepresentação enquanto jovens. Ou o seu encurtamento no reconhecimento da juventude enquanto período de experimentações, de erros e acertos, de aprendizagens. Ou seja, as juventudes correspondem às representações que definem o que é ser jovem em relações marcadamente adultocêntricas e hierárquicas.

4.3.3 Juventudes a partir da distância social

Os sentidos presentes nas representações do espaço estão contidos nos espaços de representação, o que incorre no constante embate de ressignificação, que contém tanto os estereótipos, os estigmas e as normatizações, quanto suas negociações, negações, diferenças e resistências. Nesse sentido, a hierarquia sócio-espacial possui conteúdos das distâncias sociais

concernentes aos aspectos econômicos, à divisão do trabalho, à geografia da cidade, aos símbolos de distinção e às reelaborações no plano local em sua singularidade. O bairro torna-se mais uma referência de reconhecimento dos/as jovens, pois configura um campo de identificação que pode ser interpretado como um actante não humano (LUSSAULT, 2007), pois influencia e agrega sentido às práticas e aos agentes. Entre as referências que convergem em sentidos e representações sobre o Guajuviras, tem-se a divisão do trabalho presente na estrutura social, sendo exponenciais as categorias de menor renda, como as vinculadas à construção civil, aos serviços gerais, aos trabalhos de domésticos/as. Fica evidente nessa relação que não estão presentes apenas as materialidades na construção das representações do bairro como periferia. A desvalorização dessas categorias e sua relação com a população de determinado espaço é um elemento social e simbólico mais velado do que explícito, de significar o local e moradores/as.

O meu pai tem só a quarta série, a minha mãe tem só a sétima e a minha mãe trabalhou muito tempo como dona de casa. Dona de casa não, como doméstica e ela optou por não trabalhar e ter filhos. E o salário do meu pai não rendia, não rendia mesmo. (Grupo Focal, 2º e 3º anos do Ensino Médio. E. E.E.M. Cônego José Leão Hartmann, 15/05/2012).

Quero voltar a estudar, que eu parei na 8º. Vou voltar no ano que vem. A mãe foi até a 3º série, o pai fez o 2º Grau. (Clara, 20 anos, em 28/09/2013).

As narrativas também evidenciam a precarização da inserção no mercado de trabalho. Embora os/as jovens tenham maior escolarização que os pais, suas possibilidades de melhores condições de trabalho são reduzidas. Dessa forma, as possibilidades de transformação, ora são destituídas de valor e desacreditadas como os mecanismos de mobilidade social, ora internalizadas, conduzindo os/as jovens aos cursos técnicos, à permanência no ambiente escolar e, em alguns casos, ao planejamento de ingresso em curso superior.

É sintomática a narrativa de que a juventude “[...] é uma fase de que a gente tem que escolher, ou a gente vai fumar pedra, ou vai trabalhar, vai estudar, vai ser alguém na vida.” (Grupo Focal E. E. E. M. Cônego José Leão Hartmann, em 09/04/2012). Onde o ser alguém tem mais de um conteúdo: diz respeito às noções de juventude que localizam essa fase da vida em relação às demais, como transição. E o ser alguém é ser diferente do que se é, o que corresponde ao conteúdo de classe e contexto em que vivem. Nessa perspectiva, Ricardo, como educador social no bairro, identifica a demanda dos/as jovens de se tornarem alguém no futuro, pois dentro do contexto de suas práticas, algumas ilícitas, suas identidades têm valor socialmente condenável, desde os sentidos associados a pichações, a referência espacial e até

o próprio tráfico: “Eu atendo jovens em medida socioeducativa aqui da comunidade. Aí tudo o que eu escuto deles é que eles querem sair da vida que estão ou que queriam ser alguém, entendeu?” (Ricardo, 25 anos, 28/08/2013). O argumento dos/as jovens evidencia a internalização das noções da estratificação que os/as localizam em um vazio do sistema de posições sociais, na espera do momento de tornar-se alguém. O “não ser” (PASINI; PONTES, 2007) localiza as juventudes em uma etapa entre nem uma coisa, nem outra, em um “entre” sem especificidades, o que é potencializado em juventudes pobres. A afirmação está assentada na reflexão e internalização da posição social, que é indissociavelmente geográfica, revelando que o lugar é uma expressão de qualificação no reconhecer-se dos/as jovens.

A relação com o espaço fica evidente a partir dos argumentos e conteúdos utilizados nas ressignificações do ser jovem no Guajuviras, em que ele/elas se inserem nas diferenças empoderados/as pela capacidade de superação da situação e dificuldades que enfrentam. Assim, os/as jovens identificam as diferenças profissionais e espaciais como qualificativos pertencentes às distinções sociais, mas também como possibilidades de transformação: “As pessoas acham que a gente é menor que eles, mas imagina sair um dia aqui do Cônego, o colégio que eles falam muito, sair um médico, uma médica, um jogador de futebol.” (Grupo Focal E.E.E.M. Cônego José Leão Hartmann, em 09/04/2012). Embora a moratória esteja distante de parte dos/as jovens, a formação estendida é reconhecida como elemento de distância social, o que também é salientado na narrativa de Jeferson sobre a necessidade de terminar os estudos para conseguir um novo emprego, destacando a inserção tecnológica como um diferencial em relação às atividades que até aquele momento lhe garantiam o sustento. Ele se reconhece nas distinções da divisão do trabalho, no entanto não as identifica como fixas e sim na projeção de ascensão a partir da qualificação: “Quem tá na frente do computador, quem não tem tá em obra, capinando. As pessoas valorizam quem tem estudo” (Jeferson, 22 anos, em 30/04/2012).

Ora, as distâncias sociais presentes na divisão do trabalho e a localização na cidade não correspondem a relações deterministas e sim às experiências de vida que são efetivos processos de aprendizagem e socialização, distinguindo-se como formas de vivência das condições e situações juvenis. O espaço vivido tem sentidos, representações constituídas em um híbrido das referências das especificidades do local, como os processos de ocupação e das referências globais, atravessadores comuns às diferentes juventudes do lugar. Os sentidos do espaço colam-se nas pessoas, nos/as jovens e contêm referências dos processos de ocupação, das condições socioeconômicas, das trajetórias familiares, do grau de estudo dos pais, entre

outras. A condição juvenil é elaborada na distância social, que emerge como capital social em conflito entre condicionamentos e ressignificações.

Eu tinha uma visão muito fechada eu tinha muito preconceito, mesmo crescendo dentro da vila eu tinha muito preconceito, porque eu fui criada nessa coisa, a minha mãe reforçando o estereótipo, que minha mãe cresceu em bairro nobre, em bairro de gente de classe média e ela tinha muito de reforçar estereótipo: não te envolve com essas pessoas, porque assim, porque assado, olha o jeito que tá, o jeito que falam, olha o jeito que andam. E eu precisei sair daqui pra mudar essa minha visão, mudar completamente a minha visão. Deus o livre me chamarem de vileira. Agora eu digo, eu sou vileira. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014).

Os/as jovens têm como desafio superar as condições de vida dos pais e do entorno, o que em determinados momentos envolve superar a condição espacial, cujos sentidos são transformados a partir da potencialidade de jovens do bairro em aproveitar e/ou criar oportunidades de desenvolvimento pessoal. A defasagem em diferenças econômicas e de formação é superada nas atribuições da capacidade de transpor as dificuldades.

Eu acho que aqui no Guajuviras tem isso do jovem querer ser muito independente. Os de classe não tentam ser tão independentes como os do Guajuviras porque a gente tenta se livrar daqui, a gente tenta subir na vida. Não ter o mesmo futuro que talvez os nossos pais tiveram. E essa coisa assim: eu vou porque eu consigo. A gente tenta, a gente estuda, a gente trabalha pra isso. (Grupo Focal, E. E. E. M. Cônego José Leão Hartmann, 09/04/2012).

Esse processo é produtor de distinções cujo valor é redirecionado para os/as jovens desse espaço que superam seus contextos de desigualdades sociais. As narrativas desse aspecto são artifícios reflexivos de reposicionar-se na cidade e nas diferenças sociais e econômicas. São operados como discursos de afirmação da dupla condição relativa à juventude e ao Guajuviras. Nesse sentido, as representações do espaço e os espaços de representação são acionados conforme a intencionalidade que, nessa situação, é atribuir valores positivos ao local e suas juventudes, pois a coprodução de espaços e sujeitos ocorre no campo das experiências, representações e identidades. “No Jardim do Lago eles têm mais facilidade, mais oportunidade. São ricos. Eles não dão valor para o que tem. Nós temos que buscar, que correr atrás.” (Grupo Focal E. M. E. F. Erna Wurth, em 18/10/2012). Os/as jovens localizam-se nas distâncias sociais, destacando espaços como Jardim do Lago e Moinhos de Vento, que são loteamentos de alta renda inseridos no bairro Marechal Rondon. O parcelamento e a diferenciação internos ao bairro Marechal Rondon dilui as diferenças de renda relativas aos locais citados pelos/as jovens do Guajuviras, embora ainda seja um recurso de identificação da distância social pelas classes de renda, conforme os dados da Tabela 4. É

possível identificar nuances dessas diferenças na comparação entre faixas de renda do Marechal Rondon e Centro em relação ao Guajuviras, onde está concentrada a população de menor renda. Assim, “A divisão socioterritorial da cidade pode, contudo, expressar não apenas a espacialização da diferenciação social, mas também a *segmentação da sociedade*” (FEDOZZI, SOARES e MAMMARELLA, 2015, p.26).

Tabela 4 – Pessoas de 10 anos ou mais por classes de rendimento

Faixas de Renda (SM)	Canoas	Centro	Marechal Rondon	Guajuviras
	%	%	%	%
Até 1/2	1,72	0,66	0,63	2,83
Mais de 1/2 a 1	14,69	7,62	7,3	16,22
Mais de 1 a 2	26,67	17,48	16,09	29,52
Mais de 2 a 5	17,78	25,66	24,46	11,89
Mais de 5 a 10	4,99	15,44	16,07	1,32
Mais de 10 a 20	1,35	6,19	7,43	0,13
Mais de 20	0,3	1,9	2,15	0,03
Sem rendimento	32,5	25,05	25,88	38,07

Fonte: IBGE (2010b).

Na mesma perspectiva de valorização dos/as jovens do Guajuviras na distância social estão as referências das materialidades do local, que se somam aos aspectos não materiais na constituição de representações de bairro pobre. Dessa forma, as dificuldades vivenciadas no local, como as narrativas de queda de eucaliptos em casas, ausência de saneamento e abastecimento de água e luz, calçamento e violências, as tornam referência de um modo de vida o qual fortalece os/as jovens moradores/as que adquirem habilidades e saberes inerentes à condição espacial. Sobre as relações espaços elitizados – bairro pobre, as narrativas apontam saberes que inserem as distâncias sociais nas referências apropriadas por jovens de bairros pobres, ressignificando-as enquanto um capital que os diferencia: “Eles não sabem viver na realidade lá fora. Não sabem ir atrás de nada. Põem alguém do shopping aqui. Não dura dois meses. Vai um daqui pra lá e se vira. Não sabem andar em rua sem asfalto.” (Grupo Focal E. M. E. F. Nancy Pansera, em 02/10/2012).

A distância social presente nas condições econômicas que oportunizam qualificação profissional, estabilidade financeira e postergação de compromissos financeiros estabelece diferenças nas formas de vivenciar e representar as juventudes. Somado às relações da divisão do trabalho, tem-se a associação das juventudes de espaços identificados como periféricos,

como iminente periculosidade e suscetível ao desvio. Essas representações tornam-se violências, entraves, que exigem o esforço de desconstrução pelos/as jovens do bairro. Essas representações interferem nas relações possíveis das diferenças dos espaços da cidade e das possibilidades de encontro e troca, pois funcionam como interdições de deslocamentos. A construção da identidade de jovem desenvolve-se no conflito com as interdições contidas nas representações de jovens de periferia. Nesse aspecto, Carolina (19 anos, em 12/05/2012) expõe sobre a experiência de procurar emprego e perceber-se numa relação na qual sofre preconceito, o que reforça sua construção da identidade de jovem do Guajuviras. Assim, ela define não apenas a si própria, mas os/as jovens do Guajuviras a partir do olhar externo: “É um jovem que não tem muito recurso pra se proteger. Ele só é visto como pobre, negro e favelado. É assim que ele é visto lá fora. Lá fora, no mercado de trabalho, num curso”. Na mesma linha, Jaqueline (19 anos, em 27/06/2012) evidencia em sua narrativa a experiência em procurar emprego e ter sua localização na cidade como um fator de exclusão: “Por exemplo, eu vou procurar um emprego e eu nunca me envolvi com nada do que eles julgam ou dizem das pessoas que moram aqui. Mas muitas vezes eu já fui discriminada por morar no Guajuviras”. O posicionamento de Jaqueline configura a negação dos estereótipos aos quais ela está sujeita. Os/as jovens resistem às representações da juventude como problema social, o que incorre no processo reflexivo de definir-se enquanto jovens do bairro a partir da experiência em confronto com as representações que os localizam como problemas sociais.

A localização nas diferenças da cidade situa os/as jovens em processos de dominação, os quais convergem as referências adultocêntricas e as distâncias sociais. Dessa forma, a diversidade de juventudes do Guajuviras vê-se subsumida nos estereótipos, os quais funcionam como hiper-representações. Entre os resultados desse processo estão a resistência e a reafirmação da condição local e a negação da origem socioespacial como elemento depreciativo.

Jovem A: Quando eu comecei a trabalhar na CVC²⁷⁶ as pessoas: onde tu mora? Eu moro no Guajuviras. As pessoas: não é perigoso lá? Não onde eu moro.

Jovem B: as pessoas acham que o Guajuviras é um bairro pobre, só tem ladrão, só tem chinelo, só que se fosse assim, os projetos não estariam entrando no bairro como estão. (Grupo Focal, E. E. E. M. Cônego José Leão Hartmann, 15/05/2012).

Eu conheço muitos guris que falavam com as gurias pra namorar, mas não falava de onde era. Porque a guria era bem de vida, era isso. A guria te achava lindo, mas ao saber que era do Guajuviras: ah não, do Guajuviras meu pai não vai querer. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

²⁷⁶ Agência de viagens.

A generalização dos bairros pobres como locais de contravenção e suas juventudes como os agentes das práticas ilícitas, como desajustados às normas e aos padrões sociais incidem no reconhecer-se desses/as jovens, que procuram no plano local elementos que os/as resituam nas distâncias sociais a partir das diferenças e não dos estereótipos. Assim, o pobre torna-se o humilde trabalhador, os/as jovens vencedores que superam sua condição de defasagem frente às juventudes tidas dentro dos quadros da moratória social.

Mais oportunidade e menos preconceito. O Guajuviras é um bairro pobre, mas não é um... As pessoas acham que por ser um bairro pobre e tem gente de bem, tem muito mais ladrão em bairro de rico do que bairro de pobre. Nola: como tu viveu esse preconceito?
É difícil, difícil tu ouvir as pessoas falarem e tu saber que aquilo é mentira.
(Carolina, 19 anos, em 12/05/2012).

Embora a moratória social seja uma situação menos expressiva entre os/as jovens do Guajuviras, eles/as identificam no seu cotidiano a experiência de viver em um bairro popular, o ingresso no mercado de trabalho e em cursos de formação profissional como campos de aprendizagens que lhes restitui um valor diferencial em relação às demais juventudes, como assinalado nas diferenças dentro de Canoas em relação aos jovens: “[...] porque a pessoa pode ser muito bem criada dentro das vilas, como pode ser muito mal criada no centro de Canoas, no centro de Porto Alegre.” (Grupo Focal, E.E. E. M. Cônego José Leão Hartmann, 15/05/2012).

Os conhecimentos/reconhecimentos de determinadas hiper-representações não envolvem apenas a reprodução, pois a cada repetição se instaura um fragmento de originalidade que decorre das táticas e insurgências envolvidas na assimilação, desconstrução e reconstrução dos sentidos e, em consequência disso, as representações que incidem são reelaboradas e compartilhadas. Para Moscovici (2003), as representações “[...] são repensadas, re-citadas e re-apresentadas” (p. 37).

O poder simbólico está onde é menos perceptível (BOURDIEU, 2007b). Assim como são identificadas resistências e recriações das representações de juventudes e espaços, há também as assimilações, o impacto do habitus, através do qual as estruturas são assimiladas. As táticas e os condicionamentos coexistem em múltiplas combinações, ora preponderando um, ora outro. Assim, os significados da hierarquia social são internalizados, constituindo parte dos fragmentos das representações que os/as jovens elaboram de si. As distinções são legitimadas na própria hierarquia do vir a ser alguém, dado que o que se é ou quem são os sujeitos próximos de si, como pais, mães, vizinhos, não os insere em uma estrutura de valor

hegemonicamente constituída como padrão, como as referências do nível de instrução e ocupação profissional dos pais. As representações são produções, formas de conhecer, atos humanos de dar sentido ao mundo, a si, e, com isso, a construção de alteridades e pertencimentos.

Os símbolos de status, estruturados a partir do sistema de valor mercantil, consolidam as distâncias sociais, descolando-as de questões estruturais. Os/as jovens internalizam que vencer na vida é tornar-se diferente do que é, mas não apenas tornar-se outro, mas o outro simbolizado pelo status social. Essa é uma das faces das representações: a distorção e consequente dominação ideológica. Nessa perspectiva, Márcio argumenta sobre a trajetória de tornar-se alguém em relação com seu contexto espacial: “Eu não quero morar sempre aqui no Guajuviras, eu quero morar em um bairro, eu quero ser alguém na vida...” (Márcio, 19 anos, em 24/10/2103).

A própria distância social envolve uma alienação difícil de ser desconstruída:

A reprodução social, lembrou Lefebvre mais de uma vez, é reprodução ampliada de capital, mas é também reprodução ampliada de contradições sociais: não há reprodução de relações sociais sem uma certa produção de relações - não há repetição do velho sem uma certa criação do novo, mas não há produto sem obra, não há vida sem história. (MARTINS, 2008, p. 57).

Por vezes, a internalização das contradições as dissociam de sua origem estrutural e, portanto, de sua essência, favorecendo o condicionamento e desenvolvimento em consonância com as normativas. Por outro lado, a reprodução e a criação são elementos do reconhecer-se dos/as jovens. Duas faces que coexistem em acomodações e confrontos.

A distância social estabelece, além dos estigmas, diferenças afirmativas. Os valores são reelaborados a partir das táticas microbianas que, ao se constituírem reflexivamente, atuam como resistência representacional. Assim, a condição sócio-espacial que os situa periféricamente nas tramas das oportunidades de formação é reelaborada nos valores atribuídos às suas trajetórias, conduzindo ao empoderamento nas referências de jovens pobres. Como resultado tem-se a problematização das hierarquias sócio-espaciais na definição das juventudes.

A distância social ganha conteúdos que na prática não lhes são exclusivos. O consumo da maconha é internalizado como uma prática de jovens de vilas (periferias, favelas) e não de grupos sociais de maior poder aquisitivo. Os/as próprios/as jovens do Guajuviras identificam nos/as jovens consumidores de maconha um conteúdo do espaço, o que acaba sendo reelaborado ao entrar em contato com jovens de outros contextos sociais e espaciais.

Foi o que ocorreu com Alice, que além de demonstrar a importância com o contato do diferente para a própria compreensão da sua singularidade, evidencia o quanto os estereótipos das distâncias sociais fazem parte do cotidiano dos/as jovens do Guajuviras.

Meus colegas, meus veteranos tinham carrões, *Peugeot*, eram filhos de professor da faculdade, tinham celular top de linha. As gurias andavam com uma *Louis Vuitton*²⁷⁷ e tiravam um beque²⁷⁸ de dentro. E eu achava que era coisa de vileiro, que era o ápice da maloqueira. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014).

Os signos da distinção narrados por Alice – *Peugeot*, *Louis Vuitton*, “beque” – repercutem na disposição espacial. A jovem identifica os signos do consumo da maconha com a localização espacial, como marcadores de classe, assim como os objetos carro e bolsa presentes na narrativa. Ambos são objetos com sentidos que remetem a agentes vinculados a diferentes espaços metropolitanos. É um conjunto de elementos que constituem a distância social, que está presente nas formas de identificação dos/as jovens. Portanto, é imprescindível abordar as juventudes localizando-as em seus contextos espaciais, na situação de classe. Nas possíveis formas em que os sujeitos se constituem na relação com o espaço, a cultura, a etnia, o gênero.

4.3.4 Os conteúdos do reconhecer-se ou não como jovens

Os/as jovens do Guajuviras demonstram que as fronteiras entre as classes de idade são encurtadas nas formas de experimentar as fases da vida em que o qualificativo de ser adulto corresponde aos papéis sociais de trabalho e responsabilidade, o que retorna às representações de jovens caracterizados pela condição de aprendizagem, transição, irresponsabilidade, experimentações, etc. Assim, jovens de 19, 20 anos consideram-se adultos ao constituir família, tornarem-se responsáveis pelo próprio sustento ou pela educação dos membros mais novos da família. Mateus vivencia a dualidade entre sentir-se jovem e assumir papéis reconhecidos e valorizados como de adultos:

Eu acho que não sou mais jovem. Acho que eu não tenho mais os horários disponíveis dos jovens. Agora eu sou adulto, me sustento, embora tenho o espírito de jovem. Eu sempre me virei, comecei a trabalhar com 16 anos. Sempre me virei, trabalhei no tribunal, em escritório, vendia produtos de beleza, fazia digitação na igreja. (MATEUS, 20 anos, em 14/04/2013).

²⁷⁷ Marca de Bolsas de altos valores que corrobora os marcadores de classe, sendo também produto de reprodução (pirataria) sem autorização, simulando a marca original.

²⁷⁸ Cigarro de maconha.

São recorrentes as reduções da juventude à adolescência, ao período de menor idade legal, ao modo de vida que posterga a constituição de família própria. Ser jovem ou ser adulto/a é uma posição acionada conforme a experiência, como representações e como trunfo em relações de poder. Os/as jovens operam com os valores de juventude ou vida adulta, situando-se em um ou outro conforme o contexto. Felipe exemplifica essa proposição no seu argumento de que no trabalho ele não é jovem, é adulto responsável, mas nas práticas do grupo de jovens da igreja e nas apresentações de rap ele se coloca como jovem. A representação dos/as jovens como irresponsáveis, promíscuos e/ou perigosos contribui para a própria destituição da juventude enquanto direito, pois motiva o acionamento das características construídas acerca da condição de adultos/as como sujeitos autônomos, responsáveis, estáveis, suprimindo do contexto adulto os conflitos, os percalços, as dúvidas.

A maioria para alguns/algumas jovens é um marco de passagem entre juventude e vida adulta e está pautado na relação em que os/as jovens tornam-se responsáveis legalmente por seus atos: “Eu me esqueci a palavra de novo. Na justiça as pessoas já começam a responder por elas mesmas. Até os 18 quem responde é os pais.” (Éverton, 15 anos, em 05/10/2013). Para outros/as jovens as fronteiras são ainda mais flexíveis, como o exemplo de Karen, que, com 15 anos, considera-se adulta, naquele contexto de entrevista em que ela aciona referências de valorização de si:

Mas eu sei o que eu estou fazendo e pra mim eu já sou adulta.

Nola: já é uma adulta?

Karen: eu sei diferenciar as coisas.

Nola: mas o que é uma vida de adulto, tu sabe?

Karen: é tu saber as coisas que tu tem que fazer, é tu te mandar, é tu te sustentar. Tu ter a tua vida própria. (Karen, 15 anos, em 08/07/2013).

Márcio define a juventude como a possibilidade de aproveitar a vida, ainda que sua trajetória seja marcada pelo trabalho, cursos técnicos e ensino médio. Ele compreende a condição de jovem além das faixas etárias, caracterizando a vida adulta como a necessidade de assumir compromissos, responsabilidades e ter o tempo de ócio reduzido: “Ser jovem pra mim, na minha opinião, não tem idade. [...] Que nem minha vó, que trabalhava pro patrão dela e agora começou a sair e disse: tô me sentindo uma jovem agora [...]” (Márcio, 19 anos, em 24/10/2013). A ambiguidade das concepções de juventude dos/as jovens é resultado das formas de vivenciá-la e representá-la, no cruzamento do contexto e das estruturas sociais, das formas em que cada jovem experimenta sua juventude, na sua generalização e nos processos de juvenilização da sociedade, que Margulis e Urresti (1998) definem como a juventude-signo

independente da idade. É imprescindível evidenciar que as próprias negações locais da vivência da juventude são decorrentes da estrutura social promotora de desigualdades, fragilizando a juventude enquanto direito.

As representações que caracterizam o que é ser jovem e o que é ser adulto são construções sociais; não são exclusivas das juventudes as características de aprendizagem, experimentação, erro, inovação. Lucas e Heitor trazem as situações assinaladas por Márcio e as relações de encurtamento do momento juventude: o primeiro referente à juventude e sua ruptura em momentos de maioridade; e o segundo, a partir de características tidas como de jovens perpetuando para outras fases da vida e marcado como uma forma de vivência pautada pela diversão, pela irresponsabilidade, o que é transformado quando o/a jovem integra-se à sociedade como adulto. Ora, há formas de prescrever os modos de ser jovem que causam os processos de subjugação através dos modos de subjetivação em que “[...] o jovem é subjetivado por ‘descobrir-se’ naquilo que é dito [...]” (GOULART, 2014, p. 129).

Heitor: eu sou jovem.

Lucas: pra mim jovem é até os 21.

Nola: por que até os 21?

Lucas: não sei.

Heitor: ah, eu não sei. Pra mim jovem eu acho que seria pra vida toda, depende do cara. Vamos supor, o cara vai ter maior idade ali e vai parar de rir, vai parar de brincar? Não digo brincar como o cara era antes, quando era pequeno né, mas de estar conversando com a gurizada na rua, jogar uma bola, contar piada um pro outro. (Heitor, 16 anos; Lucas, 18 anos, em 17/08/2013).

Esses descompassos evidenciam os conflitos nas definições das faixas etárias segundo expectativas do mundo adulto e em relação ao posicionamento e papel dos/as jovens nessas classificações (DUARTE, 2012). O substrato dessas classificações são os mecanismos de subordinação e dominação que, nesse caso, somam às classes etárias a condição sócio-espacial e tem como resultado prescrições de modos de ser ou ter a experiência de juventude. Todavia, potencializam também as resistências e redefinições da própria condição juvenil presente nas diferentes perspectivas classificatórias desenvolvidas pelos/as jovens do bairro.

Os sentidos contidos nas definições de juventudes elaboradas pelos/as jovens do bairro estão associadas ao contexto em que vivem através do qual são recorrentes os projetos de trabalhar, adquirir estabilidade ou autonomia financeira e constituir família. São símbolos almejados e identificados como referências da condição adulta. Duarte (2012) destaca os aspectos simbólicos que subsidiam as distinções e a dominação sobre um grupo etário:

Este imaginário adultocêntrico constituye una matriz sociocultural que ordena naturalizando — lo adulto como lo potente, valioso y con capacidad de decisión y control sobre los demás, situando en el mismo movimiento en condición de inferioridad y subordinación a la niñez, juventud y vejez. (p. 120).²⁷⁹

As juventudes de bairros pobres têm experiências do tempo presente em conjunto com o investimento para a vida adulta, que inicia aos 18 anos e/ou ao constituir família e ser responsável por seus próprios atos. Ora, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) prevê para jovens infratores medidas de penalização, que vão desde advertência até a privação da liberdade, o que problematiza a noção de que os/as jovens menores de idade não respondem por seus atos. A identificação com a juventude enquanto fase é plástica, assim, Vítor cuja rotina é estudar pela manhã e praticar futebol em Ivoti à tarde, identifica no período futuro, quando for adulto, o momento de gozo e de responsabilidades; dessa forma, seu irmão, que tem 21 anos e com o qual compartilha práticas em comum, como tocar tambor, não é mais jovem.

Nola: e pra ti, o que é jovem?

Vítor: na religião?

Nola: pra ti.

Vítor: 14 pra cima. Até os 17, 18 anos.

Nola: então, daqui a pouco tu não é mais jovem.

Vítor: claro. [...]

Aí eu vou virando adulto já.

Nola: teu irmão então não é mais jovem.

Vítor: não. Não é, já tá quase se casando já meu irmão.

Nola: isso é coisa de adulto? Casar, ter filhos, trabalhar...

Vítor: ah, aí o meu pensamento é que começa mais amadurecido já. Com a vida já boa.

Nola: o que é uma vida boa?

Vinícius: ser feliz, ter um emprego bom. (Vitor, 15 anos, em 16/11/2013).

A associação entre juventudes de bairros pobres e vagabundagem é internalizada como característica desses/as jovens que apenas estudam ou que não estudam e/ou não trabalham. Por um lado é criminalizada, por outro é compreendida como característica do/da jovem. As representações dos/as jovens pobres criam um conjunto de sentidos/ signos que retiram deles/as o direito à juventude, que é criminalizada. Assim como juventude é uma palavra no jogo das relações de poder e dominação, suas representações têm o mesmo efeito e dissimulam a violência simbólica à qual esses/as jovens estão sujeitos. As juventudes são, portanto, identificadas como patologia a partir da dissonância com os padrões impostos, ou

²⁷⁹ “Este imaginário adultocêntrico constitui uma matriz sociocultural que ordena – naturalizando-o adulto como o potente, valioso e com capacidade de decisão e controle sobre os demais, situando no mesmo movimento, em condição de inferioridade e subordinação a criança, a juventude, a velhice.” (DUARTE, 2012, p. 120, tradução nossa).

disciplinadas a ponto de desconstituir-se enquanto jovens. Assim, Bento argumenta que não sabe mais o que é ser jovem em sua trajetória: “Bah, agora eu não sei mais o que é ser jovem, agora eu só trabalho, não faço mais nada. [...] É que antes eu ficava vagabundiando, eu não trabalhava.” (Bento, 18 anos, em 30/08/2013). Embora as representações que relacionem seu tempo vago à vagabundagem sejam uma forma de violência, elas estão presentes na subjetivação desses/as jovens.

A experiência da juventude tem diferenças internas no próprio Guajuviras. São múltiplas formas de vivenciar ou não essa condição. Alice identifica na sua experiência de conseguir postergar o período de formação como propiciando a internalização da condição juvenil e, em contraponto, sua rede de sociabilidade que não vivenciaria a mesma condição e cujas experiências e práticas são classificadas como de adultos.

É, se tu for pegar e comparar a minha vida com a dela, eu sou jovem e ela não é. Por que ela é uma mãe, com filhos já grandes, é casada há muitos anos. E ela continua casada com o mesmo rapaz, ele é um ano mais velho que a gente. Ela é uma mulher adulta, ela tem responsabilidades de uma mulher adulta, que são os filhos, criar os filhos, educar os filhos, sustentá-los e eu já não, eu não tenho responsabilidades de uma mulher adulta. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014).

Embora Alice assuma responsabilidades em casa junto à sua mãe e busque cuidar do pai nos momentos em que ele esteve debilitado, paralelamente à sua formação e às práticas profissionais, ela não identifica sua trajetória como negação de experiências de juventude. Dessa forma, têm-se as classificações alicerçadas nos papéis sociais: de um lado, a postergação do ingresso no mercado de trabalho decorrente da continuidade da formação no ensino superior; de outro, a constituição de família própria. Nas duas situações as jovens assumem responsabilidades, compromentimentos.

As definições de juventudes nas narrativas dos/as jovens são flexíveis e estão relacionadas ao contexto socioespacial de criminalização do tempo de ócio e valorização do estatuto de trabalhador. Os/as jovens constituem-se na trajetória de vida em que predomina o ingresso precoce, em diversas situações, como jovem aprendiz aos 14 anos e, em outras situações, no trabalho informal. Jovens que, através dos sentidos de responsabilidade, desejo de autonomia e relações de poder ora se identificam como jovens, ora como adultos.

4.3.5 Posicionando-se como potenciais atores do espaço geográfico

O termo protagonismo está associado à potência da ação de atores sociais em suas relações e intervenções nos espaços, sejam eles físicos ou em relação aos sentidos e às representações. Por um lado, a noção está associada ao pensamento e às prescrições neoliberais através dos quais os/as jovens tornam-se empresários de si e, com isso, contribuem com o desenvolvimento e a integração social (GOULART, 2014), promovendo um determinado tipo de emancipação, consonante com as normativas e ideologias de organismos internacionais, como o Banco Mundial. Os/as jovens nessa perspectiva são elementos essenciais ao desenvolvimento, ocultando os conflitos internos às concepções de desenvolvimento e cujos objetivos são a integração dos/as jovens.

Embora as noções de protagonismo tenham esses atravessamentos, a compreensão na análise o aproxima do sentido relacionado a atores que adquirem centralidade de ações e intencionalidades de transformação, o que aproxima os/as jovens da compreensão de ator de Di Méo e Buléon (2007) e, dessa forma, em interfaces com práticas microbianas e ações de alcance mais amplo. Nesse processo de empoderamento os/as jovens desenvolvem habilidades, saberes e formas de agir fazendo o espaço do outro (CERTEAU, 2009), das normatizações e prescrições o seu espaço de ação, resultando na transformação do próprio espaço vivido a partir das lógicas próprias desses/as jovens, ou seja, agem intencionalmente no espaço vivido transformando-o segundo suas concepções. Assim, a noção de agentes que ocupam posições de ator insere-os como protagonistas das tramas e disputas cujos atravessadores são os/as jovens e o espaço, principalmente do bairro, estendendo-se ao contexto metropolitano. Goulart (2014), ao refletir sobre o protagonismo juvenil, identifica-o nas prescrições, mas também visualiza o transbordamento do conceito:

O protagonismo juvenil representa não somente um modo de subjetivação conduzido por práticas pedagógicas ou imperativos que incitam o jovem a participar ativamente da sociedade, mas também um investimento, tanto da ação governamental voltada aos jovens, quanto da ação dos jovens sobre si mesmos. (p. 136).

Os/as jovens assumem posições de ator, de ação social no espaço do bairro, metropolitano, no campo da cultura e da política. É nesse sentido que as ações e oficinas relativas à cultura no Protejo, como percussão, rap, funk, oportunizaram o contato dos/as jovens com a instrumentalização técnica e social de agir a partir de expressões culturais, de constituírem-se reflexivamente como produtores, não apenas consumidores de produtos da

indústria cultural. É o que Felipe expõe na afirmação: “A cultura eu era só o espectador, hoje eu sou personagem” (19 anos, em 22/09/2012). Com os conhecimentos e experiências adquiridos a partir do Protejo, Felipe seguiu sua trajetória no rap e, assim, o jovem negro do bairro pobre adquire visibilidade através das apresentações culturais, dos protagonismos desenvolvidos nas comunidades de sentido. Esse destaque social é parcial e sua invisibilidade ou visibilidade não desejada permanece em outras situações de interação e práticas no espaço metropolitano. Os/as jovens de bairros pobres são frequentemente foco das representações de desordem e de ações de controle, mas, ao assumir a posição de agente da transformação, entra-se em disputa na produção representacional desses/as jovens, tomando para si o poder de nomear, classificar, definir. Dessa forma, definem-se como protagonistas, como atores e não apenas espectadores passivos ou promotores da desordem, como atores que influenciam nas transformações do espaço e de outros/as jovens.

Os/as jovens nas relações com suas comunidades de sentido potencializam suas capacidades de ação assumindo posições protagonistas. Os/as jovens assumem pra si o poder de transformação das novas gerações, seja nas práticas religiosas ou nas manifestações culturais. É o caso de Ricardo que planejou a constituição de uma escola do funk no Guajuviras ou de Giovana que, com a redução das ações da Casa das Juventudes no bairro, estabeleceu como objetivo, junto com outros/as jovens, construir grupos com diferentes enfoques culturais para oportunizar às novas gerações o acesso a bens culturais, a produção musical, o teatro, o esporte, entre outros. Eles/as assumem a posição de ator, ainda que objetivamente encontrem diversos entraves para suas ações, inclusive com o adiamento ou abandono dos planos, como o que ocorreu com a escola do funk, que, sem recursos, não teve prosseguimento. Ambos assumem reflexivamente o empoderamento de suas ações na transformação local:

Mas aí eu também tenho que pensar que eu sou um exemplo pros jovens aqui do Guajuviras, que eu tenho que me portar como um exemplo pras pessoas poder me ver como espelho daquilo que elas podem fazer. [...] Então, é tudo que a gente vai puxando aqui, aqui do bairro, porque mal ou bem os jovens daqui gostam disso. Eles podem falar que não, mas eles gostam, eles gostam de dança, eles gostam de música, eles gostam de arte. Mas, porém não tem ninguém pra puxar isso que a gente tá tentando fazer aqui dentro do bairro. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

As ações propostas por Ricardo estão nesta lógica de, através da cultura, dar visibilidade para o Guajuviras e, com isso, oportunizar acesso e atividades para os/as jovens do local, como também constituir o bairro uma centralidade que, através da experiência de moradores de outros locais de ir, andar e conhecer o Guajuviras, favoreça a reelaboração das

representações que o desvincule de local perigoso. Ricardo assume a posição de desconstruir os estereótipos do bairro, os quais são também dos jovens e das culturas tidas como periféricas. Suas ações são intencionais e entram nas relações de força política e simbólica, de ações no espaço e de reelaboração do imaginário. Os resultados são constantes e microbianos em enfrentamentos no plano cultural, político e social.

Por que se faz pessoas de fora entrar dentro do bairro, quebrando um monte de coisa assim. Pô, eu vou fazer um curso lá dentro do Guajuviras se uma mãe lá de fora, de outro bairro vizinho vem e fala: não, o Guajuviras é muito violento. E tiver um filho que fique aqui seis meses e isso mudar, isso é um fato muito grande pro Guajuviras, entendeu? É uma aproximação que tu vai ter com outras pessoas que tinham preconceito. Porque é mais fácil às vezes tu levar um grupinho formado: ah, tô com um grupinho do Guajuviras aqui, que vai fazer uma apresentação pra vocês e todo mundo vai olhar: ah, do Guajuviras. Agora, tu vai ver assim, eu trouxe um grupinho lá de Porto Alegre aqui pro Guajuviras fazer uma oficina. É diferente, entendeu? Por que, tipo, eles entraram pra dentro do bairro, não foi o bairro que entrou pra dentro deles. (Ricardo, 25 anos, em 28/08/2013).

São formas de expressão juvenis que esses/as jovens almejam consolidar, valorizando culturas descentralizadas e com valor simbólico e social local. Assim como o funk, o rap é uma manifestação da cultura descentralizada como um lugar próprio e legitimado. As manifestações alicerçadas na musicalidade como mecanismos de expressão motivam a produção de composições próprias, potencializando o alcance de narrativas que esses/as jovens querem disseminar. É assim com as composições de Willian no funk, de Giovana, Caio, Felipe e Otávio no *rap*. Mesclando contexto social atravessado por aspectos de violência e tráfico, Otávio busca disseminar mensagens para os/as jovens na música Ex-detendo: “O objetivo da música é passar uma mensagem para os jovens pensarem em suas ações porque a prisão não é um bom lugar. A música é para conscientizar, para não irem pra lá”. (Otávio, 22 anos, em 27/07/2013). Ou seja, são mecanismos através dos quais os/as jovens se fazem ouvir, refletem sobre as juventudes, assumem papéis de destaque enquanto jovens e, dessa forma, constroem reconhecimentos afirmativos acerca dos/as jovens.

A escola é um ambiente que pode potencializar o protagonismo dos/as jovens. As feiras artísticas desenvolvidas nas escolas, os cursos do Protejo, as trajetórias familiares de militância, as organizações de cunho religioso instituem ambientes em que os/as jovens sentem-se empoderados ou instrumentalizados para agir politicamente no espaço do bairro. E esse processo ocorre dentro das lógicas institucionais, mas também em conflito, seja nas demandas de construção de uma praça para *skatistas*, nas ações de constituição de uma escola de funk, nas apresentações musicais de grupos de jovens das igrejas. Miguel, que hoje

participa do Levante Popular da Juventude²⁸⁰, relata um dos movimentos precursores de sua ação política, promovido a partir de ações dentro da escola de ensino médio local:

Era direito do consumidor, no Cônego [Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cônego José Leão Hartmann]. Foi no projeto geração consciente que fez lá e a gente fez fiscalização no shopping, no Brehm [Supermercado]. A gente demos multa, três mil de multa, tiramos vários carrinhos de coisas vencidas. (Miguel, 18 anos, em 04/12/2013).

Através da política e da educação os/as jovens compreendem-se nas relações de distância social, de desigualdades e de diferenças. A compreensão de sua condição juvenil e das juventudes presentes no Guajuviras é consequência e motor das ações no espaço. Joana, na militância política, identifica os/as jovens do Guajuviras não nas representações de jovens como hedonistas, violentos ou despolitizados, e sim no reconhecimento de diferentes expressões sócio-espaciais de jovens e suas potencialidades. O reconhecimento das capacidades de ação de jovens contribui para o fortalecimento da identidade juvenil, de práticas e potencialidades próprias, singularizando os/as jovens como importantes atores na transformação de outros/as jovens, do local, da cidade, da metrópole. Reguillo (1998) identifica essas identidades situadas às margens econômicas e simbólicas da sociedade, mas destaca que as: “[...] prácticas y visiones del mundo permiten observar la relación entre identidades culturales, formas de organización y mediaciones cotidianas de insumos para producir, mantener o transformar la realidad.” (p. 58-59)²⁸¹. A experiência, enquanto protagonistas, reelabora a própria condição e identificação juvenis, o que decorre na produção de demandas específicas para esse grupo social e na compreensão da possibilidade de direitos e ações voltadas para as juventudes. Os grupos do Guajuviras que demandam a construção de um espaço para a prática do *skate*²⁸² o fazem como ações de jovens demandando políticas públicas voltadas para os/as jovens do bairro.

Eu fico impressionada, que a gente vai militando e quando tu vê a gurizada brota assim. Se carrega tanto assim essa coisa que o jovem não quer nada com nada, que não quer saber de política, mas não é verdade, tem muito jovem inserido, tem muito jovem que busca outros jovens. (Joana, 25 anos, em 06/01/2014).

²⁸⁰ Organização de jovens militantes para transformação da sociedade (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2013).

²⁸¹ “[...] prácticas e visões do mundo permitem observar a relação entre identidades culturais, formas de organização e mediações cotidianas como insumos para produzir, manter ou transformar a realidade.” (REGUILLO, 1998, p. 58-59, tradução nossa).

²⁸² O movimento que luta pela construção da pista de skate não participa do levantamento da tese, embora tenhamos conversado com alguns participantes posteriormente ao encerramento das entrevistas pelas redes sociais, o que favoreceu um pouco de conhecimento sobre eles e a possibilidade de fazer referência nesse argumento.

Rodrigo e Ricardo, jovens moradores do Guajuviras, originários das instituições locais de educação, tornam-se educadores sociais no próprio bairro de sua trajetória. Nesse percurso, eles visam desconstruir os imaginários alicerçados nas diferenças de educação e distâncias sociais. A trajetória de Rodrigo, como universitário, deixa de ser exclusivamente sua e é compartilhada como uma possibilidade de transformação para os/as demais jovens do bairro. As ações de Rodrigo o inserem na luta política de transformação do seu espaço de formação. O reconhecimento de si dentro das diferenças e hierarquias conduz a agir localmente, visando tornar visíveis possibilidades de ser jovem como as suas, marcadas na formação acadêmica, na prática musical, como educadores sociais e artistas. Colocar-se protagonista das ações de transformação desconstrói a juventude como transição: são trajetórias valorizadas por seu conteúdo presente.

Que facilidade tem? É tudo mais difícil. Eu sempre falo nessas mediações, em todo lugar que eu tô e tenho voz, eu sempre falo: cara eu sempre estudei em colégio público e estou em uma faculdade pública hoje. Que contrapartida, pouquíssimas pessoas daqui do bairro. Mas não é impossível, se eu tô lá, tu pode também. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

Agir reflexivamente com intenção de transformação sob o viés das práticas e culturas desenvolvidas por jovens constituem-se como atos políticos. Assim, o espaço do outro, das normatizações e ideologias da ordem distante torna-se o espaço das ações dos/as jovens através dos quais visam transformar o Guajuviras a partir do conhecimento e saberes locais. Ao posicionar-se nas relações de transformação e força como atores, os/as jovens estão se elaborando como responsáveis pela transformação e, dessa forma, agregam valores à sua condição de jovem de bairro pobre. Outras formas de ação em que os/as jovens percebem-se empoderados e cujas ações produzem marcas na cidade, estabelecem conflitos com outros atores/agentes do espaço são os Bondes, as práticas de pichações, as gangues, os grupos de práticas ilícitas, ou seja, o conjunto de práticas socialmente criminalizadas e reprimidas. Portanto, são identificados/as como protagonistas a partir das ações que, de certa forma, estão associadas ao desenvolvimento social e cultural do local e de outros jovens sem, contudo, estabelecer estreita relação com as ideologias desenvolvimentistas ou negligenciar as expressões juvenis associadas às desordens. Dessa forma, têm-se diferentes perspectivas de significar e empoderar jovens de espaços identificados como periferias. Através de suas ações e da constituição do bairro como centralidade. Assim, as formas de atribuir sentidos às juventudes do Guajuviras são repensadas, ressignificadas e representadas.

5 A VIDA DE BAIRRO: CONCEPÇÕES, EXPERIÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES



A principal entrada para o Bairro Guajuviras ocorre pelo encontro das avenidas Boqueirão e 17 de Abril, onde logo na entrada encontra-se em letras menores Território de Paz e, em maiores, Guajuviras. Essa entrada do bairro desperta contrariedade dos moradores, que enfatizam o nome do bairro como Guajuviras e não Território da Paz Guajuviras. Território da Paz enuncia a inserção do espaço concebido e vivido através da política pública no local. Logo na entrada são avistados os blocos de apartamentos, que são as materialidades mais visíveis do Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti. As casas são mais facilmente transformadas, sendo pouco visíveis na paisagem, permanecendo apenas como rugosidades. A avenida principal possui duas pistas, separadas por um canteiro central. O movimento é constante, tanto de automóveis, carroças, ônibus quanto de pedestres. É um vaivém ininterrupto de homens, mulheres, jovens, crianças e cachorros. Nessa avenida estão localizados diversos estabelecimentos comerciais e, relativamente próximo à entrada do bairro, situa-se o Sacolão Rocha, um mercado que se transformou em referência do lugar. Nessa avenida estão também o Programa do Território de Paz para Proteção de Jovens em Território Vulnerável (Protejo), a escola Caic, a praça Antônio Carlos Teixeira Vianna e a quadra de esportes, localizados ao lado da Brigada Militar, as escolas estaduais de ensino fundamental e médio Jussara Maria Polidoro e Cônego José Leão Hartmann, a Escola de Samba Unidos do Guajuviras, casas de religiões afrobrasileiras, igrejas evangélicas neopentecostais e um Ponto de Cultura²⁸³. A avenida concentra a função de centralidade com diversos estabelecimentos comerciais de diferentes portes. As ruas são movimentadas por passos ora lentos, ora apressados, por paradas para pôr a conversa em dia em um encontro inesperado ou cotidiano. É difícil não encontrar algum vizinho da localidade ou pessoas das redes de relações durante os percursos rotineiros. Perpendicularmente à avenida principal estão as ruas que dão acesso ao interior dos setores e das vilas. Materialidades distintas são apenas alguns dos indicativos que localizam o visitante. Ruas mais estreitas com calçadas igualmente estreitas são materialidades que revelam se o local é setor ou vila. Os becos mostram-se como fronteiras entre os locais e como um saber trilhar e atalhar, o que configura um domínio das transições entre locais. Os becos têm identidade, a exemplo do Beco 3 e do Beco 11. São os caminhos conhecidos do cotidiano vivido de quem domina o arranjo espacial. Nada é homogêneo e uma mesma rua contém moradias mais estruturadas e outras mais precárias: casas construídas com sobras de madeira, casas pré-fabricadas, casas de alvenaria,

²⁸³ É denominação oficial para estabelecimentos fomentados pelo Ministério da Cultura (MinC). O programa promove o estímulo às iniciativas culturais da sociedade civil já existentes, por meio da consecução de convênios celebrados após a realização de chamada pública (BRASIL, 2015).

algumas com reboco e pintura, outras não. O limite entre as casas e as ruas também são diversos e nem sempre consistem em separação. Pouco oculta as cercas de madeira através das quais passam cães, fronteiras fluidas em que as crianças vizinhas brincam e em que mães e avós as cuidam quando estão nas ruas. Já os muros lembram que ali, como é comum na região metropolitana, o perigo é iminente. No entanto, as ruas são monitoradas e um rosto diferente não passa despercebido. Cada vila e interior de setor tem um mercadinho local que supre as necessidades básicas e configura um local de encontro e fortalecimento como unidade de vizinhança. Em dias de calor não é difícil encontrar uma casa com uma placa ou cartaz anunciando que ali são vendidos sacolés e picolés. Os vaidosos também encontram espaço nesse comércio interno e em todo local encontra-se alguma casa com a placa de comercialização de produtos Avon, Natura ou salão de beleza com inúmeros serviços disponíveis. As ruas revelam uma diversidade de estabelecimentos, alguns mais usuais como os mencionados, e também o comércio de salgadinhos e doces para festas, uma mecânica ou ferragem, assim como outros, inusitados, que despertam curiosidade, como o anúncio relativo ao conserto de redes de pesca.

Seja na tarde de inverno quando o sol brinda o lugar com seu calor ou no final de tarde de verão quando ele dá uma trégua, as ruas ficam ainda mais povoadas. Uma tem dois times de futebol em que as crianças ou jovens jogam, umas de pés descalços, outras de chinelo, apenas com a meia ou tênis, ainda com uniformes da escola. Desses futebolis se têm as histórias dos tampões de dedo perdidos, das amizades de rua, dos conflitos, das mães e avós de uns e que se tornam de todos, pois cuidam tanto de seus filhos e netos, quanto dos demais da vizinhança.

Um código local que não necessita ser escrito, apenas praticado, organiza os diversos grupos sociais: os carros diminuem a velocidade, os jogadores seguram a bola para outros moradores ou visitantes passarem. Na outra rua a brincadeira é com pipas colorindo o céu em competições ou apenas diversão. Por todo lugar há cães soltos correndo pelas ruas ou latindo dentro dos pátios. Todos querem um pouco de sol ou sombra ao final do dia, assim as famílias sentam-se na sombra de uma árvore, de uma área externa ou na calçada. Ali atualizam as relações com os vizinhos que estão chegando ou saindo. Na outra esquina tem um grupo de jovens que ali se encontram, paqueram, fumam, riem, comercializam drogas. As atividades das esquinas são variadas e somente um conhecedor do lugar pode diferenciar o que os/as jovens estão fazendo.

Nas ruas, os moradores do bairro não são espectadores, mas espetáculo. Na praça, enquanto as crianças brincam nos balanços, alguns jovens dividem um “beque”, jogam bola, conversam, paqueram, consolidam grupos territoriais. As ruas têm papel fundamental para os namoros; cada local, vila ou setor tem uma rua escolhida para os encontros, por não ser tão longe de casa que as gurias não possam ir, nem perto onde a família vê. Todo lugar tem suas ruas de namoro. Os espaços das ruas e calçadas tornam-se lugares: ali nós ensaiamos os passos de dança; naquela casa nos reunimos para tocar e cantar; aqui é minha igreja ou casa de santo; ali mora minha amiga.

Nenhuma prática é automaticamente restritiva às demais. São resíduos da vida de bairro organizados constantemente pelas relações de proximidade, reatualizados e transformados nas práticas repetitivas do dia a dia. No final de semana e final de tarde a Praça Antônio Carlos Teixeira Vianna, ao lado da Brigada, torna-se ponto de encontro, espaço de prática de esportes, palco para apresentação de grupos musicais do bairro, de apresentações de dança, de atividades de jovens vinculados às igrejas locais. Torna-se uma centralidade lúdica de convergência local.

Esse breve percurso exposto introduz algumas inquietações espaciais despertadas na experiência de trilhar as ruas, de encontrar os jovens, de ir as suas casas, entre outras atividades. Traz três questões que emergem do espaço vivido e praticado pelos/as jovens, conduzindo ao questionamento e reformulação de questões de cunho teórico e suas adequações a compreensões desses espaços de origem popular na cidade. São elas: as questões referentes à vida de bairro e ao conceito de bairro, à dicotomia entre centro e periferia e, por fim, aos espaços denominados de vilas. Três relações entre sujeitos e espaços, atravessadas por campos de força na disputa de produção simbólica desse urbano a partir de jovens moradores.

5.1 A VIDA DE BAIRRO NA REGIÃO METROPOLITANA

A diferenciação de bairros residenciais na cidade envolve questões relativas à sua produção, às materialidades, aos tipos de relações sócio-espaciais fomentadas pelo local, aos perfis socioeconômicos da população residente, à formação histórica, às/aos/às articulações/cruzamentos/interseções entre as escalas local e global, tradição e modernidade, entre outros. O bairro, além de espaço vivido, deve ser compreendido como um conceito, como uma categoria de análise capaz de evidenciar relações e práticas constituidoras do urbano relativo a esse particular arranjo espacial. Nessa linha de raciocínio, os bairros, como

divisão da cidade, conformam modos de vida próprios, em que o processo de urbanização os transforma, incorporando-os nas dinâmicas metropolitanas, até o limiar do não bairro (SEABRA, 2003), ao mesmo tempo em que permanências compõem encaixes espaciais da vida de bairro.

O bairro normalmente é apropriado como uma realidade dada, pouco problematizada sua condição como ferramenta de interpretação e constituição de modos de vida próprios e de diferentes articulações com o processo de metropolização. Está lá e pronto. Nas representações sobre o bairro identificam-se impasses que ora determinam que o bairro e a vida de bairro estão em direção de sua extinção, ora os abordam a partir da nostalgia de espaços-tempo de outras épocas, outros o compreendem na sua transformação em relação a elementos que permanecem e outros que se transformam. O risco reside em transformar os conceitos em camisas de força ou redutores do fenômeno a um de seus aspectos, negligenciando os demais, como observa Souza (1989) sobre as diferenças entre linhas de pesquisa culturalistas que privilegiam os aspectos simbólicos e subjetivos e linhas de pesquisa marxista que priorizam aspectos objetivos e econômicos, os quais o autor identifica como bairros sem conflitos e conflitos sem bairro. Desse modo, são tecidas aqui algumas concepções, suas problematizações e suas contribuições para compreender o Guajuviras a partir desse viés conceitual e nas relações em que os/as jovens moradores/as constituem o espaço e a si próprios/as no seu cotidiano.

A fragmentação entre lugar da moradia, lugar do trabalho e atomização da vida urbana conduzem à constituição de espaços em que o sentido comum de vivência dá-se por mediações desvinculadas do entorno no qual a moradia está localizada. As configurações espaciais atuais em que predomina uma atomização da vida e do consumo de espaços no lugar de uso conduzem ao enfraquecimento do bairro em sua característica de coexistência. Esses espaços são percorridos com a utilização do automóvel ou do transporte público e seus moradores tornam-se os “homens-massa” (SOUZA, 1989), pois participam de comunidades funcionais cujos vínculos com o espaço do bairro ou são inexistentes ou frágeis. Podem constituir identidades de bairro mediadas pelo gosto ou estilo de classe compartilhado. Nesse caso, a categoria bairro e, indissociavelmente dela, os modos de vida de bairro, seriam eficientes para compreender essas formas espaciais nas relações que os moradores desenvolvem? A desconstituição da vida de bairro enquanto aspecto do processo urbano vincula-se ao predomínio de normatizações e relações de formalidades descoladas das lógicas de uma ordem próxima (LEFEBVRE, 2001) em que as negociações ocorrem pelo contato direto e fortemente territorializadas. Cada coletividade percebe, vive e se relaciona com o

espaço de distintas formas. Segundo Seabra (2003),

[...] o bairro e a vida de bairro estão retidos numa textura fina dos conteúdos da vida social, tanto que as tipologias, quando não os apaga, excepcionalmente os capta. De todo modo, a leitura desse trabalho confirma que o processo de metropolização não necessariamente se faz pela criação de bairros. Loteamentos podem até vir a constituir bairros. Mas o bairro é um fenômeno da vida traduzindo uma espacialidade específica. (p. 35).

A autora caracteriza a especificidade da vida de bairro pelo predomínio de relações imediatas e diretas pessoa-pessoa presente no contato denso propiciado pelas práticas do espaço partilhado. Souza (1989) acrescenta que para constituir-se como bairro deve despertar o sentimento de empatia, o que amplia as condições de configuração de bairros na contemporaneidade. Espaços com diferentes conteúdos sociais, como as distâncias sociais, desenvolvem relações que variam entre intensas relações imediatas até a atomização e institucionalização e formalização das relações de vizinhança, podendo desenvolver ou não vínculos espaciais com conteúdos distintos. São evidentes as identidades de bairros na cidade contemporânea em que eles diferenciam-se por seu conteúdo composicional, interacional e simbólico (SOUZA, 2013). No entanto, a vida de bairro enquanto carga espacial de experiências vem se reduzindo nas cidades contemporâneas (SOUZA, 1989).

O bairro clássico, caracterizado por ter uma realidade coesa, sentimento de afeição ao lugar e relações de proximidade (SOUZA, 1989), permanece em traços residuais nas cidades contemporâneas cujo crescimento e cuja complexidade articulam múltiplas teias de relação entre o local, a cidade, o espaço metropolitano, as cidades globais, etc. Não raro o morador de determinado bairro tem conhecimento sobre o que acontece no local por veículos midiáticos. O bairro e seus moradores são cada vez mais metropolitanos. Eles coexistem, sobrepõem-se e articulam-se, hibridizam (CANCLINI, 2003) traços da vida de bairro e das relações instigadas pelos processos impulsionados pela metropolização, em particular nos locais de predomínio de populações pobres e conforme os processos sócio-históricos de sua produção.

A vida de bairro como modo de vida nas cidades permanece em traços residuais. As transformações do urbano possuem permanências de outras lógicas espaciais, assim como no interior das próprias permanências há transformações, uma vez que a produção do espaço se dá continuamente. Traços de permanências são fortes nos locais de moradia da população mais pobre, em que os processos de metropolização não desconstituíram por completo a ordem próxima como estratégia de sobrevivência. Por isso, é temerário tomar as transformações do urbano como preponderantes e homogêneas nos espaços. As permanências

e rupturas não são tão simples e definitivas; elas possuem fissuras e hibridismos. É essencial, portanto, operar com a fluidez das transformações.

Seabra (2003) reforça a característica do bairro enquanto fenômeno histórico e social inserido no processo de urbanização; logo, é evidente a relação multiescalar. O bairro não é uma realidade fechada em si, mas articulado a múltiplas escalas, aspectos que influenciam na configuração da vida de bairro. Para compreender sua complexidade é preciso partir das interseções (contaminações) de elementos objetivos e subjetivos/intersubjetivos (SOUZA,1989): materialidades; processos; composição de classe; sentidos; representações; ideologias; discursos; todos estão enredados em múltiplas e diferentes conexões na composição do bairro e da vida de bairro.

São espaços praticados para além das instituições e da vida privada, ou seja, a análise compreende as práticas e os modos de vida de bairro a partir da condição desses espaços como de apropriação (LEFEBVRE, 2013), do uso e da reprodução social em confronto com os espaços abstratos de dominação. Os modos de vida são compreendidos como saberes e formas de agir e fazer em estreita relação de coprodução dos moradores com o espaço. Lindón (2002) apresenta uma definição ampla da questão, a partir da qual se podem traçar algumas orientações iniciais:

[...] como un conjunto de prácticas y representaciones articuladas en una red, considerando que dicha red se constitui frente a las condiciones de vida que resultan de los distintos procesos históricos que cruzan la vida de los individuos. La reconstrucción de esas redes de prácticas y representaciones puede ser un recurso metodológico para hacer emerger la subjetividad territorial, ya que ésta se halla íntimamente asociada con el hacer cotidiano. (p. 35).²⁸⁴

O bairro, nesta análise, corresponde ao espaço vivido e significado a partir das práticas e relações que se desenvolvem nos entrelaçamentos entre a ordem distante e próxima e que correspondem a permanências de um modo de vida urbano de cotidiano compartilhado e de códigos, que são as próprias astúcias na recriação de modos de viver particulares ao plano do local, também desenvolvidos por jovens na articulação das heranças e das criações. Assim, não é objeto de análise o bairro como espaço delimitado pela administração pública ou criado a partir das dinâmicas imobiliárias, mas o bairro como modo de vida e de práticas do urbano caracterizados pelo compartilhamento de uma realidade comum que impõe as relações de

²⁸⁴ “[...] como um conjunto de práticas e representações articuladas em uma rede, considerando que essa rede se constitui frente às condições de vida resultantes dos diferentes processos históricos que atravessam a vida dos indivíduos. A reconstrução dessas redes de práticas e representações pode ser um recurso metodológico para trazer a subjetividade territorial, uma vez que está intimamente associada com as tarefas diárias.” (LINDÓN, 2002, p. 35, tradução nossa).

proximidade, de conhecer os demais e ser conhecido e reconhecido por eles, sem com isso desvincular a análise do espaço concebido, uma vez que esse incide no cotidiano, em especial para os jovens, através das políticas públicas para juventude, do policiamento e das dinâmicas presentes na produção do local ao longo do tempo.

Frente ao processo de homogeneização da cidade e das relações, esses espaços característicos do que aqui é denominado como modo de vida de bairro, são resíduos, permanências de um direito à cidade como apropriação, relações de diversidade, o que resulta na transformação desses espaços na sociedade contemporânea em que as relações de reciprocidade e vizinhança do bairro tradicional reduzem até o seu completo aniquilamento e constituição de relações atomizadas de cidades massificadas (SOUZA, 2013). A apropriação configura relações não intermediadas pelas relações de propriedade e institucionalizações, que configuram seu oposto, os espaços de dominação (LEFEBVRE, 2013). A apropriação corresponde, portanto, aos usos do espaço passíveis de realizá-lo como obra. É o uso que configura o direito à cidade e implica “[...] encontros, confrontos, diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive o confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na cidade” (LEFEBVRE, 2001, p. 15).

Os espaços de dominação, espaço abstrato e instrumental que visa prescrever e normatizar as práticas espaciais, tende a desconstituir os espaços de apropriação. Nessa perspectiva, Seabra (2003) argumenta que “[...] a urbanização contemporânea foi configurando uma superfície de urbanização contínua, domínio do quantitativo porque regido pelo princípio: tempo é dinheiro” (p. 28). O bairro, enquanto campo do qualitativo, transforma-se pela urbanização em direção ao quantitativo. Essa transformação é significativa nas relações sociais que acabam sendo menos mediadas pelo local em que se habita, fragilizando o pertencimento, constituindo identidades e práticas alicerçadas em outros campos e escalas.

Lefebvre (1978), em sua interpretação do bairro enquanto fato espacial, traça análises em que esse está em relação constante com a cidade. Assim, o autor não defende a inexistência do bairro como uma realidade espacial singular, mas que ele não é um fragmento autônomo de outras escalas normativas e de poder; ao contrário, elas o dominam. Sua crítica não reduz o bairro à influência do externo, embora reconheça que ele não é preponderante na constituição de valores e normas dominantes.

El barrio no interviene en la proclamación de valores dominantes. Como mucho, podemos relacionarlo con la sociabilidad espontánea y encontrar en él, en determinadas circunstancias, las causas de una efervescencia. Esto limita el barrio al

nivel de las relaciones inmediatas directas, interpersonales, dependientes de la psicología o de la sociología, desarrollándose a la sombra de las instituciones, pero mediante modelos no institucionales. (LEFEBVRE, 1978, p. 200).²⁸⁵

Tem-se a distinção entre o espaço social e o espaço geométrico, âmbitos que nem sempre coincidem. O espaço geométrico é homogêneo, quantitativo e denominador comum dos espaços sociais. Para Lefebvre (1978), o bairro é o ponto de contato, de transição entre esses dois espaços. Assim, os bairros constituem unidades sociológicas necessárias ao tecido urbano. Sem bairros, sem ruas há apenas aglomerações urbanas e não cidades. Ao mesmo tempo, o bairro é subordinado ao tecido urbano, à municipalidade, reforçando, assim, sua característica de pluralidade: composto por singularidades e generalidades, vivido, praticado e concebido.

Os bairros podem ser divisões administrativas através das quais o poder público orienta ações direcionadas. É, nesse sentido, um recurso do espaço concebido (LEFEBVRE, 2013) dos cientistas, planejadores que prescrevem e ordenam as formas de uso dos espaços na cidade. Podem ser os espaços da produção urbana imobiliária, que cria locais em que as integrações são mais programadas que corriqueiras, em que a vida é atomizada no local de moradia e em relações marcadas por espaços institucionalizados, fragilizando o espaço da moradia e seu entorno enquanto unidades de vizinhança. Souza (1989) evidencia essas relações na argumentação das limitações de linhas culturalistas²⁸⁶ na definição de bairro em contextos mais complexos que os adotados nas definições do bairro clássico enquanto local coeso:

Será acertado qualificarmos os grandes condomínios exclusivos da Barra da Tijuca de unidades de vizinhança, a Barra sendo propriamente o bairro? Na verdade não, pois um exame desses grandes condomínios fechados revela que os mesmos, amiúde integrados sócio-culturalmente apenas por certos eventos programados, consistem mais em arquipélagos do que em ilhas coesas, pois cada prédio habitualmente tem sua autonomia (salão de festas etc.) e, mesmo contando com relativa aproximação propiciada por contatos via crianças na piscina etc., a atomização do ambiente é tão forte que mesmo entre moradores de um único prédio, e até do mesmo andar, os contatos estão longe da frequência e da intimidade que a unidade de vizinhança sugere. (SOUZA, 1989, p. 155).

²⁸⁵ “O bairro não intervém na proclamação de valores dominantes. Na melhor das hipóteses, podemos relacioná-lo com a sociabilidade espontânea e encontrar nela, em certas circunstâncias, as causas de uma efervescência. Isso limita o bairro ao nível das relações diretas imediatas, interpessoais, dependentes de psicologia social ou sociologia, desenvolvendo-se na sombra das instituições, porém mediante modelos não institucionais.” (LEFEBVRE, 1978, p. 200, tradução nossa).

²⁸⁶ O autor desenvolve sua compreensão no diálogo e embate com diversos autores e correntes teóricas. Ao referir-se aos culturalistas, exemplifica-os a partir de uma perspectiva mais clássica em Ledrut (1968), entre outros, e outra mais contemporânea a partir de Maffesoli (1987).

Os arranjos entre materialidades e modos de vida não podem ser generalizados em modelos, uma vez que as práticas espaciais se desenvolvem no entrelaçamento entre espaço concebido, percebido e vivido, coexistindo com as normatizações formas e modos de fazer microbianos que, embora dissonantes com o processo de metropolização, coexistem. Bairros de classe média e alta, condomínios fechados podem apresentar feições da vida de bairro, em diferentes espaços e classes sociais, ora sutis, ora como permanências de outro espaço-tempo. Contudo, são os bairros populares que mais recorrentemente apresentam essas feições, embora também atravessado por formas e relações próprias da metropolização.

O bairro perde o sentido quando encarado prioritariamente como uma unidade autônoma e coesa. Todavia esse pode ser um atributo encontrado, conduzindo, assim, ao equívoco da negação de sua existência na atualidade. Cada habitante estabelece relações com o espaço imediato a sua moradia. Os buracos na rua e a segurança pública são problemas que não escapam aos moradores da cidade, ainda que eles vivam em condomínios fechados. Para Jacobs (2009), há três tipos de bairro: a cidade como um todo; a vizinhança de rua; e os distritos. No primeiro há um descolamento com a base física da cidade, pois se compõe de comunidades de interesse comum que têm na cidade e sua mobilidade o potencial de encontro. As unidades de vizinhança são conjunturas, constituindo possibilidades de intervenção junto ao poder municipal. Já o distrito é a mediação entre as unidades de vizinhança e a cidade, devendo constituir uma força política capaz de dialogar e demandar suas necessidades.

O modelo urbanístico criticado pela autora não é predominante em nossas cidades. O próprio Guajuviras, fragmentado em diversas vilas, não fomenta uma unidade de vizinhança coesa em sua totalidade, embora fomenta a identidade e as lideranças que o constituem como um território, capaz de, a partir de seus limites físicos e identidade, estabelecer relações de poder e demanda junto aos demais atores da cidade, o que foi evidenciado no segundo capítulo do desenvolvimento acerca do constante embate de sua produção.

O bairro, a partir de sua produção no tempo, é um produto do crescimento do espaço urbano. Ao mesmo tempo, é condição de existência, pois, do contrário, se extinguiriam importantes vínculos espaciais e possibilidades de apropriação afetiva. O processo de “morte” dos bairros é o mesmo que decreta o fim da rua, o mesmo que conduz a cidade aos espaços de dominação, da mercadoria e, com isso, espaços pasteurizados, da reprodução, da homogeneidade pretendida dos espaços concebidos, no lugar de obra, produto, repetição e controle. O discurso de “tirar os jovens e as crianças da rua” faz parte desse processo.

Assim, compreende-se o Bairro Guajuviras como permanências de um modo de vida,

de materialidades, sentidos e discursos. Sua singularidade decorre de seu potencial como espaço de identidades, pertencimentos e potencial de mobilização política.

O Guajuviras é um bairro cuja produção e origem ocorre em contínuo conflito entre o espaço concebido de um lado e de outro o espaço percebido e vivido. É um bairro contemporâneo, cuja primeira ocupação remonta há 27 anos, e com interesses comuns: acesso à moradia na Região Metropolitana de Porto Alegre. Não tem uma origem orgânica ou vinculada a uma paróquia. O bairro surge no contexto moderno de intenso crescimento metropolitano e conflitos por moradia. Contudo, ainda assim apresenta convergências que o aproximam dos conteúdos relativos à vida de bairro. O interesse comum dos diversos processos de ocupação, somado à situação socioeconômica dos ocupantes, as dificuldades partilhadas e a necessidade de constituir uma força política para dialogar com as esferas institucionais são os elementos que conformaram aspectos de coesão e história partilhada, alicerces do que seria a constituição clássica do bairro, mas em contexto contemporâneo. Atualmente tem-se o desenvolvimento de grupos de jovens vinculados à produção artística, à educação e aos esportes cujas práticas e origens estão relacionadas à vida de bairro.

Evidentemente que, em um bairro com 39 mil habitantes, divisões e distâncias sociais internas, a ideia de identidade e pertencimento são mais abstrações do que propriamente experiências do espaço em sua totalidade. O Guajuviras não tem as características do bairro clássico, embora permaneça como intermediário entre a cidade e as unidades de vizinhança. A definição de bairro de Ledrut (1968) apresenta convergências e distanciamentos com a realidade espacial objeto de estudo. Para ele, o bairro é:

[...] aquella parte de la ciudad cuya población ha aumentado de tal manera que ya no puede continuar formando una comunidad local. En esta última, actividad y hábitat se compenentran de modo íntimos: sus habitantes constituyen un grupo que, en el plano ecológico, no se compartimenta ni divide en secciones. Existe una cantidad importante de equipamientos de uso común, localizados a menudo en una zona de reunión frecuente de la población. La pequeña dimensión de la comunidad permite que todos estén próximos a los lugares adonde concurren habitualmente. Es el mundo del peatón, que no necesita salir del entorno de la vida cotidiana para llegar a un punto u otro del espacio urbano. La vida cotidiana es, en verdad, una vida común. (p. 121).²⁸⁷

²⁸⁷ “[...] aquela parte da cidade cuja população tem aumentado de modo que já não pode continuar a formar uma comunidade local. Neste último, a atividade e habitar interpenetram de modo íntimo: seus habitantes constituem um grupo que, no plano ecológico, não se compartimenta, nem divide em seções. Existe uma quantidade considerável de equipamentos de uso comum, muitas vezes localizados numa zona de encontro frequente população. O tamanho reduzido da comunidade permite que todos possam estar perto dos locais onde eles costumam frequentar. É o mundo do pedestre, que não precisa deixar o ambiente da vida cotidiana para chegar a um ponto ou outro do espaço urbano. A vida cotidiana é, de fato, uma vida comum.” (LEDROUT, 1968, p. 121, tradução nossa).

Para o autor, que tem como ponto de partida a ecologia humana e, por consequência, uma perspectiva com conteúdos historicamente determinados, o bairro é um processo natural da fragmentação do tecido urbano, constituindo-se como intermediário entre a comunidade local e a cidade, onde as relações de proximidade dão-se a partir do uso comum dos equipamentos, como praças e comércios. É o espaço percorrido pelo pedestre e seus passos. Embora conceitue o bairro de forma acrítica, Ledrut (1968) traz importantes contribuições para a definição do conceito.

Nessa concepção, o bairro caracteriza-se por uma sociabilidade fomentada e mediada pelos equipamentos públicos, cuja centralidade, condição de existência do bairro, possibilita a reunião que transcende as unidades de vizinhança. Assim, ações cotidianas como ir à escola, fazer compras no comércio, utilizar os equipamentos de lazer extrapolam os contatos locais e consolidam as relações sociais dentro do bairro, a vida de bairro. É dessa condição, de um espaço compartilhado a partir dos equipamentos e cujo deslocamento é feito caminhando, que Ledrut (1968) determina que o bairro não pode exceder quatro quilômetros. Quando o espaço não possui ou perde essas características, deixa de ser um bairro e constitui-se apenas em uma unidade de habitação, posto que o sujeito não vivencia o bairro em si, mas a cidade. Nessa perspectiva, o Guajuviras não seria um bairro dos parâmetros clássicos.

Entre os apontamentos do autor, o comércio e as instituições locais convergem para a compreensão do Guajuviras como um bairro e modos de vida particulares à condição espacial, e a relação de tamanho seria uma divergência. Frequentar as escolas do bairro, além de fomentar o deslocamento pelo local, institui relações de amizades entre atores/agentes não exclusivamente pertencentes às unidades de vizinhança, em especial no ensino médio, que é oferecido em duas escolas, promovendo o encontro entre estudantes de diferentes localidades do bairro e estabelecendo um laço comum que tem continuidade ao término do período escolar, o que constitui a ideia do Guajuviras como totalidade.

Assim como o sistema de comércio, que além de conformar relações de centralidade do bairro em relação à cidade, desenvolve-se em situações associadas aos dois circuitos descritos por Santos (1979) como superior e inferior. Enquanto a avenida principal concentra os dois circuitos, o inferior é predominante no interior do bairro. No interior dos setores e vilas desenvolve-se fortemente o circuito inferior residencial com característica de modos de vida pautados na proximidade, pois os/s empreendedores/as são também moradores/as e participam das relações de convivência e códigos do local. Há uma diversidade de pequenos comércios desenvolvidos como estratégia de sobrevivência. A difusão tecnológica que aparentemente domina os espaços metropolitanos diferencia-se nos dois circuitos em relação

ao capital, à tecnologia e à organização local, o que também é observado na análise sobre Salvador/BA:

O circuito superior apresenta grande investimento de capital, resultando em enorme volume de mercadoria e alta tecnologia; sua organização é caracterizada por monopólios, preços fixos, pequena margem de lucro por produto, publicidade governamental, etc. o circuito inferior apresenta, na maioria das vezes, capital próprio e baixo volume, baixa densidade tecnológica, grande margem de lucro por produto, contato direto com o consumidor, renda voltada essencialmente para a manutenção familiar, etc. (SANTOS; SERPA, 2000, p. 58).

As relações de comerciários e habitantes do lugar misturam-se, uma vez que os comércios são desenvolvidos nas moradias e agregam dinamicidade ao local. As ocupações tiveram, desde os períodos iniciais, o desenvolvimento de um comércio local, como ferragens e pequenas mercearias. A presença de grandes estabelecimentos comerciais, como os supermercados localizados na avenida principal, são distintos dos localizados no interior de setores e vilas:

Nola: que comércio daqui vocês usam? Eu vi que tem um mercadinho aqui.

Joana: sim, a gente vai no Concórdia.

Mãe: o que a gente mais usa é o Concórdia, porque na hora do aperto ele socorre. (risos)

Nola: faz fiado?

Mãe: é. A gente vai no Rocha, que os hortifruti deles são os melhores da região. Mas pra ir lá e encher o carrinho tem que ter dinheiro no bolso.

(Joana, 25 anos, em 07/01/2014).

Vamos à vizinha do Mateus para ele treinar os cantos da igreja evangélica. É uma cabeleireira, ao lado da casa dele. Sua casa é salão e casa. Ela é bem singular. Na mesma hora chega uma cliente perguntando sobre a hidratação e escova. Ela explica os valores e preços. A mulher fica em dúvida, pois considera alto o valor, entre 35 e 40 reais. Mas como é da igreja também, decide fazer, mas o mais barato. A cabeleireira atende a cliente e ensaia com Mateus, tudo ao mesmo tempo. E todos se divertem. (Diário de Campo de atividades com Mateus, 20 anos, em 29/09/2012).

A existência de pequenos estabelecimentos comerciais pertencentes a moradores/as é uma característica recorrente de bairros com população de baixa renda e comum antes do crescimento de grandes redes de mercado também nesses bairros, por vezes coexistindo com eles. Os estabelecimentos comerciais são marcos espaciais presentes nas rotinas dos/as jovens: o local onde cortam o cabelo, o salão de beleza em que alguma atividade profissional é iniciada, o mercado local. Diferente das grandes redes, as lógicas do local possibilitam, algumas vezes, o consumo de produtos sem o pagamento imediato. O poder de decisão e as estratégias são desenvolvidos no local e estreitam os laços entre os moradores.

Há coexistência dos dois sistemas em espaços de população pobre, ao que Santos e Serpa (2000), acrescentam: “O circuito superior na periferia funciona, muitas vezes, como uma atividade mista, que faz o elo de ligação entre as grandes corporações e a população de baixa renda” (p. 60). A coexistência dos dois sistemas reforça a contínua relação entre ordenamentos próximos e distantes, com expressiva presença de estratégias de sobrevivência que conjugam moradia e atividades econômicas, característica de espaços de população de baixa renda.

Lefebvre (1978) faz a crítica à ideologia de bairro, às concepções influenciadas pela nostalgia da memória, identificando o bairro como essência do urbano, em uma evolução entre o âmbito familiar, as unidades de vizinhança e o bairro, como uma hierarquia orgânica de produção da cidade. Sua crítica fundamenta-se na dissociação do lugar das outras escalas. Cita a paróquia, importante ponto de difusão das unidades de vizinhança, lembrando, contudo, que a paróquia é um ponto da Igreja Católica Romana. Assim, historicamente, além de ponto de encontro e difusão do urbano, a paróquia também constituiu núcleo de incidência de normativas de poder e relações sociais de outros planos que não o do lugar. O comércio torna-se atualmente uma inserção das lógicas distantes no plano do lugar; assim, a presença dos dois circuitos constitui esse imbricamento entre lógicas de escalas de ação e interesses distintos. As Fotografias 7 e 8 apresentam pequenos comércios, respectivamente, na avenida principal, internos aos setores e vilas.

Fotografia 7 – Av. 17 de Abril (Próximo ao Setor 6)



Fonte: A autora (2012).

Fotografia 8 – Comércio local



Fonte: A autora (2012).

Os espaços conformam modos de vida, de relações tensionadas entre as normatizações vinculadas à ordem distante e ordem próxima e às estruturas tecnocráticas e astúcias

cotidianas. É a partir desse raciocínio que a vida de bairro como relações e práticas mais fortemente relativas aos ordenamentos da ordem próxima estabelece os modos de vida como diferenciação espacial. As formas de uso do espaço desenvolvem relações particulares entre a racionalidade que prescreve e normatiza e as formas cotidianas de reescrever as normas em linguagens do espaço vivido ou escrever outras normas próprias do espaço vivido e constantemente reatualizadas nas práticas espaciais. Esse tensionamento se dá em inúmeras gradações: em um extremo, o formalismo absoluto; e, no outro, uma aparente desordem.

Cada ator desenvolve relações e laços de pertencimento particulares com o espaço. Em Gamalho (2009) foi verificado que os processos de aquisição de moradia e desenvolvimento da vida constituem fortes vínculos espaciais em contextos de dificuldade de acesso à casa própria. No entanto, como se constituem esses laços e essas relações nos jovens? Assim como as crianças, os jovens são agentes recorrentes na paisagem cotidiana desses espaços; logo, têm suas experiências mediadas pelos locais em que desenvolvem suas práticas e relações sócio-espaciais, sendo, portanto, objeto de compreensão como a vida de bairro é desenvolvida pelos jovens moradores do Guajuviras, no que há de particular aos/as jovens e do que é compartilhado com os demais grupos etários.

5.2 TRAÇOS DA VIDA DE BAIRRO NAS NARRATIVAS DOS JOVENS

O sentimento de pertencimento, condição fundamental para constituição do bairro, tem origens diversas. Como mencionado, pode decorrer das dificuldades de acesso à moradia e sua realização como condição de formação do vínculo espacial. No entanto, em relação aos/as jovens, como esse sentimento é produzido? Os/as jovens internalizam a questão da moradia em narrativas herdadas dos pais e na própria experiência. Somando-se as heranças e as próprias experiências dos processos de ocupação, têm-se as práticas do espaço e o desenvolvimento de relações de amizade que transformam o bairro em lugar, ou, na perspectiva de Souza (1989), em *bairrofilia*. As narrativas do espaço dos/as jovens demonstram o peso da negociação e das intersubjetividades (as noções partilhadas no cotidiano, como os processos e os sentidos construídos socialmente). Conseqüentemente, alguns apontamentos analisados a partir de suas narrativas podem ser generalizados aos demais grupos geracionais do bairro, não constituindo perspectivas exclusivas de jovens, embora sejam perspectivas presentes em suas experiências e conteúdos, assim como nas representações e nos pertencimentos.

A referência ao Guajuviras enquanto local de acolhimento das diferenças e desigualdades é recorrente na constituição do sentimento de pertencimento. Enquanto as representações do espaço criam definições, constituem símbolos, sem que haja a experiência concreta do espaço, estigmatizando, internamente, os espaços de representação, através da experiência e do domínio dos códigos locais, que tornam menos relevantes as questões vinculadas à violência, criam discursos que valorizam o lugar, combatendo as narrativas generalizantes sobre o bairro. Esse aspecto emerge em diversas narrativas, uma vez que falar de espaços e sujeitos é falar em cofabricação e, nesse caso, coprodução.

Jovem A: Nós somos educados aqui desde a primeira série. A gente trata todo mundo igual e é tratado igual. O cônego é uma grande família.

Jovem B: lá fora: – vocês estudam no Cônego? Vocês são marginais, têm parente marginal, é basicamente isso.

[...]

Jovem C: Eu morava no Rio Branco e o Guajuviras me acolheu assim...me tratou de um jeito que me levou lá em cima. Até as pessoas dizem que no Guajuviras só tem marginal, mas tem gente de bem.

Jovem B: é um bairro aconchegante.

Jovem A: faz parte da minha vida.

Jovem D: os outros bairros são chochos.

Jovem E: é que nem o bairro que eu morava, 6 horas todo mundo em casa. (Grupo Focal E.E.E.M. Cônego José Leão Hartmann, em 10/05/2012).

Souza enfatiza a relação do bairro como lugar, uma vez que o sentimento de afeição é característica imprescindível dessa formação espacial que se transforma em referência para seus moradores e constitui uma identidade com vínculos espaciais, chegando a configurar um actante espacial não humano (LUSSAULT, 2007), com possibilidade de influenciar ações e disputas políticas, o que significa dizer que o Guajuviras é personificado e tomado como referência tanto identitária-cultural, quanto política-social. A constituição de uma identidade forte do local coloca-o em situação de negociação com as demais esferas da sociedade e propicia a constituição do bairro político e, conseqüentemente, é produto e favorece o ativismo de bairro (SOUZA, 1989). No entanto, como são construídas relações de pertencimento em contextos de discriminação como o que se desenvolve nos processos de ocupação irregular na cidade, espaços condenados no senso comum, de população de menor renda, com modos de vida e práticas próprios da formação espacial, locais identificados a partir de ausências e violências? Os/As jovens trazem a relação de suas histórias de vida como constituição de vínculos espaciais, pois através de suas práticas reelaboram as representações hegemônicas, situação que Heidrich (2013) exemplifica na relação de apropriação pelo uso: “Permanecer numa determinada área de modo continuado e repetitivo e compreender uma

história da qual se participa, constrói uma experiência que liga o indivíduo ao grupo e a seu respectivo espaço de convivência e uso” (p. 57). O uso, que não se limita à propriedade privada, constrói histórias partilhadas, potencializando a multiplicidade de referências, diferente das representações do espaço construídas na distância e em características selecionadas, situações que ficam evidentes nas narrativas.

Eu brincava aqui na rua. Aqui eu cresci com a gurizada. O pessoal reclama que eu sou muito brincalhão. [...]

Deu para fazer coisas de criança, soltar pipa, jogar bola, entrar na reciclagem, jogar pedra nas casas, brigar com os irmãos em casa [...] Fiz badernas, saía por aí fazendo arruaça, mexendo com os guris de outras vilas, como a São José, a São Miguel. (Jorge, 18 anos, em 23/01/2013).

Ali atrás uma mulher vendia sonho e era azarada, a casa dela pegou fogo e caiu árvore em cima. Era muito azarada. Parece que a gente compartilhava junto, todo mundo se ajudava. Tinha o campinho onde a gurizada jogava.

(Registros em Diário de campo de conversa com Bernardo, 19 anos, em 05/07/2013).

Mas enfim, eu brincava bastante de jogar bola, sempre gostei de jogar bola, jogar futebol com as gurias da rua, com os guris também. Nunca teve essa de guri passado ali na rua, os guris brincavam como irmãos, jogando bola e brincadeira e esconde-esconde. (Janaina, 17 anos, em 01/10/2013).

Brincar nas ruas como narraram João e Janaina, compartilhar dificuldades como lembrou Bernardo, ter o bairro como aventura e aprendizagem e estabelecer conflitos entre grupos de outras localidades do bairro são conteúdos do desenvolvimento das relações de pertencimento construídos nas próprias histórias dos jovens e nas referências apropriadas. O espaço vivido e praticado – das subjetividades, intersubjetividades e materialidades – não é o palco inerte onde a vida acontece, mas é a essência da experiência desses/as jovens que se reconhecem na relação com o lugar. A materialidade tem um papel nessa relação, na internalização das dificuldades vividas e compartilhadas, como narra Bernardo sobre as constantes quedas de eucalipto, o que está diretamente relacionado aos processos de ocupação que correspondem à substituição dessas árvores por moradias e que foi alvo de crítica das ocupações através dos discursos ambientais. Ficou na memória dele o medo de queda das árvores sobre as casas. Assim como as memórias das ruas sem calçamento ou de quando a água era irregular e fraca. As questões objetivas e intersubjetivas dos processos espaciais fazem parte das memórias dos/as jovens e com isso os diversos processos de ocupações são conteúdos das referências dos/as jovens, sendo conteúdos, por exemplo, nas expressões artísticas, como a música de Caio:

E aí veio a inspiração de tudo que eu já vivi de fazer um pedacinho de cada que eu já passei. Como eu falo: eu vi coisas que eu não queria ver, hoje são coisas fúteis, nem vale a pena dizer. Falo também da, que nem ali na São Miguel a gente já fez vários abaixo assinados pra botar asfalto. Nunca botaram.

Nola: não tem asfalto ainda?

Não, só na parte que mora o vereador. Tem o Francisco da Mensagem, só tem asfalto na rua dele e é só em um trequinho, só aquela ruazinha e deu. Na música fala: revolução nas ruas, processo demorado. Já participei também de diversos abaixo assinados. Ali na São Miguel a gente fez vários abaixo assinados para botar asfalto, quebra-molas. Que é muita poeira ali. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

Os/as jovens não são pessoas sem história; ao contrário, suas narrativas demonstram o processo de constituição dos vínculos em histórias próprias e na apropriação das histórias do bairro, vivenciadas ou herdadas. Jovens que não vivenciaram o processo da ocupação em si, apenas questões relativas a ele, como ausência de calçamento, uso irregular da energia elétrica e água, mas que se apropriam das narrativas históricas, das dificuldades pelas quais os pais passaram e como o local transformou-se ao longo do tempo. São recorrentes os termos desenvolvimento e evolução, marcando as transformações, mas também remetendo à internalização dos valores associados à cidade legal e ao processo de ressignificação e valorização do bairro e, de forma indissociável, de seus moradores.

O bairro contrasta com a cidade, pois nele predominam tempos mais lentos, situações de conhecimento e reconhecimento. Configura um sistema denso das táticas, uma vez que no equilíbrio entre as relações de normatização associadas a escalas externas e o local, configurando táticas não apenas no espaço do outro, mas no limite de formar um espaço próprio. Ou seja, o plano local favorece a emergência de lógicas da ordem próxima que, em determinadas situações, sobrepõem-se às normativas e aos padrões do espaço concebido. Isso é possível em locais de densas práticas sociais, o que também emerge na narrativa de Ricardo:

É, hoje a grande maioria, a grande parte que eu vejo na rua assim, isso no verão, é aquela zorra de estar conversando, estar brincando, estar interagindo. Quando se está na rua tu interage com o bairro de certa forma, porque tu acaba tendo uma visibilidade e contexto das pessoas do bairro, né? Porque eu tô parado na esquina ali e vejo várias pessoas que eu não conheço. Tu acaba te aproximando do bairro e certa forma, do que ficar dentro de casa. [...]

De repente uma festa de bairro tu não vai, porque tem uma festa na praça, mas eu não vou na festa na praça. Tem uma festa na escola de samba: ah, eu não vou na festa na escola de samba. Aí tem essa distinção, então esse aspecto do jovem sair pra rua, que o jovem sai muito, é muito positivo. É muito positivo, porque ele acaba se aproximando do bairro que ele vive. (Ricardo, 25 anos, em 28/08/2013).

Para que a vida de bairro se desenvolva são indispensáveis as relações de apropriação do espaço, o que também conduz à consolidação do pertencimento e do ativismo de bairro, presentes em ações e em narrativas de defesa do Guajuviras frente aos estigmas e estereótipos

presentes nas representações do espaço. Ricardo desenvolve reflexivamente o pertencimento e o ativismo em suas narrativas e ações. As narrativas de afirmação da condição espacial desenvolvem-se de forma reflexiva e ativa, embora também estejam presentes de forma sutil na própria experiência de cotidiano compartilhado, nas relações de pertencimento estabelecidas com o bairro enquanto espaço praticado, nos jogos de futebol da rua, nos encontros nas praças e esquinas, entre outros.

Bairros pobres com fortes representações de violência sofrem o processo generalizado da cidade de crescimento do medo urbano, o que incorre no esvaziamento das práticas que se realizam nos espaços comuns das ruas, praças, esquinas. Esse processo corresponde às transformações empreendidas por modos de vida atomizados e, conseqüentemente, debilitam os encontros entre diferenças, divergências presentes nas relações que se desenvolvem nos espaços de uso comum e identificados como de apropriação em contraposição à dominação e, conseqüentemente, vividos como antagonismo aos espaços concebidos. Embora os processos de homogeneização e relações atravessadas pela institucionalização de espaços próprios para os encontros, como os shoppings e cafés, extravasem suas fronteiras abrangendo a totalidade da cidade, é possível identificar em diferentes contextos a permanência de outras mediações de encontros. O Guajuviras é um desses espaços em que os processos hegemônicos incidem, mas não se desconstituem as formas e relações, o que resulta nesse hibridismo.

A constituição do bairro e da vida de bairro enquanto permanências de um urbano de cotidianos compartilhados está presente na coprodução entre atores/agentes e o espaço em que se estabelecem compreensões e afeições, possibilitando sentidos de cidade em que as diferenças são negociadas constantemente, o que Mayol (2011) define como as artes da conveniência e convivência, cujo desenvolvimento se dá no contato direto e repetitivo com os demais agentes do espaço e que são essenciais à conformação da vida de bairro. Márcio demonstra a importância das táticas de convivência na mitigação de conflitos:

Na brigada quando teve aquele evento ali eu tava no meio deles ali, e era só gurizinho marginal e todo mundo na praça. Até uns guris daqui, tem uns guris daqui de cima que não gostam muito de mim, não se dão muito comigo que é coisa de dança e por causa de mulher. Aí eles ficam brabo e ficam te olhando mal encarado. São os guris que tavam... que foram até presos e foram soltos e eles ficaram meio assim, que tem meio que respeito por eles e me viram com eles e olharam meio assim, me olharam meio assustado. Eu já tava ali e eles chegaram, me cumprimentaram e ficaram ali. Daí a gente ficou ali conversando e eles me olharam com cara de assustado, cumprimentaram todo mundo e até me cumprimentaram e ficaram assim normal. Mas eu só tava ali na praça da brigada com eles porque eu não ia cumprimentar e sair, ia até ficar feio pra mim, praticamente até ia perder a amizade deles por questão de fazer isso. (Márcio, 19 anos, em 24/10/2013).

Mayol (2011) parte da conceituação de Lefebvre (1978), identificando o bairro na relação entre espaços qualitativos e espaços quantitativos, o que pode ser inferido como o espaço da proximidade favorecido pela vida de bairro em contraponto à cidade como anonimato. Parte da vida cotidiana e da arte de conviver com o próximo, na necessidade de conciliar as diferenças e interesses. As práticas cotidianas desenvolvidas pelo pedestre colocam em contato diferentes atores, que desenvolvem comportamentos para tornar a vida conjunta possível. São as táticas, astúcias dos agentes do cotidiano. A vida próxima torna o/a morador/a não apenas conhecido/a, mas reconhecido/a, tanto por outros/as, quanto pelos lugares que têm não apenas uma história própria, mas histórias que são dos/as morador/as com traços partilhados. É, portanto, o espaço conhecido e reconhecido da cidade. Cotidianamente, o sujeito aprende, cria e reproduz as estratégias de encontro com o outro, de transitar pelos lugares, de operar com os sentidos e representações. É um processo lento, que se faz na história de vida de cada um.

Em contrapartida, a vivência da cidade dá-se pela assimilação de códigos jamais dominados completamente, pelo sentimento de não-familiaridade, sendo favorável ou hostil, conforme a intencionalidade das práticas espaciais. São processos em que os/as jovens se inserem em consonância e/ou atrito, reafirmando em suas práticas uma identidade espacial, assim como inserindo suas lógicas, seus valores e suas estéticas no espaço metropolitano.

As artes da convivência diferenciam-se segundo o conteúdo social, cultural e político dos espaços, conformando modos de vida próprios das distâncias sociais e que se constituem no tensionamento constante entre o *habitus* e as artes do fazer, entre condicionamentos e internalizações das estruturas objetivas e as incontáveis resistências e desvios da normalidade imposta. A permanência nas ruas, o uso das praças e os grupos nas esquinas são próprios de um modo de vida articulado pelo espaço. A narrativa de Guilherme, que se divide em morar com os pais no loteamento Moinhos de Vento²⁸⁸ e os avós e tios no Guajuviras, é exemplar nessa diferenciação em que o conhecimento do espaço e da vizinhança são diferentes em bairros populares e de alta renda.

Todo mundo conhece a gente aqui.

Nola: no Moinhos de Vento é diferente? Se conhecem?

Guilherme: Tu conhece com quem tu te dá. Não conhece nada. Mal sabe o nome das ruas lá. Vão conhecer os vizinhos. Lá as pessoas lá. É que geralmente as pessoas lá já nascem numa família que tem dinheiro, entendeu?

(Guilherme, 18 anos, em 28/01/2014).

²⁸⁸ Loteamento de classe média-alta localizado no bairro Marechal Rondon, mencionado no terceiro capítulo do desenvolvimento como referência das distâncias sociais.

O que torna o espaço do bairro esse próximo seguro e apropriado? O espaço em que agentes têm forte impacto no contrato social acaba por adquirir feições de extensão da vida privada: as ruas adquirem sentidos de lar, sendo apropriadas. Para Mayol (2011), as práticas sócio-espaciais constituem uma progressiva privatização do espaço público, mas não nos parâmetros capitalistas de propriedade. Dessa forma, a rua, a praça, os espaços de uso comum localizam-se em interseções entre o íntimo (casa) e o que é estranho (a cidade). As fronteiras entre um e outro não estão em oposição, mas de forma relacional e permeável, o que é latente em narrativas que associam o Guajuviras ao termo aconchego e acolhimento.

O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora. E é na tensão entre esses dois termos, um dentro e um fora, que vai aos poucos se tornando o prolongamento de um dentro, que se efetua a apropriação do espaço. Um bairro, poder-se-ia dizer, é assim uma ampliação do habitáculo; para o usuário, ele se resume a soma das trajetórias inauguradas a partir do seu local de habitação. Não é propriamente uma superfície urbana transparente para todos ou estatisticamente mensurável, mas antes a possibilidade oferecida a cada um de inscrever na cidade um sem-número de trajetórias cujo núcleo irreduzível continua sendo sempre a esfera do privado. (MAYOL, 2011, p. 42).

As referências ao Guajuviras enquanto familiaridade e aconchego são exemplares dessa questão. A desconstrução do estranhamento da cidade dá-se a partir das práticas espaciais, que são mais densas no bairro. Nesse percurso, a relação entre o privado e o público é interdependente. As práticas sócio-espaciais ocorrem como apropriações e teimosias e dentro dos quadros de dominação. As relações mediadas e instigadas pelo espaço, assim como os usos e as apropriações das ruas e praças favorecem o desenvolvimento do pertencimento e da identidade, mas principalmente de ações e narrativas que reafirmam o espaço vivido.

A história de vida que se desenvolve no plano do local enquanto coprodução dos atores/agentes e o espaço transforma o bairro em um local seguro, conhecido. A proximidade ou o conhecimento de locais ou outros/as moradores/as associados/as a práticas criminais não são suficientes para transformar o lugar em que se vive menos seguro que o restante da cidade. Pelo contrário, o sentimento de segurança e insegurança não tem uma linearidade, ocorrendo em determinadas situações a convivência pacífica com focos de criminalidade e atrito e violência com o Estado. No entanto, as representações constroem um imaginário de bairro interdito, o que entra em conflito com as experiências.

A Comtel é um lugar calmo. Eu moro aqui desde criança, correndo na rua, brincando. Não tem briga, não tem violência. Não tem, tu pode caminhar de noite que não vai acontecer nada contigo. O máximo que tu vai ouvir é criança brincando na rua, criança gritando, como agora. (Carolina, 19 anos, em 12/05/2012).

Alguns relatos identificam os aspectos relativos à insegurança associados à ordem distante, antagonizando com o sentimento de segurança, principalmente para os jovens homens que sofrem as intervenções policiais em seus percursos ou quando permanecem em algum local das ruas, como a frente de escola, a esquina, uma vez que esses espaços são desconstituídos como locais de permanência na cidade contemporânea. “Uma das abordagens que eu sofri eu ouvi a frase: cara, vai pra casa que depois da meia noite o tratamento é diferente. Eu ouvi isso de um policial militar. Então o meu medo sempre foi da polícia.” (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

Toda relação espacial demanda o conhecimento dos códigos nela envolvidos. A aprendizagem e subversão desses códigos ocorrem no diálogo e nas disputas entre atores e agentes no viver cotidiano. Na vida de bairro o controle social próximo é intenso e se, por um lado, é produtor do conhecimento e reconhecimento, por outro, é produtor dos atritos. Condição da produção histórica do local é a recorrente dispersão familiar em diferentes locais do Guajuviras. Filhos/as dos/as primeiros/as ocupantes do Conjunto Habitacional foram também ocupantes das áreas verdes, assim como os processos de ocupação eram empreendidos por diferentes membros de uma mesma família. Esse aspecto, somado às relações sociais desenvolvidas em comunidades de sentido no bairro pelos/as jovens e suas famílias, consolida uma feição que é de ter as ações controladas em diferentes pontos e momentos das práticas do bairro, situação marcada nas narrativas dos/as jovens, não apenas associado ao controle, mas ao reconhecimento e à segurança.

E moro aqui desde que nasci, fui criada pelos meus avós, mas nunca aquela coisa de ser criada pelos avós e não ter contato com os pais, sempre tive contato com minha mãe e meu pai. E moram perto, eu moro no final, umas três quadras é meu pai e umas cinco quadras mora minha mãe. Eu tô sempre na casa da minha mãe. (Janaina, 17 anos, em 01/10/2013).

Não tem quem não me conheça, nem que seja de vista. Ah, a Rafa. Muitos me conhecem pelas minhas irmãs e cunhado. Ah, ela é cunhada dele. Ela é a Irma dela. Todo mundo me conhece. Por ter andado bastante na rua, por ter ficado na praça tomando chimarrão. Muita gente me conhece. Os que não gostam de mim: eu não gosto da cara daquela guria. Sempre tem. Desde pequena aqui, todo mundo me conhece. Cresci aqui. (Rafaela, 18 anos, em 22/01/2014).

É que eu conhecia muito, que eu andava muito com o meu pai. E eu fugia da minha mãe, né? Eu fugia, sempre fui [...], tinha que conhecer, saber onde eu tava. Não tinha telefone, não tinha celular, na época não tinha nada e eu fugia. Me mandava. Sempre com medo, porque meu pai conhecia todo mundo. Então sempre tinha alguém me espiando e sempre chegava no ouvido da minha mãe [...]. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014).

As práticas espaciais intensificam os reconhecimentos e a constituição de redes de amizades e comunidades de sentido mediadas ou originadas no espaço do bairro. A adoção de posições protagonistas intensifica esses processos como as inserções em esferas relativas à cultura, ao esporte e à política. São práticas que interligam jovens moradores de diferentes pontos do Guajuviras, reafirmando tanto os/as jovens quanto o bairro. Nesse sentido a coprodução é constante e também um campo em disputa. De diferentes formas, há a constituição do bairro como um sistema de vizinhança, embora mais abstrato do que vivido em si, ou seja, não são consolidadas experiências de todo o bairro, que é extenso e plural, o que não impede o pertencimento e a afeição a ele. Assim, a afirmação de Marcio de que todos no Guajuviras são seus vizinhos corresponde a uma identidade partilhada, a modos de vida próximos, a redes de relações que proporcionam visibilidades no bairro. A referência à vizinhança é uma metáfora do sentimento de espaço partilhado e de referências comuns.

Comigo é tranquilo. Os guris das esquinas eu cumprimento. Todo mundo me conhece, eu gosto disso. Conhecem pela volta, de andar, de cantar. Todo mundo que eu conheço sabe. (Wilson, 17 anos, em 06/05/2013).

Acho que eu moro há tanto tempo que eu acostumei. Eu gosto, conheço todo mundo. No Protejo eu era alguém. Eu era reconhecido pelas pessoas, pessoas que me consideram uma pessoa. (Mateus, 20 anos, em 14/04/2013).

Mas eu me considero maloqueiro em questão de alopração aqui dentro, querer às vezes badernar os vizinhos, ficar incomodando os vizinhos, e pra mim todo mundo aqui do Guajuviras é vizinho, não importa onde mora, fica incomodando todo mundo. Aí pra mim isso é maloqueragem.

Nola: interessante, tu diz que todo mundo é vizinho?

Eu considero todo mundo aqui vizinho. Apesar de um morar em uma vila e outro na outra, pra mim não deixa de ser vizinho. (Márcio, 19 anos, em 24/10/2013).

Cotidianos, histórias e dificuldades partilhadas inserem, em conjunto com as artes da convivência e da conveniência, as relações de animosidade, já que o espaço como local de encontro, também o é de diferenças, acirradas pela proximidade. Essas discrepâncias nos modos de viver e pensar também conduzem ao desenvolvimento de relações prioritariamente externas ao local, tornando, desse modo, menos expressivos os vínculos espaciais. A divergência é um conteúdo do cotidiano nas relações da ordem próxima, através da qual são elaboradas as artes de conviver, que, no entanto, nem sempre são consolidadas. O desconforto e descompasso com o entorno estão presentes nas narrativas de Amanda, Felipe e Eliana. Embora Felipe e Amanda demonstrem desacordo com a unidade de vizinhança próxima, ambos desenvolveram laços com o espaço do bairro. Ele, através da arte; e os dois através do grupo de jovens de suas igrejas. Eliana tem todos os vínculos externos ao local em

que mora: estuda fora do bairro, os avós não moram ali e os pais desde cedo inibiram as relações dela com o local, priorizando relações e práticas com outros espaços da cidade. Quando criança permanecia durante a semana na casa dos avós, no bairro Mathias Velho e atualmente estuda no bairro Estância Velha. Do universo estudado, apenas Felipe e Amanda demonstraram divergências atravessadas pelos desacordos com os modos de vida locais, o que não os torna menos significativos, pois correspondem à diversidade de relações possíveis. Ainda assim, Felipe e Amanda demonstram ter relações de pertencimento com o bairro. O sentimento de afeição não se estende a todos/as jovens moradores/as.

Eu sou bem na minha aqui, as pessoas são bem barraqueiras, não combinam comigo. Aqui em casa a gente fala alto, aí eles ficam aqui na frente pra escutar o que a gente fala. [...] Não sou mal educada quando encontro as pessoas, dou bom dia. As pessoas se envolvem com incômodos. Eu não causo problemas pra ninguém. (Amanda, 19 anos, em 09/08/2012).

As diferenças podem estar associadas a pequenas distâncias sociais internas às localidades, produzindo identificações com espaços da cidade onde predominam outras referências, modos de vida ou onde há consolidação de laços familiares no mesmo bairro. Embora a localização da residência decorra dos mesmos percalços da luta por moradia, as diferenças socioeconômicas podem constituir entraves às relações sociais, como o exemplo de Eliana, jovem de família pequena, com renda fixa, mais estável, sem vínculos de parentesco internos ao bairro e que vive em um dos locais mais pobres e precários do Guajuviras, onde as desigualdades e os problemas sociais são explícitos. Dessa forma, os sentimentos de segurança e o reconhecimento, próprios da ordem próxima, não são desenvolvidos na relação com o espaço de localização da moradia, reduzindo-o a local de residência, porém nunca a neutralidade. Em outras situações as diferenças são administradas nas artes da convivência, como expõe Mateus em suas narrativas, exemplares nesse aspecto, pois unem a distância social, o reconhecimento de sua posição na cidade e encerra com o reforço sobre a importância das formas de conviver:

‘Tem pessoas que acham que são ricas morando no Guajuviras’.
Teve um incidente com a vizinha, quando a bola do filho da irmã caiu no pátio dela, na frente do dele. A irmã foi pegar e ela e a vizinha discutiram.
‘Se acha que é rica, vai morar em um condomínio fechado no centro’.
A vizinha é de outra religião, mas ele não se importa, todos são iguais.
(Mateus, 20 anos, registros de campo em 14/09/2012).

Gostar eu gosto, já estou acostumado. A gente tem que ter onde chegar e sair. Diz oi, bom dia, boa noite. A casa que a gente fez tem três peças. (a família é de 8 pessoas). O povo fica sentado na esquina, tomando cerveja, chimarrão. Aí os filhos brigam, aí

dá problema. A gente não se dá com isso. Eles não querem trabalho. (Felipe, 19 anos, registros de campo em 15/12/2012).

Eu namorava, com 13 anos, e as vizinhas faziam fofoca pro meu pai, que o guri não era bom pra mim. Aí tive que terminar. (Tais, 17 anos, em 08/01/2013).

O bairro constitui uma experiência do lugar, que envolve estratégias particulares às relações sócio-espaciais daquela configuração específica. Para Tuan (1983), o bairro tem uma importante função nas relações de poder na cidade. O autor cita o exemplo de West End, em que não havia um sentimento de pertencimento ao bairro, mas à rua, à sua esquina. Assim, como as transformações da cidade, o bairro não teve força de manter-se frente às demandas municipais. Para ele, o bairro é um conceito e só adquire potência de entrar nos embates sociais e políticos quando o sentimento pela rua e pelos locais da experiência extrapola a unidade de vizinhança, englobando o bairro como um todo. Esse sentimento decorre da experiência e convivência espaciais. Raramente alguém tem a vivência com a mesma densidade de todo o bairro.

A rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro, é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo até atingir todo o bairro. O conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência. (TUAN, 1983, p. 189).

Assim, os lugares tornam-se bairros quando adquirem sentido, significação, constituindo o bairro inteiro como um lugar. Inspirado em Tuan (1983), Souza (1989) utiliza o conceito “bairrofilia”, dado que para o autor existe bairro quando há um sentimento de afeição, essencial para a sua constituição como um território. Dessa forma o local pode constituir-se como actante nas disputas de investimentos da cidade. Esse é o poder do bairro, através do qual a população tem um campo de manobra a seu favor.

Essa relação de afeição e pertencimento, indispensáveis ao bairro como plano potencial de ação política, é produto da produção do espaço, ou seja, é um produto histórico, devendo-se buscar em seu processo de constituição os sentidos de sua produção. Como produto histórico, desenvolve-se de forma lenta e gradual. A partir da experiência cotidiana de transitar, utilizar os equipamentos e interagir com os outros moradores desenvolvendo a familiaridade, as desavenças e percalços. Um bairro emite seus sentidos, ao mesmo tempo em que recebe sentidos de si e da totalidade, ambos presentes nas representações do espaço e nos espaços de representação. Assim, sua definição dá-se pelos atravessamentos internos e externos, da ordem próxima e distante, da afeição e aversão.

Seabra (2003) compreende o bairro como territórios de uso que, dada sua aparente contradição, revela os impasses da urbanização contemporânea. Dessa forma, tem-se que “O Bairro, o não-bairro, a cidade e o urbano tiveram que ser compreendidos como momentos de um único processo, no qual as formas de espacialização do processo social não se excluía. Antes, se sobrepunham” (p. 29). Espaços instrumentalizados em que o local deteriora como espaço de histórias entrelaçadas, produzindo os espaços de dominação. Já a vida de bairro tende à internalização, a movimentos centrípetos, a encaixes de práticas que se realizam pela condição espacial de bairro, sem deixar de constituir-se no contexto metropolitano. Jovens vivenciam fortemente o espaço do bairro, através da inserção em instituições como as escolas, as redes de sociabilidade intermediadas pelos eventos culturais como o funk, a escola de samba, os grupos de rap, etc. Simultaneamente, os/as jovens do Guajuviras são também jovens metropolitanos, que têm referências no funk do Rio de Janeiro, no Hip-hop de São Paulo, na música pop de Beyoncé. Eles estão inseridos na divisão do trabalho que os inclui periféricamente e consomem produtos comuns às diferentes juventudes. Os encaixes espaciais agem em conjunto com os desencaixes, produzindo culturas híbridas (CANCLINI, 2003), o que conduz à relativização do argumento de Werlen (2000) de que “[...] unidades sociais espacialmente definidas não fazem muito sentido num mundo moderno-tardio, caracterizado por uma crescente globalização da vida social” (p. 8). Entre o local e global há múltiplos conteúdos, o que torna qualquer generalização imprecisa e incorre no equívoco de diluir as manifestações socioculturais do local no global. É nessa linha reflexiva que Santos (2002) argumenta:

Nesses espaços da horizontalidade, alvo de frequentes transformações, uma ordem espacial é permanente recriada, onde os objetos se adaptam aos reclamos externos e, ao mesmo tempo, encontram, a cada momento, uma lógica interna própria, um sentido que é seu próprio, localmente constituído. É assim que se defrontam a Lei do Mundo e a Lei do Lugar. (p. 334).

Jacobs (2009) parte de uma perspectiva próxima tanto de Lefebvre (1978), quanto de Souza (1989). Para a autora, o conceito sentimental do bairro, vinculando-o à vizinhança, como um espaço acolhedor e voltado para si, pode conduzir a modelos que concebem essa feição da cidade como uma unidade introvertida. O bairro deve ser compreendido nas relações de materialidade, sentido e forças da cidade. A lógica da cidade é a própria mobilidade, visto que ela deve oferecer uma diversidade de oportunidades a sua população; logo, não é função do bairro ser autossuficiente.

A problemática do bairro insere outra: as vilas. O termo vila é amplamente utilizado regionalmente na definição de locais pobres, favelas, periferias. Remete à cidade como desordem, rugosidade de sentido de espaços rurais. O próprio Guajuviras, ora é bairro, ora vila. Composto por vilas, o que por si só já identifica seus moradores pejorativamente. Crianças na rua, cães, pessoas, sons. Uma intensa vida e táticas microbianas compõem esses espaços, também pouco problematizados, mas ricos em representações e práticas sócio-espaciais que resistem na cidade contemporânea. Outro elemento é a conversão dos espaços do bairro em suas luminosidades em contraposição às opacidades associadas aos espaços ditos periféricos tão presentes nas referências a bairros identificados como dormitórios. Ora, os/as jovens demonstram em suas narrativas que, seja como estudantes ou trabalhadores, o Guajuviras tem um papel fundamental nas redes de sociabilidade e no identificar-se a um conjunto de referências coadunado pelo bairro.

5.3 O BAIRRO COMO CENTRALIDADE

A dicotomia centro-periferia não tem fronteiras precisas, tendo sofrido transformações ao longo do tempo em decorrência da metropolização²⁸⁹ que engloba os locais que antes estiveram à margem geométrica dos perímetros urbanos. Contudo, a noção de periferia persiste tanto no que corresponde ao espaço concebido dos planejadores e pesquisadores, enquanto produção vinculada a distâncias sociais e à infraestrutura ausente ou precária, quanto no espaço vivido, como símbolo de modos de vida periféricos à ordenação instrumental e hierárquica. A periferia é apropriada, internalizada e negada como conteúdo de resistência social. Na apresentação do livro *Da Cabula*, de Allan da Rosa, Nei Lopes (2008) argumenta:

Confesso que não gosto muito do rótulo de ‘periféricas’ com que recentemente se passou a nomear e incentivar as manifestações dos que não têm acesso aos círculos da produção hegemônica. Não gosto porque prefiro ver essas manifestações chegando junto, botando banca, entrando sem pedir licença, ‘jantando’ o sistema que as quer amestrar e cooptar, e não mantidas, embora de maneira ruidosa, ‘no seu lugar’. (p. 13).

A posição do escritor rompe com as noções desse espaço como estando à margem da sociedade, em especial em sua autonomia cultural e criativa. Esses espaços identificados

²⁸⁹ Soares (2015) discute no processo de metropolização as centralidades tradicionais, as novas centralidades da metrópole e as novas centralidades da região metropolitana, explicitando as transformações do urbano e a necessidade de observar essas relações em suas complexidades.

como periferias e que, em relação ao contexto de Canoas são também compreendidos como *vilas e/ou invasões*, são reelaborados em suas próprias centralidades. Embora as noções de periferia, vilas e invasões estejam imbricadas, é importante compreendê-las em suas conexões, em seus conflitos, no que ocultam e revelam e na sua configuração relativa aos modos de vida de bairro e como são vividas e representadas pelos/as jovens do Guajuviras.

O Guajuviras apresenta certa autonomia de serviços em relação ao centro da cidade ou Porto Alegre. Situação similar foi observada em Gamalho (2009) sobre o bairro Restinga, localizado na zona sul de Porto Alegre. O bairro possui um diversificado comércio, estabelecimentos de ensino, postos de saúde. O intenso comércio e a existência de um supermercado aberto das 7 da manhã até às 2 horas da madrugada (Sacolão Rocha) contribuem para o combate aos discursos de um bairro em que a violência e o tráfico seriam dominantes dessa espacialidade, constituindo um imaginário de espaço interdito. Um primeiro marco de representações comumente associadas a espaços compreendidos como periferias é desconstituído: a violência. O Guajuviras emerge nas narrativas como espaço de permanência, onde as ruas são movimentadas, onde se tem o necessário para o dia a dia e, dessa forma, a valorização do lugar e, conseqüentemente, dos/as moradores/as.

E domingo aqui é bem dizer um centro, tem o Rocha que fica aberto. Tu acha tudo, se tu quiser comer às três horas da manhã tu acha. (Grupo Focal. E.E.E.M Cônego José Leão Hartmann, em 09/04/2012).

É, tem de tudo aqui. Só não tem loja de carro, as pessoas não têm confiança de botar uma concessionária aqui dentro. Lojas que têm lá no centro têm aqui. Manlec, loja de roupa, tudo. Farmácia, farmácia tem três, quatro. Xis tem tudo aqui. Tudo que tem lá. Escola tem, eu acho que tem umas quatro ou cinco escolas aqui no Guajuviras. Creche pra criança, escola de educação infantil, tem de tudo. (Guilherme, 18 anos, em 28/01/2014).

Nola: O Guajuviras é bairro ou vila?

Ricardo: Eu diria assim: se Canoas é um Estado, o Guajuviras é a Capital. É muito vasto o conhecimento que se tem desse bairro, e a dimensão dele vista fora é muito grande. Se tu perguntar pra um morador se ele sabe que o Guajuviras ganhou um prêmio em Genebra, qual morador do Guajuviras sabe disso? (Ricardo, 25 anos, em 28/08/2013).

A formação escolar ocorre principalmente no bairro, com poucas exceções. No Guajuviras há três escolas municipais de nível infantil, quatro escolas municipais de nível fundamental e duas escolas estaduais de nível fundamental e médio. Estudar no bairro estimula a realização do deslocamento entre a casa e a escola por caminhadas. Com isso, além da apropriação dos caminhos principais, outros são desenvolvidos na apropriação do local como aventura. Essas trajetórias contidas nas narrativas dos/as jovens estabelecem relações

em que o Guajuviras exerce uma centralidade na formação de jovens como agentes das práticas microbianas e que pode ser observado nos horários de entrada e saída das escolas, quando os/as estudantes percorrem as ruas em grupos, fazendo brincadeiras, rompendo com algumas ordens e conhecendo o local em que vivem para além da sua rua ou entorno imediato.

O comércio diversificado corresponde à centralidade do Guajuviras e o comércio e prestação de serviços internos aos setores e às vilas contribuem para a autonomia local e também como fonte de emprego para os/as jovens do bairro. Essas centralidades “[...] resultam de um processo lento e cotidiano de ‘demarcação do território’ e se traduzem em formas espaciais com forte identificação com os habitantes dos bairros periféricos.” (SERPA, 2001, p. 16). Esse aspecto pode ser observado nas narrativas dos/as jovens, através das quais se tem a produção de referências espaciais e identitárias, como ocorre, em especial, com o supermercado Sacolão do Rocha. Esse supermercado constitui uma referência de resignificação do bairro, simbolizando não apenas a evolução do estabelecimento, que iniciou pequeno, mas também do bairro e seus/as moradores/as.

Assim, o comércio torna-se uma referência, como o local que fica aberto durante a madrugada, reforçando que o Guajuviras não é tão perigoso quanto parece no imaginário social; o estabelecimento que cresceu em comunhão com o bairro. Os imaginários, signos e sentidos são conteúdos das representações que estigmatizam o espaço e conseqüentemente seus habitantes, sendo as juventudes o foco contemporâneo da identificação de desvio desses espaços. Os equipamentos não se reduzem às materialidades observáveis no local, mas constituem-se como depositários de significados (BAILLY, 1989), assim como os sentidos atribuídos aos processos de asfaltamento, abastecimento regular de energia elétrica e água, questões que conduzem ao sentimento de que o local em que se vive torna-se cidade.

É um bairro em constante evolução. Até o que o Fulano falou em questão de mercado e coisa assim. Ano que vem a gente vai ter um mercado 24 horas, ali na frente do Caic. O Guajuviras tem um centro ali da entrada até o Brehm aqui. É um centrinho aquilo ali, é tipo um centrinho da praia aquilo ali. A gente não precisa sair do Guajuviras para ir ao dentista, não precisa sair pra fazer um curso de jornalismo, a gente não precisa sair do Guajuviras pra encontrar tanta coisa, sabe? Como Porto Alegre, pra comprar coisa mais barata. Bha, o Guajuviras uma imensidão, ta sempre crescendo e crescendo. E a questão do trabalho, eu já trabalhei no Rocha, esse mercado que vai ser 24 horas. (Grupo E.E.E.M Cônego José Leão Hartmann, em 09/04/12).

O uso indiscriminado e pouco refletido do conceito de periferia pode reforçar os estereótipos e as representações que não apenas criam definições para os espaços de moradia

da população pobre, como também incide nelas, podendo ser internalizados e/ou constituírem-se como símbolos e significados que os moradores têm que enfrentar nas suas relações na metrópole. Ou através da construção de noções que desqualificam a diversidade de práticas e manifestações culturais na referência desses espaços como destituídos de centralidade. As noções de periferia estão presentes no meio acadêmico, nas administrações públicas, no senso comum da população, na mídia. Não problematizar essa noção em nível de discussão com amplitude para a sociedade é reforçar as distâncias sociais no embate simbólico e hierárquico, perdendo o foco sobre as diferenças. Como argumenta Lefebvre (2013), os espaços de dominação tendem a se sobrepor sobre os espaços de apropriação, mas não sem micro ou macro resistências, sendo os conteúdos simbólicos inerentes aos espaços de representação formas de negação dos processos de homogeneização e generalização. Enquadrar/encerrar os bairros populares nos aspectos de desigualdade e distância social são equívocos que vão ao encontro com os espaços de dominação, reforçando o controle sobre espaços, corpos, identidades. Esse processo de oposição cidade-bairro negligencia as práticas e a formação de jovens desses espaços, que têm no plano local importantes conteúdos e referências da própria condição juvenil.

Evidente que o nome Guajuviras sofre inúmeros processos de ancoragem, processo através do qual o não familiar, o estranho é associado às categorias de conhecimento já elaboradas, nesse caso os sentidos e símbolos que compõem o imaginário social sobre periferias, vilas e favelas: locais insalubres, ausência de infraestrutura, intensa violência, acesso mais restrito, populações desordenadas, jovens violentos/as e promíscuos/as, baderneiros/as. São aspectos presentes em intensidades diferentes nos inúmeros processos de formação do bairro até os dias atuais, mas que não são suficientes para definir o Guajuviras. A pretensão não é negar que há questões problemáticas no Guajuviras ou que ele tem uma inserção metropolitana nas relações de desigualdades. Existem áreas com extrema carência de infraestrutura, existem grupos territoriais envolvidos com o tráfico de drogas, existem jovens que perderam a vida por envolvimento em atividades ilícitas. Entretanto, esses conteúdos associados às periferias são suficientes para construir a compreensão desse espaço? Evidente que não. Nesse sentido, Serpa (2013) argumenta que:

A noção de centro-periferia dá conta das desigualdades, mas não das diferenças. A distinção entre ambas é importante, porque a desigualdade exige um parâmetro comum, classificatório, que permita uma comparação global; e a diferença, *stricto sensu*, o é no sentido de alteridade, não havendo, a princípio, a possibilidade de hierarquização. [grifo do autor]. (p. 103).

Quando a periferia é definida por um centro e constituída a partir das desigualdades, têm-se oculta as suas diferenças, suas diversidades, sua produção cultural. Essa reprodução de perspectivas hierárquicas reforça o conhecimento produzido externamente, do olhar de alguém que define espaços vividos e praticados por outros sujeitos. O trabalho acadêmico opera no âmbito do concebido, não deixa de constituir representações reificadas (MOSCOVICI, 2003), contudo deve aproximar-se desse vivido, o que é almejado a partir das narrativas dos/as jovens, agentes do espaço sobre os quais pesam as definições de periferia, conteúdos que atravessam o terceiro capítulo do desenvolvimento, quando as narrativas expõem a distância social no processo de procurar emprego ou de relacionar-se com parceiros amorosos de outros locais da cidade. Hiernaux e Lindón (2004) inserem a questão de que a pesquisa pode expressar as relações e os sentidos internos ao espaço vivido, distinguindo entre perspectivas *exocêntricas* e *egocêntricas*:

Las visiones exocéntricas son todas aquellas en las cuales el analista o especialista en periferia ofrece una interpretación del fenómeno a partir de su propia concepción, imaginario, teoría o experiencia. En tanto que las visiones egocéntricas son todas aquellas en las cuales el especialista construye la interpretación de fenómeno periferia a partir del punto de vista del habitante. (p. 414).²⁹⁰

Sentidos latentes das noções de periferia são as questões relativas à sua condição enquanto limite ou externa à cidade moderna e ordenada e composta por modos de vida característicos de populações pobres, como a intensa proximidade e o controle social da condição de vizinhança, as estratégias de sobrevivência, os usos das ruas por jovens. Assim, periferia significa o que está fora da ordem estabelecida ou, como a questão do Guajuviras, à margem da cidade formal e legal a partir dos processos de ocupação, embora o bairro seja objeto de políticas públicas de regularização. Esse aspecto evidencia o quanto as representações sobrepõem-se em influências e conflitos, por vezes encobrendo ou destituindo de valor as práticas, transformações, relações e sentidos locais. Como alicerces da noção de periferia estão as distâncias sociais e econômicas, mas não políticas, uma vez que o bairro como espaço de pertencimento e com expressiva população²⁹¹, potencializa as ações no campo político. Esse raciocínio evidencia esses espaços nas relações de desigualdades e

²⁹⁰ “As visões excêntrica são todas aquelas em que o analista ou especialista em periferia oferece uma interpretação do fenômeno desde a sua concepção própria teoria, imaginária ou experiência. Equanto que as perspectivas egocêntricos são todas aquelas em que o especialista constrói a interpretação do fenômeno a periferia do ponto de vista do habitante.” (HIERNAUX; LINDÓN, 2004, p. 414, tradução nossa).

²⁹¹ Segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010b), Canoas possui 323.827 habitantes, sendo o Guajuviras o segundo bairro em população, com 39.526. O maior bairro em população é o Mathias Velho, com 48.806 habitantes.

hierarquias espaciais, o que são alguns dos conteúdos, que, enfocados isoladamente, podem encobrir os aspectos culturais característicos dos locais identificados como periferias, como é o caso do Guajuviras.

No senso comum local o termo periferia é pouco apropriado e nas narrativas dos/as jovens é inclusive desconstituído, uma vez que através de suas práticas espaciais elaboram o bairro enquanto centralidade. As ruas são movimentadas o dia inteiro, sempre há jovens passando de bicicleta ou se encontrando nas praças. Esse movimento constante agrega ao bairro sentidos de que o Guajuviras tem vida. Esses elementos conjugados acabam por constituí-lo não como periferia, mas como cidade e metrópole. Os/as jovens atribuem centralidade ao seu espaço vivido:

Eu creio que não deveria ser assim, aqui dentro o Guajuviras é uma metrópole quase. (Jaqueline, 19 anos, em 27/06/2012).

Cidade. Tá quase se tornando uma cidade, pela população. Vou no centro do Guajuviras. O Guaju tem loja que não tem no centro. (Grupo Focal E.M.E.F. Erna Wurth- grupo EJA, em 18/10/2012).

E daí, poxa, o Guajuviras é uma cidade periférica, é quase uma cidade periférica, tem tudo aqui dentro, entendeu? (Ricardo, 25 anos, em 13/09/2013).

Não apenas os conteúdos materiais caracterizam o bairro em sua centralidade, mas a diversidade humana e a coexistência de diversos segmentos culturais cuja expressão busca romper essas relações de estar à margem. Quando as manifestações culturais de bairros pobres não são apropriadas pela indústria, são relegadas a categorias menores ou criminalizadas, como o que ocorre com o funk. Nesse sentido as relações de distâncias presentes na relação centro e periferia são fronteiras que atuam na reelaboração de sentidos e signos que os/as jovens constroem de si próprios/as. No entanto, são atravessados por estereótipos, inserindo os/as jovens em hierarquias simbólicas da cidade, as quais precisam ser combatidas e ressignificadas.

Ali tem desenhistas, tem engenheiro que é o meu caso, tem músicos excelentes. Tem escritores, tem o Henrique Weber e o Henrique Martins de Freitas, que é um escritor e publicou vários livros e mora ali faz um tempo já. Eu gosto de citar o Guajuviras como um dos bairros, eu falava assim: Guajuviras é o bairro mais cultural de Canoas. Mas hoje em dia eu já falo que é o bairro mais cultural do Rio Grande do Sul. Por quê? Tem duas escolas de samba. Já sai na frente. Tem um centro de artes, que eu trabalho lá, dou oficina de música. Tem o Protejo que é a Casa da Juventude. Tem um estúdio particular pra bandas ensaiar e tem um estúdio público que fica no Protejo. Olha que riqueza tem ali. Tem as Mulheres da Paz. Tem muitas formas de cultura dentro do bairro e que é difícil ver em outros bairros. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

Se, por um lado, há a constituição de centralidades impulsionadas pelo desenvolvimento dos equipamentos públicos e o comércio, que minimizam as necessidades de deslocamento para esses fins, movimento constante nas ruas e praças ou atividades e festas de família e amigos nas casas, por outro lado, pensar a questão da centralidade na cidade envolve a coexistência de distintos grupos sociais no espaço público. Ao direito à cidade são fundamentais os encontros das diferenças, as simultaneidades, o diálogo das discordâncias, o confronto de antagonismos. Situações propiciadas pela constituição de centralidades que agreguem os diferentes segmentos sociais presentes na cidade. No entanto, as múltiplas centralidades que se desenvolvem caminham em direção contrária: são centralidades entre grupos sociais, de classe e culturais muito próximos, o que contribui para a constituição de cidades menos humanas e tolerantes com suas diversidades.

Por fim, as distâncias sociais contidas nas relações entre centro e periferia são reproduzidas no plano local através das distinções materiais, sociais e simbólicas contidas nas relações entre setores e vilas, este como termo mais reproduzido no senso comum regional, com traços e sentidos próximos aos relativos às noções de periferia. Assim os/as jovens veem-se em diferentes processos que os localizam como inferiores, a partir de desvios, em associação às materialidades do espaço, dos modos de ser e viver desses locais. Pensar as relações entre centro-periferia a partir das juventudes é indispensável, pois nas suas práticas e nos seus pertencimentos tornam os espaços vividos luminosos, incluídos. E confrontar essas perspectivas tão enraizadas e promotoras das violências simbólicas, é desconstituir suas juventudes como o outro, o corpo que deve ser disciplinado e controlado.

5.4 A MINHA VILA: ESPAÇOS VIVIDOS, PERCEBIDOS E REPRESENTADOS

O Guajuviras transformou-se nessa centralidade plural, contudo as distâncias sociais e representações das ocupações de áreas verdes ainda estão presentes, principalmente como permanências de sentidos e como marcos identitários ou como estereótipos para os/as jovens moradores/as do Guajuviras. A materialidade (presente nas ruas e calçadas fora do padrão urbano, a presença de casas simples ou precárias), é reveladora das ocupações como estratégias de sobrevivência. São locais que contêm uma significativa parcela da população de menor renda. No entanto, toda classificação que se pretende hegemônica e homogeneizante incorre em generalizações. Tanto setores quanto vilas transformaram-se; não são as mesmas paisagens do final da década de 1980-1990, ou das ocupações de 1999 e até mesmo as mais recentes. Ainda assim, os sentidos de invasão, pobreza e “maloqueragem” coexistem nas

próprias ressignificações, remetendo novamente às condições referentes à periferia em sentido social e como modos de vida.

As vilas (Fotografias 9, 10, 11 e 12) revelam as espacialidades presentes na vida dos jovens: são os locais onde moram e a partir dos quais reelaboram distâncias sociais e constroem suas identidades. Correspondem a materialidades e símbolos vividos em diferentes intensidades, com definições internas e /ou externas a esses locais, constituindo especificidades do Guajuviras. A noção de vila é realizada a partir das definições e construções narrativas dos/as jovens moradores/as. O exercício de conceber essa noção dá-se prioritariamente no vivido, em um movimento contrário às lógicas dos espaços concebidos, embora sempre estejam relacionados. As distâncias sociais são reproduzidas no bairro a partir da caracterização das vilas como periferias, mas sob o nome de invasão e vila. Favelas, barracos, malocas, maloqueiros e toda a variedade de signos, significantes e seus estigmas retornam ancorando as representações de vila e invasões.

Fotografia 9 – Macroquarteirões



Fonte: A autora (2012).

Fotografia 10 – Vila Comtel



Fonte: A autora (2012).

Fotografia 11 – Vila Recanto dos Seus



Fonte: A autora (2013).

Fotografia 12 – Vila Nova Nancy



Fonte: A autora (2013).

O Bairro Guajuviras é composto por múltiplos núcleos com histórias e processos particulares, mesmo que sejam articulados com o todo, o que não raro torna flexível a definição pelos/as jovens de vila e bairro que ora negam que as vilas tenham diferenças em relação ao bairro, ora as remetem a questões sociais e materialidades que as distinguem. A produção do imaginário sobre esses espaços, presente no segundo capítulo do desenvolvimento, permanece como conteúdo nas representações contemporâneas e intensificadas pela associação das vilas às questões de violência e tráfico, aspectos fortemente associados a jovens. As questões objetivas do cotidiano como o barro da rua, a água fraca, as quedas de energia, a estrutura precária da casa revestem-se dos aspectos simbólicos e não estão separadas da constituição de si dos/as jovens. Assim, as narrativas constroem-se nesse embate, operando simultaneamente com as representações do espaço e os espaços de representação cuja constante articulação fornece o subsídio para o reconhecimento desses/as jovens dentro das relações da cidade.

Nola: é bairro ou vila?

Bernardo: vila foi no tempo em que invadiram. Agora pra mim é bairro.

Nola: e o que diferencia vila de bairro?

Bernardo: que vila é aquelas casinhas, maloquinhas, ninguém paga água, ninguém paga luz. Tudo olho por olho, dente por dente. Agora não, agora já tem luz, já tem asfalto, já melhorou bastante coisa. Não vou dizer que o governo não fez nada, faz o que pode. Melhorou bastante coisa.

Nola: e tem vila ainda no Guajuviras?

Bernardo: as vilas que têm eles tão tentando melhorar. Que nem ali, a vila que eu morava. Eu chamo de vila também, mas pra mim é tudo bairro. Ali era ruim, não tinha asfalto, ninguém pagava água e luz. (Bernardo, 19 anos, em 11/06/2013).

Antes saía pisando no barro. Minha experiência com São Paulo é que vi uma favela. A vila não tem muitos recursos para as pessoas se manter, o chão é batido, não tem luz, é um lugar isolado do foco principal. Que nem aqui, tem a avenida principal, tudo direitinho, iluminado. A comunidade aqui é bonitinha. A vila é escondida, isolada. (Otávio, 22 anos, em 27/07/2013).

As definições revelam que os sentidos constituem-se como permanências das materialidades de outros tempos ou de parcelas do bairro, uma vez que grande parte hoje está com asfalto e saneamento básico. Apresentam elementos recorrentes, tais como o acesso regular aos serviços básicos, o asfalto, a precariedade ou a simplicidade das moradias e o acesso irregular ao solo urbano. O cotidiano tem incorporado o uso do termo vila já impregnado de sentidos de espaços entre urbano e rural, para significar os locais de formação irregular. Mas os contornos não são fixos, e sim mutáveis. A divisão dá-se entre a ordem hegemonicamente imposta e as desordens das ocupações. Tem-se oculta a intencionalidade do

que significa essa ordem e as diversidades e ensejos de resistência (consciente ou não, intencional ou não) contidos nas desordens.

Embora praticamente todo o Guajuviras seja produto de ocupações, há distinção interna sobre ocupação ou invasão, sendo o primeiro construído como legítimo, uma vez que corresponde a ocupação do CHIM, diferindo tanto na materialidade, que embora precária, incorre em um maior ordenamento em relação às vilas, mas também no sentido de legitimidade em decorrência das inconsistências, dos oportunismos e das crises políticas ocorridas na produção do Conjunto. Invasões são associadas às áreas verdes que foram ocupadas posteriormente à ocupação inicial. Tanto pela materialidade, quanto pelos sentidos de cidade ilegal, são identificadas internamente como menos legítimas. Embora a análise siga a perspectiva do vivido e, com isso, aparecem com frequência as espacialidades como invasões, consideram-se ambos os processos legítimos na produção do espaço e na luta pelo direito à cidade em seu caráter social e político de ação dos agentes, que nos processos de luta por moradia são empoderados, assumindo a posição de atores coletivos.

Nola: e por que tu diz que a pessoa de vila é mal vista?

Eu acredito que é porque, por exemplo; invadiram. Ah, por que não compraram o terreno? Por que não compraram em outro lugar? É difícil, porque hoje em dia, espaço é o que menos existe. (Alessandra, 17 anos, em 18/01/2014).

As distâncias sociais internas ao Guajuviras são ancoradas nos sentidos de invasão e vila, aparecendo de forma explícita nas narrativas ou subjacentes, como nas referências de propriedade privada. Tem um viés objetivo que corresponde às dificuldades da condição social dos moradores que os direcionam para determinados locais da cidade e às condições materiais de viver na região metropolitana. As representações das distâncias sociais encobrem as diferenças nas desigualdades, assim como ocorre na hierarquia urbana em que o Guajuviras torna-se sombreado na condição de periferia, ou seja, tem-se um ocultamento dos processos e das diversidades inerentes ao local e aos/as jovens.

A relação de depreciação do local em que moram talvez seja o motivo de alguns/algumas jovens do bairro optarem por fazer as entrevistas em locais públicos, como praças, evitando, assim, a exposição de sua condição habitacional. O que talvez seja o caso de Felipe, que depois de muitos encontros e conversas se sentiu seguro para insinuar a possibilidade de um dia fazermos a conversa em sua casa. Ou no caso de Clara, cuja entrevista foi realizada na frente da casa na qual funciona um depósito de reciclagem, sendo

difícil discernir o que eram os objetos da reciclagem e os da casa. Ambos convivem com questões estruturais objetiva e subjetivamente associadas às populações pobres.

A gente tá de reforma lá em casa. Arrumando, construindo. A gente morava mal, tem que mudar. Ano passado foi complicado, deu um temporal e a gente teve que construir. Aí eu ajudei com uns trocados que eu ganhava no Protejo. Eu dou muito valor ao Protejo. A casa era improvisada e provisória, só que o improviso vai ficando com o tempo. A gente pensava em fazer de alvenaria, mas não tem condição. A casa tinha mil goteiras. Quando chovia, parecia um chuveiro. (Felipe, 19 anos, em 15/09/2012).

[...] quando nós viemos pra cá não tinha nem água instalada, nem luz. Tinha que pegar ali da vizinha daquele lado ali. Ali no Seu Francisco. Ajudavam bastante. Agora quando a gente terminar o banheiro... Tu acredita que nós aqui tomamos banho de bacia? [...] Desde lá da vó, que a vó também não tinha banheiro lá. (Clara, 20 anos, em 28/09/2013).

O contexto social interno das vilas é diverso. Correspondem a grupos sociais de baixa renda que, em diferentes intensidades, enfrentam dificuldades econômicas, períodos de crise e que desenvolvem estratégias de sobrevivência na região metropolitana, como os pequenos comércios, as prestações de serviços, a inserção informal no mercado de trabalho, entre outras atividades. Os/as jovens tornam-se trabalhadores cedo, visando contribuir com a renda familiar ou suprir as próprias necessidades e desejos. Assumem papéis sociais da sua condição juvenil, mas também papéis remetidos à condição de adultos, conforme os argumentos apresentados no terceiro capítulo do desenvolvimento. São atores que na definição de Lussault (2000) se formam por diferentes e, às vezes, contraditórias referências, constituindo-se como poliédricos, produzindo representações polifásicas (JOVCHELOVITCH, 2008).

A construção de distâncias sociais é transposta na configuração entre os espaços dos setores e das vilas. Estas seriam periferias do Guajuviras, locais em que os aspectos de violência, desordem e pobreza estariam intensificados. É evidente que há distinção entre os setores e vilas, já revelada na análise de produção desses espaços ao longo das últimas décadas. Correspondem a formações de contextos distintos e agravamento das questões habitacionais na Região Metropolitana, o que conduz a ocupações em áreas insalubres, deficientes de qualquer infraestrutura e sujeitas à violência institucional contida nas possibilidades de despejo, discursos do poder público e ações policiais. Mas as transformações desses espaços reelaboram também o imaginário sobre o Guajuviras como um todo. Assim, assentadas na experiência e na ressignificação das vilas estão as ideias de desenvolvimento, progresso e evolução: “Então a Comtel tá se encontrando, ela tá evoluindo

como vila. Lá mais pra baixo tem a São Pedro, a São João, eles tão evoluindo bastante” (Carolina, 19 anos, em 12/05/2012).

E dizem que vila é os boca braba e não sei o quê. Ah, que tu é vileiro. Eu ainda brinco com as gurias, que umas amigas moram nas vilas, que eu moro na COHAB, né? (risos). Eu mexo com elas, mas depende da família, tem muita família, tipo o [...] mora numa vila ali da Nazário e a primeira vez que ele me levou lá, que eu fui na casa da [...], uma outra menina que dançava com a gente, eu fiquei meio assim, porque eu nunca fui de entrar em vila [...].

E daí eu bem assim: ai, vocês moram na vila? E ele: ah, Patricinha, não sei o quê. Não, é que sei lá, eu não tô acostumada. Ele falou: nada a ver. E eu entrei, tipo, normal. Não tem nada de diferente. (Janaína, 17 anos, em 01/10/2013).

Transformações coexistem com permanências, sejam nos sentidos ou nas materialidades, que se transformam ao longo do tempo, ainda que seus sentidos permaneçam como facetas, aspectos ou nuances nas representações. As relações sociais e as práticas espaciais são também referências ou fontes dessas transformações, tanto que a vida de bairro como um modo de vida faz parte do imaginário sobre periferias, favelas e, nesse caso, vilas. O trabalhador, enquanto personagem real e representado, é também uma referência desses espaços, dos sujeitos que transformam a paisagem por seu trabalho. No outro extremo têm-se as representações do malandro, o vagabundo, o delinquente. E em relação direta e opaca as relações com os espaços, como se o progresso e a precariedade fossem reveladores da índole dos/as moradores/as e internalizados pelos/as jovens.

É coisa de vila. Vila é vila, é onde moram as pessoas de baixa renda ou sem renda. Onde dependem uns dos outros. Lá todo mundo paga água e luz, mas tem uns que fazem gato. Não é certo, o direito tem que ser igual. (Felipe, 19 anos, em 15/12/2012).

Nesse contexto de carências e vinculado ao processo de formação das vilas, coexistem materialmente ou como resíduo simbólico as condições das moradias e o acesso irregular aos serviços básicos. As ligações irregulares, imprescindíveis para a fixação das famílias, são características que marcam a condição de vilas.

[...] que vila é aquelas casinhas, maloquinhas, ninguém paga água, ninguém paga luz. Tudo olho por olho, dente por dente. Agora não, agora já tem luz, já tem asfalto, já melhorou bastante coisa. (Bernardo, 19 anos, em 11/06/2013).

Quem que tem um certo fluxo de dinheiro vai querer morar no Guajuviras, se não a classe baixa? Hoje o Guajuviras, por conceito, as casas já estão bem caras. Mas antigamente uma casa era muito barata, então se tornava muito fácil pra alguém de baixo custo vir morar aqui. (Ricardo, 25 anos, em 13/09/2013).

Tem muito, tem uns lugares aqui que é um pouquinho melhor, tem lugar aqui que tu olha e fica apavorado, parece favela. Tem muita gente boa, tem muita gente que, muita gente ruim. E tu andando assim, tu vai conhecendo cada lugar que tu te apavora. (Guilherme, 18 anos, em 28/01/2014).

A construção dos espaços de representação não é descolada das representações do espaço: o espaço vivido e praticado é marcado pelas ausências concretas, pela dificuldade no abastecimento da água e luz, pela poeira e barro. São elementos objetivos na vida dos/as jovens e compõem as intersubjetividades. O espaço concebido está nas referências à propriedade e ao ordenamento urbano. Essa internalização não é mero condicionamento, uma vez que a vivência das ausências é concreta e atua de forma marcante na memória e narrativas. “Que é muita poeira ali. A mãe era enlouquecida limpando a casa todo o dia por causa da poeira.” (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

As vilas transformaram-se, mas permanecem sendo remetidas à questão das invasões, do acesso irregular ao solo urbano, acarretando desordem. Ao mesmo tempo, há núcleos familiares vivendo em condições precárias. Esse é um fato espacial que ao mesmo tempo em que se transforma em ferramenta de valorização dos/as jovens, como conquista, também incute naqueles/as que ainda vivem em condições precárias a responsabilidade por sua situação. A condição de existência é descontextualizada das possibilidades, trajetórias e do próprio sistema que os inclui parcialmente. São inúmeros reducionismos que contribuem na própria estigmatização do espaço. Os jovens tem sobre si essa violência, como na criminalização das práticas de rua, tema abordado no quinto capítulo do desenvolvimento.

As referências aos espaços periféricos, que no Guajuviras em determinados momentos correspondem à totalidade do bairro, em especial nas perspectivas exocêntricas, ou às diferenciações internas assentadas na condição das vilas, são fortemente remetidas à violência enquanto fato e enquanto resistência do espaço de representação.

Jovem A: outro exemplo é que quando a gente diz: eu moro na Comtel. Bah, ali na Comtel só tem chinelo.

Jovem B: as pessoas perguntam: não tem que pagar alguma coisa pra entrar na Comtel?

Jovem C: aquele boato do pedágio²⁹², das 6 horas da manhã às 9 da noite.

Jovem A: vamos embora mais cedo, porque os caras vão cobrar pedágio. Não tem isso gente. (Grupo Focal E.E.E.M. Cônego José Leão Hartmann, em 10/05/2012).

²⁹² Em março de 2007 foi noticiado no Diário de Canoas que na Vila Comtel os traficantes locais cobravam pedágio “Traficantes cobram pedágio na Comtel” (TRAFICANTES..., 2007, p. 1). No decorrer do mês são recorrentes as notícias da ação policial na Comtel. Essa informação foi confirmada por lideranças locais, embora as narrativas demonstrem que apenas uma parcela da população vivenciou a questão em si. Essa situação da violência no Guajuviras e Comtel é abordado no segundo capítulo do desenvolvimento.

Os sentidos que compõem a desigualdade presente tanto nas relações do bairro com a cidade, como também nas diferenças internas, têm como resultado a discriminação sócio-espacial. Esse aspecto possui feições concretas na vida dos/as jovens que são frequentemente definidos a partir das representações do local em que moram. Muitos locais do Guajuviras têm influência de grupos vinculados ao tráfico de drogas em diferentes intensidades no espaço-tempo. A origem das ocupações favorece atividades ilegais: pouca iluminação, diversidade populacional e dificuldade de deslocamento da polícia. É recorrente nas narrativas dos jovens que, no momento atual, em função do Programa Território da Paz e também pelas transformações locais, o bairro e as vilas são mais seguros. Mas como mostram as narrativas, os significados de parcelas perigosas dentro do bairro permanecem, o que leva os/as jovens a defender onde moram a partir das narrativas das próprias experiências, que não negam a presença do tráfico, mas que desconhecem sua vila a partir da exacerbação da violência.

Por exemplo, eu vou ali em cima na Esperança e digo que moro na Comtel. Ah, na Comtel. Como se a Comtel não fizesse parte do Guajuviras, como se fosse outro bairro. A gente mora há duas quadras de distância, não é uma coisa longe, são algumas quadras. As pessoas: ah, Comtel, tudo marginal, a Comtel isso, a Comtel aquilo. Tu vê o jeito que as pessoas falam de onde tu mora. (Carolina, 19 anos, em 10/05/2012).

A Comtel é dentro do Guajuviras a maior ocupação e o local mais estigmatizado. Em diversas narrativas essa relação entre moradores e moradores vinculados às práticas ilícitas fazem parte das artes da convivência e da conveniência. Assim, o medo vivido e representado não são os mesmos. O que não significa negar que o tráfico seja uma questão problemática com forte incidência nos/as jovens, mas que, como argumenta Serpa (2013) acerca do bairro como categoria que privilegia as diferenças em relação às desigualdades, se torna essencial fazer emergir as artes do viver e do representar dos/as jovens e, nesse caso, não reduzir sua condição social aos aspectos da violência urbana, até mesmo porque elas não são representativas da juventude do Guajuviras.

É que no caso é onde foi o lugar mais violento. Que da onde saia toda a bandidagem é da Comtel. Ninguém dizia que os bandidos saiam do setor 1. Não, bandido é da Comtel. Porque antes era só mato, ninguém entrava na Comtel de noite. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

Em paralelo, referências como maloca e maloqueragem, vila e vileiro, que conectam sujeitos a espaços, podem referenciar moradores/as dos setores ou das vilas. Os/as jovens vivenciam essa condição, generalizando-os/as enquanto infratores/as. É um determinismo

falho, sendo combatido na desconstrução desses fatores como intrínsecos ao espaço, realocizados como questões da sociedade contemporânea. E os/as jovens são os principais sujeitos dessa associação indiscriminada e, com isso, suas diferenças são encobertas. No entanto, toda representação constitui-se no embate entre as internalizações das estruturas e os desvios e criações possíveis.

Nola: o que eles acham que é o jovem de vila?

Tudo ladrão. Acham que tudo o que tem de ruim na sociedade sai das vilas. E não é assim. Tem filho de papai e mamãe que rouba, que mata e não vem de vila, vem de um condomínio bom e bonito, com tudo de bom e melhor. Então é isso. (Bernardo, 19 anos, em 11/06/2013).

Por causa que eu acho que da violência que tinha ou tem, alguma coisa assim. Tem gente que chama: aquele é vileiro. Tem esse palavreado assim.

Nola: o que quer dizer isso, fulando é vileiro.

Maloqueiro, não é coisa boa, tipo assim. (Vitor, 15 anos, em 16/11/2013).

As representações emergem nas narrativas dos/as jovens no imbricamento entre experiência, herança e globalização. São múltiplas forças em interação e conflito, cujo resultado não é um objeto acabado, mas fluido e em constante transformação e reformulação contendo em si aparentes contradições. Jovchelovitch (2008) identifica essa questão como a convergência de diferentes saberes, que denomina como polifasia cognitiva:

Diferentes modalidades de conhecimento dependem do contexto de sua produção e têm como finalidade responder a diferentes objetivos. Além do mais, ao contrário de interpretações solidamente estabelecidas de fenômenos cognitivos, não se trata de identificar formas diferentes em grupos ou contextos diferentes: pelo contrário, formas diferentes são capazes de coexistir no mesmo contexto, no mesmo grupo social ou no mesmo indivíduo. Sujeitos fazem uso de uma forma ou outra de saber, dependendo das circunstâncias particulares que possuem em determinado tempo e lugar. A polifasia cognitiva refere-se, pois, a um estado em que diferentes tipos de saber, possuindo diferentes racionalidades, vivem lado a lado no mesmo indivíduo ou coletivo. (p. 124-125).

Significativa parcela dos/as jovens tem a vivência das ocupações nas ausências de infraestrutura e conflitos com a ordem pública que marcaram o início de cada ocupação até a fixação e o reconhecimento público da permanência dos moradores. Recebem as representações do espaço como violento e precário, vivenciam-no enquanto tal e reconfiguram as ausências, ressignificam o espaço a partir da própria experiência e, dessa forma, conservam permanências ao mesmo tempo em que produzem as rupturas. Vivenciam um bairro metropolitano, com símbolos da globalização, de relações desenvolvidas nas redes sociais, de relações de encontro nas praças, nas esquinas, nas ruas, no comércio, etc. Vivem a metrópole no trajeto do emprego, em comunidades de sentido (grupos de rap, de funk, festas,

práticas religiosas, escolas/cursos, entre outros), no consumo em shoppings, cinemas, centro. O espaço de representação é elaborado nessa polifasia de elementos, práticas e sentidos que, em aparência, podem ser contraditórios, mas que são acionados seletivamente na elaboração dos saberes sobre o espaço. Entre essas convergências é possível identificar construções de valorização e estigmatização coexistindo nas representações e práticas. As dicotomias rompem, diluem, tornam-se opacas, sendo difusos os conjuntos de sentidos que convergem nas representações do espaço enquanto bairro produzido por vilas.

É nessa polifasia presente nas representações, que frequentemente estão inseridas em um contexto ideo-lógico de dominação (LEFEBVRE, 2001), em que os estereótipos são transformados e/ou reelaborados até o ponto de tornarem-se identidade, que ora deprecia, ora valoriza. “Eu moro na vila e tenho orgulho de falar que moro na vila. Eu moro perto da Nazário” (Grupo Focal E.M.E.F. Erna Wurth em 18/10/2012). Os jovens na sua condição de agentes são poliédricos, articulando elementos na origem contraditórios.

Nola: tu fala muito “a minha vila”. Eu ouço muito isso, mas qual a diferença de Setor e Vila? Bom, Setor... Como eu posso explicar? Setor é onde é asfaltado, onde um monte de gente... eu me baseio assim: todo mundo fala: Setor 6, rua tal, tal e tal. Daí a gente fala Setor 6, mas a minha Vila e eu sempre vou chamar de Vila, porque... Como vou te explicar? É uma Vila, mesmo eles botando asfalto, mesmo tirando tudo nome de Vila, pra mim vai continuar sendo Vila. (Marcio, 19 anos, em 24/10/2013).

Olha, eu acho que é bairro, vila, qualquer coisa. Pra mim, qualquer coisa que chamar, pra mim não importa, eu moro no Guaju. É vila Guaju. É bairro Guajuviras, aí no bairro tem as vilas. A vila Nazário, vila Comtel, vila São Miguel... onde tá indo cada vez mais, tão asfaltando, outras ali, que nem o 4B, ali era vila das Vitórias, beco das Vitórias, agora é rua das Vitórias, é uma coisa que vai se torando mais, não sei como é isso. (Miguel, 18 anos, em 06/12/2013).

Nola: e agora pra te provocar mesmo. Tu disse que tu era vileira.

Alice: sim.

Nola: mas tu disse que o Guajuviras não é vila.

Alice: é verdade.

Nola: como tu explica.

Alice: é boa demais. Eu acho que a questão de tu te identificar com a periferia. O Guajuviras é um bairro e tem as suas vilas. E eu me identificar vileira é questão de eu me identificar uma vileira, na verdade, a maioria do bairro são as vilas, porque se tu pegar a área da COHAB, não dá a metade. Tanto que os apartamentos, quanto as casas dá metade. A maioria é de vila, de ocupação irregular.

Nola: e tu sabe a história da COHAB?

Alice: não, não me lembro.

Nola: são invasões também.

Alice: viu. É tudo vila. (risos). Pois é. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014)

Efetivamente as representações sobre vilas, periferias, maloqueiros, entre outras, correspondem a distâncias sociais presentes nas relações que se desenvolvem nos espaços do bairro, da cidade e da metrópole. Entre seus conteúdos estão os modos de vida e práticas do

espaço próprias desses bairros de população de baixa renda. A construção de identidades juvenis não ocorre separada do contexto cotidiano; logo, as heranças de sentidos, as práticas e representações dos espaços vividos coadunam-se na percepção de si de jovens.

A identidade refere-se indissociavelmente do entorno. Os conteúdos que originam a identidade geracional implicam modos de vida, particularmente práticas sociais juvenis e comportamentos coletivos. (LÉON, 2005, p. 14).

A coprodução de espaços e sujeitos envolve as particularidades da ordem próxima, os espaços hiper-reais, os elementos da cultura global. Embora nenhum possa ser subsumido no outro, constituindo em cada contexto socioespacial uma bricolagem particular.

Pensar os conteúdos presentes na produção do espaço e das representações, embora não tenha um vínculo direto com as questões juvenis, faz parte do cotidiano dos/as jovens moradores/as desses espaços. Compreendê-los em suas relações é também traçar as materialidades e os sentidos herdados e reproduzidos, internalizados ou combatidos. As experiências de jovens reelaboram o local em sua centralidade, evidenciam as heranças e experiências das violências e ausências dos processos de ocupação. Os/as jovens vivenciam a vida de bairro em suas especificidades enquanto categoria juvenil, mas também nas confluências com as representações e práticas dos demais moradores. As práticas de rua, objeto do próximo capítulo, fortemente de caráter juvenil, são conteúdos dessa vida de bairro. No entanto, nem todas as representações e práticas de jovens são juvenis, sem, com isso, deixar de ter relevância no contexto desses/as jovens.

6 ESPAÇOS PRATICADOS: INTERSEÇÕES ENTRE O BAIRRO E O ESPAÇO METROPOLITANO



Pensar o espaço geográfico a partir da teoria da produção do espaço de Lefebvre (2013) leva-nos a imergir em possibilidades que rompem com certezas ou perspectivas unilaterais ou fragmentárias. É preciso desencaixotar-se e interpretar o mundo na coexistência, correlação e disputa entre âmbitos aparentemente divergentes ou contraditórios. A tríade conceitual sobre a produção do espaço – a partir das práticas espaciais, as

representações do espaço e os espaços de representação, relacionadas respectivamente ao espaço percebido, concebido e vivido – corresponde a uma inspiração, não modelo, de compreensão do espaço urbano. Nessa relação estão contidos os atores hegemônicos que operam em escalas territoriais amplas, prescrevendo as práticas espaciais, e os agentes das práticas microbianas, que produzem espaços na própria reprodução da vida. A produção, portanto, envolve reprodução, criação, materialidades, relações, valores, representações. É atravessada por signos cujos valores, sentidos e significantes são construções sociais em que os conteúdos diferenciam-se segundo culturas, ideologias e contextos históricos, resultando em processos de dominação, mas também de resistência, de criação e apropriação. A tríade revela os aspectos de disputa e intersecções na produção do espaço, em que o campo de forças entre concebido, percebido e vivido, ou entre representações do espaço, dos espaços de representação e das práticas condicionam-se, colidem e promovem tanto a dominação quanto as insurgências.

Ao analisar o mundo a partir das práticas faz-se emergir a tríade como um todo, sem negligenciar a interdependência entre essas esferas. As práticas desenvolvem-se nos condicionamentos do espaço concebido e imerso nos significados e valores das representações do espaço e, conseqüentemente, em lógicas de dominação geridas pelos atores hegemônicos. Mas também se desenvolvem nos espaços vividos e nos espaços de representação, cujos condicionamentos e produções simbólicas interagem e/ou são condicionadas e/ou subvertidos, questões presentes no capítulo anterior, que discutiu as representações de bairro, periferia e vila pelos/as jovens. Essa construção teórica favorece a compreensão dos espaços dos/as jovens do Guajuviras na sua complexidade, descortinando os conteúdos das práticas e representações na constituição do urbano, suas disputas, seus conflitos e suas manipulações, que submergem e/ou emergem nas representações de vilas-vileiros, favela-favelados, malocas-maloqueiros, periferias, bandidos, marginais, menores de rua. As ações de agentes e atores podem estabelecer rompimentos e conflitos quando não estão de acordo com o ordenamento estipulado, ou seja, quando as lógicas dos espaços vividos divergem das lógicas dos espaços concebidos. Ao mesmo tempo, o ordenamento é introjetado como forma ideal de viver na cidade ou através dos imaginários relativos ao medo, das representações das ruas que existem há longo tempo e que tem se intensificado contemporaneamente através da produção de modos de vida pautados em espaços de encontro institucionalizados, vigiados e privados.

As práticas espaciais de jovens no bairro e espaço metropolitano possuem materialidades efêmeras, constituídas pelos próprios corpos e relativas às suas trajetórias de inserção nos espaços de formação, nas relações de trabalho, nas práticas de lazer, nas

comunidades de sentido e nas práticas de subversão. Certeau (2009) convida-nos a ir além do evidente e observar as incontáveis e imperceptíveis formas de fazer presentes nas práticas microbianas dos atores ordinários, de cotidianos ocultos nos traçados, concretos, arranha-céus da cidade e ordenamentos urbanos. O olhar privilegia os passos pequenos, múltiplos, incontáveis, microscópicos, sem dissociar das estruturas, pois as subversões dão-se dentro de uma ordem, denominada pelo autor como tecnocrática, e as práticas, como astúcias, espertezas. As ações, ora condicionadas, ora características das táticas e espertezas microbianas, as quais Certeau (2009) define como práticas no espaço do outro, da cidade normatizada, são o campo de ação dos atores ordinários, invisível, imperceptível ou combatido através das representações da cidade como espaços violentos e associados à figura de jovens.

As práticas espaciais de jovens do Guajuviras são compreendidas no diálogo entre a produção do espaço de Lefebvre (2013) e as práticas e astúcias microbianas de Certeau (2009). Certamente essas teorias têm diferenças conceituais que, no entanto, não são irreconciliáveis. Ambas oferecem possibilidades de compreensão da sociedade moderna: a primeira na sua densa análise da produção do espaço; e a segunda na necessidade de desconstrução do homogêneo e das passividades cotidianas. O constante conflito e a articulação presentes na tríade do espaço concebido, percebido e vivido convergem para as possibilidades de insurgência e teimosias propostas por Certeau (2009). Tomá-los como inspiração possibilita também a liberdade de talvez avançar por caminhos diversos dos esperados, em realidades plurais e complexas.

As práticas inserem os/as jovens nas relações de pertencimento ao espaço do bairro e nas relações metropolitanas através das comunidades de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004), da inserção no mundo do trabalho, de formação ou lazer. Desenrolam-se entre os condicionamentos e as artes de fazer, transitando no tensionamento entre um e outro, constituindo o bairro e a cidade enquanto espaços de aventura e aprendizagem (CARRANO, 1999). O rompimento com os condicionamentos e a constituição de práticas de apropriação possibilitam a produção horizontal e próxima de espaços, lógicas e normas. A produção do espaço nas práticas não está nos extremos entre os atores hegemônicos e os ordinários, mas nos diferentes arranjos que se estabelecem nessa relação, entre condicionamentos, opressões, desejos e sonhos. Assim,

La práctica espacial no puede definirse ni por un sistema existente, urbano o ecológico, ni por la adaptación a un sistema económico o político. Al contrario, gracias a las energías potenciales de una verdad de grupos que utilizan el espacio

homogêneo conforme a sus propósitos, el espacio se teatraliza y se dramatiza. Se erotiza, se entrega a la ambigüedad, al nacimiento común de necesidades y deseos [...].²⁹³ (LEFEBVRE, 2013, p. 422).

Os/As jovens desenvolvem suas práticas espaciais no bairro, contribuindo para a constituição da vida de bairro e metropolitana através das relações de pertencimento, dos grupos de sentidos e das relações de formação e profissionalização. Carregam em si, na condição de jovens de locais pobres e, em específico, a partir das representações do Guajuviras na cidade (mais que na metrópole), a distância social como marginalidade potencial. Vivenciam a metrópole no bairro e o bairro na metrópole, produzindo espaços e constituindo-se nessa relação, ora condicionados ao ordenamento, ora subvertendo-o.

As práticas espaciais dos/as jovens do Guajuviras são analisadas a partir das teorias apresentadas e classificadas (sem com isso serem seccionadas) entre práticas do bairro e práticas metropolitanas. No primeiro são delineadas as relações e representações sobre a permanência de jovens nas ruas, becos, esquinas e praças do Guajuviras, subdivididas em aspectos que legitimam essas práticas, que as criminalizam, como espaços de formação desses/as jovens, as relações do território de paz no cotidiano dos/as jovens, as práticas intermediárias entre o bairro e a metrópole, como as relações de trabalho e ensino que se desenvolvem no âmbito metropolitano e a constituição de grupos de jovens denominados Bondes, por fim as comunidades de sentido como interfaces entre o bairro e o espaço metropolitano.

6. 1 PRÁTICAS DO BAIRRO

As distinções características da hierarquia sócio-espacial são notórias nos espaços da cidade que adquirem identidades e se comportam como signos, os quais comunicam as distâncias sociais. As referências ao Bairro Guajuviras são elaboradas no amálgama entre as heranças de sentidos dos processos de ocupação e contemporaneamente alicerçada nas questões relativas ao medo e violência urbanas. A rua sem asfalto, as casas simples e jovens nas ruas tornam-se emblemas dos espaços populares. Tem-se compreendido que as representações possuem conteúdos que escamoteiam as diferenças e diversidades culturais presentes no cotidiano de bairro popular. As diferenças contidas no cotidiano de bairro e nas

²⁹³ “A prática espacial não pode definir-se nem por um sistema existente, urbano ou ecológico, nem pela adaptação a um sistema econômico ou político. Ao contrário, graças às energias potenciais de uma verdade de grupos que utilizam o espaço homogêneo conforme seus propósitos, o espaço se teatraliza e dramatiza. Se erotiza, se entrega a ambigüidade, ao nascimento comum de necessidades e desejos [...].” (LEFEBVRE, 2013, p. 422, tradução nossa).

possibilidades de diálogos no espaço metropolitano podem ser instrumentos de elaboração de espaços urbanos alicerçados no respeito e reconhecimento mútuo, pois a “[...] a diferença cultural é o processo de enunciação da cultura como ‘conhecível’, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural.” (BHABHA, 2013, p. 69).

Essa reflexão de Bhabha sobre as diferenças estimula o reconhecimento de que as manifestações e práticas de jovens de espaços populares são enunciações de sua legitimidade e de sua autenticidade sociocultural. A pluralidade observada nas práticas e na construção de representações de jovens do Guajuviras direciona para a desconstrução das homogeneidades e dos estereótipos sobre esses/as jovens, evidenciando, a partir de suas narrativas, formas de ser jovem no contexto popular, sendo atravessado tanto pelas desigualdades, quanto pelas diferenças e em exercícios representacionais de desconstruir os sistemas hierárquicos que os localizam à margem da ordem.

No contexto em que as distâncias se revestem de múltiplos significados, as distâncias físicas são menos opressoras que as simbólicas²⁹⁴, intensificadas ao delegar para o desajuste as formas de enunciação sociocultural desses jovens, destituindo-as de seus conteúdos de diferenças. As dualidades assinaladas anteriormente, como vila-vileiro, favela-favelado e outras denominações, como chinelagem, bandidos, marginais referem-se às formas de hierarquia sócio-espacial de co-atribuição de conteúdos relativos ao espaço e aos sujeitos. As generalizações e estereótipos são carregados pelos/as jovens, que precisam constituir-se em sua superação e na negação dos conteúdos que os estigmatizam. Esses estereótipos têm em comum o determinismo geográfico que os localizam nos espaços da cidade, ou seja, os estereótipos são construídos na seleção de características que associam pessoas a espaços. São formas de opressão e manutenção das distâncias sociais. Ainda, segundo Bhabha (2013),

Essas realidades contraditórias da realidade e do desejo – vistas em estereótipos, declarações, piadas, mitos racistas – não estão presas no círculo duvidoso do retorno do reprimido. Eles são o resultado de uma recusa que nega as diferenças do outro, mas que produz em seu lugar formas de autoridade [...]. (p. 154-155).

A inserção dos/as jovens de bairros pobres nas cidades desenvolve-se em integração e/ou transgressão e/ou conflito/repressão. Têm-se os percursos condicionados e normatizados, em práticas socialmente criminalizadas ou estigmatizadas, como pichações, Bondes, badernas, permanências pelas ruas. Assim, a distância social não se traduz apenas na fragmentação da

²⁹⁴ É importante salientar que as distâncias físicas ainda constituem entraves em contextos de deslocamentos onerosos e na inexistência de transporte público que funcione 24 horas por dia e que teria a finalidade de favorecer as práticas de lazer noturnas. Na distância social a dificuldade de transporte público é um entrave as práticas noturnas de jovens de bairros populares.

cidade, mas nas representações e no condicionamento do seu uso e da sua apropriação, uma vez que os espaços passam a ser vigiados, interditados e cujas práticas devem estar de acordo com o ordenamento. A normatização objetiva condicionar corpos dóceis e passivos. Nesse liame, o medo urbano emerge na figura de jovens de bairros populares e as normatizações, através de ações coercitivas, passam a ter enfoque em grupos sociais juvenis, não apenas nas suas práticas da cidade, mas também no controle das práticas de bairro, como as relações desenvolvidas nos espaços das ruas, que, para os/as jovens, emerge como perigo, sociabilidade, lazer e aprendizagem.

6.1.1 As ruas: entre condicionamentos e táticas

As práticas espaciais do bairro e da cidade possuem características, motivações e conteúdos que as distinguem, ao mesmo tempo em que compõem a multiplicidade do urbano. Também se diferenciam entre bairros em que predominam as lógicas da ordem próxima e aqueles mais atravessados pela ordem distante e institucionalização dos locais de convívio. As ruas e praças, como espaços praticados, estão presentes na vida de bairro do Guajuviras, inclusive nos aspectos e nas representações vinculados às questões relativas à violência urbana. Se no passado a permanência de crianças era o foco das preocupações, por estarem sujeitas aos deslocamentos de carros ou subjugadas a crianças/jovens maiores (SANTOS; VOGEL, 1985), na atualidade o enfoque dá-se nos/as jovens, em perspectivas que associam as ruas aos consumos e tráfico de drogas e atividades que escapam às normas, como furtos, pichações e badernas. O medo, como aspecto das cidades, ultrapassa os limites dos anonimatos propiciados pelas grandes centralidades e insere-se nos bairros residenciais. As ruas tornam-se referência do medo e de formas de agir dissonantes da “boa sociedade”, contrapondo a segurança da casa e dos espaços privados com a insegurança das ruas, nas quais o outro – o estranho – é potencialmente perigoso.

[...] até hoje a sociedade parece fiel à sua visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são. Nada pior para cada um de nós do que ser tratado como ‘gente comum’, como ‘zé-povinho sem eira nem beira’. Nada mais dramático para alguém de ‘boa família’ do que ser tomado como um ‘moleque de rua’; ou para uma moça ser vista como uma ‘mulher da vida’ ou alguém que pertence ao mundo do movimento e do mais pleno anonimato. (MATTA, 1997, p. 58-59).

Jovens de bairros populares personificam esses signos associados à rua, ao estranho e, talvez, perigoso. Os/as jovens têm práticas vinculadas aos seus espaços de moradia e metropolitanos, ao mesmo tempo em que as lógicas e valores da metrópole se inserem nas práticas espaciais e representação dos bairros. A cidade contemporânea é cada vez mais atravessada por discursos que a associam ao fenômeno da violência. Motivados pelo medo, seus habitantes buscam sentir-se seguros nos espaços privados da casa, do shopping, do centro comercial. Com isso, uma característica importante da cidade como espaço social se esvaece: a diversidade do contato com o outro, transformado em estranho e, conseqüentemente, em perigoso, devendo ser vigiado, combatido e evitado. Essas lógicas se disseminam por toda a cidade, inclusive nos bairros onde o convívio é intenso, entrando em conflito com o costume dos/as jovens de fazer da rua espaços de lazer e sociabilidade.

Os becos, esquinas e ruas são identificados como espacialidades potencialmente perigosas, e as pessoas que se apropriam desses espaços são criminalizadas em suas práticas, corpos e identidades. Todavia, no cotidiano, são lugares de encontro e permanência de jovens, tão característicos de bairros populares. A vida de bairro tem como qualidade a permanência de relações de vizinhança, de espaços de encontros e de reconhecimento. No entanto, os sentidos que incidem na significação dessas ruas e locais os reelaboram em ancoragens de promiscuidade, obscuridade, perdição, contaminação. Nesse processo, as práticas particulares à vida de bairro tendem a esmorecer-se, o que propicia práticas regradas em espaços privados e encontros entre iguais.

A rua pode ser o espaço do espetáculo e/ou do temor. Nessa lógica, as esquinas são identificadas como locais propícios à infração e, portanto, como subversão ao modelo de cidade e às práticas de sociabilidade legitimadas. Nos espaços de representação coexistem os dois conteúdos: as ruas como espaços que devem ser temidos e como espaços de permanência. As ruas têm a potencialidade de favorecer múltiplos encontros, práticas, aventuras, namoro, informação, aprendizagem e também infrações aos ordenamentos e às normas. O mesmo signo (ruas) adquire significantes distintos, produzindo representações do espaço e espaços de representação, ou seja, as ruas, becos e esquinas são espaços de representação dos jovens, alicerçados em suas práticas espaciais e em confronto com as representações do espaço, contidas nos ideários de padronização das práticas urbanas, as quais visam regular os usos tanto no espaço público quanto nas esferas institucionais e privadas.

Como múltiplas potencialidades, as ruas são também experienciadas e representadas sob os aspectos do consumo de drogas, tráfico e como aventuras, experimentações e desafios. As narrativas de jovens do Guajuviras demonstram que há descompassos entre o imaginário,

reproduzido também por alguns jovens, e as formas de uso das ruas em seus cotidianos. Por um lado as/os jovens internalizam as representações que associam as práticas das ruas a estar no mundo, como oposição a casa enquanto espaço seguro e sagrado; por outro, as representações são alicerçadas em um capital de conhecimento e reconhecimento social construído no cotidiano de práticas que se realizam nas ruas, praças, esquinas. Entre representações e experiências os/as jovens constroem e desconstruem os sentidos dessas espacialidades, representando-as como aprendizagens, aventuras e também como possibilidade de contravenção. As denominações associadas às ruas são sintomáticas da diversidade e dos conflitos inerentes às suas representações: maloqueiros/as, maconheiros/as, promíscuos/as, irmãos/ãs, parceiros/as. As narrativas de Tais e Jaqueline são exemplares nessa disputa de representações: na primeira, as ruas aparecem na promiscuidade das jovens (que também expõe as representações das ruas a partir do recorte de gênero) e no perigo e tráfico; na segunda, há a negação desses conteúdos como sendo intrínsecos às práticas espaciais.

Têm gurias muito putinhas, vivem na rua, com shortinho que parece calcinha. Amigos eu tenho no shopping. Na igreja não tem muito adolescente. Quando a gente ia falar do Guajuviras, falava que era perigoso. Quando eu vim, dava tiroteio, tinha que se jogar no chão. Sempre vinham os pedreiros (usuários de crack) vender coisas que tinham roubado logo ali. Tinha as bocas e dava tiroteio com a polícia. O Protejo é pra isso, pra tirar o jovem da rua. (Tais, 17 anos, em 08/01/2013).

Ah, eu vou tirar o jovem da rua pra ele não ficar se drogando. Tudo bem, ele vai se drogar dentro de casa. Ele vai usar em casa, no quarto, no banheiro, na casa do vizinho. Eu acho que eles frizam como se a culpa fosse do Guajuviras, entendeu? Mas não é do Guajuviras, é de algumas pessoas que não têm o raciocínio lógico. Também, cada um sabe o que faz e porque faz. Cada um. Ah, vou botar um curso para ele não ficar na rua. Mas quando ele sai do curso ele vem pela rua. Na real a própria pessoa tem que se conscientizar disso. Curso ajuda bastante pra aprimoração, mas não pra evitar um problema. O problema vai ser gerado, sendo na rua, dentro de casa ou em qualquer lugar. O problema está na própria pessoa. (Jaqueline, 19 anos, em 27/06/2012).

Jaqueline evidencia em sua narrativa o desacordo com a associação entre ruas, práticas ilícitas e o Guajuviras. São os bairros de populações pobres os focos das representações das ruas como locais que favorecem o desvio; portanto, além da generalização das ruas da cidade como espaços de contravenção, têm se intensificado esses aspectos nas ruas de periferias, favelas, vilas, ou seja, as ruas da distância social. A juventude aparece então como um ameaçador corpo coletivo (DIÓGENES, 2011), responsável pelas desordens urbanas contemporâneas, não apenas fixas nas paisagens, mas móveis nas práticas e trajetos dos/as jovens entre bairro e espaço metropolitano. Evidente que se os encontros são potencializados

nas ruas, também o são os confrontos e disputas, fenômenos que revelam as inclusões desiguais e perversas de jovens, cuja criminalização os/as localizam à margem social, simbólica e moral. Essa associação converge o equívoco de generalização e condicionamento das ruas e agentes à ilegalidade. Os sentidos contidos nos termos marginal, bandido, vileiro, chinelo são produtos da clivagem social e resistem como permanências das representações passadas de meninos/as de rua, mulheres da vida, malandros, entre outras. Representações de sujeitos estigmatizados e estereotipados em diferentes contextos do espaço-tempo. Wilson traz em sua narrativa esse embate na produção de suas próprias representações, primeiro na negação da rua como espaço de convivência, segundo pela defesa da vida em contextos de cotidianos compartilhados em que o/a jovem que perde a vida não é anônimo, não é o “bandido bom é bandido morto”.

Eram todos pequenininhos, agora estão nas esquinas.

Nola: Nas esquinas?

As esquinas é onde mais o pessoal faz tráfico. Hoje eu não ando mais com eles. Esse ano teve um período, em fevereiro, que estavam matando direto. Só quem não presta, por dívida. Mas ninguém tem o direito de morrer. (Wilson, 17 anos, em 06/05/2013).

A violência urbana, a presença de jovens no tráfico e suas mortes são fatos inquestionáveis. O Mapa da Violência (WASELWISZ, 2014) demonstra que entre 1980 e 2012 houve um aumento de homicídios na população jovem (entre 15 e 29 anos) de 118,9%. O tráfico e o conflito territorial não estão ausentes na vida dos/as jovens do Guajuviras. O que o argumento da análise defende é que a desconstrução da legitimidade das ruas como espaços de práticas contém um ideário de cidade que debilita os modos de vida de bairro e as relações de proximidade, intensificando a própria violência. A violência urbana não está diretamente relacionada à rua, como característica intrínseca do fenômeno, ou seja, a rua como um condicionante ou promotora de atos ilícitos, tampouco aos/as jovens. Esse reducionismo contribui para a configuração de cidades cujas práticas de dominação do espaço abstrato predominem sobre as possibilidades de apropriação. Dessa forma, as experiências de jovens são marcadas por múltiplas violências: a violência das ruas quando esvaziadas de seus conteúdos de permanência e sociabilidade e, portanto, propícias à contravenção; a violência institucional através da coerção do Estado, presente nas práticas de policiamento centradas em jovens pobres de bairros populares; e, por fim, a violência simbólica contida nos estereótipos e na negação das práticas de lazer e sociabilidade desses/as jovens.

Também os discursos do tráfico confundem-se com as práticas de consumo de substâncias psicotrópicas, como o consumo da maconha, situação recorrente nas práticas de alguns jovens no Guajuviras. A criminalização do consumo da maconha estende-se para práticas das ruas, pois jovens consumidores desse produto fazem uso dele principalmente entre amigos e fora de suas casas. As ruas, esquinas e becos são espaços recorrentes de agrupamentos de jovens, que podem fazer desse espaço-tempo lugar de conversar, ver e ser visto/a, consumir maconha e até mesmo traficar. Os estereótipos estão consolidados no imaginário social e descolados das trajetórias que conduzem jovens às práticas do tráfico, relacionando de forma maniqueísta consumo, tráfico e jovens pobres de bairros populares. As situações possíveis entre essas variáveis faz parte dos saberes locais e insere-se em táticas de convivência. Isso são as hiper-representações do espaço como violento e que servem para prescrever as formas de uso dos espaços das ruas na cidade. As ruas do Guajuviras não são locais interditados cujo deslocamento incorre em risco de morte ou nos quais o consumo venha a conduzir o ingresso de jovens pobres no tráfico de drogas. E os percursos que conduzem os jovens a atividades ilícitas são frequentemente resultados das relações desiguais, que os incluem, por exemplo, no mercado de trabalho de forma precária e nos desejos promovidos pela generalização do consumo. Bento, que já esteve preso por roubo de carro, realizava pequeno comércio de maconha, no qual entrou motivado pelo desejo do consumo hegemonicamente disseminado, embora limitado socialmente.

Nola: com pedra tu não mexe?

Bento: tá louco, coisa do diabo. Eu não.

Nola: só com maconha...

Bento: por enquanto ainda, hehe.

Nola: porque tu diz por enquanto?

Bento: daqui a pouco acabou. Não, porque é foda, o cara tá ruim. (Bento, 18 anos, em 30/08/2013).

Como a vida de bairro é marcada pela ordem próxima, as questões relativas ao tráfico são conhecidas pelos moradores e fazem parte do cotidiano em diferentes intensidades. São antigos/as colegas da escola, grupos que jogavam bola ou ficavam juntos nas praças, brincavam nas ruas. São pessoas das relações de vizinhança, cujas trajetórias são conhecidas no local, como na narrativa de Caio sobre os jogos de futebol na Ocupação São Miguel. Essa proximidade é inerente à ordem próxima, dado que estabelecem conhecimentos e reconhecimentos espaciais e não configuram um limitador do uso das ruas, coexistindo formas de uso distintas. No entanto, no imaginário social os/as jovens desses espaços são representados de forma generalizada como infratores, o que oculta a diversidade local. Um

exemplo é o jovem de bermudão, chinelo – daí os estereótipos e preconceitos presentes no termo chinelagem –, boné, correntes, meninas de saia curta, top, calça justa, etc. Ora, nesse sentido, transformam os signos de identificação de jovens pobres em signos de promiscuidade e desajuste. Nesse processo encobrem que vários signos de jovens pobres se estendem a jovens de outros segmentos sociais, mas aí os significantes são outros.

A rua é ruim, qualquer rua é ruim. Mas se tu não tem cabeça, é pior ainda. Tipo, no Guajuviras, o que tu vai ver? Vai chegar na esquina e estão fumando maconha. Vai ter um que vai te oferecer maconha. Minha mãe nunca me privou de ir pra rua. Eu sempre andei com pessoas que fumam maconha, mas não usei. Eu cresci na São Miguel e jogava bola com os caras que vendiam, que traficavam ali na Comtel, mas nunca trafiquei, nunca fiz nada do que eles dizem. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

Na esquina da casa da minha mãe, lá embaixo, tem boca braba lá. Só que eles são entre eles, entendeu? Tu passa e eles tão arrumando a deles ali, cumprimentam e tudo numa boa, não são agressivos nem nada. (Janaina, 17 anos, em 01/10/2013).

Embora esses aspectos correspondam a generalizações das atividades de contravenção como características de jovens de bairros pobres, essa é uma realidade para parte dessa população que se insere em grupos territoriais de tráfico ou efetivamente busca nessas práticas sua forma de inserção nas relações de consumo e poder. Com isso, culminam por adensar as estatísticas de prisão e assassinato. A trajetória de Bento, narrada no Apêndice A é um exemplo desse aspecto. No entanto, remeter as trajetórias desviantes à proximidade da rua é negligenciar, em primeiro lugar, o contexto de desigualdades promotoras dessa situação e, em segundo, a redução dessa espacialidade – em especial em bairros como o Guajuviras – como o espaço próprio da contravenção.

Eu ficava aí vagabundando e quando eu vi tava ganhando dinheiro na caminhada aqui. Eu tava sem dinheiro, aí quando vi já assumi. [...]
 Nola: tu foi preso por tráfico?
 Não. Por assalto. [...] Tu quer um dinheiro, quer comprar um bagulho... dinheiro, dinheiro, dinheiro. (Bento, 18 anos, em 30/08/2013).

A generalização das representações da violência apresentada no segundo capítulo do desenvolvimento e fortemente remetida a jovens, na figura do bandido, descola esses jovens do contexto social no qual estão inseridos, apresentando uma personificação desprovida de problematização e sem refletir a partir da trajetividade (BERQUE, 2010) dessas/as jovens. Tráfico e homicídios fazem parte do cotidiano do Guajuviras e da cidade, mas internamente não são preponderantes nas definições do local e dos/as jovens. A banalização da morte presente nas representações do espaço incide nos espaços de representação, sendo recorrentes

os argumentos de que se ocorreu um homicídio é por que os/as jovens estavam inseridos onde não deviam, o que não corresponde à criminalização do espaço, mas à parte dos agentes do local. Esse aspecto está presente, por exemplo, nas narrativas de “quem não deve, não teme”. Ora, é preciso romper com as representações que incidem e criminalizam os/as jovens, compreendendo a inserção ou homicídios em relação ao contexto estrutural. Entre os/as jovens da pesquisa ocorreram posicionamentos que condenam as práticas ilícitas e que, pela proximidade de história de vida e convívio, relativizam o fenômeno. Nesse caso não é apenas o bandido morto, mas o/a amigo/a da infância, colega da escola, parceiros/as das praças e redes sociais. Esse exercício de separar as juventudes que têm ou não envolvimento com atividades ilícitas é uma reação às representações do espaço.

Existe a questão de identificar as coisas que acontecem, por ser morador do bairro e ter uma visibilidade fora do bairro, que nem os jovens que morreram, alguns se metiam com drogas e já tinham passagem pela polícia e tu vai ver: ah, o jovem morreu, jovem cheio de vida, nunca fez nada de errado. De repente vão colocar lá, mas aí é diferente quando a população se irrita muito com isso. Bah, falaram eu não vou deixar meu filho sair na rua porque tão matando um monte de inocente. Mas tu vai ver no contexto não é que mataram ele por uma questão de furto, era uma questão que ele tava devendo, uma questão totalmente diferente. (Ricardo, 25 anos, em 28/08/2013).

As narrativas evidenciam a preocupação com os homicídios entre jovens decorrentes das relações com tráficos ou conflitos territoriais. São os/as amigos/as ou amigos/as de amigos/as, conhecidos/as que perderam a vida. A morte de um/a jovem repercute nas redes sociais, remetendo o/a amigo/a às relações de afeto, fazendo emergir as religiosidades como transversalidades. Por outro lado, o problema encontra-se submerso nas representações, desumanizado na figura do bandido morto, cujos traços extrapolam o/a jovem infrator/a, servindo de conteúdo às representações de jovens do bairro. Todo/a jovem do Guajuviras precisa, em determinado momento, combater essas representações em suas inserções na cidade e nas ações policiais internas.

Como resultado dos processos de ordenamento e normatização da cidade, em particular nas ações vinculadas às políticas do Território de Paz, as ruas do Guajuviras têm patrulhamento policial regular, sendo os/as jovens focos de constantes verificações, as denominadas batidas ou paredões. Como os/as jovens são agentes do espaço que permanecem nas ruas, encontram as redes de amizade nas esquinas, tornam-se foco do policiamento e objeto de contenção para o processo de ordenamento e controle social do espaço urbano. No entanto, frequentemente são também vítimas da coerção do Estado ou da própria associação

como possíveis infratores, pelo simples motivo de serem jovens de um bairro pobre e por estarem nas ruas.

Depende das caras, dá pra ver quando é, sei lá, uns caras quando tão cuidando se é boca de tráfico ou não. Quando vê é só um grupo de amigos também. (Janaina, 17 anos, em 01/10/2013).

Aqui na esquina aqui, toda hora, tem muita gente, eu olho aqui de casa, todo mundo olha quando passa aqui. Aqui na frente do mercado e lá na esquina perto da padaria. De noite, de madrugada eles estão ali bebendo, se drogando. (Vitor, 15 anos, em 16/11/2013).

Nola: tem um preconceito pelo jovem estar na rua.

Tem. Tá certo, ele tá lá se drogando, mas não tá prejudicando ninguém. O que tá te prejudicando isso? No que tá te ofendendo? (Miguel, 18 anos, em 06/12/2013).

Para os jovens usuários de maconha, como o Miguel, essa criminalização e generalização incidem e são internalizadas como um rompimento da ordem, sem, contudo, ser experienciado como algo ruim. Em paralelo, vinculado à experiência e também como discurso de defesa, ele indaga no que essa prática prejudica ou ofende as demais pessoas. Jovens de alta renda de espaços elitizados consumindo substâncias psicotrópicas em festas e jovens de bairros populares consumindo as mesmas substâncias nas ruas e praças correspondem a práticas similares, mas correspondem às mesmas representações? As práticas atreladas ao local conformam representações com vínculo espacial. Jovens de espaços populares nas práticas cotidianas são remetidos a maloqueiros, vileiros, maconheiros, marginais. Termos com conotação espacial, cujos sentidos correspondem a uma específica parcela da população: são os pobres que se agrupam em determinados bairros e cujas diferenças são alicerçadas no bom pobre e no mau pobre, no/na trabalhador/a e no/a vagabundo/a, no/na estudante e trabalhador/a e no/na jovem marcando bobeira. O primeiro corresponde à inserção social como trabalhador/a honesto/a e pacato/a, que contribui para o crescimento e progresso social. Já os/as jovens relacionados/as a práticas ilícitas ou que vão de encontro com as normatizações e ordenamentos – e até mesmo os/as jovens que têm suas práticas cotidianas nos espaços do bairro – correspondem ao mau pobre, a potenciais bandidos/as.

O preconceito projetado nos/as jovens a partir dos termos como maloqueiro/a, maconheiro/a, vileiro/a os/as anula enquanto sujeitos, tornando visíveis os estereótipos, mas não seu caráter de dominação. O estigma dissolve a singularidade para aquele que classifica, no entanto é negociado pelo/a jovem na produção de suas formas de identificação. É o caso da frase “bandido bom é bandido morto”, pois nela não há identidade do sujeito, trajetividade, sonhos, desejos. “Quem está ali é o ‘moleque perigoso’ ou a ‘guria perdida’, cujo

comportamento passa a ser previsível. Lançar sobre uma pessoa um estigma corresponde a acusá-la simplesmente pelo fato de ela existir.” (SOARES, 2004, p. 133). Vileiro/a, maconheiro/a, maloqueiro/a constituem-se como representações em que os/as jovens são encaixotados/as em classificações, tanto no bairro, quanto na cidade, formando múltiplas camadas de conteúdos constituidores das distâncias sociais. Se na cidade esses/as jovens são os viliros/as ou maloqueiros/as pela sua posição espacial, no bairro o são pela localização em vilas e pelas práticas de permanência nas ruas.

A associação do consumo da maconha por jovens de bairros populares como uma prática de viliros está presente na narrativa de Alice, que se surpreendeu ao ver os colegas de faculdade, de outras classes sociais e espaços metropolitanos, fumando maconha. Isso precisou ser reelaborado nas concepções de distâncias sociais e revela o quanto as representações que constroem marginalmente os/as jovens dessas práticas são introjetadas em outros/as jovens do bairro, contribuindo para a limitação das apropriações do espaço por eles/as, que o compreendem na relação com a transgressão e essa como atitude condenada e inerente à aquele espaço.

É preciso problematizar a criminalização de determinadas práticas, identificando seus conteúdos distintivos. O consumo da maconha é uma dessas práticas condenadas e imersas no imaginário de uma progressão no consumo de substâncias psicotrópicas ou ingresso no tráfico. No cotidiano ou na própria rede de relações é uma prática reconhecida como algo banal, mas também como perda de tempo ou um vacilo. As noções de desvio, de transgressão, de desordem estão relacionadas à centralidade normativa, através das quais são impostos os padrões simbólicos de comportamento e modos de ser. A norma determina que a permanência nas ruas é prejudicial as/aos jovens, uma vez que propicia sua transformação em transgressores/as, estabelecendo, dessa forma, os rótulos sociais. Os argumentos sobre a violência urbana na figura de jovens torna-se a própria violência da qual são vítimas.

Por que eles dizem: ah, maconheiro, maloqueiro que tá na frente da casa dos outros, enchendo o saco. Às vezes eles chamam a polícia. Mas não é que a gente esteja fazendo algo errado, eles não querem que a gente fique na casa dos outros. É tipo assim, eles acham que é errado ficar na esquina conversando, porque eles acham que a gente tá vendendo alguma coisa, mas não é isso. Assim como a gente não pode ficar dentro de casa com nossos amigos, a gente vai pra rua pra ficar com eles. (Karen, 15 anos, em 08/07/2013).

Os sentidos e valores contidos nas representações sobre as ruas e os jovens não são homogêneos, nem predominantes; têm-se intensos conflitos nas denominações e definições, que se desenvolvem nos interstícios, produzindo representações com conteúdos da

discriminação e representações distintas das hegemônicas, consolidadas nas vivências. Os/as jovens combatem as definições de marginalidade atribuídas ao seu modo de vida como um processo reflexivo de redefinição da composição espaço-juventudes. Dessa forma, a relação entre jovens do Guajuviras e violência é problematizada, pois ao mesmo tempo em que é um fato do espaço, as abordagens não contribuem para avançar na discussão. Diógenes (2008) argumenta sobre jovens pobres como desvendando a cidade oculta nos ordenamentos e valores hegemônicos e revelando a verdadeira cidade: “Nas ‘margens’ é que se projeta a sociedade sem máscaras e se expõem as diferenças. A diferença projeta-se como ameaça, como o pano que cai e torna o ‘real’ pura encenação teatral, expondo os ‘bastidores’ da oposição.” (p. 82).

Ora, as materialidades nos processos de ocupação têm particularidades e influencia as práticas espaciais. Primeiro a ausência de infraestrutura, como iluminação pública e arramento, favorecem a menor presença do Estado, que é um representante das ações de coerção nas ocupações. Na origem das vilas, algumas foram marcadas por eventos violentos, como os homicídios. Esse contexto de práticas é alterado lentamente através do fornecimento das infraestruturas e consolidação de comunidades de moradores. Coadunando-se, foi estabelecido o Programa Território de Paz, que contribuiu para a contínua redução dos índices de criminalidade, como também já foi abordado no segundo capítulo do desenvolvimento. Contudo, os imaginários e sentidos vinculados à origem das ocupações persiste nas representações do espaço. As materialidades e os processos transformam-se, mas os sentidos persistem e são reforçados pelos eventos que, embora tenham reduzido, seguem acontecendo, o que vai ao encontro dos discursos que criminalizam a permanência de jovens nas ruas.

Eu fico pensando ou eu vou na igreja ou vou sair lá pras ruas. E muitas vezes eu quase morri por ter escolhido sair pra rua. Eu quase morri em várias vezes. Então, eu digo que eu só estou viva porque Deus quer. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

Não sou de ficar na esquina porque pode acontecer algo. Um dia passaram e deram uns tiros nos caras na esquina. Às vezes é pra matar um e morrem três. (Jorge, 18 anos, em 18/01/2013).

A prescrição de práticas para os espaços das ruas, instrumento de coerção e homogeneização dos modos de vida urbanos, tem no Guajuviras as espertezas e táticas de permanecer nesses locais subvertendo os padrões dominantes. A permanência dá-se em contexto de estranhamento com a disseminação do medo urbano, pois, para além do perigo, as ruas possuem muitas outras funções e outros sentidos.

6.1.2 Rua: arena das táticas de apropriação

As práticas espaciais são conteúdos das representações, em especial em relação aos usos das ruas nas cidades e sobre os atores e agentes das práticas microbianas, como a presença e modos de agir dos/as jovens nos espaços das cidades e bairro. As práticas dos/as jovens de bairros pobres nos espaços metropolitanos fazem emergir discursos, normatizações e representações que ocultam as contradições da produção do urbano, naturalizando as distâncias sociais, o que promove a emergência de aspectos de criminalização de jovens e suas práticas na cidade. A rua passa a ser interdita, condenada no modo de vida urbano contemporâneo. No entanto, como argumentam Santos e Vogel (1985), sem a rua, não há cidade. A cidade prescinde do encontro, do diálogo, além dos encontros reconhecidos e intermediados pela mercadoria.

A rua é uma espacialidade da cidade que se transforma de forma diferencial nos diversos contextos sociais e tecnológicos. Passagem anônima nos grandes centros, local de visibilidade nas relações de vizinhança, vitrine do comércio, local de predomínio do automóvel. Nela os passos podem ser lentos ou apressados, as permanências podem ser mediadas pelo consumo ou pelo encontro. A rua adquire, em contextos de bairros populares e nas práticas juvenis, funcionalidades que destoam dos conteúdos do medo urbano e dos aspectos de perigo e promiscuidade. Os conteúdos, os sentidos e as relações compõem experiências diferenciais, sendo, para os/as jovens, centralidades de sociabilidade.

Tem as praças, tem as esquinas, que quando a gente não conhece as pessoas, a gente tá na esquina e daqui a pouco chega um e vai: oi, tudo bem? Ali a gente se torna amigo. A gente já começa a conversar um com o outro. Daí vai pra ali de novo no outro dia, eles estão ali conversando com nós e assim faz amizades. (Karen, 15 anos, em 08/07/2013).

A vida de bairro é fortemente marcada pelas relações fomentadas pela proximidade, como a vizinhança e os encontros na rua. Os/As jovens têm, nos trajetos cotidianos, nas práticas das ruas e praças, espaços de formação, de sociabilidade e lazer. As ruas e esquinas são espaços de múltiplas possibilidades e, conforme Jacobs (2009), as ruas tornam-se perigosas quando a população se ausenta delas, ou seja, quanto maior o temor e a ausência nas ruas, maior a potencialidade delas se tornarem perigosas. O medo urbano e suas representações contribuem para que as ruas sejam perigosas, pois as constitui como espaços meramente de passagem, mais ainda na cidade contemporânea onde predomina o automóvel.

Não obstante, nos bairros populares as ruas não são reduzidas às funções de deslocamento, tornando-se espaços de permanência, em especial para jovens e crianças. Ao mesmo tempo, estão disseminados os discursos de que a juventude deve estar fora das ruas para ter um desenvolvimento conforme o ordenamento urbano e social, contribuindo para o desenvolvimento contido nos imaginários e nas representações das juventudes enquanto esperança para o futuro. Esse reducionismo da questão urbana está em consonância com os modos de vida individualistas e atomizados nucleados na propriedade privada e nas redes de relações articuladas em sistemas de classes sociais. Os espaços de dominação tendem a sobrepor e subjugar os espaços de apropriação, assim como as representações do espaço sobre os espaços de representação, o que pode incorrer no enfraquecimento dos espaços de apropriação e na produção de cidades mais divididas.

O que os espaços de dominação encobrem? Primeiro, que a dinâmica de produção do espaço urbano direciona-se para a negação do direito à cidade como diversidade, encontro, embate e disputa. Segundo, encobre e discrimina as práticas e possibilidades de uso desses espaços, em particular para os/as jovens, através da criminalização das ruas. As possibilidades e motivações para estar nas ruas são variadas e frequentemente não estão reduzidas a apenas um de seus aspectos. Correspondem às condições materiais, como a intensificação do movimento nas ruas durante o verão, quando elas são mais agradáveis do que as casas.

Agora com esse calor, eu fico até uma e pouca, duas horas sentado na frente de casa, sozinho, conversando com alguém. Isso aí pra mim, eu gosto de estar na rua, prefiro estar na rua do que trancado dentro de casa, toda a vida. (Guilherme, 18 anos, em 28/01/2014).

A permanência nas ruas também não é exclusivamente consequência da carência de equipamentos públicos de lazer, uma vez que eles também podem ter um viés de controlar e ordenar as práticas espaciais em liberdades controladas. As ruas do bairro são simultaneamente espaços de liberdade e controle, relativos à ordem próxima e ao policiamento ostensivo. Liberdade porque nela são realizadas ações dissonantes com o espaço familiar, como namoros, paqueras, consumos de cigarros, maconha, conversas com amigos/as. Conjunção de diferentes pessoas sem o controle familiar ou sem gerar conflitos no próprio espaço da casa. São espaços de permanência e de consolidação das sociabilidades, através das quais são consolidados grupos juvenis do local, constituindo nessas relações compromissos, confianças e amizades (DAYRELL, 2005). Possuem também um aspecto de controle, resultado da constituição das relações de vizinhança, redes de amigos dos/as jovens

e seus familiares que os/as tornam conhecidos/as e tendo seus atos monitorados inclusive nas ruas. O anonimato é característico das centralidades, embora as táticas possam fazê-lo possível em bairros populares.

Nola: por que vocês ficam na rua?

É porque onde a gente fica conversando. Fica aquela gurizada e aí vai ficar na casa de um... e sempre tem aquela mãe que não gosta de um, não gosta de outro. Não gosta desse, não gosta daquele. (Guilherme, 18 anos, em 28/01/2014).

As práticas das ruas desenvolvidas pelos/as jovens correspondem a formas de uso e apropriação do espaço. Não estão restritas aos espaços do consumo. É uso improdutivo porque não está relacionado à mercadoria ou seus signos. Os modelos de práticas incentivados reduzem as possibilidades de viver a cidade e o bairro, uma vez que estipulam materialmente e nos signos os espaços adequados para o encontro e a socialização. A rua enquanto espaço de deslocamento é apenas uma das possíveis funções, pois persistem diversos usos, compondo os lugares através dos quais os moradores estão ligados pela proximidade e vizinhança. Tem-se, assim, a consolidação ou insurgência as redes de relações e comunidades de sentido, as quais, em determinadas situações, fomentam experiências e práticas no espaço metropolitano. As ruas do bairro nas práticas de apropriação correspondem ao “[...] mundo das relações contratuais que regem o convívio e a interação daqueles que não tem outros laços além de sua igualdade enquanto cidadão.” (SANTOS; VOGEL, 1985, p. 70). Nesse caso, embora o fundamento da constituição das hierarquias seja as dificuldades, somam-se a essas as diferenças, os modos de vida, os gostos. Em ambos tem-se a construção material e simbólica das hierarquias sociais.

A sociabilidade é fomentada nas ruas no Guajuviras, acionada conforme a intensidade de relações que a/o jovem desenvolve com esse espaço e no desenvolvimento de redes de amizades no local. Há relações mais ou menos atravessadas pela permanência em ruas ou praças, pois alguns grupos/redes ou comunidades de sentido desenvolvem-se em instituições, como a escola, a igreja, o grupo de trabalho. O local em que se vive adquire conteúdos simbólicos pelas relações de afeição e segurança que os grupos de afinidades proporcionam, assim como constitui uma materialidade a partir da presença dessas e desses jovens.

Nola: o que o jovem faz na rua?

Como eu vou te explicar isso? Depende do jovem mesmo, tem jovem que tá mais focado em estudo e trabalho, tem jovem que não faz nada. Tem, a maioria dos meus amigos tá trabalhando e só ficam em casa, mas o pessoal sai pra rua, fuma, bebe e volta. Sai, fica ali um tempinho, depois retorna. Sair, escutar música, é o básico, é o básico. Que nem eu e meus amigos, a gente não sai pra pichar, pra roubar, pra

quebrar. A gente vai e vamos curtir. Quantas vezes a gente saiu, estendeu uma toalha, tomou chimarrão, comeu pipoca ali na praça. Já fizemos isso muitas vezes e eu não vejo problema nenhum em nada disso. (Miguel, 18 anos, em 06/12/2013).

Espaços das sociabilidades, do encontro espontâneo ou combinado nas mídias sociais, práticas desse cotidiano: são as ruas lugares privilegiados da visibilidade e da ação. “Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator” (LEFEBVRE, 1999, p. 29). “Porque quem não é visto, não é lembrado. Daí tipo, a rua a gente conhece muitas pessoas que são legais, que são boas, mas também duas caras, pessoas que não prestam” (Karen, 15 anos, em 08/07/2013). Espectáculo, espectador e ator, onde se é reconhecido em afinidades e particularidades, onde se tem conhecimento sobre os acontecimentos do local e onde se é empoderado para agir como ator. Com isso a rua resiste à funcionalização exclusiva de trânsito e passa a ser informativa, lúdica e social. São importantes características da vida de bairro que, ao contrário de torná-lo mais perigoso, o torna mais seguro, ampliam-se os olhares, insere-se, reafirmam-se e reelaboram-se as relações, regras e códigos da ordem próxima, de códigos, valores e histórias compartilhadas.

Como as práticas estão inseridas no cotidiano de bairro, ainda que os/as jovens estejam fazendo das ruas uma aventura, eles/as também estão inseridos/as nas dinâmicas do conhecimento, reconhecimento e controle do local. Essa premissa das ruas do bairro como espaços de visibilidade é contrária às noções que o definem como espaço apagado, sombreado. Ora, identificar os bairros pobres como ausências é um equívoco que subsidia as distâncias sociais e negligencia as dinâmicas e produções sociais e culturais do local. Tanto o bairro, quanto a cidade são espaços potenciais de práticas de jovens, cada um com características próprias e complementares. Movimentos como o cooperifa têm demonstrado que o lugar da periferia é no centro, como produtores culturais e políticos. E parafraseando Nei Lopes, citado no quarto capítulo do desenvolvimento, jantando o sistema que quer amestrar as práticas e culturas dos espaços de bairros populares. Colocar as práticas e culturas à margem pode, mesmo que não intencionalmente, fortalecer os grupos hegemônicos e os processos de dominação, principalmente na legitimação e deslegitimação de práticas culturais.

As práticas das ruas são essenciais para o processo de construção da identidade espacial e juvenil e, portanto, o bairro aparece como referência dos grupos sociais. Esse processo envolve a experiência concreta dos espaços, mas também sua abstração devido à complexidade e divisão do bairro, o que restringe os deslocamentos e as experiências espaciais a parcelas do local, alguns setores, à vila em que mora, à praça de tal lugar, ao Protejo. “Eu não conheço o Guajuviras, só os arredores. Lá em baixo eu não conheço muito.

Eu ando mais na avenida e aqui” (Felipe, 19 anos, em 22/09/2012). Mesmo no bairro as práticas espaciais e os usos das ruas não se desenvolvem em sua totalidade, configurando alguns pontos de encontros entre determinados grupos. Ainda assim tem-se a produção de representações e pertencimentos relativos ao Guajuviras, não apenas nas suas parcelas, uma vez que o próprio Guajuviras adquire a característica de actante não humano, o qual reúne os conteúdos que se tornam referência identitária.

Estar nas ruas e praças é prática de jovens de bairros populares, que configuram territórios e territorialidades. Os encontros entre jovens tornam-se práticas de lazer e até mesmo os sentidos da prática do consumo da maconha são ressignificados, como aponta Miguel em sua narrativa:

Nola: deixa ver se eu entendi. Quando vocês se encontram nas praças, é um espaço de vocês.

Amigo: é um espaço só pra nós.

Miguel: é, só pra nós, porque a gente conversa, a gente ri, a gente come, a gente brinca, escuta música. A gente sabe... eu fumo com a minha irmã, a gente sai pra fumar, aquela minha irmã ali. Saio todo dia com ela. É bem básico, a gente sai, vamos pra uma pracinha, voltamos, tudo normal. A gente até ri mais, brinca mais. (Miguel, 18 anos, em 06/12/2013).

A distância entre as representações do espaço e o espaço de representação está presente na construção afirmativa das práticas associadas às ruas, praças e esquinas. Tanto pela transformação do espaço com a redução dos problemas relativos à violência, quanto pela forma como os/as jovens constroem suas experiências desvinculadas do tráfico, ainda que com proximidade física. O argumento de retirar os/as jovens da rua não é internalizado passivamente, apresentando desconstruções, pois são espaços do dia a dia, conhecidos e reconhecidos, percorridos; logo, a experiência vivida não corresponde a situações de risco. O que não significa que não ocorram situações de risco nas ruas, mas que o medo, o discurso e os processos de desconstrução desses espaços como permanências não são homogêneos e nem hegemônicos.

Irmã: no natal a gente ficou conversando até às 10 da manhã na rua. E a gente foi, levou o Fulano²⁹⁵, levou a Beltrana.

Lucas: era duas três horas da manhã a gente tava andando por aí.

Irmã: na avenida.

Lucas: na avenida e ninguém, nunca teve nada, nunca deu nada. (Lucas, 18 anos, em 26/08/2013).

²⁹⁵ Os nomes foram substituídos para preservar o anonimato dos jovens.

As amizades intermediadas pelas ruas têm como característica o compartilhamento de trajetórias e contextos sociais próximos, impulsionando o encontro entre diferenças de gosto e trocas culturais entre jovens vinculados às igrejas, aos grupos de dança e/ou música. Esse encontro e essa troca são característicos das centralidades, mas nesse caso decorre da diversidade do próprio Guajuviras. As diferenças favorecem o crescimento e reconhecimento de uma realidade de classe e desigualdades partilhadas. Nesse sentido, a permanência de espaços partilhados relaciona o que Serpa argumenta sobre a importância do conceito de bairro, no enfoque a partir das diferenças.

A rua emerge localmente como espaço de formação para os/as jovens, que vislumbram sua diferenciação enquanto um capital, um saber que os/as distinguem e reinserem nas hierarquias sociais. O local e suas dificuldades são reconhecidos como “verdadeiras realidades”, em contraposição a representações dos espaços elitistas identificados como artificiais, pois aparecem nas narrativas como cotidianos isentos de atritos ou em situações e contextos velados, ocultos, pois também emergem argumentos de que os desvios não são exclusivos de jovens de bairros pobres.

6.1.3 As ruas nos processos de aprendizagem

As ruas, as esquinas, o bairro e a cidade inserem-se no processo de formação dos/as jovens, que desenvolvem conhecimentos motivados pelas espacialidades como um acervo que os empodera. Esse acervo é descolado da formação escolar, pois é específico da vivência do bairro e das adversidades vivenciadas ou apreendidas a partir das narrativas da família sobre as ocupações, deficiências de infraestrutura e questões relativas ao tráfego e consumo de drogas. As aprendizagens estão relacionadas à coprodução entre jovens e espaço, através das experiências, das trocas nas ruas, do mundo na perspectiva dita periférica. De forma geral, os saberes correspondem a aspectos afirmativos e, em menor proporção, a aspectos negativos. A polifasia é um recurso para interpretar as narrativas que simultaneamente defendem e condenam as ruas e as práticas de jovens nesses espaços.

As aprendizagens alicerçadas em aspectos identificados como positivos pautam-se pela diversidade cultural presente no bairro e pelas possibilidades de encontro que as ruas oportunizam. Através dos encontros, têm-se a consolidação de grupos identitários e as trocas culturais fomentadas na confluência de jovens vinculados às artes (dança, música, teatro), e como lazer, um lugar para estar, conversar e observar o movimento. Dessa forma, as ruas tornam-se espaços de aprendizagem alternativos aos sistemas oficiais. Carrano (1999) enfatiza

a relação entre práticas espaciais e os processos de aprendizagem em âmbito informal. Nas narrativas dos jovens essa aprendizagem é consciente e fortemente articulada ao espaço do bairro, como as possibilidades de encontro fomentado pela proximidade, enriquecido por trocas entre diferentes jovens. Essa perspectiva é apontada por Giovana em sua produção musical de rap. Constitui também um discurso que reverte os sentidos das ruas do Guajuviras, elaborando-as como afirmativas. A construção desse espaço de representação está em constante formação e embate, pois, em outros momentos da narrativa, Giovana expõe seu temor nas ocasiões de permanência nas ruas, ou seja, ela opera com os dois significantes.

Depende da forma que a gente usa a rua. Eu, às vezes eu fico na rua, aí quando eu venho na rua, a gente convida um que sabe rimar, um que canta, um que toca violão, e a gente fica na rua. Eu tô na rua. Mas o que eu tô fazendo, eu tô cantando, tô aprendendo a fazer alguma coisa, que não seja apenas... Por que, que não seja uma coisa: ah, eu não tô fazendo nada. Que seja alguma coisa que acrescenta na minha vida, porque eu tô aprendendo. Mal ou bem, eu tô aprendendo com o fulano que tá do meu lado que tá tocando violão e eu tô aprendendo com ele, tô vendo as notas, tô aprendendo a cantar, porque mal ou bem, a gente com violão ou algum instrumento perto da gente é uma forma diferente da forma de se expressar. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

A condição espacial é um conteúdo da aprendizagem, em que referências espaciais de gostos e práticas conformam acervos de saberes, mecanismos de identificação e formas de construir significantes que comuniquem os espaços de representação. As situações vinculadas ao contexto de formação do bairro e a diversidade social diferenciam os jovens não apenas no âmbito das desigualdades (como jovens pobres, que ingressam cedo no mercado de trabalho, frequentam escolas públicas, convivem com orçamentos familiares bastante limitados e até mesmo com estruturas físicas da casa precárias), mas em diferenças (jovens que fazem rima, tocam instrumentos, praticam religiões). Esse encontro e convívio de diferenças, manejado nas artes da convivência, introduzem a compreensão de um bairro rico, multifacetado, sendo que as ruas assumem importante papel na convergência e troca entre as diferenças.

A arte da convivência ocorre na apropriação dos códigos, através dos quais são construídos conhecimentos que instrumentalizam a permanência nesses espaços. A afirmação sobre saber andar na rua não é uma afirmação que se refere à funcionalidade de passagem, mas de saber articular-se e inserir-se nas dinâmicas locais. O espaço está em constante disputa, em interseções da ordem distante, mas também nas relações de vizinhança em que as convivências são reescritas continuamente nas negociações cotidianas. É preciso evitar o conflito, jogar com as possibilidades, pois o encontro de diferenças muito antagônicas pode desencadear disputas, e operar com essas variáveis é um saber. A cidade formal e contratual

de relações pautadas na ordem distante não é hegemônica e em todo local existem, em diferentes intensidades, ordenamentos e valores dissonantes, com resistências ou incontáveis astúcias²⁹⁶.

No terceiro capítulo do desenvolvimento foi argumentado sobre a constante relação entre o *habitus* (os condicionamentos e internalização das estruturas objetivas) e as artes do fazer, ambos indissociáveis das formas de uso do espaço urbano. Ou seja, tanto na cidade, na metrópole ou no bairro coexistem ambas as situações, porém em proporções e combinações diversificadas²⁹⁷. Em locais como o Guajuviras, onde há intensa vida partilhada, os espaços das ruas continuam importantes, resistindo ao imaginário hegemônico. As narrativas demonstram a constante construção dos significantes das ruas pelos/as jovens, transitando entre os sentidos que afirmam sua importância e/ou que as identificam como potenciais para corromper quem faz usos além da passagem.

E a rua ensina um monte de coisa. A rua ensina coisas boas e coisas ruins. Ensina bastante coisa.

Nola: o que ensina de bom?

Bernardo: tu aprende muita coisa, não aprende só o mal na rua. Aprende coisa boa, aprende a respeitar os outros. Porque na rua tem o negócio do respeito. Anda mais entre ladrão. Um ladrão respeita o outro. Tem a rixa, mas o respeito, ninguém rouba a família de ninguém, é um respeito bem grande, mas na hora do negócio é outra coisa. Na rua tu aprende, em todo lugar que tu vai tu aprende. Tu aprende muita coisa, nem sei te dizer. Tu aprende mais coisa ruim que coisa boa, mas as coisas boas que tu aprende é pra levar pra vida toda. (Bernardo, 19 anos, em 11/06/2013).

A experiência de viver em bairros pobres e as práticas e os usos das ruas confrontam modos de vida diferentes tanto no Guajuviras, quanto em oposição com espaços mais elitizados da cidade. O medo generalizado, cujas representações e experiências conformam-se em diferentes e diversas circunstâncias e contextos, eliminam as potencialidades de múltiplos usos das ruas, entre elas a de formação, o encontro, a disputa de posicionamentos, a apropriação da cidade. A diversidade é subtraída, permanecendo o medo, formando um lugar para não estar, apenas passar. A formação dos/as jovens em diferentes classes sociais diferencia-se pela menor ou maior apropriação das ruas dos locais em que moram. Esse menor contato e apropriação das ruas pelas classes médias reforçam o estranhamento, o medo e o

²⁹⁶ Ao abordar a partir do conceito de Certeau (2009) tem-se um sistema de oposições entre as estruturas tecnocráticas e as astúcias, no entanto, a lógica do autor é transposta até mesmo para os âmbitos do espaço vivido e percebido nos conflitos e disputas internos. Assim, as astúcias compõem-se de múltiplas camadas de padrões e desvios.

²⁹⁷ Um pequeno mercado em um bairro nobre no qual parcela dos moradores tem encontros ocasionais. A feira de produtos orgânicos na qual convergem moradores de determinado espaço. O fornecedor local de gás de cozinha em uma unidade de vizinhança. São incontáveis possibilidades das artes e desvios em todos os espaços.

esvaziamento das práticas e permanências de jovens nesses espaços, estendendo essas representações e normativas para os demais grupos sócio-espaciais.

Nas ruas, embora multipliquem as diferenças, se é menos desigual. Ora, isso não quer dizer que as distâncias impostas pelos símbolos do consumo não estejam presentes, pelo contrário, pois as escalas de normativas, valores, ideais são atravessadores, formando no plano do local a transglossia (ORTIZ, 2005). O cruzamento dessas referências, vinculadas a múltiplas espacialidades, realiza-se nos espaços vividos e praticados. O que se pretende enfatizar é que, mesmo atravessado por referências de múltiplas escalas, o uso das ruas preserva traços em que as diferenças aproximam mais que distanciam. Ora, é “[...] o enredo da metrópole, que parece sufocar o enredo dos lugares” (SERPA, 2011, p. 23); no entanto, nas incontáveis formas de fazer e conceber estabelecem relações inerentes ao lugar, sem estar dissociadas das demais espacialidades. Assim, ainda segundo Serpa (2011), “[...] ‘lugares’ existem e persistem nas ‘brechas’ metropolitanas, sobretudo nas áreas populares da metrópole” (p. 23).

Lugares como o Guajuviras promovem múltiplos encontros e aprendizagens, constituindo a rua e a cidade como educadores. Esse capital, que é a aprendizagem, produz um empoderamento através do qual esses/as jovens reafirmam suas alteridades em relação à distância social. A formação escolar frequentemente distante do cotidiano dos/as jovens no histórico familiar é compensada pelas aprendizagens desenvolvidas nas adversidades. Essa esperteza própria das práticas das ruas é definida, com frequência, como malandragem, uma arte da sobrevivência.

Bom, na rua eu aprendi questões de... Onde tu... Na rua, que nem... Como eu posso falar? A minha mãe, tinha uns amigos meus que na minha vila eles eram prendidos demais e agora eles tão tudo se enfiando na droga. Porque a coisa de aprender. Na rua o que eu aprendi, eu aprendi malandragem na rua, aprendi malandragem, aprendi a lidar com as pessoas na rua. [...] Eu aprendi a fugir, aprendi a me esconder, aprendi um monte de coisa assim. Aprendi os que vão na festa só pra curtir a festa, os que vão na festa só pra arrumar tumulto. Aprendi um monte de coisa que... um monte de coisa que eu não consigo nem explicar, mas aprendi várias coisas. (Marcio, 19 anos, em 01/11/2013).

Exato. Isso é muito encontrado. Eu chamo de vivência isso. Sofrência também. Muitas coisas que eu tive que aprender na marra, tive que ir fazendo que o cara que tá ali, foi criado em condomínio fechado não teve isso. A malandragem da rua, sei lá. Isso reflete muito na minha música. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

As ruas aparecem como espaços de negociação cujos resultados estão associados à “malandragem”. Essas malandragens são as astúcias, as espertezas e os saberes de negociar e recuar em relação aos demais agentes desse espaço. Saber escapar de situações perigosas ou

driblá-las, saber onde e como caminhar ou permanecer nos locais, saber o quê, saber como e quando manifestar posicionamentos, vivenciar as dificuldades do local e da condição socioeconômica. Até mesmo, escapar da ação do Estado quando ele representa a repressão. É a apropriação das artes da convivência e a conveniência pelos/as jovens, negociando não apenas entre grupos de afinidades, mas com outros agentes e atores desses espaços ou da cidade. Essa aprendizagem dá-se nas dificuldades, como relatado por Rodrigo na definição de sofrência. Está explícito na sua narrativa que essas dificuldades são formativas e estão presentes em outras esferas da vida, como na relação do/a jovem com a cultura. As aprendizagens, malandragens, sofrências tornam-se os conteúdos das produções culturais de música e poesia e da própria história de vida.

Eu quero que o meu som vicie mais que as pedras de craque. As pedras de craque é o que mais vicia hoje. Eu quero que o meu som vicie mais que as pedras de craque, que a batida do meu som bombe mais que as bombas no Iraque, que meu cd se espalhe igual maconha nas esquinas. Que toda esquina que tu vai tem gente fumando maconha. E aí veio a inspiração de tudo que eu já vivi de fazer um pedacinho de cada que eu já passei. Como eu falo: eu vi coisas que eu não queria ver, hoje são coisas fúteis, nem vale a pena dizer. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

Assim como Caio, Rodrigo transpôs as experiências espaciais para sua música em estilo jazz, manifestação cultural pouco associada aos bairros pobres e que revela a condição poliédrica dos/as jovens, cuja formação é composta por múltiplas influências. Caio, através do Hip-hop, estilo fortemente associado aos espaços e imaginários de bairros populares, explicita na música as situações vivenciadas, observadas em seu cotidiano, mas também as referências de espaços hiper-reais transpostas para a música. São recorrentes as referências ao contexto social de favela, em que os/as jovens sentem-se próximos pelo imaginário que recebem pela mídia, pelas produções musicais no funk e Hip-hop. Tanto Rodrigo, quanto Caio, em estilos diferentes, têm, no plano do local, o fomento de suas criações.

A antítese entre casa – mundo privado e seguro – e a rua – mundo das transgressões e inseguranças – é menos marcada em contextos em que as fronteiras são permeáveis. Esse aspecto é o responsável por tornar os espaços percorridos seguros e conhecidos, fazendo até mesmo que o contato com atividades ilícitas não seja um determinante do ingresso de jovens nessas relações. Ricardo e Márcio trazem essas reflexões. Elaboram as proximidades com jovens infratores como aprendizagem. Nessa reflexão a vida íntima da casa não corresponde à segurança, mas a uma ilusão que desabilita os/as jovens a vivenciar as possíveis adversidades da vida.

Mas o ponto positivo também da rua é o conhecimento, eu tive o conhecimento de ver isso. Então às vezes eu penso que às vezes a pessoa vê e quer experimentar, mas ver e sentir que aquilo ali é errado. Que eu vi várias coisas, eu vi amigo meu tendo overdose. Eu vi amigo meu morrendo já, por causa dessas coisas. Então isso já torna a coisa assim: eu aprendi ali, se não tivesse ido pra rua, talvez não tivesse a cabeça que eu tenho hoje. Se eu fosse um menino de computador, um menino de ficar vendo televisão, eu teria a informação que a televisão me passa. E a vida é isso aí mesmo, não existe muita paisagem bonita assim. Tu sai pra rua, hoje tu aprende muito mais na rua do que na internet, tu vai olhar um monte de coisa que tu não vai encontrar ali. (Ricardo, 25 anos, em 28/08/2013).

E na rua eu aprendi várias coisas, que nem tem várias bocas de tráfico que eu conheço amigo meu que trafica, que faz um monte de coisa, que eles fazem e eu acabei, não digo entrando, mas eu fiquei ali com ele pra ver, pra ver como era a vida dele, que a gente tava muito amigo e eu acabei lidando com ele, conversando com ele, ficava, via ele fazendo as coisas, ele vendia, fazia. Só que ele nunca me ofereceu nem... ele sempre falava: todos que são teus amigos não vão te oferecer, nunca vão te dar, te deixar usar, nem nada. Eu: tudo bem. Isso aqui não é vida se meter nessas coisas. Tem um cara na minha vila lá que ele é dessas coisas aí, né? Agora que ele saiu. A gente foi numa festa lá perto da minha casa, a gente tava lá, daí eu entrei eu e me primo e ele bem assim: oh, negãozinho, pra mim e pro meu primo. Oh, negãozinho, larga daqui. Eu olhei pra ele e: ah, meu, tu tá bêbado? Não viaja. Ele: não, não, larga daqui que aqui não é pra ti. (Marcio, 19 anos, em 24/10/2013).

As ruas nos contextos de práticas sociais de jovens do Guajuviras são ressignificadas tanto como resistência afirmativa, ou seja, negação de sua condição de desvirtuar os/as jovens, ao mesmo tempo em que disponibiliza concretamente um arsenal de saberes próprios das características de encontro e troca com outros/as jovens envolvidos com atividades ilícitas. Ora, as relações de amizade, fundamentam-se nas trajetórias comuns, na infância compartilhada, na festa na Praça.

Grosso (2004) argumenta sobre a dialética entre a institucionalização das juventudes e sua autonomia, que pode ser reprimida ou ter seus valores absorvidos (e transformados) pela estrutura social. E, nesse aspecto, a destituição das práticas nas ruas como práticas de aprendizagem de um recorte etário e sócio-espacial incorre na desconstrução das identidades e dos modos de vida associados a determinado aspecto do urbano. O processo de dominação dá-se através do grupo social e do espaço, desconstituindo a realidade local em virtude de uma homogeneidade de valores e padrões, infringindo, assim, o direito desses/as jovens de construir suas juventudes em suas particularidades e de forma autônoma.

Mesmo os sentidos da rua relativos ao desvio enquanto problema social compõem uma forma de aprendizagem. A narrativa de Bento, singular por ser um jovem que já esteve no sistema prisional, apresenta-se no conflito entre a prática, a diversidade de possibilidades e o desejo de consumo, revelando um conjunto de circunstâncias que direcionam para práticas infratoras. Independentemente disso, Bento não encerra a rua em uma situação fixa, reconhecendo-a em suas aprendizagens.

Bento: eu gostava de andar na rua e o cara aprende muita coisa. Mas também fica com a mente vazia, hehe [...]. Tu aprende um monte de coisa. É ruim pelo seguinte, tu vê a verdade, entendeu? A verdade direta.

Nola: o que é essa verdade?

Bento: tudo, tudo. Tu vai fazer uma coisa e tu não tem dinheiro e aí vem um e joga na tua cara: ah, se tu tivesse trabalhando. É uma caminhada muito louca, entende?

Nola: tocaram muito na tua cara isso?

Bento: várias coisas. Dinheiro é o que faz a pessoa ter ganância, ter raiva. (Bento, 18 anos, em 30/08/2013).

Os/as jovens são agentes que estão no foco do discurso de restrição das ruas como local de passagem, sendo o tempo de ócio e a permanência nas ruas significados como perda de tempo e potencialidade de desvio. Margulis e Urresti (1998) destacam a moratória social enquanto tempo estendido de estudo e formação como um benefício das camadas sociais de maior renda, sendo que para as camadas de jovens populares esse tempo livre significa:

[...] no es tiempo legítimo para el goce y la ligereza, es tiempo de culpa y de congoja, es tiempo de impotencia, una circunstancia desdichada que empuja hacia la marginalidad, la delincuencia o la desesperación. (p. 6).²⁹⁸

A distinção produzida nos mecanismos de vivenciar a juventude em suas práticas e tempos de ócio dos espaços públicos provoca a exclusão dos/as jovens, pois deslegitima as formas concretas de suas experiências. Novamente têm-se os mecanismos através dos quais as normas e os valores hegemônicos visam ao estabelecimento de características generalizadas para os diferentes segmentos sociais e espaciais. As práticas da rua, independentemente de serem ou não atravessadas por transgressões, são constantemente associadas à possibilidade de desvio dos/as jovens. Caio aponta em sua narrativa o preconceito presente na própria família devido aos seus usos da rua estando em confronto com a sua trajetória:

E meu pai falecendo eu cresci... Meu pai faleceu no Guajuviras e eu morava na São Miguel, eu vivia na rua. Eu vivia na rua jogando bola. Eu sou louco por pipa até hoje, tenho 18 anos e gosto de soltar pipa. Então, como eu cresci na vila, eu virei um marginal, eu tava usando droga. Isso pros parentes do meu pai. Eu ia virar um assaltante, eu ia virar um assaltante. Eu nem podia ficar na rua depois das 10 que minha vó dizia que eu tava traficando na Comtel. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

As relações de aprendizagem além dos âmbitos institucionais são negligenciadas enquanto campo de formação. Tem-se como um tempo de marcar bobeira na esquina, reduzindo a prática e o espaço a uma das feições possíveis e atribuindo ao desvio a prática

²⁹⁸ “[...] não é tempo legítimo para a apreciação e leveza, é tempo de culpa e tristeza, é hora de impotência, uma circunstância infeliz que empurra para a marginalidade, crime e desespero.” (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 6, tradução nossa).

recorrente de permanecer nesses espaços de forma lúdica. É mais uma redução da multiplicidade do fato espacial, uma vez que se a rua é espaço de contravenção, não o é exclusivamente para esse fim. No entanto, as representações orientam as ações, tanto vinculadas aos atores hegemônicos, quanto aos agentes das práticas cotidianas.

As aprendizagens não se apresentam em disputa com os espaços institucionalizados, como a formação do sistema escolar. Apresentam-se como paralelas e como fortalecimento diferencial desses/as jovens. São distâncias sociais reelaboradas a partir de espaços marginalizados simbólica e materialmente. São artes de conviver, astúcias e condicionamentos em coexistência. A estruturação e o ordenamento da cidade priorizam as esferas institucionais e da família na formação, destituindo a convivência e as características das ruas como espaços de formação. Portanto, desenvolvem-se estratégias de subordinar os/as jovens nos usos das ruas, através da disseminação de um imaginário que criminaliza a permanência de jovens nesses locais, do controle ostensivo tanto da ordem próxima, quanto do aparelhamento de videomonitoramento e as patrulhas policiais. A negação da potencialidade das ruas na formação de jovens reforça uma visão e um projeto de cidade no qual os encontros (controlados) desenvolvem-se sob formas institucionalizadas, previstas. Já a rua é potência do imprevisível, de ordenamentos horizontais, de criações.

6.1.4 Território da Paz e Protejo como referências das práticas juvenis

Não é objetivo analisar o Território da Paz enquanto política pública, mas como ele incide no imaginário e nas práticas narradas pelos/as jovens. Dois aspectos são priorizados a partir dessas narrativas: o Protejo e as políticas de policiamento. Portanto, a análise não apresenta um posicionamento e uma crítica ao projeto em si, e sim suas influências nos espaços vividos e praticados de jovens em suas experiências e práticas do espaço urbano.

O Território da Paz como política pública está relacionado a ações e ao controle do Estado no espaço e dos sujeitos, instituindo modos de ser jovem (DAMICO, 2011). Os/as jovens relacionam-se de diferentes formas com a política e suas ações, sendo o Protejo identificado pelos/as jovens que fazem ou fizeram parte do programa como ações positivas do Estado no bairro. As ações de policiamento, mais vivenciadas por jovens do sexo masculino em seus deslocamentos e permanências pelas ruas, são significadas como positivas e/ou negativas. Os modos de ser jovem desse bairro popular são marcados pela ação policial no controle da ordem e pelas constantes intervenções nos agrupamentos, assim como pelas espertezas e astúcias de escapar ou driblar essas ações.

O Protejo representa para os jovens momentos de protagonismo e espaço de desenvolvimento das práticas culturais relativas principalmente à música e dança, como apontado em análises dos capítulos anteriores. O Protejo, com a participação de educadores sociais jovens vinculados à dança e música na Região Metropolitana, constitui-se como fomentador do desenvolvimento e da valorização das práticas culturais e sociais próprias do bairro.

No Protejo, participou da força jovem, onde era presidente. Era tipo um grêmio estudantil em que discutiam as dificuldades e soluções do Protejo. Criou o 'Cultura Sustentável', que era para ensinar a gurizada a escrever projetos. Pergunto se é uma liderança. Ele responde que não defende apenas o seu lado, mas o das pessoas e que o protejo foi muito importante, pois ele aprendeu a construir as coisas na vida. 'A minha vida, sem depender de ninguém. Faço o que gosto. Tudo na vida é construção'. (Mateus, 20 anos, em 14/09/2012).

Jovens como Felipe e Giovana tiveram o contato mais consolidado e com equipamentos do rap no Protejo, tendo permanecido como práticas e identidades em outros campos de ações: nas igrejas que ambos participam, nas comunidades de sentido do Hip-hop, como protagonistas a partir de apresentações no Guajuviras e na cidade. A possibilidade de um espaço de desenvolvimento dos interesses e das potencialidades em que os/as jovens têm a possibilidade de reelaborar sua identidade afirmativamente na convergência de culturas e manifestações culturais tidas como marginalizadas, assumindo posições de protagonismo.

Por causa que no bairro Guajuviras, a cultura, como eu posso dizer... tem muito artista aqui dentro. O que mais tem aqui é artista. O que não falta é... ou tu dança, ou tu canta, ou tu toca violão. Aqui tem de tudo. Ou sou grafiteira, ou sou isso, ou sou aquilo. E essa é uma proposta que o movimento jovem tá querendo fazer pra casa da juventude, que é pedir essas coisas que os jovens necessitam aqui no bairro pra botar na casa pros jovens, entendeu? (Giovana, 21 anos, em 22/05/13).

Com o enfraquecimento da política no lugar e o enfoque institucional a outros territórios, as ações e práticas do projeto tendem a descolar-se do plano local. Projetos de continuidade e ampliação de ações para os jovens no bairro tornam-se interesse dos próprios jovens que participaram do programa, como a narrativa de Giovana abordada no terceiro capítulo do desenvolvimento, sobre formas de constituir espaços culturais para os jovens do Guajuviras.

As ações e atividades contidas no Protejo evidenciam a importância de espaços de formação intermediários entre a escola e as ruas para os/as jovens dentro do próprio bairro, possibilitando a valorização e instrumentalização das potencialidades do local. Ainda que o

Protejo apresenta fragilidades, é marcado como positivo nas trajetórias de formação dos jovens e como impulso para a inserção em comunidades de sentido.

O Protejo constitui, em todas as narrativas, uma importante inserção do Estado no espaço do bairro, através do qual os/as jovens tiveram identificações, o que ocorre pela proximidade gerada pelo grupo de educadores sociais também jovens, do bairro ou de outros espaços com contextos sociais próximos ou com militância na área social e cultural. Dessa forma, o Protejo aparece nas narrativas como uma referência também do Guajuviras, através do qual se tem espaços de emergências da cultura produzida pelos/as jovens.

Também o intenso policiamento e as ações policiais compõem as políticas territoriais no Guajuviras com ações direcionadas a grupos de jovens. Dificilmente um jovem do sexo masculino não presenciou ou foi alvo de verificações da polícia. Os jovens homens percebem sua condição de gênero e localização sócio-espacial como indutores de uma imagem de desordeiros ou perigosos. “Hoje em dia tratam qualquer um como se fosse qualquer um, como se fosse bandido. Já até apanhei. Apanhei porque tava fazendo coisa errada.” (Jorge, 18 anos, em 18/01/2013). Frequentemente essa atividade policial é naturalizada, sob a justificativa de que é o trabalho dos policiais. Em registro de campo de conversas com Felipe e Otávio (19 e 22 anos, em 27/07/2013), o primeiro, jovem negro, expõe em na conversa “[...] que teve uma batida policial, pois estava na rua até tarde e foi identificado como uma atividade suspeita”.

Coexistem nessa relação feições de condicionamento, como o explicitado na afirmação de Felipe, em que a culpa da ação policial é percebida nele mesmo, pois sua postura era suspeita. Felipe é um jovem evangélico e extremamente pacífico, o que gera o questionamento sobre o porquê de sua postura ser suspeita. Evidentemente que as relações étnicas, sociais e espaciais estão presentes nesse estereótipo de jovem perigoso ou suspeito. Esse aspecto do estereótipo pode não ser vivido diretamente pelas jovens, mas através de familiares ou amigos, como narra Alice sobre os irmãos:

[...] eu nunca fui parada, mas meus irmãos foram [...]. E meus irmãos, dois homens negros, andavam mal vestidos, que a gente era pobre, não tinha... Andavam com grupo de amigos, que também a maioria é negro. Passava a polícia e parava. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014).

As reações dos jovens também podem estar vinculadas às táticas e espertezas, como saber fugir da polícia. Outra forma são os enfrentamentos narrados pelos jovens quando se sentiram discriminados pela ação policial, situações pontuadas nas narrativas de Lucas e Guilherme; o primeiro, com enfoque no embate; e o segundo, com o posicionamento de que

um grupo de jovens é potencialmente infrator, mas também do não reconhecimento da ação em determinada ocasião:

Várias. Aqui na frente de casa aqui. Deu uma briga lá no colégio lá, mas a gente tava aqui, não tava lá, não tinha nada a ver. Os policiais vieram e mandaram nós levantar a mão, queriam olhar aqui dentro de casa. Eu falei que não. (Lucas, 18 anos, em 26/07/2013).

Teve vezes que foi tranquilo. Que eles estão fazendo o serviço deles, querendo ou não, se tu ver uma reunião de guri na esquina, policial que é policial sabe o que pode estar se passando. Então, é serviço deles. Então, teve vezes que foi tranquilo, teve vezes que nossa, teve vezes que só falta dar na gente. Teve vezes que eu levei uns tapas, que eu não sou muito de ficar quieto, esse é um problema... Então, o policial gritou comigo, eu gritei com ele e assim a gente foi. Os meus amigos tentando me acalmar, eu tava com uma guria junto comigo, então, ele pediu meu documento e eu disse que eu não precisava tá com o documento se eu tava na frente da casa de uma namorada minha. Eu tava de pé no chão, bermuda, e daí ele gritou comigo, eu gritei com ele. (Guilherme, 18 anos, em 28/01/2014).

Os jovens não questionam a ação policial em seu contexto sócio-espacial, mas a forma como ela ocorre e no conteúdo de estereótipos e preconceitos contidos nela. As ações de policiamento têm forte atuação em grupos de jovens, como no enfraquecimento dos Bondes. As ações podem tornar-se ostensivas, o que corrobora a premissa de que o lugar de jovens não é nas ruas. As narrativas evidenciam a generalização dos estereótipos mencionados anteriormente, o que torna todo agrupamento de jovens um potencial foco de contravenção. Embora as ações do Protejo (que, embora esteja associado ao espaço concebido, localiza-se na interface com o espaço vivido, a partir dos educadores e profissionais) estejam relacionadas à afirmação das juventudes locais, os espaços concebidos permanecem e, em alguns aspectos, acirram as fissuras em suas práticas locais.

6.2 PRÁTICAS ENTRE O BAIRRO E A CIDADE

Tradicionalmente as relações de trabalho constituem-se como práticas articuladoras ou precursoras das trajetórias de jovens no espaço metropolitano. Em algumas situações a confecção dos documentos, visando ao ingresso no mercado de trabalho, torna-se uma das primeiras aventuras individuais na cidade, embora outras experiências articulem os espaços metropolitanos (passeios no shopping, apresentações musicais, laços familiares em outros bairros ou cidade, formação escolar fora do bairro). “Depois que eu saí do Bourbon²⁹⁹ eu não saio mais do Guajuviras. Para Porto Alegre eu nunca fui sozinho, fui com a mãe e poucas

²⁹⁹ O jovem se refere a uma grande rede de supermercados localizada no centro de Canoas/RS.

vezes” (Jorge, 18 anos, em 23/01/2013). A narrativa de Jorge demonstra o quanto a limitação dos deslocamentos pela cidade ou metrópole ainda fazem parte do cotidiano de alguns jovens. A transição entre as práticas do bairro e da metrópole fazem parte da formação de jovens na relação de trajetos de reconhecimento e de anonimato.

Eu comecei a sair do Guajuviras eu acho que com uns 15, 16 anos. Os meus pais me prendiam bastante, por segurança, medo mesmo. E aí eu comecei a fazer meus documentos. Primeiramente minha mãe ia comigo, depois eu comecei a ir sozinha (Jaqueline, 19 anos, em 27/06/2012).

Eu comecei a sair quando meus pais se separaram, eu cuidava dos meus irmãos e não saía muito de casa. Depois eu fui com o meu pai e com minha madrasta fazer meus documentos e procurar emprego. Eu acho que eu tinha uns 15 anos. Aí que eu comecei a conhecer bem o bairro e a sair para Canoas e Porto Alegre. (Wagner, 20 anos, em 04/08/2012).

As relações de trabalho e de formação em cursos e escolas propiciam o cruzamento de lógicas e códigos entre o bairro e a cidade, assim como os deslocamentos de jovens do Guajuviras com de outros/as jovens da cidade e região metropolitana estimulam os encontros entre diferenças, pressuposto do direito à cidade. Ainda que os percursos sejam estimulados pelas relações de trabalho, desenvolvem-se outras relações com a cidade, apropriações do caminho, desvios deste, com também as práticas de lazer que ampliam para a cidade. Ir ao shopping também para passear, deslocar-se para a capital, para os parques, entre outras, são práticas do cotidiano através das quais jovens do Guajuviras somam novos saberes espaciais aos seus, defrontam-se concretamente com outras diferenças e desigualdades das hierarquias sócio-espaciais. Emicida³⁰⁰ declama na música “Nóiz”: “Quem vê só um lado do mundo, só sabe uma parte da verdade” (EMICIDA; VASSÃO, 2013). Um lado apenas da verdade é a destruição do encontro entre as diferenças e do direito à cidade, confronto e troca entre conteúdos e experiências entre jovens com trajetividades diferentes.

O trabalho, o lazer e a formação fomentam a inserção desvinculada do controle familiar nos espaços metropolitanos. Os deslocamentos a partir do mundo do trabalho e formação são atravessados pelos mecanismos de controle social, disciplinamento, relações institucionais e sistemas de policiamento urbano. No entanto, toda ordem contém ensejos de desvio e astúcias. De pequenas travessuras até rompimentos com a ordem, os/as jovens usam e/ou apropriam-se da cidade. O desvio às normas, antes de constituir atos de infração, são aventuras do urbano.

³⁰⁰ Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido por seu nome artístico (Emicida), é rapper e produtor musical brasileiro. Considerado, nos últimos anos, uma das maiores revelações do Hip-hop do Brasil.

A indisciplina também constitui um mecanismo de inserção metropolitana através das aventuras e transgressões contidas em práticas de desafio ao sistema normativo, como pequenos grupos de jovens cujas ações estão mais vinculadas à adrenalina da aventura do que à prática ilícita, como a narrativa de Jorge, que embora se perceba de forma desajustada aos ordenamentos, suas trajetórias evidenciam as bricolagens entre condicionamentos e astúcias: é um jovem evangélico praticante de uma igreja neopentecostal, trabalha em um supermercado local, tem forte presença e disciplinamento familiar, mas na escola e nas ruas coloca-se como agente da aventura. “O guri que me levou pra igreja eu já ouvi falar que ele morreu. A gente transportava droga aqui dentro da vila. Ia pra Mathias roubar. Ia eu e mais um.” (Jorge, 18 anos, em 23/01/2013). Existem incontáveis possibilidades de fazer um uso próprio do espaço do outro, da cidade concebida e normatizada segundo a lógica distante, algumas imperceptíveis, outras que desestabilizam o ordenamento, como grupos de jovens denominados Bondes. Outras articulações dão-se a partir das comunidades de sentido, cuja inserção desenvolve-se tanto a partir da ordem, quanto de seu questionamento e rompimento. Nas manifestações de Bondes e Comunidades de sentido é possível identificar interseções entre as práticas de bairro e práticas no espaço metropolitano e, com isso, o hibridismo das manifestações culturais, que envolvem múltiplas escalas produtoras de representações, valores, normas aceitas, modos de vida e gostos condenados.

6.2.1 A cidade como aventura: os bondes nas trajetórias de jovens

Os Bondes, cuja origem remonta ao universo funk da década de 1990 (MATTOS, 2014), tornaram-se proeminentes na década 2000 em Canoas, quando transpuseram as fronteiras de suas (in)visibilidades na cidade, impondo tanto nas lógicas do lazer, quanto da transgressão, sua presença, a inserção desigual e marginal no mundo do desejo, da mercadoria e da produção cultural. São caracterizados por grupos de jovens em permanência nas ruas de bairros ou nos espaços da cidade, em shoppings, atividades culturais como shows e que tomam a cidade como práticas de aventura e/ou transgressão. Segundo Collovini (2010), esses jovens visam ao pertencimento do espaço urbano através do grupo, numa “[...] identidade comum, forjada na ‘zoeira’, na ‘pegação’ e na ‘briga’” (p. 33). Sua característica central é identidade territorial em confronto /oposição a grupos com outros vínculos territoriais, assim como as práticas de apropriação de espaços da cidade.

Nola: tu pode me explicar os Bondes?

Bonde é assim. Antes o bonde todo mundo ia pro shopping, todo mundo se dava. Mas uma vez o Guajuviras entrou de louco e bateu em todo mundo. Aí virou uma guerra. Daí quem é do Guajuviras. Aí tem o lado leste, no caso, dos trilhos pra esse lado de cá, da direita. Quem é dos trilhos pra direita é leste. E o oeste é pra esquerda, Harmonia, Niterói. Aí tinha muita rivalidade. Ia pro shopping e no Jardim do Lago. Marcava de se encontrar e todo mundo se quebrava. Era rivalidade de quem pichava mais. Aí começou aquela onda de atropelar a pichação. Atropelar é passar por cima. Daí rolou isso aí e ninguém gostava. Tu te arriscava pra botar a tua marca ali e outro riscava em cima. Aí rolava briga por muitas coisas, por causa de mulher, por causa de tudo que tem na rua aí. Aí começavam a brigar e não envolvia só um: ah, porque fulano falou de ti, do teu bonde. Tá, vamo domingo pegar ele. Daí domingo dava um quebra pau no shopping. (Bernardo, 19 anos, em 11/06/2013).

Esses grupos, assim como as manifestações dos rolezinhos, rompem os limites que os inserem nas práticas da cidade a partir da subjugação das relações de trabalho. Quantas vezes são invisíveis os/as jovens que atendem nas grandes redes de supermercados da cidade, nas praças de alimentação de shoppings, no comércio? A imposição da visibilidade das desigualdades e das diferenças nos corpos e práticas de jovens de bairros populares na cidade, combatidas nos discursos hegemônicos que destituem de legitimidade ou de autenticidade as manifestações em seus conteúdos sociais e culturais, reduzindo, de forma recorrente, aos aspectos da violência e promiscuidade. No entanto, as manifestações de jovens nos espaços da cidade constituem formas de enunciação através das quais a cultura, os valores e os conflitos são externalizados, pois “[...] a enunciação permite a um só tempo o exercício das artes do fazer e do falar, constituindo-se um repertório para esses grupos e iniciativas [...]” (SERPA, 2011, p. 27). A enunciação favorece os processos de apropriação do espaço, realizado no percurso, mas também como forma de comunicação das lógicas e práticas que, nesse caso, apresentam-se como dissonantes à norma.

O envolvimento dos/as jovens nos grupos oscila em intensidade e atividades, estando relacionadas a questões culturais enquanto MCs³⁰¹, práticas de lazer, de desvio e infrações ou confrontos violentos. Está relacionado também às práticas de formação através das quais o contato com a cultura e o conflito estabelecem relações de aprendizagem e que estão presentes na trajetividade de jovens.

São os Bondes de esquina. Eles vivem pelas ruas, fumando, bebendo, curtindo festa. É o mundo deles, mas não vai acabar bem. Muitos já são pais de família que dão maus exemplos. (Felipe, 19 anos, em 22/09/2012).

³⁰¹ “MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia ‘eme ci’. Um MC pode ser um artista que atua a nível musical ou pode ser um apresentador de um determinado evento [...]. No Brasil, os MCs ganharam popularidade nos últimos anos e normalmente estão incluídos no gênero musical hip hop e funk [...]” (SIGNIFICADO..., 2015).

Eu era Mc do bonde 155, pichei ali perto do hospital. Incomodava os vizinhos, era o nerd do bonde. Nerd no meio dos bagunceiros. (Otávio, 22 anos, em 27/07/2013).

São recorrentes as formas de interdição de determinados grupos sociais nos espaços das cidades. Faz parte desse processo no espaço-tempo a remoção de populações para arrabaldes, a hierarquização das cidades a partir do valor de troca da moradia, as representações dos pobres como perturbadores da ordem, a destituição de valor cultural do funk, do Hip-hop, da pichação, da criminalização ou dos estereótipos de manifestações associadas à violência. Além da segregação física em bairros, há as distinções pautadas nos gostos, nas manifestações culturais e nas práticas urbanas. A criminalização de grupos de jovens reveste-se de valores morais: as jovens são transformadas em piriguetes³⁰², os jovens em maloqueiros, vileiros, marginais, bandidos, etc.

Os Bondes são expressões territoriais que envolvem, em menor proporção, jovens do sexo feminino, sendo compostos principalmente de rapazes. O nome do bonde acaba sendo um atributo identitário daqueles/as que nele se reconhecem, transportando a identidade a outros bairros, shoppings, centro e até mesmo na metrópole. A questão territorial constitui o elo de coesão, sendo que seus enfrentamentos e suas ações extrapolam os limites dos locais em que moram, atuando em locais da cidade cuja normatização constrói formas de interdição das práticas desses jovens. A inserção em bonde corresponde ao compromisso com um grupo de identificação que, em determinadas situações, envolve práticas ilícitas na cidade, como o roubo, o consumo de bebida alcoólica, as manifestações cujo potencial de compreensão da produção das distâncias sociais manifestadas nos conflitos é reduzido ao aspecto da violência e transgressão. São corpos que, para a cidade ordenada, devem ser normatizados e colocados em seus lugares sociais, o que é transposto para seus lugares geográficos da cidade, reafirmando, assim, as hierarquias (simbólicas e materiais) do urbano. São os discursos de que esses/as jovens estão marcando bobeira, devendo, portanto, tornarem-se produtivos à sociedade em suas inserções precárias no mundo do trabalho, que, assim como o sistema escolar, constitui importante campo de disciplinamento.

Os Bondes foram combatidos pelas administrações municipais através do policiamento e repressão, e, no Guajuviras, a partir das ações vinculadas ao Território da Paz. As narrativas dos/as jovens demonstram que as práticas dos Bondes tornaram-se menos expressivas na cidade, prevalecendo apenas focos ou resquícios dessa prática. Em nome do ordenamento e da segurança urbana as práticas dissonantes com o ordenamento são

³⁰² Termo ambíguo utilizado para conotar e denotar as condutas e gostos femininos como promíscuos e sexualizados, mas são também utilizados pelas jovens de formas afirmativas.

combatidas, evidenciando o quanto o urbano é produzido não a partir das materialidades, mas de relações, de práticas de produção de sentidos. As práticas de conflito e transgressão tornam-se enfoque de discursos dos grupos hegemônicos, que mantêm seus privilégios de gosto e circulação na cidade e encobrem as desigualdades fomentadoras das manifestações violentas, restringindo as potencialidades de produção cultural e sociabilidade desses grupos.

Participação de jovens em assaltos chama a atenção da polícia, prefeitura e ministério público. Não há estatísticas para os crimes dos chamados 'bondes'. Diariamente há detenções dos supostos bondes. (p. 20).³⁰³

Eles andam em bando, gostam de provocar brigas e até mesmo divulgar ações violentas na internet. Conhecidos como bondes, este agrupamento de pessoas, geralmente formado por adolescentes, vem provocando confusão em locais de grande movimentação, como os arredores do Canoas Shopping. Para coibir essa ação criminosa, a BM tem reforçado o policiamento nos arredores do empreendimento, além de estudar a sua atuação. (p. 12).³⁰⁴

O controle dos espaços através da restrição ou do combate de determinadas práticas intensifica as fissuras sociais nos seus conteúdos simbólicos, incorrendo objetivamente na vida de jovens e na recorrente criminalização de suas práticas. Essa é uma característica quando a cidade dos consumidores é prioritária em relação à cidade de cidadãos. O combate e a coerção das manifestações de jovens no urbano não contribuem para a constituição de cidades mais humanas. O foco da questão deveria ser compreender essas manifestações, integrando-as e, assim, promover o encontro das diferenças, o que possivelmente incorreria na diminuição do conteúdo de violência presente em alguns Bondes. Enquanto houver intolerância com esses grupos, eles também o serão com o sistema ordenador, já que é um conflito latente da produção do urbano contemporâneo e que não pode ser resolvido com coerção.

Ao mesmo tempo em que os Bondes correspondem a práticas e astúcias, no limite como desafio à ordem, são também expressões do imbricamento de sentidos e contextos do local com o global e sua produção cultural. Os passeios e encontros nos shoppings estão associados aos desejos e consumos postos para toda a sociedade e constituidores das distinções. Nessa perspectiva, Pinheiro-Machado e Scalo (2014) fazem uma interessante análise sobre os rolezinhos, a qual pode ser estendida à compreensão dos Bondes:

³⁰³ POITEVIN, Daiane. Assaltos cometidos por jovens chamam atenção. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 set. 2009.

³⁰⁴ BOFF, Claudia. BM faz estudo para coibir ação de bondes. **Diário de Canoas**, Canoas, 26 out. 2010.

O rolezinho no shopping, portanto, tem uma razão ao mesmo tempo prática (de pesquisa e busca de informação de moda) e simbólica (de uma vinculação com o território da economia formal e da abundância).

No plano local, tanto pela internalização dos discursos que definem os Bondes a partir do desvio, como ações criminosas, quanto pela experiência de proximidade ou vivência de conflitos violentos nesses grupos, têm-se narrativas de jovens do Guajuviras condenando as práticas de Bondes, entendendo-as como fase de perda de tempo e descaminhos. “Até o ano passado eu fazia parte de um bonde. Ano passado me quebraram, por nada. Chegaram e bateram.” (Grupo focal E.M.E.F. Nancy Pansera, em 02/10/2012). Os Bondes do Guajuviras têm origem na diversidade interna do bairro, constituindo-se Bondes de determinada vila, rua ou setor. Esses grupos estabelecem relações de parcerias e conflitos, que também aparecem como aprendizagens, dentro do contexto dos saberes produzidos nas ruas.

Nola: o que é fazer coisa errada?

Bernardo: bah, fazer coisa errada é muita coisa. Tem amigo que convida: ah meu, vamos roubar. Tu não tem dinheiro, tu não trabalha, vamos... Tudo que é de errado ele convida, entendeu? Tem gente que não quer dizer não pra amigo. Acha que é amigo, tu tá cego, não consegue ver. Acha que é amigo, mas não.

Nola: tu já passou por esse tipo de situação?

Bernardo: bah, muitas vezes. Não só de roubar. Mas, bha, mano, vamos lá, vamos brigar. Mais por briga, no tempo do bonde. (Bernardo, 19 anos, em 11/06/2013).

As disputas territoriais no período de intensa atividade dos Bondes, em particular os grupos de jovens de espaços pobres, tornam-se conteúdos que intensificam os medos urbanos associados às juventudes pobres. Esses jovens, tidos como o outro, tornam-se objeto do ordenamento urbano através do controle dos sujeitos. Quando Santos (2002) argumenta que o espaço corresponde aos sistemas de objetos e sistemas de ações, ele se refere ao entrelaçamento de materialidades e imaterialidades. Essas relações, normatizações e coações – feições desse urbano, cujos marcadores são sutis – constituem as materialidades das cidades. Os controles de espaço-sujeitos são múltiplos e indissociáveis, revelando o conteúdo das relações de dominação desenvolvidas nessa relação e as possibilidades de insurgências e resistências contidas na relação entre dominação-apropriação. Caldeira (2014) argumenta sobre o fenômeno dos Rolezinhos, uma forma dos Bondes, como “[...] um espaço não só de circulação, mas também de transgressão, prazer e risco” (p. 15).

Os Bondes expõem em corpos e atitudes as desigualdades e diferenças antes confinadas aos espaços dos bairros, enunciam suas juventudes nos espaços centrais, impondo-as no encontro com a distância social. Os conflitos e as repressões aos Bondes, assim como os que ocorreram aos Rolezinhos, enfraqueceram essas práticas sócio-espaciais sem, contudo,

desconstituí-las. Carolina argumenta que os Bondes encerraram, mas que continuam as aglomerações de jovens com identidade territorial. A prática denominada Bonde persiste de forma menos expressiva, em outras denominações e na destituição de suas identidades de Bonde, como narra Bernardo, que, por ter sido alvejado por tiros de revólver, em decorrência do envolvimento em conflitos territoriais, deixou a prática, mas manteve o nome, ou seja, a identidade de um determinado grupo de jovens. “Tem rixa de bairro com o Guajuviras, mas isso é mais com a gurizada. Gurizada de Bonde, de Niterói, Fátima, Rio Branco. Diminuiu, mas sempre tem os que ficam.” (Wagner, 20 anos, em 04/08/2012). A mesma posição está na narrativa de Guilherme (18 anos, em 28/01/2014), que, por deslocar-se em universos distintos (Guajuviras e Moinhos de Vento), possui amigos em diferentes grupos. Para ele os Bondes reduziram no sentido de uma identidade forte de grupo, no entanto permanece em determinadas práticas: “Agora ainda tem essa função de briga aí, mas não de levar nome que é de Bonde. Uma gurizada que quer ir lá e brigar”. As narrativas são contraditórias, o que indica a permanência subterrânea das práticas e a forte internalização da sua criminalização.

Uma vez no paradão, no centro, um guri passou, estava com um bolo de guris e disse assim: quem é do Niterói aí, a gente vai matar, vai não sei o quê. Daqui a pouco, questão de minutinhos, tinha um bolo de guris brigando. Eu nunca vi tanta perna e braço.

Nola: são os Bondes?

Carolina: não, não são os bondes. São aglomerações. Os Bondes já acabou. Tu não escuta mais: eu sou do bonde, sou isso, sou aquilo. (Carolina, 19 anos, em 12/05/2012).

No entanto, como assinalado anteriormente, os Bondes correspondiam a expressões de grupos juvenis em suas redes de sociabilidade, não sendo redutíveis aos aspectos da violência. Os Bondes envolvem relações culturais, disputas de MCs, produção de rima e música, fomentadas pelo encontro e pela identidade de grupo. Os conteúdos desses grupos não podem ser reduzidos às desigualdades, mas valorizados na exaltação das diferenças que se manifestam na produção cultural do grafite e pichação, funk, Hip-hop, práticas culturais com explícitos vínculos espaciais com o bairro popular. Para Caldeira (2012), as “[...] periferias, não só afirmam sua presença na cidade, como passam a dominar uma produção própria de signos [...]” (p. 9).

Os Bondes consolidam as relações de parceria cultural e defesa mútua. Quando algo acontece com jovens de um mesmo grupo, os demais partem para defendê-lo ou vingá-lo. “Em grupos, se eu me encreno os parceiros me socorrem.” (Grupo Focal E.M.E.F Erna Wurth, em 18/10/2012). A existência de conflitos violentos e até mesmo o homicídio de

algum jovem torna-se uma marca no grupo, compondo a trajetividade de jovens atravessada pela violência. “Particpei de um bonde, saí fora, morreu um amigo” (Grupo Focal Protejo, em 27/04/2012). Ações violentas e de fidelidade são características de determinados Bondes, sendo sintomáticas dos processos de violência social e simbólica aos quais esses/as jovens são simultaneamente agentes e vítimas. A violência de identificar os/as jovens como problemas sociais e caracterizar suas práticas espaciais como desvios é recorrente e segue não apenas um recorte etário, mas sócio-espacial. A normatização da cidade visa ao controle dos corpos, da ordem na cidade, da produção cultural, das práticas espaciais e das representações. São aspectos relacionais que encobrem, sob imaginários e representações, os processos de dominação que operam através do urbano.

O ingresso aos Bondes ocorre pela proximidade. Um familiar que participa de determinado Bonde transmite a outros membros a identidade do grupo, os/as amigos/as da rua, da localidade, do grupo de interesses culturais. As motivações não são exclusivamente o fortalecimento do grupo ou o confronto, mas a diversão e a produção cultural, que, em outro momento, fomentam a constituição de comunidades de sentido.

Nola: e como foi a tua história com a música?

Caio: foi nos tempos de rebeldia mesmo que eu comecei. Porque nas antigas tinham aqueles grupinhos.

Nola: os Bondes?

Caio: é, os Bondes. Enquanto meu pai era vivo ainda. Eu era meio envolvido com os Bondes. Aí todo mundo que rimava ganhava o nome de MC. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

As práticas no espaço do bairro ou cidade adquirem caráter de aventura, contravenção e aprendizagem. As situações de Bondes e práticas espaciais aparecem como uma aprendizagem das formas de agir e proteger-se no contexto do bairro e cidade. A aventura e contravenção seguem em paralelo. Pequenos furtos, andar de ônibus sem pagar a passagem, pichar e brigar são algumas práticas relacionadas à aventura, embora nem sempre carreguem a identidade de um bonde.

São formas de experienciar o espaço como prazer, algumas situações como apropriação e subversão à norma, constituindo-se fortemente como táticas e espertezas de fazer uso e apropriação conforme as lógicas próprias em conflito com as lógicas do ordenamento. Em outras situações são práticas condicionadas dentro dos agenciamentos do urbano. A coerção das atividades desses/as jovens nem sempre é identificada como tal, estando presente no constante tensionamento entre assimilação e criação. Assim, a “[...] coerção não é

necessariamente percebida pelos indivíduos como coerção, porque ela é interiorizada e pode ser sentida como uma liberdade” (DUBET, 1994, p. 23).

Deslocar-se passa a significar aventuras e aprendizagens na cidade. Ao acervo de saber proporcionado pelas experiências do bairro, outros são acrescidos. Assim como os Bondes, as práticas de pichação entram em conflito com as normas urbanas; no entanto, é também a relação de assinar os mais difíceis locais, aventurando-se e estabelecendo o contato com outros jovens com os mesmos interesses, como as comunidades de sentido.

6.3 COMUNIDADES DE SENTIDO

As práticas entre o bairro e o espaço metropolitano desenvolvem-se sob a motivação de processos articuladores entre essas escalas de ação, algumas individualmente, outras através da inserção em grupos. As comunidades de sentido (BERGER; LUCKMANN, 2004) como sistemas de valores, gostos, pertencimentos e interpretações partilhadas mostram-se como mediadores através dos quais os/as jovens desenvolvem práticas espaciais no bairro e na região metropolitana. As comunidades de sentido desenvolvem-se articuladas e articulam diversas escalas de onde propagam valores, gostos, práticas e produções culturais. Elas estão relacionadas tanto à ordem distante (como os sentidos produzidos nas esferas religiosas, as influências do Hip-hop estadunidense), quanto à ordem próxima, como a ação política inerente a determinado contexto espacial.

Oferecem acervos de saber que orientam as ações dos/as jovens, influenciando as formas de pensar, agir e sentir, ou seja, a manutenção dos sentidos e das normalidades herdadas/impostos, mas também os inserindo em atividades culturais que reelaboram os sentidos, a fim de, efetivamente, constituir um acúmulo de compreensão do mundo. As assimilações não são integrais, surgindo possibilidades de criação e inserção de lógicas próprias nos processos de criação e condicionamento. Os sentidos são construções em disputa e correspondem às relações entre subjetividade, intersubjetividade e objeto-mundo. “O sentido se constituiu na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa através de processos sociais.” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 14). As vivências/experiências, os sentidos criados e herdados, a circulação e produção de informação pelas mídias sociais são múltiplas teias da produção dos sentidos no mundo contemporâneo. E as possíveis combinações desse tear inserem os/as jovens em diferentes contextos de grupo, às vezes aparentemente contraditórios, dado à

pluralidade de combinações de referenciais disponíveis para a constituição individual do acervo de saber.

As comunidades de sentido podem ter origem na diversidade contida nas comunidades de vida contemporâneas. E estas pressupõem elementos que conformam a primeira. Atualmente, escalas referentes ao local e ao global se interpenetram e são raras as comunidades de vida com homogeneidades de valores e códigos. O Guajuviras constitui-se como uma comunidade de vida, cuja diversidade e complexidade favorecem a coexistência de comunidades de sentido internas ao espaço do bairro e comunidades cujos vínculos e sentidos ou são externos e estranhos ao plano local ou estabelecem articulações com ele. A confluência de jovens com interesses e habilidades que constituem laços e vínculos conformam agrupamentos, tendo sido identificados no levantamento alguns campos de convergência, como as práticas vinculadas à música, à dança, às religiões, aos posicionamentos políticos, aos estudantes universitários, aos esportes, aos Bondes, entre outras.

Instituições produtoras de sentido e vinculadas à ordem distante sempre estiveram presentes na vida de bairro, como a origem desses em estreita relação com as paróquias, que são os valores e ordenamentos da hierarquia católica no plano do local. Na cidade contemporânea existem múltiplos/as feixes/teias de interesses inseridos nos espaços vividos: as igrejas; o Estado; a especulação imobiliária; os valores do consumo; as manifestações culturais; etc. O que corresponde aos espaços concebidos em diálogo e/ou conflito com os espaços vividos e praticados. Os moradores constituem vínculos metropolitanos (SEABRA, 2003): são trabalhadores e deslocam-se pela Região Metropolitana, torcem para times que não são do local em que vivem, consomem os produtos culturais, deslocam-se e interagem com grupos territorialmente distintos, inserindo seus corpos, interesses e lógicas além dos espaços do bairro. A produção e difusão de sentidos é cada vez mais descentralizada e plural, ou seja, existe a

[...] coexistência de diferentes ordens de valores e de fragmentos de ordem e de valores na mesma sociedade, com isto, a existência paralela de comunidades de sentido bem diferentes. O estado que resulta desses pressupostos pode ser chamado de pluralismo. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 36).

A inserção nessas comunidades dá-se em graduações de conformidade com sistemas de ordenamento social, estético e político. Através do levantamento de campo foi possível identificar a participação de jovens em múltiplas comunidades de sentido, que podem apresentar divergências nos conjuntos de sentidos produzidos. Essas divergências podem

perpetuar ou acomodar as contradições, ou, ainda, conduzir à adoção exclusiva de uma delas. Ao acompanhar a rotina de Mateus em um sábado, foi observado o caráter poliédrico do jovem em suas múltiplas inserções: pela manhã, na aula de canto em um programa de extensão do Curso de Música da UFRGS; à tarde, na oficina de dança de funk; e, à noite, no culto em uma igreja neopentecostal. No entanto, em determinado momento ao longo da pesquisa, Mateus optou por permanecer apenas nas práticas religiosas, deixando de participar das demais naquele momento. Há forte mobilidade entre essas comunidades ao longo da trajetória de vida dos/as jovens. Os sentidos de compreensão do mundo e ordenadores do comportamento vinculados à prática religiosa de Mateus tornaram-se excludentes com as práticas do funk, comumente associadas “ao mundo”. As oficinas de música coadunam-se às práticas religiosas, pois ele as aproveitava em apresentações de canto na igreja. Embora tenha terminado a prática da oficina de música e não tenha tido possibilidade de dar continuidade, ele permanece cantando em sua comunidade religiosa.

Eu preciso estar em um lugar santo para fazer o certo para Deus. Se eu tô no mundo, eu tô no mundo. No sentido do pecado. Se quiser ficar, falar besteira, fumar, beber... Prazeres que talvez não agradem a Deus. A gente é um camaleão e em qualquer ambiente a gente se acostuma. (Mateus, 20 anos, em 14/04/2013).

O pertencimento a comunidades de sentidos convergem agentes para conjuntos de normas, estéticas, valores e orientações de condutas partilhadas, articulando os lugares a partir dos sentidos e valores contidos nesses campos de ação. A inserção em diferentes comunidades conduz à observação que elas não são assumidas integralmente, mas de forma parcelar, acomodando as divergências ao acúmulo individual do acervo de conhecimento e valores sociais. Jovchelovitch (2008) argumenta que o saber é heterogêneo e maleável, o que favorece a inserção em grupos e produções de sentidos diversos. As práticas religiosas são comunidades de sentido recorrentes e coexistem com outras. As referências à religião ou às religiosidades estão presentes nas narrativas de jovens vinculados à prática de pichação, aos Bondes, ao Hip-hop. Essa articulação acomoda a ordem e a desordem nos sistemas de valores dos/as jovens, que encontram em seus cotidianos elementos que os/as aproximam ou que subsidiam suas compreensões de mundo em esferas discordantes. Um/a jovem cujas práticas na metrópole correspondem a pichações, o que é, de forma generalizada, identificado como desvio à norma, coexiste com a prática religiosa de vertente evangélica neopentecostal, como é o caso de Bento. Ou em relação às narrativas de Giovana, que participa do movimento de Hip-hop, no qual também insere a militância da participação feminina neste estilo cultural e

que participa ativamente em outra igreja neopentecostal. Em jovens como Giovana, Felipe e Otávio, os preceitos religiosos são preponderantes ao ponto de estarem presentes na produção musical.

Foi aí que eu comecei a focar e usar o dia a dia do jovem, que é o dia a dia do que passou na minha vida e com a visão que eu tenho dentro da igreja, a visão da rua dentro da igreja, comecei a passar, a fazer, a escrever as músicas, aí que começou a surgir a Giovana que todo mundo conhece.

Nola: como é essa relação rua e igreja nas tuas letras?

Giovana: é embaçado. Eu tenho cuidado pra não falar uma coisa que umas pessoas da igreja possam não gostar, mas como a gente não agrada a todo mundo, então... Eu faço aquilo que vem no meu coração, aquilo que for o mais claro possível pro jovem da rua entender e o jovem da igreja também. Por causa que o rap é uma forma de se expressar, é um poema e tem muito preconceito. E por eu ser mulher e sou uma das raras mulheres que canta rap, piorou aqui no Rio Grande do Sul e sozinha. É difícil, mas não é impossível, tendo fé e buscando pelos seus objetivos, dá pra chegar a um lugar. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

A inserção nas práticas de religiosidades neopentecostais é um atravessador da maioria dos/as jovens da pesquisa. Ora mais, ora menos institucionalizados, ora fortemente praticantes da religião, em outras em conflito com seus padrões. Para os/as jovens institucionalizados, não apenas a fé, mas as práticas comuns consolidam-se como articuladores das relações sociais. Em determinadas igrejas, como a de Mateus, Jaqueline, Julia e Clara, não há a constituição de grupos de jovens, sendo as práticas não tanto juvenis, embora faça parte do cotidiano desses jovens. Para Alessandra, Felipe, Giovana, Otávio e Jorge, as religiões são inseridas em contextos e grupos juvenis organizados dentro das instituições religiosas. As comunidades de sentido nas quais os/as jovens se inserem, assim como as práticas espaciais, não correspondem exclusivamente a práticas juvenis, embora possam estar presentes.

O que me move é a fé, a fé é minha salvação. Eu participo da Força Jovem Brasil – FJB³⁰⁵. É onde os jovens se reúnem a gente que traz o jovem da rua pra dentro da igreja, pra conhecer a cultura, a música, a dança. Queremos mover eles através da fé. (Felipe, 19 anos, em 22/09/2012).

Para outros/as jovens as religiosidades presentes em suas vidas como sentidos não conformam comunidades. A adoção flexível dos sentidos não exerce forte controle sobre as práticas desses/as jovens, ao mesmo tempo em que não estão ausentes de suas vidas. Ricardo traz salmos tatuados no corpo, Bento e Bernardo cotidianamente fazem referências a forças

³⁰⁵ O Força Jovem Brasil – Força Jovem Universal são grupos de jovens fomentados na Igreja Universal. Os grupos se desenvolvem nas igrejas e articulam-se entre si e com a Igreja Central localizada em Porto Alegre/RS.

divinas em redes sociais, embora nenhum participe ativamente em instituições ou grupos religiosos.

O conflito entre práticas antagônicas pode culminar no completo abandono de determinadas comunidades de sentido. Giovana também se deparou com o conflito entre sua inserção na cultura do carnaval, tradicional no Guajuviras, e a opção religiosa. Algumas comunidades de sentido favorecem os múltiplos diálogos, outras fortemente institucionalizadas, cujos preceitos morais e normativos divergem de alguns segmentos, tendem a prevalecer. Ou, como no caso do Hip-hop, são apropriadas institucionalmente, tanto como estratégia tecnocrática de absorção dos fieis, mas também como táticas dos/as próprios/as jovens em levar para esses espaços suas culturas.

Olha, eu sempre fui da igreja, desde pequena. Mas teve um tempo, a partir dos 14 ou 15 anos, mais ou menos, que eu parei de ir e comecei a dançar. Porque a dança sempre fez parte da minha família, o carnaval. O carnaval sempre fez parte da minha família. Então eu também peguei essa geração de carnaval. Entrei no Unidos do Guajuviras, fui madrinha de bateria, participei da corte do carnaval de Canoas, fui uma das princesas da corte e depois de tudo isso que eu resolvi entrar pra igreja com tudo. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

Algumas comunidades de sentido têm vertentes convergentes. Três jovens trouxeram a prática religiosa afrobrasileira como importantes produtoras de sentido e sociabilidades em suas vidas (Vitor, Jeferson e Gustavo) e, a partir dessa prática, inserem-se na cultura musical de tocar tambor em rituais religiosos, fazendo cursos em outros locais metropolitanos ou atuando como tamboreiros. A inserção nas práticas religiosas de matriz afrobrasileira não está limitada à prática religiosa em si, inserindo os participantes na cultura musical, que também é mecanismo de geração de renda. Dessa forma, as práticas vinculadas às comunidades de sentido constituem o espaço metropolitano em fragmentos, a partir da inserção em outras espacialidades e grupos que compartilham estéticas, valores e modos de vida similares.

Através dessa inserção em grupos com convergência identitária, os/as jovens constroem suas redes de amigos e passam a ter a experiência dos locais metropolitanos significados nessas práticas. Não apenas a metrópole consolida-se como referência, mas também os municípios da Região Metropolitana e, por vezes, escalas mais amplas, como a estadual e a nacional. “Por causa que eu já fui pra São Paulo e é pra ir pra São Paulo de novo, que vai ter o tributo do Sabotage³⁰⁶ e é pra mim ir pra fazer um participação com o Adriano [...]” (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013). No entanto, a origem da inserção em comunidades

³⁰⁶ Sabotage é o nome artístico de Mauro Mateus dos Santos, compositor e cantor de rap no Brasil, que foi assassinado em 2003.

dá-se nas práticas consolidadas no próprio bairro, na igreja localizada na Unidade de Vizinhaça, no Terreiro do local, no jogo de bola com os amigos. Muitas comunidades de sentido têm sua origem nas práticas de bairro e nas práticas da família. Vitor exemplifica em sua narrativa que ao longo do tempo a fé na qual a família o inseriu foi reafirmada como uma fé própria do jovem. Nesse caso, convergem também as práticas do futebol, que, assim como a função de tamboreiro, funcionam como mediadoras entre o Guajuviras e outros espaços:

Já fui pra Três Coroas, já fui pra campeonato, já fiz teste no Corinthians. [...]. Já fui duas vezes já. É muito bonito lá. Já fui pra Caxias, Veranópolis. No Rio Grande do Sul eu já fui tudo já. Alegrete.

Nola: como começou tua história com o futebol?

Vitor: três anos e meio atrás. Três anos atrás.

[...]

Porto Alegre, já fui tocar em Novo Hamburgo, São Leopoldo, já fui tocar em Caxias também. Eu e meu irmão. Porto Alegre... Deixa eu me lembrar. Viamão, Santa Cruz. Muitos lugares (Vitor, 15 anos, em 16/11/2013).

A família é uma referência inicial das comunidades de vida, sendo, em algumas situações, impulsionadoras para comunidades de sentido, seja nas práticas religiosas, políticas ou vinculadas à música ou dança. O manuseio de instrumentos musicais, as normativas e os valores religiosos são também apropriados pelos jovens como arsenais de sentido e saber apreendidos no decorrer da experiência cotidiana e, às vezes, tem origem no núcleo familiar. Os jovens não apenas estabelecem continuidades ou rupturas, mas transformam essas manifestações e as inserem em práticas que ultrapassam os limites físicos da família e do próprio bairro.

Na verdade as minhas tias dançavam. E a minha prima dançava. E eu sempre gostei, eu olhava pela TV, mas um dia a escola de samba lá perto da Nancy, teve um cara mais velho, amigo da minha tia, olharam eu e os guris, que era a época que a gente ficava imitando todo mundo, daí tem meu primo também, tem meu tio que canta e ele me levava no carnaval pra sair na bateria. (Marcio, 19 anos, em 01/11/2013).

Toda a minha família, da parte da minha mãe, são pagode e a gente tocava. Não é que fundou um grupo, é que sempre teve um grupinho e aí botaram um nomezinho e saiu tocando.

Nola: tu aprendeu a tocar com quem?

No caso aprendi vendo. Eu via meus tios tocando e desde pequeno. (Lucas, 16 anos, em 17/08/2013).

Eu tinha uma segurança de santo pra saúde com meu tio, que é Pai de Santo. Eu tinha uma segurança com ele e até agora os 14 agora, que eu fiz uma obrigação maior. Eu tinha só uma coisa de saúde, daí agora eu deitei com meu irmão e com meu tio agora, na obrigação, em uma obrigação maior. (Vitor, 15 anos, em 16/11/2013).

A diversidade populacional que compõe o Guajuviras, consequência do processo de produção do bairro cujo fator convergente era a luta pela moradia, favorece a multiplicação de agrupamentos com interesses, culturas e sentidos comuns. As práticas vinculadas à dança e música propiciam o encontro dos jovens, primeiro no âmbito do bairro, em seguida em práticas metropolitanas. Iniciam dançando na rua e formando grupos de dança do local, tocando e cantando nas reuniões de família, em que a aprendizagem dá-se dos mais velhos para os mais novos e daí passam a tocar nas ruas, em eventos e até mesmo em projetos de profissionalização nesse ramo. A narrativa de Ricardo sobre seu início na dança demonstra bem essa relação de constituição de um grupo com objetivos convergentes. A dança constituiu-se como práticas do local e seu extravazamento na própria trajetória e projetos dos/as jovens envolvidos.

E a minha paixão por dançar se tornou nos aniversários, nas festas que a gente ia quando criança e eu acabava escutando música e depois, a partir dos 15, eu comecei a sair um pouco, bem pouquinho que a minha mãe me liberava muito pouco, às vezes eu saía escondido. Aí quando a gente ia pros bailes, tocava o funk e a gente sempre fazia os passinhos e assim foi surgindo a vontade de se montar um grupo. Montei um grupo, que era de brincadeira, daí depois se tornou sério aí. E aí a gente começou a se apresentar e depois da primeira apresentação deslanchou assim, foi. Foi, foi, foi e eu tô até hoje nela. Os guris que começaram comigo já não tão mais.
 Nola: tu começou aqui no Guajuviras...
 Começou aqui no Guajuviras, eu morava naquela casa azul lá. Morava naquela casa azul antes e a gente ensaiava lá naquela área. (Ricardo, 25 anos, em 13/09/2013).

As práticas vinculadas ao funk e à dança, como manifestações culturais características dos bairros populares, estabelecem relações afirmativas de valorização da realidade local enquanto formas de expressão, desenvolvendo diálogos que ao mesmo tempo em que são de realidades próximas, não têm sua origem no próprio Guajuviras, mas o insere em trocas culturais com outros espaços semelhantes, o que também é corroborado pela narrativa anterior de Giovana, em sua viagem a São Paulo para cantar com representantes do rap naquele estado. Essas manifestações culturais frequentemente estigmatizadas constituem-se em fortes vínculos entre jovens e formas de expressão, cujos conteúdos, valores e sentidos têm estreitas relações com o espaço vivido.

Jovens vinculados ao rap têm espaços de apresentação e disputa de rimas musicais no bairro e no espaço metropolitano, como a Batalha do Mercado³⁰⁷. Esses eventos consolidam as trocas entre jovens de bairros e espaços populares da região metropolitana em processos de

³⁰⁷ Disputa de rimas por MC's da RMPA e estado que ocorre toda noite do último sábado de cada mês no entorno do Mercado Público, no Centro Histórico de Porto Alegre/RS.

produção cultural, aprendizagem e extensão das redes de amizade, o que mitiga os conflitos, segundo narrativa de Caio sobre uma apresentação no bairro Niterói:

Que nem, eu não me dava com um guri de Niterói, mas não gostava dele por eles não se darem comigo. Então eu tinha que participar da semana do hip-hop de Niterói e eu fiquei meio assim: como eu vou ir lá? Aí eu peguei e fui lá. Eu me dava com dois guris que cantavam rap lá e eles falavam de mim pros guris lá. Ele me falava que todos os guris falavam mal de mim, que iam me quebrar, que isso, que aquilo. Só que eu nunca tinha feito nada pra eles, mas era só o preconceito de eu ser do Guajuviras. Aí eu fui cantar lá, aí umas duas semanas antes mataram um amigo deles lá e aí eu comecei a cantar 17 de abril lá e eles: Guajuviras aqui não eras e sei lá o quê, Guajuviras isso, Guajuviras aquilo. Aí eu fui cantar a música do meu pai e falei: pro amigo dos guris aí que faleceu. Aí eles já mudaram o tratamento, porque eles viram que eu não era a pessoa que eles pensaram. Aí eu desci do palco e pensei: ou eles vão vir dar em mim, ou não sei... Aí eu desci do palco e eles foram lá e me cumprimentaram. Hoje é tranquilo, eu falo com eles pela internet e eles me convidam pra ir lá, como na semana passada, que eu fui lá pra praça da Dona Mocinha e a gente ficou lá fazendo um *freestyle*³⁰⁸. [grifo nosso]. (Caio, 18 anos, em 04/06/2013).

Maffesoli (1998) argumenta na contramão do individualismo sobre a constituição de relações em grupos. “Insistiram tanto na desumanização, no desencantamento do mundo moderno, na solidão que este engendra, que não conseguem mais ver as redes de solidariedade que nele se constituem.” (p. 101). O rap tem forte identificação com espaços populares, consolidando grupos com vínculos territoriais e contextos sociais semelhantes, como apontado na narrativa de Caio, que ampliou suas relações para outros bairros da cidade, mitigando os conflitos. Ou Giovana, que, através da Batalha do Mercado, amplia suas práticas a partir do rap no contexto metropolitano. As práticas vinculadas às comunidades de sentido elaboram os espaços metropolitanos como fragmentos e, assim, a “[...] caminhada seleciona e fragmenta o espaço percorrido; ela salta suas ligações e partes inteiras que omite [...]” (CERTEAU, 2009, p. 168). Os espaços são vividos de forma fragmentada e, frequentemente, dentro de contextos próximos. Algumas práticas, como a Batalha do Mercado, rompem com os espaços de bairros populares, desenvolvendo os encontros em área central da capital.

A minha festa é completamente diferente. Como sábado passado, eu tava na Batalha do Mercado, que acontece uma vez por mês. Bah, assim, eu fiquei emocionada lá. É que eu não falo com muita gente, eu sou mais na minha, fico só prestando atenção naquilo que tá acontecendo, porque vão perguntar: quem é essa guria? Por que eu não rimo na batalha do mercado, vou lá pra olhar, porque vai muitas pessoas inteligentes, as pessoas muito inteligentes. (Giovana, 21 anos, em 22/05/2013).

³⁰⁸ Exercício de improvisação de letras do rapper sobre determinados temas. Nas batalhas de rap, constitui uma disputa por formulação de rimas a partir das provocações estimuladas entre os rappers.

Assim como o rap, o funk é hoje uma importante referência identitária e espacial para as juventudes. Os estigmas e estereótipos associados ao funk são também espaciais e geracionais, pois correspondem aos/as jovens dos espaços populares das cidades. O funk deriva de uma intrincada relação de múltiplas escalas, sua origem está associada a uma variedade do Hip-hop, o *Miami bass*. Palombini (2008) argumenta que o funk carioca “[...] constitui o primeiro gênero brasileiro de música eletrônica dançante; a nossa música house.” (p. 64). Do Rio de Janeiro difundiu-se pelo território nacional, com manifestações nos bairros populares, como o Guajuviras no sul do Brasil. Funk ostentação, *melody*, proibidão, sensual, de raiz, gospel, montagem são subgêneros do funk e correspondem a diferentes contextos de expressão, práticas de lazer e até mesmo geração de renda das juventudes. No Guajuviras, foi instrumento de atividades de educação no Protejo. Como práticas musicais, de dança e educação, o funk está inserido nas produções culturais, de lazer e formas de expressão de jovens do Guajuviras, colaborando para a afirmação e ressignificação da condição de juventudes desses espaços.

Em consonância com as interdições das práticas das ruas dos rolezinhos e Bondes, a interdição e criminalização do funk corresponde às lógicas de ordenamento que reconhece na diversidade o desvio. A cultura popular somente é aceita ao ser apropriada pela classe dominante, assim o rap e o funk têm legitimidade ao aparecer na mídia televisiva, nas novelas, na programação dominical, mas não ao orientar as práticas e expressões dos espaços populares.

Ironicamente, recolocando a periferia no centro da difusão cultural massiva, os funqueiros são indesejáveis, mas sua produção musical se infiltra mais e mais no território das elites, mostrando a porosidade das fronteiras urbanas. (ARRUDA et al., 2010, p. 421).

O funk possibilita meio de expressão dos/as jovens desprovidos/as de recursos ou investimento em capacitação instrumental. “No funk a voz não tem tanta importância. Que a batida é boa e a música um desabafo. Quer passar a mensagem sem se preocupar com a voz” (Otávio, 22 anos, em 26/10/2013). Insere os/as jovens em comunidades de sentido, possibilitando seu protagonismo como produtor/as culturais e papel de destaque nos espaços vividos. Criminalizar a expressão cultural é incorrer no histórico silenciamento da população oprimida. Silenciar é condicionar o sonho e manter o consumo nos valores da distinção social, mantendo as fronteiras não apenas físicas, mas simbólicas. Nesse contexto, o funk ostentação é menos um condicionamento ao consumo que uma resistência às fronteiras simbólicas. “Eu

quero falar de dinheiro, carro, luxo. É o que a gente quer no futuro, o que quer conseguir. Como na música: contando o cifrão. Nada tem palavrão, eu não gosto”. (Wilson, 17 anos, em 06/05/2013).

O funk mobiliza comunidades de sentido vinculadas à produção musical e à dança. Corresponde às práticas do bairro e à inserção em espaços metropolitanos no lazer de participar de bailes e em apresentações artísticas. Vislumbres de protagonismos em culturas estigmatizadas. “A primeira apresentação foi em Eldorado do Sul, no aniversário de Eldorado. Foi em 2010. Foi legal, mas deu um nervosismo. Lá eu conheci mais os guris que cantavam.” (Wilson, 17 anos, em 06/05/2013). O funk também tem a finalidade de diversão, dentro do contexto de comunidades vinculadas a festas, tanto para os/as jovens que fazem parte das manifestações musicais ou de dança, como Wilson, Ricardo, Márcio e Janaína, como jovens que tem no funk o ensejo da diversão em bailes, como Karen e Rafaela.

As comunidades de sentido mesclam lógicas, valores e práticas, tanto do local como externas. Correspondem, portanto, à inserção de escalas no plano do local, tal como uma transglossia³⁰⁹, ao mesmo tempo que são disseminadas nas cidades e metrópoles (ORTIZ, 2005). Márcio exemplifica essa relação na transposição de um programa de TV de uma emissora de alcance nacional nas práticas locais. A dança praticada na Ocupação São Miguel não é nem a dança do programa, nem passos próprios, mas uma mistura deles. Esses processos vão constituindo-se como acervo de sentidos e saberes que não são nem exclusivos do local, nem da ordem distante, mas do imbricamento de ambos.

Márcio: Daí era eu e era a época da geração dos havaianos. Não sei se chegaram a falar pra ti.

Nola: não.

Marcio: veio a geração dos havaianos que no momento todo mundo escutava. Os havaianos era uns caras que dançam, que cantaram com a Regina Casé, que cantam: vem mexendo o ombrinho. Tu nunca ouviu?

Nola: acho que já.

Marcio: a Regina Casé lançou eles e aí foram estourando. A gente olhava o DVD, pegava os passos deles e a gente se apresentou, na São Miguel mesmo a gente fez uma apresentação só, de funk, só quatro. Daí eu fui pro Protejo, que a minha prima foi primeiro e daí minha prima foi pro Protejo pra aula de dança e daí: aí, que tri. (Marcio, 19 anos, em 01/11/2013).

Os emaranhados e entrelaçamentos de escalas simbólicas e de ação encontram interdições às ações de jovens de espaços populares. Os deslocamentos discordantes do

³⁰⁹ Ortiz (2005) define a transglossia como o atravessamento e entrelaçamento de distintas espacialidades. O autor trata o espaço como: “[...] um conjunto de planos atravessados por processos sociais diferenciados. Devo então deixar de lado os pares de oposição – externo/interno, longe/distante – ou a ideia de inclusão para operar com a noção de linhas de força.” (p. 61).

sistema ordenador encontram entraves no espaço metropolitano. Esses entraves são físicos e fortemente simbólicos, presentes nas significações desses/as jovens em suas práticas. As representações do funk e Bondes são exemplares dessa interdição, como uma violência simbólica, tão concreta quanto as violências físicas.

O funk é uma cultura e forma comunidades com forte relação espacial com espaços populares, constituindo-se como uma marca identitária e estereotipada, desenvolvendo-se tanto na resistência, quanto nas estigmatizações, e, assim como os espaços de moradias da população pobre, o funk sofre violências simbólicas e concretas. Simbólica porque sua diversidade é reduzida e manipulada às dissonâncias com as manifestações culturais reconhecidas como tais. A violência está presente nas ações de interdição de bailes funk e na perseguição de MCs (PALOMBINI, 2013) e preconceitos vivenciados pelos praticantes da cultura, como os narrados no documentário de Denise Garcia, “Sou feia, mas tô na moda” (SOU..., 2005). Arruda e colaboradores (2010) argumentam sobre a criminalização de jovens funqueiros pelos veículos midiáticos citando as reportagens sobre o arrastão de 1992 na praia do Arpoador. Vianna (2006) explica essa manipulação sobre representações do funk, construído no imaginário social como um problema social:

O funk só aparece no dia seguinte, quando a polícia, explicando para os jornalistas que aquilo não foi arrastão, declarava: “Aconteceu à luz do dia o que costuma ocorrer na saída dos bailes funks. Essas pessoas, que andam em grupos, têm comportamento anti-social e vão fazendo baderna por onde passam. Houve o encontro na praia de turmas rivais” (O Globo, 20/11/2002). Muitos jornalistas entenderam tudo errado: em vez de dizer “não houve arrastão, houve briga, comum em baile funk”, divulgaram que o pessoal do funk fez o arrastão. Foi assim que o baile funk passou a figurar no imaginário carioca como um dos principais problemas da cidade, que deveria ser combatido com todos os meios e muitos editoriais de jornal.

Embora o funk seja atravessado por preconceitos, no plano local tem importante impacto na constituição de comunidades de sentido e na produção dos espaços de representação reafirmados pelo protagonismo da prática cultural. A somatória dos sentidos apreendidos compõe o mosaico de formação dos jovens. As práticas constituidoras das comunidades na trajetória pessoal de cada jovem propiciam momentos de protagonismo e diálogos. O diálogo entre a TV e a prática local demonstrado por Márcio compõe o substrato junto do qual se somam a cultura do samba, do funk, as influências locais e externas e as práticas metropolitanas.

Depois que eu fui aprendendo da história do funk e pesquisando, dando palestra, o Ricardo me levou pra UFRGS, me levou pra Novo Hamburgo, São Leopoldo, pra dar palestra e eu fui gostando e cada vez mais. Agora eu tento dá mais informações, ir atrás das coisas pra me manter sempre informado. (Marcio, 19 anos, em 01/11/2013).

Também estão presentes como comunidades de sentido no Guajuviras os estilos musicais do rock e jazz. Rodrigo tem sua relação na música a partir das práticas de capoeira desenvolvidas no Guajuviras. Sua inserção inicial na capoeira conduziu-o ao interesse por música e, mais tarde, na formação de um grupo musical de Jazz. O jovem explicita a compreensão do bairro enquanto fomento de manifestações culturais e as suas experiências como conteúdos de sua produção cultural.

O Capoeira Palmares, o mestre Dino. Foi ali o meu primeiro contato com a música, que eu peguei num instrumento.

Nola: ali atrás do CAIC, no ponto de cultura?

Não era ponto de cultura ainda. O Dino é apaixonado por capoeira então ele segue isso há muito tempo. Então o cara tá sempre... Entendeu porque eu acho o bairro muito cultural? Tem capoeira, tem teatro lá, tem tudo de graça. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

Os espaços de capoeira, o estúdio, a Casa das Juventudes, entre outros, são espaços ora institucionalizados verticalmente, ora horizontalmente, que subsidiam o crescimento e desenvolvimento das manifestações culturais e a inserção de jovens em práticas que ampliam os horizontes do bairro. As redes de amizade e de interesses formam-se no bairro e passam a atuar no contexto metropolitano, em apresentações programadas ou não.

Eu conheci o Fulano no colégio, no Jussara e foi ele quem me ensinou as primeiras notas no violão, os primeiros acordes. O Beltrano que é batera eu conheci ele por intermédio de um vocalista que eu conheci nesse estúdio lá no Guajuviras. Estúdio Zeppelin. Ele funciona há 15 anos. [...] Em função desse estúdio ali no bairro se criou de tocar guitarra, passa e vê o cara. Se criou várias bandinhas em volta do estúdio. Se o estúdio tá aqui, tem vários músicos por perto. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

A revista *Entreverbo*³¹⁰ e o sarau mensal que ocorre na área central de Canoas, mas que tem vínculos originários com o Guajuviras, são também comunidades de sentido das quais Rodrigo participa. A exemplo do Cooperifa (Cooperativa de escritores e poetas de São Paulo), as expressões poéticas e artísticas dos espaços populares produzem, assim como o funk e o Hip-hop, culturas como centralidade de um contexto social imerso nas representações que o homogeneizam. Esses grupos desenvolvem-se de forma articulada com

³¹⁰ Iniciativa de artes integradas com foco em poesia.

as práticas do jazz e com outros/as agentes vinculados/as à palavra escrita e compartilhada, o que é comumente dissociado de espaços populares.

As comunidades de sentido são espaços de formação que intermediam as escalas entre o bairro e os contextos mais amplos. Atuação política e cultural são também situações que favorecem a inserção dos jovens em redes de sociabilidade. As manifestações mencionadas, como o funk, o Hip-hop, o jazz, os grupos de dança, podem constituir-se como militâncias. As manifestações políticas partidárias e militância das questões LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) também foram observadas como constituidoras de comunidades de sentido entre jovens do Guajuviras.

Joana expõe em sua narrativa o interesse por posições de liderança e atuação política na sua trajetória e inserção em comunidades de sentido dentro do bairro. Recebeu de sua família como reserva de sentido a atuação militante: seus pais participaram da ocupação do CHIM e das organizações territoriais de reivindicação de melhores condições durante o período inicial de ocupação. Essas questões estão presentes em sua narrativa, em uma defesa de que desde cedo está envolvida em questões sociais fomentadas pela realidade local e sua história de vida. Sua trajetória delinea-se a partir da atuação local à inserção formal em partido político e militância. Essa trajetória possibilita outras vivências metropolitanas que não necessariamente correspondem aos mesmos interesses, mas possibilitam diálogos.

Na época de colégio eu era líder de sala, líder de comissão, o que tinha pra liderar. E eu fazia parte de um grupo de jovens que é da igreja católica, o CLJ, por dez anos. Nesse grupo eu fui tudo o que podia ser, presidente, vice-presidente, coordenadora disso, coordenadora daquilo. Então eu sempre tive muito essa coisa de estar a frente. Então eu me formei no segundo ano, nessa época eu já estagiava, que eu trabalho desde os 14 anos. [...]

Comecei a faculdade de Ciência política, daí já com uns dois meses eu comecei a estagiar no gabinete [...]. E aí, claro, paralelo a isso eu já era filiada, já participava das campanhas, de boca de urna, banderão, de ir em caminhada, já era filiada ao partido, já tinha essa ligação. Aí depois que eu fui pro gabinete do vereador, recebia pra fazer isso. Hoje eu recebo pra trabalhar em projeto social, pra tá na rua, fazer isso e aquilo. (Joana, 25 anos, em 07/01/2014).

Em perspectiva semelhante, Miguel demonstra as redes articuladas de comunidades de sentido a partir da militância e das práticas em grupos e questões LGBTTT. São comunidades que estabelecem na cidade os espaços de convergência, sendo menos evidentes no espaço do bairro.

Aí eu fui e depois que tu conhece lá é muito fácil, tu chega, todo mundo vai chegando e te cumprimenta, toma aí. É bem simples assim. [...]. Aí tu vai com um amigo e uma pessoa que já é do ambiente vai te socializando. É muito fácil de

socializar porque não tem briga. Aí passa um encarando e... e esses encontros, geralmente o pessoal é GLS, gays e lésbicas. Geralmente o que pessoal vai, a maioria do público é assim, não tem como não se dar. (Miguel, 18 anos, em 06/12/2013).

Os espaços de convergência desses grupos no contexto metropolitano passam a ser conhecidos nas redes de amizades atravessadoras, visibilizando as possibilidades de encontro. O pertencimento partilhado pelos grupos de sociabilidade, embora não tenha direta relação espacial com o bairro, acaba incidindo nele através da incorporação dos seus signos pelos jovens, que levam consigo para o espaço vivido do Guajuviras.

Uma coisa legal, desde os 13 anos eu ia lá pra Redenção lá em Porto Alegre. Eu fui várias e várias vezes pra Redenção. É que eu tive um tempo de estilo que meio que o pessoal falava de Emo e... aí até hoje ainda tem essas coisas que sábado tem a praça do shopping, domingo tem a Redenção, quinta o Shopping Total, sexta.... Têm os encontros em que vai roqueiro, goospel e eu entrei no embalo já, com 13 anos. Não sei como surgiu isso, mas sei que tem há muito tempo, todo domingo na Redenção tem encontro em que vai roqueiro, gótico, punk, vai vários assim, mais essa tribo e a gente fica ali parado, tomando vinho, conversando. Aí tem a praça do shopping que no sábado a gente se encontra. [...] Shopping de Canoas. Ali no posto metropolitano, atrás desse posto tem uma praça também que tem coisa ali [...]. (Miguel, 18 anos, em 06/12/2013).

Por fim, foi observada uma comunidade de sentido singular em que o espaço do bairro torna-se referência como signo e experiência partilhada por jovens de contextos semelhantes, mas não referentes ao mesmo espaço. Essa situação aparece na narrativa de Alice, jovem que ingressa em um curso superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem seus vínculos com a instituição fortalecidos a partir do encontro com outros jovens de espaços populares da Região Metropolitana de Porto Alegre. Nessa situação, o Guajuviras corresponde à comunidade de sentido como signo e trajetividades semelhantes entre os jovens.

Aí que eu achei as gurias que moravam na Bonja³¹¹, do canto da Vila Nova, da Restinga, o pessoal de Canoas mesmo. E a gente começou a conversar e trocar informação e a gente começou a perceber que todo mundo se sentia desconfortável dentro do seu curso, porque não encontrava os iguais. A gente sentava pra conversar, mas eles falavam de viagem, falavam de tecnologia, de calçados, de bolsa, de bebidas, de festas. A gente não sabia, o máximo que a gente conseguia conversar era sobre o conteúdo, que o resto não tinha nada a ver. E as pessoas que eu fiz amizade, eram 120 bolsistas. E foi aí foi aí que eu me encontrei. (Alice, 26 anos, em 06/01/2014).

³¹¹ Expressão carinhosa para denominar o bairro Bom Jesus, localizado em Porto Alegre e identificado no imaginário social como uma periferia.

Isso porque nem todas as relações e práticas estabelecem grupos de sociabilidade consolidados. A diversidade, as diferenças e desigualdades podem convergir em comunidades plurais, mas não sem dificuldades. As distâncias sociais estão contidas no cotidiano e tornam-se mais explícitas a partir do contato de diferenças. Semelhante a Alice, Rodrigo, nas práticas e na inserção acadêmica, na mesma instituição, descobre a distância social na própria pele em íntima associação com o espaço de origem.

Foi entrar na universidade. Isso foi um divisor de águas na minha vida. Foi aí que eu vi que eu não era branco, ali eu senti a diferença de o que é tu ser caucasiano, ariano, o que não é isso. Ali, quando eu entrei na universidade eu fui ver o que é ser caipira, não morar na metrópole, morar em Canoas. (Rodrigo, 27 anos, em 12/11/2014).

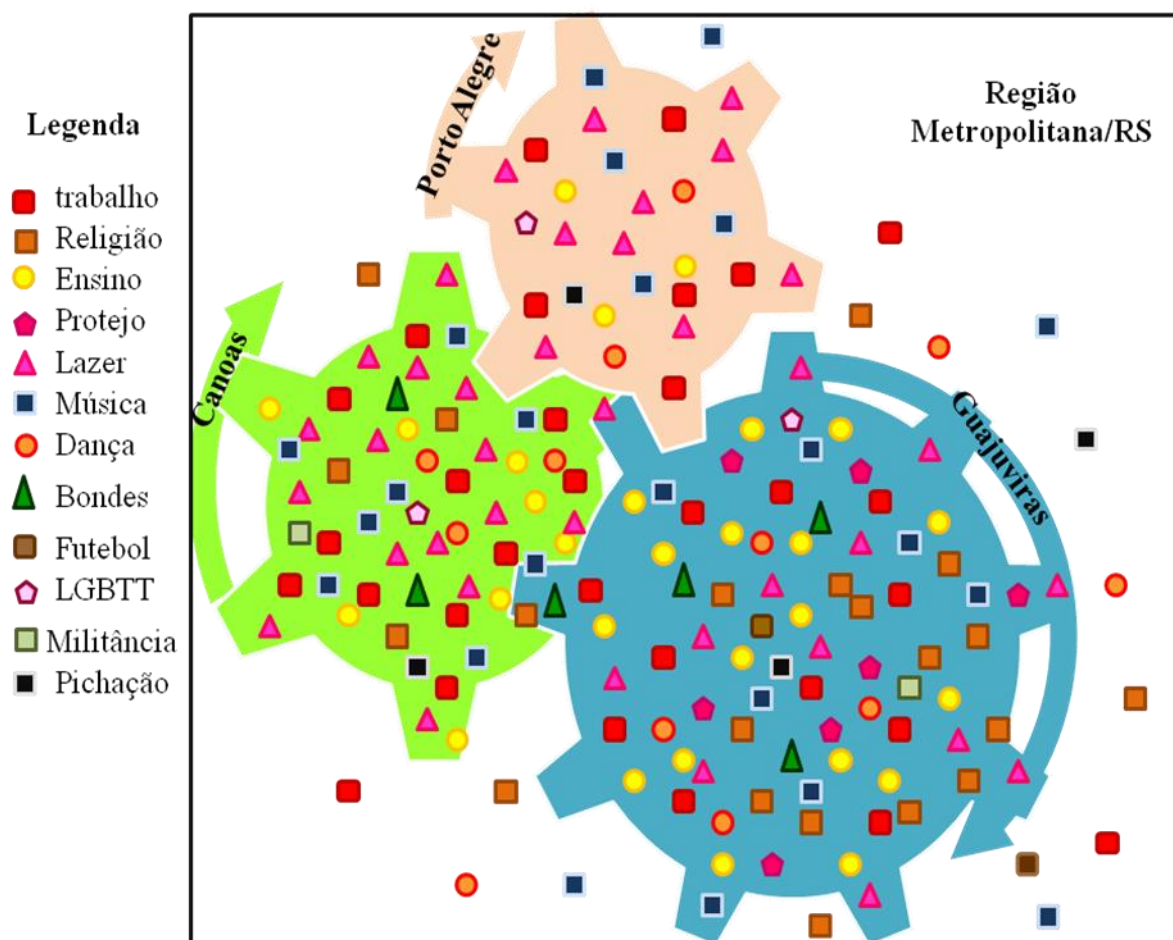
As comunidades de sentido desenvolvem-se como diversidade de filiações culturais, políticas e religiosas através das quais os/as jovens constituem-se na relação, também complexa e diversa entre o bairro e o contexto metropolitano. Múltiplas articulações interescares tornam-se evidentes nessas relações, partindo do local ao contexto mais amplo e vice-versa. Com isso fica evidente que a produção do espaço a partir das práticas, que embora não constitua materialidades permanentes no espaço, é fundamental na sua constituição e na coprodução com os atores e agentes, em particular os jovens.

Os/as jovens do Guajuviras, através de suas práticas, reelaboram seus saberes sobre o lugar e a metrópole, ancorando suas representações nas próprias experiências e nas referências de outras escalas. O Quadro 3, no Apêndice B, elabora uma síntese das práticas espaciais narradas pelos/as jovens, desde as vinculadas à escola e ao trabalho, até as comunidades de sentido, indicando as espacialidades onde as práticas são realizadas: no bairro; em outros locais de Canoas; em Porto Alegre; na Região Metropolitana; em locais do estado e país. A partir do quadro foi elaborada a Figura 13, que representa essas práticas nas espacialidades³¹² nas quais se desenvolvem. Cada jovem constrói, no seu cotidiano, ações associadas à formação, ao trabalho, ao lazer e às comunidades de sentido. Algumas práticas são prioritariamente do bairro; outras, da relação entre bairro e espaço metropolitano. Por exemplo, as manifestações do Hip-hop ocorrem tanto no Guajuviras, como em outros locais; já as práticas vinculadas à formação são desenvolvidas principalmente no bairro. As diferentes espacialidades estão contidas umas nas outras. Essa relação está representada nas engrenagens que conectam o local com as demais localidades.

³¹² A representação apresenta Guajuviras, Canoas, Porto Alegre e Região Metropolitana. As práticas assinaladas em Canoas, Porto Alegre e RMPA são externas ao bairro.

A coexistência de práticas aparentemente contraditórias demonstra o caráter poliédrico desses/as jovens, cuja formação ocorre no imbricamento de ações locais e metropolitanas. Demonstram também as relações entre condicionamentos e transgressões em interseções, nunca em posições estanques: jovens transgressores têm internalizada sua condição de infrator, e jovens com fortes condicionamentos encontram brechas de rompimento ou de inserir suas lógicas nas estruturas. E essas relações não são descoladas da produção espacial. Toda prática é produtora de espaço, ainda que não tenha manifestação material ou permanente nas paisagens.

Figura 13 – Síntese demonstrativa das práticas e suas espacialidades



Fonte: Levantamento de campo.

Nota: Elaboração da autora.

O espaço do bairro, como demonstra a Figura 13, é denso de práticas, sejam relativas à formação, ao trabalho, ao lazer e às comunidades de sentido, seguido pelos outros lugares de

Canoas e, em menor proporção, Porto Alegre. A figura demonstra as práticas concretas, pois as escalas de referências são bem mais plurais e diversificadas que as experiências.

É possível identificar que as práticas são articuladoras entre a escala local e a metropolitana, sendo que as atividades impulsionam essa relação para além do local. Esses múltiplos percursos fazem parte das trajetividades dos/as jovens através das quais se misturam as referências espaciais e nas quais os/as jovens são confrontados com as perspectivas de desconstrução ou coerção das formas de ser jovem de espaços populares. Primeiro, no espaço do bairro e suas práticas, com coerções no plano das representações e, depois, no cotidiano vivido, nos trajetos entre cidade e metrópole, em que as diferenças são negligenciadas e preponderam as distâncias. Algumas práticas desenvolvem-se dentro do compartilhamento de interesses, conformando as comunidades de sentido. Algumas também são atravessadas por estigmas, como a cultura do funk, do Hip-hop, os Bondes, as práticas das ruas e praças e até mesmo as práticas religiosas. Entre teimosias e coerções, os/as jovens têm a constituição de si, atravessada pelo espaço enquanto materialidade e sentidos, constituindo-se atores/agentes da produção do espaço.

7 CONCLUSÕES



O ato de pesquisar pressupõe o interesse em transformar e aprender. É recorrente em pesquisas e no meio acadêmico a intenção de transformar o mundo, em contribuir para a construção de espaços mais igualitários e justos. No entanto, a transformação deve, obrigatoriamente, estar acompanhada da predisposição e do comprometimento com a aprendizagem. Aprender é anterior a transformar e, em sentido amplo, na academia, no processo de pesquisa, nas relações com os espaços e sujeitos dos estudos. É importante não apenas conhecer, mas reconhecer os espaços e sujeitos estudados como acervos de múltiplos saberes, com conteúdos e valores próprios. É sintomático dessa relação o fato de a pesquisa

ter iniciado pela periferia e terminar pelo bairro popular. E por quê? Porque a postura, ao longo do estudo, foi pautada na disponibilidade de rever os próprios pressupostos da pesquisa e a intuição de que o saber está em diversos locais, sendo que o ato de pesquisar envolve uma reciprocidade em que se aprende ao produzir conhecimento. Dessa forma, os resultados do estudo aproximam-se de um entre lugar da pesquisa, entre o concebido e o vivido, uma vez que operamos através do concebido, mas em um exercício de aproximação com o vivido, as intersubjetividades, os desejos.

Operamos com espaços e sujeitos que sofrem múltiplos processos de violência social e simbólica que os localizam à margem do legal, da ordem, do reconhecimento. É, portanto, imprescindível ter atenção às desconstruções que o estudo pode promover para a compreensão justa e plural desses espaços e sujeitos. As vilas e as juventudes de bairros pobres aparecem como problemas de um urbano contemporâneo; no entanto, as definições e representações estão em disputa, emergindo das teimosias e astúcias, as formas de enunciação de espaços e juventudes nas tramas de espacialidades metropolitanas. Os espaços de representação do Guajuviras elaborados por suas juventudes estão distantes das representações que os localizam nas diversas margens. As práticas espaciais, desde aquelas do bairro até as metropolitanas, revelam traços de apropriação mediada pelo uso, pela festa, apresentam-se, ora, em conflito explícito com as normas e valores de ordenamento urbano, ora, de maneira latente, constituem resistências que se reinventam discursivamente através das ressignificações delas, como práticas culturais e pelas formas de constituição das juventudes em relação aos usos das ruas.

A coprodução entre juventudes e espaço articula a experiência a múltiplas escalas de referências e sentidos. Portanto, o argumento acerca do local como uma esfera constituidora das juventudes não as descola das demais espacialidades referenciais. Ao contrário, como pontuado na exposição desta tese, são campos inter-relacionados, como as implicações entre as ordens próxima e distante. As relações de coprodução entre jovens e o Guajuviras têm como substrato as heranças de sentidos, que ficam evidentes nas referências às vilas e invasões, que, além de significantes do processo de distinção de moradores na cidade, incorrem nas próprias distâncias sociais entre setores do CHIM e ocupações de áreas verdes. Os sentidos de vilas no Guajuviras são ancorados nas vilas originadas ao longo das décadas de 1930-50 no município, das vilas irregulares das décadas de 1970-80, mas também dos espaços hiper-reais, das referências de favelas e periferias. Os conteúdos e sentidos dos processos de ocupação somam-se a outras influências multiescalares, constituindo o conjunto de referências em que os/as jovens do bairro constroem suas formas de ser jovem.

Os discursos ambiental, industrial e de ordenamento da cidade convergiram na construção do processo urbano de ocupações como um grande entrave social e ambiental. Ora, a construção do imaginário social é uma violência que perpetua no tempo. O espaço concebido é atravessado por violências, implicando espaços vividos como opressão e conflito. Os/As jovens do Guajuviras vivenciam os signos e imaginários de vilas e violências. Não de forma linear e determinista, mas como perspectivas que corroboram as feições poliédricas de jovens do bairro. Por um lado, as desigualdades incorrem nas violências presentes nos homicídios de jovens e o ingresso deles em atividades ilícitas; por outro, as desigualdades são reelaboradas como trunfos e saberes através dos quais se constitui o conflito da emergência das diferenças no urbano. A violência, como conteúdo associado a jovens e ao Guajuviras, está presente nas práticas e representações relativas às ocupações, nas interdições das práticas de jovens, na construção de imaginários que incriminam as práticas de lazer no bairro e na metrópole.

A disputa no campo representacional corresponde a um importante aspecto do processo urbano, embora em determinadas situações apareça naturalizado, como conteúdos e sentidos intrínsecos ao fenômeno representado. Sua naturalização oculta as representações como saberes construídos, confundindo-os com o fato, que, por sua vez, somente é percebido através da mediação das representações. Portanto, são construções, campos em constante disputa e capazes de revelar intencionalidades e lógicas dissimuladas nas próprias representações. O que aparenta ser homogêneo contém a pluralidade de formas de fazer e elaborar as relações com o espaço e sua influência na constituição de sujeitos. A perspectiva tomada a partir do espaço vivido de jovens de um bairro popular, o olhar sobre as relações cotidianas orienta para o reconhecimento das diversas, sutis e dissonantes formas em que o urbano se realiza, contrariando as noções hegemônicas e homogêneas. Emergem dessa realidade as práticas de apropriação do espaço enquanto permanências fomentadas pela ordem próxima e que estão em conflito com os espaços de dominação que visam controlar e submeter as demais lógicas e formas de uso da cidade.

Esse espaço vivido é acúmulo do processo histórico de produção material e suas representações, é metropolitano, uma vez que argumentar sobre os espaços vividos não corresponde à cisão que remete a algo homogêneo em contraposição à diversidade e ao tempo acelerado associados ao contexto metropolitano. O argumento sobre a vida de bairro está inserido nas interfaces e não na separação entre espaços concebidos e vividos, entre as estratégias tecnocráticas e as astúcias, entre o global e o local. Dessa forma, as possibilidades de apropriação desenvolvem-se em confronto com os espaços de dominação, tanto no bairro,

quanto no espaço metropolitano. Os arranjos entre esses campos é que conformam espacialidades diferenciais, formas de ação próprias do bairro e formas de inserção no espaço metropolitano. As formas de apropriação são indissociáveis dos mecanismos e conflitos que visam à predominância dos espaços de dominação, sendo que a experiência de jovens do Guajuviras é marcada por esses confrontos, o que não raro corresponde a formas de violências ocultas nos processos de ordenamento urbano e sua correspondente ideologia, os quais constroem conjuntos de interdições às práticas de jovens pobres na cidade.

As distâncias sociais como marcadores de espacialidades repercutem nas formas de identificação de jovens do Guajuviras. As definições de si são elaboradas nas desigualdades da cidade, na origem do bairro que remete aos aspectos da ilegalidade e do conjunto de ausências e desvios contidos nas representações de periferias. No entanto, são transpostas como diferenças, repercutindo no reconhecimento de um capital que os/as reinsere nos conflitos representacionais. O processo de desconstrução dos conteúdos tidos essencialmente como espaciais não é linear, nem hegemônico, o que incorre na assimilação de significantes que destituem reciprocamente espaço e jovem, como as referências a maloqueiros, periguetes, bandidos. As narrativas de jovens evidenciaram que coexistem os processos de condicionamento e desconstruções de representações que os associam a problemas sociais. Esses campos oposicionais coexistem nas formas como os/as jovens do Guajuviras identificam-se, seja através do combate, da internalização e até mesmo de ambos, sendo remetidos às distâncias internas do Guajuviras, mas desconstruídos como referência a jovens do bairro e sobre o próprio espaço.

A partir da perspectiva dos/as jovens, o Guajuviras emergiu como centralidade. Primeiro porque as transformações do espaço urbano atuam na formação de bairros com uma densidade de serviços que reduz a necessidade de deslocamentos. Segundo, há uma diversidade de segmentos sociais e culturais que reproduzem uma diversidade de manifestações locais. É o espaço do bairro foco inicial da formação artística de jovens, como assinalado nas narrativas vinculadas às práticas de dança e à produção musical. E, nesse aspecto, é preciso destacar a importância de reconhecer essa diversidade e não incorrer no recorrente reducionismo de destituir esses espaços de seus conteúdos e valores sociais, através da negação ou da discriminação, o que aparece claramente no combate e desconstrução social do funk como uma manifestação cultural e forma de expressão com potencialidades e valores em si. As práticas e expressões culturais de jovens de bairros populares são remetidas à condição de inferioridade ou promiscuidade, quando, na realidade, inserem formas de enunciação que devem ser reconhecidas de forma equitativa. A discriminação das expressões

culturais são instrumentos de determinar os lugares do saber e da cultura, que, frequentemente, reatualizam as distinções centro-periferia.

Dessa forma, outro aspecto que emergiu da análise foi a implosão da relação centro-periferia, em seus conteúdos de desigualdade, ausências ou de discriminação. Emerge o bairro em sua característica como espaço compartilhado através do qual permanecem modos de vida de bairro atravessados pelas artes da convivência em que as relações sociais são mediadas pelo espaço. Dessa forma, o uso do termo bairro popular corresponde a estratégias de qualificar esses espaços a partir das diferenças, sem, contudo, negligenciar as desigualdades. A pesquisa é uma face do espaço concebido, mas deve agir na aproximação com os espaços vividos e, dessa forma, produzir conhecimentos que contribuam na reelaboração de imaginários urbanos cujos conteúdos não sejam restritos ou reforcem as hierarquias sociais e espaciais.

Essa reflexão resulta da crítica da ideologia urbana que produz o esvaziamento dos espaços de uso e apropriação na cidade e a observação de sua permanência no cotidiano do Guajuviras, de um espaço que configura um bairro popular no contexto metropolitano. A característica de bairro enquanto espaço de permanência e convivência é residual nas grandes cidades em que a ideologia do medo, relações mais individualistas e a predominância do automóvel nos deslocamentos inibem relações de vizinhança mediadas pelo espaço. Dessa forma, é possível rever as referências e os discursos sobre a cidade, em especial sobre o medo urbano, os quais são os principais promotores da configuração de cidades onde as relações de sociabilidade desenvolvem-se nos espaços destinados, vigiados e ordenados para o encontro. No Guajuviras o intenso uso das ruas como sociabilidade e o local como fomentador da convergência em comunidades de sentido fazem das ruas locais de uso, permanência e reconhecimento. As ruas configuram-se como importantes espacialidades de um urbano que resiste, sendo palco e arena das relações de sociabilidade e visibilidade dos/as jovens do Guajuviras, sendo um dos conteúdos dos modos de vida de bairro.

A importância das ruas como espaços de apropriação corresponde à sua capacidade de criação e não apenas à reprodução em circunstâncias controladas. Nesse sentido, embora sejam importantes os equipamentos públicos destinados ao lazer nesses espaços, é imprescindível salientar a relevância de espaços de sociabilidade e formação que escapam às situações modelo de liberdades monitoradas. Nesse sentido, é salutar reconhecer essas espacialidades no contexto de sociabilidade e formação. É através desse rompimento que o urbano pode ser reescrito a partir das múltiplas vozes e lógicas, ensaiando espaços de liberdade e expressão. Dessa forma, as ruas toram-se espaços da festa, do gozo. No entanto, as

ações impulsionadas pelo padrão de ordenamento urbano tendem a pressionar essas espacialidades através de coerções e na elaboração de imaginários sociais que condenam as práticas das ruas. Ora, a desconstrução das práticas da rua é também uma desconstrução das juventudes em suas relações de sociabilidade, lazer e reconhecimento.

É possível identificar no Guajuviras a permanência de modos de vida mediados pelo compartilhamento do espaço. O uso das ruas, as artes da conveniência e convivência correspondem a formas residuais de relação com a cidade no contexto atual. Esses modos de vida são característicos de bairros populares em que o conhecer e reconhecer favorecem as práticas de apropriação do espaço. Os movimentos das ruas, as redes de sociabilidade transformam o bairro em local de estar, de permanecer, de encontros e aventuras. Esse aspecto presente nas relações de jovens com o espaço do bairro contribui para a perspectiva de que o Guajuviras não é um espaço sombreado em relação à cidade. Ou seja, são locais vivos, dinâmicos, em que as espacialidades do local são convertidas em lazer e sociabilidade. O antagonismo bairro-centro constitui uma relação que reforça as distâncias sociais a partir das questões estruturais e socioeconômicas. Essas espacialidades com conteúdos distintos, mas articulados, não devem ser postas em oposição, uma vez que ambas correspondem a práticas e relações específicas, complementares e não hierarquizadas.

A violência simbólica presente na destituição dos valores e diversidades do bairro popular, presente na noção de periferia, que o coloca à margem, repercute, é internalizado e combatido por seus moradores e torna-se conteúdo em conflito nas formas de reconhecimento dos/as jovens. É salutar frisar que o Guajuviras enquanto bairro popular não é espaço de ausências, e sim espaço dinâmico e plural cujos conteúdos e dinâmicas colaboram para pensar os espaços urbanos na lógica de direito à cidade, de encontro, de trocas e disputas. Nesse sentido, o conceito de apropriação, além da importância teórica de compreensão e problematização das relações espaciais, revela que, embora os processos de dominação e homogeneização sejam fortes e atuantes, há sutis resistências e permanências. Essa relação é evidenciada na articulação entre os conceitos de produção do espaço e as astúcias das práticas microbianas.

Embora a observação das possibilidades de apropriação do espaço que se concretizam no Guajuviras, pautada nessa relação de local como centralidade, seja extremamente relevante nas formas de pensar e promover perspectivas do espaço urbano enquanto cidades mais humanas, é imprescindível a constituição de centralidades que favoreçam o encontro entre as diferenças na cidade e espaço metropolitano. A constituição da cidade perde as relações

propiciadas pelas diferenças ao consolidar espaços de encontro entre iguais, mediados pela mercadoria, com formas de uso prescritas.

O espaço urbano na lógica de direito à cidade pressupõe o encontro, o conflito e a troca, que, no entanto, são inibidos na produção de um imaginário urbano que destitui os espaços de apropriação das ruas através do medo urbano. Dessa forma, têm-se o conflito e a coerção das formas de inserção e experiência de jovens dissonantes com os ordenamentos e as prescrições das formas de ser jovem na cidade. De um lado, as inserções de jovens dissonantes com o ordenamento urbano são objetos de coerção e controle; por outro, os/as jovens são invisíveis quando a inserção dá-se nas relações de trabalho, na praça de alimentação do shopping, no caixa do supermercado, entre tantos outros lugares. Suas formas de inserção decorrem da relação entre espaços de dominação e apropriação: no primeiro caso, como invisíveis; no segundo, como desordeiros/as.

Essas relações de apropriação e dominação são atravessadores comuns das formas de constituição dos/as jovens do Guajuviras nas suas relações entre o bairro e a cidade, o que emerge em dois momentos: na violência simbólica presente nas formas de constituição das juventudes do bairro pautadas nas distâncias sociais, as quais são reelaboradas afirmativamente a partir das experiências; e na violência concreta vivenciada pelos jovens na criminalização prévia do seu modo de ser e de suas práticas, seja nos espaços do bairro, quanto na cidade. Os modos de vida urbanos estão em direção à constituição de espaços de sociabilidade dominados por instituições e pela mercadoria. É evidente que a abordagem a partir das práticas microbianas possibilita a identificação das astúcias e teimosias em situações de intenso condicionamento; entretanto, a permanência de espaços característicos de densas práticas de apropriação, como os bairros populares, o caso do Guajuviras, representa um urbano como uma utopia possível.

A apropriação é a teimosia de fazer do espaço do outro o palco da ação e transgressão, sejam os conflitos marcados pela violência institucional ou as formas de uso das espacialidades metropolitanas. E, na medida em que o Guajuviras adquire centralidade, as juventudes exercem o confronto no plano das representações, na reelaboração dos sentidos e significantes das formas de ser jovem desse bairro popular qualificado como periferia. É latente e ostensiva a violência contida nas representações do espaço e suas juventudes, através das quais as diferentes formas de coerção são impostas, seja através da criminalização das ruas ou de determinadas práticas de jovens. Dessa forma, os espaços representados como periferias são atualmente remetidos às juventudes, que se tornam um símbolo dos desajustes do local, que, somados aos sentidos de ausências, precariedades e pobreza, decorrentes das

representações do período das ocupações, compõem esse imaginário sobre o Guajuviras. Como resultado, os/as jovens produzem seus espaços de representação como reação e/ou negação às representações do espaço. Portanto, o que as representações de jovens do Guajuviras, a partir do capital desenvolvido na relação com as dificuldades locais, está comunicando? Ora, é o reconhecimento das desigualdades inseridas em um sistema de valores que os reposicionam nas distâncias sociais vivenciadas. Essa desconstrução não é restrita ao plano discursivo, porque os estigmas e estereótipos estão presentes no cotidiano de jovens que se percebem subsumidos nas representações de marginalidade em decorrência de sua localização na cidade.

Os espaços de representações elaborados nas ressignificações de ser jovem e suas práticas em contextos de bairros pobres é um exercício a partir do qual os/as jovens constroem um substrato em que podem falar e posicionar-se, avançando sobre o espaço do outro também no plano das definições. Ou seja, é um tensionamento do espaço vivido sobre o concebido. Essa relação é essencial para as juventudes desses espaços na desconstrução dos estereótipos e, para a cidade, na “invasão” das diferenças no contexto urbano. A invasão como signo e metáfora das juventudes do Guajuviras, que, ao “invadir” a cidade, contribuem para a retomada das centralidades como espaço de confronto e criação. Esse conflito é permanente e necessário, pois é rompendo com as diferenças enclausuradas em suas espacialidades que a cidade das diversidades pode emergir.

As formas de coprodução entre espaços e juventudes são objeto de desconstrução cultural e ideológica. Nas experiências dos/as jovens, as ruas são transformadas de potenciais espacialidades promotoras de desvio de jovens a espaços de sociabilidade. A cultura do funk e do rap, cujos valores e conteúdos são remetidos a uma determinada estética e desvio, tornam-se instrumentos de enunciação das formas de ser jovem do bairro popular, comunicando, através de suas práticas, formas de resistência aos instrumentos de coerção e marginalização simbólica. O disciplinamento e a produção de formas-modelo de juventudes são adultocêntricas e dificilmente aproveitam as emergências juvenis nos espaços urbanos para repensar a cidade sob um viés que privilegie as diferenças e que favoreça a plena inclusão desses sujeitos. Os Bondes foram um exemplo dessa situação, tendo sido combatidos e criminalizados e suas diversidades e potencialidades foram subsumidas nas características violência e conflito. Ora, o conflito explícito proporcionado pelos Bondes poderia ser um instrumento para repensar as práticas e as questões urbanas, fazendo centrais os/as jovens nessas discussões e, com isso, ensaiando um percurso para cidades mais humanas e diversas e até mesmo reduzindo as manifestações violentas.

As comunidades de sentido, como uma feição de articulação do bairro aos espaços metropolitanos, têm origem nas práticas do bairro e refletem a diversidade cultural e de táticas dos/as jovens do Guajuviras. Embora contribuam para a interpretação do espaço do bairro como elemento de formação e lazer, evidenciam que as inserções no espaço metropolitano desenvolvem-se na proximidade do contexto social, como as práticas associadas aos tamboreiros das religiões afrobrasileiras, da cultura do funk, das igrejas neopentecostais que com frequência se desenvolvem em outros bairros populares da região metropolitana. Ao estarem restritas entre iguais, essas práticas limitam as possibilidades de apropriação e o confronto/diálogo das diferenças.

Em determinadas situações as práticas metropolitanas das comunidades de sentido são um pulular em fragmentos metropolitanos. No entanto, são formas de enunciar, através das práticas e presença, as juventudes do bairro popular, tanto em situações de conflito, quando de reprodução das relações sociais. Algumas dessas comunidades seguem as prescrições, pois têm suas origens fortemente institucionalizadas, como as práticas religiosas e, em outros momentos, invadem os espaços com suas lógicas, gostos e estilos. As comunidades de sentido, ao inserirem lógicas, estéticas e valores de jovens do bairro em outras espacialidades, reafirmam seus vínculos espaciais pelo processo de enunciação que comunica também a identidade espacial vinculada ao bairro.

As práticas espaciais, embora nem sempre constituam materialidades na cidade, correspondem a importantes relações constituidoras do espaço urbano. As reflexões sobre espaços de apropriação e dominação, sobre táticas e espertezas, tornam-se instrumentos para revelar as opressões e insurgências, o que fica explícito nas reflexões da relação juventudes-espaço. A forma como a sociedade reproduz as representações do bairro popular e suas juventudes reafirmam as cisões e os processos de dominação. O que não é resultado apenas do desconhecimento, mas uma estratégia de controle geracional e social. Portanto, é essencial romper com as diversas formas de discriminação: a criminalização das ruas, das práticas de jovens nos espaços do bairro e metrópole, das manifestações culturais. É preciso inserir e fomentar práticas de apropriação nos espaços metropolitanos, multiplicando os encontros marcados por diferenças.

REFERÊNCIAS

- ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-32.
- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scrita, 1994.
- _____. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 25-36, 1997. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/edicoes/numeros-antiores>>. Acesso em: 20 ago. 2012.
- ALPÍZAR, Lydia; BERNAL, Marina. La construccion social de las juventudes. **Última Década**, Valparaíso, n. 19, p. 105-123, nov. 2003.
- AMENDOLA, Giandomenico. **La ciudad postmoderna: magia y miedo de la metrópolis contemporânea**. Madrid: Celeste Ediciones, 2000.
- ARIÈS, Philippe. **História da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC. 1981.
- ARRUDA, Angela et al. De pivete a funqueiro: genealogia de uma alteridade. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 407-425, maio 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/download/169/182>>. Acesso em: 8 nov. 2014.
- AZEVEDO, Paulo Roberto. **Passageiros da ilegalidade: a história de uma luta pela moradia**. Cascavel: Edunioeste. 2002. Disponível em: <http://www.unioeste.br/editora/pdf/paulo_azevedo_passageiros_thesis_protegido.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2014.
- BAILLY, Antoine S. Lo imaginario espacial y la geografía: en defensa de la geografía de las representaciones. **Anales de Geografía de la Universidad Complutense**, Madrid, n. 9, p. 11-19, 1989. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/AGUC/article/view/AGUC8989110011A>>. Acesso em: 10 abr. 2013.
- BENEDICT, Ruth. Continuidades y discontinuidades en el condicionamiento cultural. In: PÉREZ ISLAS, José Antonio; GONZÁLEZ, Mónica Valdez; ZOZAYA, María Herlinda Suárez (Coord.). **Teorías sobre la juventud: las miradas de los clásicos**. Cidade do México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, 2008. p. 35-45.
- BERDOULAY, Vicent. Sujeto y acción en la geografía cultural: el cambio sin concluir. **Boletín de la A. G. E.**, Madrid, n. 34, p. 51-61, 2002. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/660032.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2014.
- BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93-118.

BERDOULAY, Vicent; TREYTURE, Danièle Laplace; SARTRE, Xavier Arnauld de. La question du sujet e la Géographie. **Cahiers de Géographie du Québec**, Quebec, v. 54, n. 153, p. 397-418, dez. 2010a. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/cgq/2010/v54/n153/1005593ar.pdf>> Acesso em: 11 maio 2014.

_____. Les figures géographiques du sujet. **Cahiers de Géographie du Québec**, Quebec, v. 54, n. 153, p. 389-394, dez. 2010b. Disponível em: <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/65/34/24/PDF/FGS-CGQ_intro.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERQUE, Augustin. Sujet, fûdo, mésologie. **Cahiers de Géographie du Québec**, Quebec, v. 54, n. 153, p. 459-470, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/cgq/2010/v54/n153/1005605ar.pdf>> Acesso em: 15 maio 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

_____. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 21 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural. Pontos de cultura. **Ministério da Cultura**, 27 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura1>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 94, p. 31-67, nov. 2012. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/content_1479/file_1479.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2012.

_____. Qual a novidade dos Rolezinhos? espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 98, p. 13-30, mar. 2014. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/content_1553/file_1553.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: USP, 2003.

CANOAS Guajuviras. **O Timoneiro**, Canoas, 29 out. a 5 nov. 1982.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade.** 1999. 460 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

CARRION, Otilia Beatriz K. Mercado imobiliário e padrão periférico de moradia: Porto Alegre e sua Região Metropolitana. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 225-250, 1989.

CASSAB, Clarice. **(Re)construir utopias: jovem, cidade e política.** 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

COIMBRA, Cecília M. B.; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, Paulo Cesar Pontes; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Org.). **Jovens em tempo real.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COLLOVINI, Tiago Luís Gilli. **Pichação: autoafirmação juvenil e territórios de promoção da periferia de Porto Alegre.** 2010. 73 f. Monografia (Graduação) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/28454>>. Acesso em: 22 set. 2013.

CONFLITOS avançam pela periferia de Londres: Scotland Yard prende 160 no final de semana. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 ago. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/conflitos-avancam-pela-periferia-de-londres-scotland-yard-prende-160-no-final-de-semana-2705026>>. Disponível em: 21 dez. 2014.

DAMICO, José Geraldo Soares. **Juventudes governadas: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França).** 2011. 289 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29317>>. Acesso: 18 mar. 2012.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Jovenes: Revista de Estudios sobre Juventud**, Cidade do México, DF, v. 9, n. 22, p. 314-332, jan. 2005.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/edicoes/numeros-antiores>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

DI MÉO, Guy. Géographies tranquilles du quotidien: une analyse de la contribution des sciences sociales et de la géographie à l'étude des pratiques. **Cahiers de Géographie du Québec**, Quebec, v. 43, n. 118, p. 75-93, abr. 1999. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/cgq/1999/v43/n118/022788ar.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

_____. Que voulons-nous dire quand nous parlons d'espace? In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). **Logiques de l'espace, esprit des lieux: géographies à cerisy.** Paris: Belin, 2000. p. 37-48.

DI MÉO, Guy; BULÉON, Pascal. **L'espace social: lecture géographique des sociétés.** Paris: Armand Colin, 2007.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. Enigmas do medo: juventude, afetos e violência. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Org.). **Juventudes contemporâneas**. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2011.

DUARTE, Klaudio. ¿Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. **Ultima Década**, Valparaíso, n. 13, p. 59-77, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0718-22362000000200004&lng=es&nrm=iso&tlng=es>. Acesso em: 7 jul. 2014.

_____. Sobre los que no son, aunque sena: éxito como exclusión de jóvenes empobrecidos en contextos capitalistas. **Ultima Década**, Valparaíso, n. 30, p. 11-39, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.cidpa.cl/wp-content/uploads/2013/05/30.1-claudio-duarte.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Sociedades adultocéntricas: sobre sus orígenes y reproducción. **Ultima Década**, Valparaíso, n. 36, p. 99-125, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.cidpa.cl/wp-content/uploads/2013/05/36.4-claudio-duarte.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EMICIDA; VASSÃO, Felipe. Nóiz. Intérprete: Emicida. In: EMICIDA. **O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui**. São Paulo: Laboratório Fantasma, p2013. 1 CD. Faixa 3.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Réintroduire le soi dans la subjectivité. **Cahiers de Géographie du Québec**, Quebec, v. 54, n. 153, p. 419-428, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/cgq/2010/v54/n153/1005598ar.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2014.

FEDOZZI, Luciano; SOARES, Paulo Roberto Rodrigues; MAMMARELLA, Rosetta. Dinâmica da metropolização brasileira: investigação da Região Metropolitana de Porto Alegre no período 1980- 2010. In: FEDOZZI, Luciano Joel; SOARES, Paulo Roberto Rodrigues (Ed.). **Porto Alegre: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital, Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 17-41. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetropoles.net/new/images/abook_file/serie_ordemurbana_porto_alegre.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2015.

FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto; FEIXA, Carles; CANGAS, Yanko Gonzáles. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004. p. 257-327.

_____. **De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud**. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

_____. Generación XX: teorías sobre la juventud en la era contemporânea. **Revista Latinoamericana de Ciencias sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 4, n. 2, p.1-18,

2006. Disponível em: <<http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/394/229>>. Acesso em: 22 ago 2014.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 185-204, maio 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estado/article/view/2710>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

FEIXA, Carles; NILAN, Pam. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. **Política e Trabalho**, João Pessoa, p. 13-28, set. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6818>>. Acesso em: 24 maio 2014.

FIRTH, Raymond. **We: the Tikopia**. Boston: Beacon Press, 1963.

FRANK, Henrique. O choque do distrito Guajuviras. **Folha de Canoas**, Canoas, 4 out. 1988.

FREEMAN, Derek. **Margared Mead and Samoa**. Londres: Penguin Books, 1983.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-241.

GAMALHO, Nola Patrícia Gamalho. **Das representações do espaço ao espaço de representação: a produção da Restinga – Porto Alegre/RS**. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/16658>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1991.

GOMES, Jerusa Viera. Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 53-92, maio 1997. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/edicoes/numeros-antiores>>. Acesso em: 28 maio 2012.

GOULART, Marcos Vinicius da Silva; SANTOS, Nair Iracema Silveira. Protagonismo juvenil e capital humano: uma análise da participação política da juventude no Brasil. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, maio 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2014.50.2.04> Acesso em: 18 dez. 2014.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Canoas: história e ideais**. Porto Alegre: Pallotti, 2010.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2014.

_____. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUAJUVIRAS: primeira reunião define as responsabilidades. **O Timoneiro**, Canoas, 22 maio 1987.

HALL, G. Stanley. **Adolescence**: its psychology and its relations to Psysiology, Sociology, sex, crime, religion and education. Nova Iorque: Appleton Century Crofts, 1904.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território e cultura: argumento para uma produção de sentido. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino. **Maneiras de ler**: geografia e cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre, Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 52-61. Disponível em: <<http://www.compassolugarcultura.com/arquivodoc/FINAL-ManeirasLerGeografiaPDF.pdf>> Acesso em: 23 ago. 2014.

HIERNAUX, Daniel. Henri Lefebvre: del espacio absoluto al espacio diferencial. **Vereadas**, Cidade do México, DF, n. 8, p. 11-25, 2004. Disponível em: <http://148.206.107.15/biblioteca_digital/estadistica.php?id_host=6&tipo=ARTICULO&id=4132&archivo=12-264-4132wvf.pdf&titulo=Henri%20Lefebvre:%20del%20espacio%20absoluto%20al%20espacio%20diferencial.>. Acesso em: 25 mar. 2013.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. Repensar la periferia: de la voz a las visiones exo y egocéntricas. In: AGUILLAR, Adrián Guillermo (Coord.). **Procesos metropolitanos y grandes ciudades**: dinámicas recientes en México y otros países. Cidade do México, DF: Instituto de Geografía/Universidad Nacional Autónoma de México, 2004. p. 445-474. Disponível em: <<http://danielhiernaux.net/publicaciones/archivos/2004-C2.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

HOPENHAYN, Martín (Coord.). **La juventud en Iberoamérica**: tendencias y urgencias. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), Organización Iberoamericana de Juventud, 2004.

IBGE. **Bases e referenciais: bases cartográficas: malhas digitais**, 2010a. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas/malhas-digitais.html>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

_____. **Censo 2010**, 2010b. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

INVASORES passam dificuldades: é grande a tensão. **Folha de Canoas**, Canoas, 28 abr. 1987.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LEDROUT, Raymond. **El espacio social de la ciudad**: problemas de sociología aplicada al ordenamiento urbano. Buenos Aires: Amorrorty, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. Bairro e vida de bairro. In: _____. **De lo Rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1978. p. 195-204.

_____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia (Org). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2005. p. 9-18. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/caderno_juventude_e_adolescencia_no_brasil_0.pdf>. Acesso em: 13 set. 2014.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **A juventude do projeto popular**. Disponível em: <<http://www.levante.org.br/#about>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

LINDÓN, Alícia. La construcción social del territorio y los modos de vida en la periferia metropolitana. **Territórios**, Bogotá, n. 7, p. 27-41, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35700703>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

_____. Narrativas autobiográficas, memória y mitos: una aproximación a la acción social. **Economía, Sociedad y Territorio**, Toluca, v. 2, n. 6, p. 295-310, 1999. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=11100607>>. Acesso em: 29 maio 2012.

LOPES, Nei. Apresentação. In: ROSA, Allan da. **Da Cabula**. São Paulo: Global, 2008. (Literatura Periférica).

LUSSAULT, Michel. Action(s)! In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). **Logiques de l'espace, esprit des lieux: géographies à cerisy**. Paris: Belin, 2000. p. 11-36.

_____. **L'homme spatial: la construction sociale de l'espace humain**. Paris: Éditions de Seuil, 2007.

LUTTE, Gérard. **Liberar la adolescencia: la psicología de los jóvenes de hoy**. Barcelona: Herder, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução circuito de jovens. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAIS quatro invasões no Guajuviras. **Diário de Canoas**, Canoas, 23 mar. 1999.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madrid, n. 62, p. 193-242, 1993. Disponível em: <<http://www.reis.cis.es/>>

REIS/PDF/REIS_062_12.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2012.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de juventud. In: MARGULIS Mario et al. **Vivendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de investigaciones/Universidad Central, 1998. p. 3-21.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATTOS, Carla dos Santos. 'Parado na esquina': performances masculinas e identificações entre 'bondes' juvenis na Nova Holanda, Maré, RJ. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 7, n. 4, p. 643-663, out. 2014. Disponível em: <http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-7-4_Art3.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2015.

MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 37-45.

MEAD, Margaret. **Adolescência, sexo y cultura en Samoa**. Barcelona: Planeta, 1928.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 5-14, 1997. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/edicoes/numeros-antiores>>. Acesso em: 27 ago. 2012.

METROPLAN. **Inventário das vilas irregulares na Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre, 1982.

_____. **II Inventário das vilas irregulares na Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre, 1992.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização de entrevista não-diretiva em Sociologia. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980. p. 191-212.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUITAS casas condenadas pela fiscalização da prefeitura. **Radar**, Canoas, 15 dez. 1983.

MUNICÍPIO vai retomar áreas verdes invadidas. **Diário de Canoas**, Canoas, 18 maio 1999.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: MENDES, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 105-120.

NOVAES, Regina Célia Reyes et al. (Org.). **Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude, Fundação Friedrich Ebert, 2006.

ORTIZ, Renato. **Um outro território: ensaios sobre a mundialização**. 3. ed. São Paulo: Olho d'água, 2005.

PAHL, R. E. **Divisiones del trabajo**. Madrid: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1991.

PALOMBINI, Carlos. Funk Proibido. In: AVRITZER, Newton Bignotto et al. **Dimensões políticas da justiça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 647-657. Disponível em: <http://www.academia.edu/5268654/_Funk_proibido_>. Acesso em: 24 fev. 2015.

_____. Música dançante africana norte-americana, sou brasileiro e funk carioca: uma bibliografia. In: SEMINÁRIO MÚSICA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 3., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008. p. 59-68. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/mobile/smct2012/f/SMCT-2008.pdf>> . Acesso em: 25 jan. 2015.

PANIZZI, Wrana Maria. Da legalidade para a ilegalidade: a formação de microterritórios urbanos. In: OLIVEIRA, Naia; BARCELLOS, Tanya (Org.). **O Rio Grande do Sul urbano**. Porto Alegre: FEE, 1990. p. 190-213. Disponível em: <<http://cdn.fee.tche.br/digitalizacao/rio-grande-do-sul-urbano/rio-grande-do-sul-urbano-texto.pdf>>. Acesso em 25 ago. 2012.

PASINI, Elisiane; PONTES, João Paulo. **Jovens multiplicadoras de cidadania construindo outra história**. Porto Alegre: THEMIS, 2007.

PENNA, Rejane (Coord.). **Canoas: para lembrar quem somos**: Centro. Canoas: La Salle, 1996.

PENNA, Rejane; CORBELLINI, Dárnis; GAYESKI, Miguel. **Canoas: para lembrar quem somos**: Guajuviras: história de uma luta. Canoas: La Salle, 1998.

_____. **Canoas: para lembrar quem somos**: Rio Branco. 2. ed. Canoas: La Salle, 2004.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 15-24, 1997. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/edicoes/numeros-anteriores>>. Acesso em: 27 ago. 2012.

PÉREZ ISLAS, José Antonio. Las cuatro grandes transformaciones históricas de la condición juvenil. **Diario de Campo**, Cidade do México, DF, n. 56, p. 29-36, out. 2009. (Suplemento). Disponível em: <https://www.academia.edu/1004806/INVITED_PAPER_Juventudes_culturas_identicidades_y_tribus_juveniles_en_el_M%C3%A9xico_contempor%C3%A1neo>. Acesso em: 29 maio 2014.

_____. Memórias y olvidos: una revisión sobre el vínculo de lo cultural y lo juvenil. In: MARGULIS, Mario et. al. **Vivendo a toda:** jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de Investigaciones/Universidad Central, 1998, p. 46-56.

PFEIL, Antonio Jesus. **Canoas:** anatomia de uma cidade. Canoas: Ponto e Vírgula, 1992. v. 1.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no Brasil. **Revista de Estudos Culturais**, São Paulo, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/rolezinhos-marcas-consumo-e-segrega%C3%A7%C3%A3o-no-brasil>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

POZO, Maritza Urtega Castro. Juventud y antropología: una exploración de los clásicos. **Diario de Campo**, Cidade do México, DF, n. 56, p. 13-28, out. 2009. (Suplemento). Disponível em: <https://www.academia.edu/1004806/INVITED_PAPER_Juventudes_culturas_idtidades_y_tribus_juveniles_en_el_M%C3%A9xico_contempor%C3%A1neo>. Acesso em: 29 maio 2014.

PREFEITURA veta instalação de água e luz nas invasões. **O Timoneiro**, Canoas, 28 maio a 3 jun. 1993.

RAIBAUD, Yves. **Géographie socioculturel**. Paris: L'Harmattan, 2011.

REGUILLO, Rossana Cruz. El ano dos mil, ética, política y estéticas: imaginários, adscripciones y prácticas juveniles: caso mexicano. In: MARGULIS, Mario et al. **Vivendo a toda:** jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Siglo del Hombre, Departamento de Investigaciones/Universidad Central, 1998. p. 57-82.

_____. Las culturas juveniles: un campo de estudio, breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 103-118, maio 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27502308>>. Acesso em: 29 maio 2014.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 189-195, maio 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12300>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

SALDANHA, Jesiel B. Acompanhe a transmissão ao vivo do Parque Canoas de Inovação. **Prefeitura de Canoas**, Canoas, 23 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/3794>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

SANTIAGO. Direção e produção: João Moreira Salles. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2007. 1 DVD (107 min).

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno (Coord.). **Quando a rua vira casa:** apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Jânio Laurentino de Jesus; SERPA, Angelo. A produção espacial do comércio e dos serviços nas periferias urbanas: um estudo de caso em Salvador. **Geosp**, São Paulo, v. 8, p. 45-65, 2000. Disponível em: <http://www.esplivre.ufba.br/artigos/Janio_Angelo_Producao_%20Espacial_CS.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANVITTO, Maria Luiza Adams. **Habitação coletiva econômica na arquitetura moderna brasileira entre 1964 e 1986**. 2010. 548 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27847>> Acesso em: 27 mar. 2014.

SCHMIDT, Benício Viero. **O Estado e a política urbana no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade, L&PM, 1983.

SCHNAPP, Alain. A imagem dos jovens na cidade grega. In: LEVI, Giovanni; SCMITT, Jean Claude. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 19-95.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 97-108.

_____. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Morfologia urbana e apropriação social dos espaços livres de edificação na periferia. In: _____ (Org.). **Fala periferia! uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano**. Salvador: UFBA, 2001. p. 15-29.

_____. O bairro como discurso: limites e possibilidades. In: _____ (Org.). **Cidade popular: trama de relações sócio-espaciais**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 25-42.

SILVA, João Palma da. **As origens de Canoas: conquista, povoamento, evolução**. 2. ed. Canoas: La Salle, 1966.

_____. **Pequena história de Canoas: cronologia**. Canoas: La Salle, 1978.

SIGNIFICADO de MC. **Significados: descubra o que significa, conceitos e definições**. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/mc/>>. Acesso em: 16 maio 2015.

SIMMEL, George. O estrangeiro. In: _____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SINGER, Paul Israel. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Nacional, 1977.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 130-159.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. A Região Metropolitana de Porto Alegre nos (des) caminhos da metropolização brasileira. In: FEDOZZI, Luciano Joel; SOARES, Paulo Roberto Rodrigues (Ed.). **Porto Alegre**: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital, Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 42-72. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetrolopes.net/new/images/abook_file/serie_ordemurbana_porto_alegre.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2015.

SOU feia, mas tô na moda. Direção: Denise Garcia. Produção: Denise Garcia por Toscographics. São Paulo: Imovision, 2005. 1 DVD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7TEGmeETANE>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139-172, abr. 1989. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1989_v51_n2.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2012.

_____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

TENÓRIO, Cibele. Jovem aprendiz e estágio: esclareça as principais dúvidas. **EBC**, Brasília, DF, 10 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2014/01/jovem-aprendiz-e-estagio-esclareca-as-principais-duvidas>>. Acesso em: 14 maio 2014.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TRAFICANTES cobram pedágio na Comtel. **Diário de Canoas**, Canoas, 1 mar. 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUMULTO em invasão. **Diário de Canoas**, Canoas, 17 mar. 1999.

TURCO, Angelo. Le sujet post-identitaire: nouvelles géographies sociales des campagnes ouest-africaines. **Cahiers de Géographie du Québec**, Québec, v. 54, n. 153, p. 429-443, dez.

2010. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/cgq/2010/v54/n153/1005600ar.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2014.

TURNBULL, Colón. **Los pigmeos**: el pueblo de la Selva. Barcelona: Javier Vergara, 1961.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 526 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014**: os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO, 2014. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

WERLEN, Benno. Regionalismo e sociedade política. **GEOgraphia**, Niterói, v. 2, n. 4, p. 7-25, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/39>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VIANNA, Hermano. Contra fatos... **Raiz**, São Paulo, n. 3, 2006. Disponível em: <http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=98&Itemid=112>. Acesso em: 24 jan. 2015.

VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade**: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959). 2011. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/3965>>. Acesso em: 6 set. 2012.

VIOLÊNCIA já dura 12 dias na França e governo luta para ter controle. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 nov. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u89355.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

APÊNDICE A – Breves biografias dos/as jovens do Guajuviras

Quadro 2 – Biografias dos/as jovens do Guajuviras

Nome	Idade	Localidade	Breve Retrato Narrado
Alessandra	17 (2014)	Comtel- limite com Setor 2	Alessandra é natural de Cachoeira do Sul, interior do Estado. Com um ano a família mudou-se para Guaíba e com três anos compraram uma casa na recente ocupação da Comtel, em área limite com o Setor 2. Tem um irmão com 23 anos e uma irmã com 22 anos. Em 2013 completou o ensino básico em uma escola pública do bairro. Desde criança tem interesse em artes, tendo participado do coral no ensino fundamental e protagonizado muitas atividades artísticas no ensino médio e na igreja evangélica Quadrangular da qual participa. Adora teatro, apesar de nunca ter assistido a uma peça. Embora tenha um lado artístico muito forte, é bem decidida e planeja fazer faculdade de medicina com especialização em oncologia. Há um ano trabalha em Porto Alegre como estagiária em recursos humanos pelo menor aprendiz. É bastante caseira, mas adora ir ao Canoas Shopping fazer compras e lanchar na praça de alimentação.
Alice	26 (2014)	Setor 5	Alice mora com a mãe e dois irmãos em um apartamento no Guajuviras desde 1991. O apartamento é alugado. Os irmãos são aproximadamente 10 anos mais velhos e ambos têm famílias no bairro, mas voltam para a casa da mãe quando estão separados das esposas. Assim, às vezes moram duas pessoas, outras três e até mesmo quatro pessoas, conforme o arranjo familiar do momento. Os pais são separados, e ela tem menos contato com o pai, embora demonstre preocupação em saber notícias de sua saúde. Tem dois meios irmãos, filhos do pai, que também moram no Guajuviras. Alice fez todo o ensino básico no bairro e concluiu em 2013 um curso superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo sido uma das primeiras alunas cotistas a se formar na Universidade. Avós e tios moram em Porto Alegre, todos em várias casas no mesmo pátio, o que contribuiu para a mãe buscar um lugar mais calmo e com custo reduzido para morar. Como conta, é “filhinha da mãe”, pois essa controlava bastante sua rotina, limitando a saída e permanência na rua e que começou a ter mais liberdade durante a faculdade.
Amanda	19 (2012)	Parque São José 1	Amanda é natural de Guaíba, depois morou no bairro Mathias Velho e há 4 anos veio para o

			<p>Guajuviras. Completou o ensino básico no ano anterior em uma escola pública do próprio bairro. Mora com a mãe e três irmãs (2, 9 e 17 anos) no Parque São José. O pai deixou a família quando ela tinha três anos e não o viu mais. Participou da política pública associada ao Protejo, onde fez cursos de teatro, música e recursos humanos, entre outros. Estava começando o primeiro trabalho com carteira assinada, como recepcionista. Antes sua renda vinha da venda de cosméticos da Avon. A casa da mãe funciona também como uma creche, o que junto com as vendas do Avon, contribui para a renda familiar. Trabalhou em telemarketing durante um tempo. A casa é de dois pisos, possibilitando uma maior divisão, já que Amanda já foi casada e atualmente a irmã de 17 anos é casada. É frequentadora da igreja Adventista, na qual faz parte do grupo de jovens, localizada na Av. Boqueirão. Planeja sair do Guajuviras, fazer faculdade e adquirir bens. Não gosta do lugar que mora, não estabelece relações com os vizinhos.</p>
Bento	18 (2013)	Setor 1	<p>Bento tem um aspecto de jovem sofrido. Diz que teve várias caminhadas e que cedo deixou a escola, quando estava na 6ª série, porque, além de ser “ruinzinho”, os professores não o entendiam e queriam autoridade, mas ele já havia passado por tanta coisa que não aceitava. Esteve preso por roubo de carros e tem algum tipo de envolvimento com o tráfico, pois durante a entrevista ele fez uma mediação de venda de maconha para um casal que estava na praça. Antes, morava no bairro Rio Branco com a mãe, mas como era difícil de pagar o aluguel, vieram para o Guajuviras. Ele tinha aproximadamente 10 anos. Os avós participaram da ocupação de 1987. Tem 5 irmãos (25, 20, 15, 14 e 12 anos). Trabalha à noite em uma fábrica de adubos. Mostra as mãos que estão calejadas pelo trabalho. Bento vem de uma família pobre e precisa ajudar em casa. Ele mora com a avó e uma irmã. Três anos antes ele participou do Protejo, tendo feito oficinas de dança, música, informática. Foi um período bom. Quando menor, cuidava dos irmãos menores, só passou a ficar mais na rua quando tinha 11 anos.</p>
Bernardo	19 (2013)	Recanto dos Seus	<p>Bernardo mora com os pais e cinco irmãos mais novos. Os pais são presentes e preocupados; o pai é motorista de caminhão e a mãe vigilante. Não sabe precisar quando a família veio para o</p>

			<p>Guajuviras, mas ressalta que faz muito tempo, que foi quando a ocupação estava no início. Antes a família morava no bairro Estância Velha, na casa da avó. Quando era mais novo, participava dos Bondes, e pelos conflitos decorrentes de seu envolvimento, foi alvejado com três tiros em uma praça do Guajuviras. Depois desse episódio deixou de participar dos Bondes, mas continua com as pichações em Porto Alegre, Canoas e Região Metropolitana. Por causa das pichações teve que responder na Justiça. Bernardo conta que a polícia o pegou pichando e disse que ele e os amigos estavam roubando. Foi preso duas vezes e teve que fazer serviço comunitário. Segundo Bernardo, muitos no Guajuviras não gostam dele, porque “Já fiz coisas erradas, não sou santo”. Por isso, estudava em um EJA à noite no bairro Estância Velha, tendo ficado fora da escola por 5 anos. Parou quando estava na 5ª série, na mesma época em que entrou no bonde. Participou também do Protejo. Com o passar do tempo, Bernardo conseguiu um emprego onde o pai trabalha, em Cachoeirinha. Pretende fazer um curso de soldador, pois acredita ter menor concorrência e boa remuneração. Já vinha planejando esse emprego há um bom tempo, queria comprar um grande relógio e uma jaqueta de surfista. Com o trabalho, outra vez abandonou os estudos, pois considera mais importante trabalhar. Sua namorada também é do Guajuviras, Setor 5. Assim como a família, a namorada cuida de Bernardo, para que ele não ande na rua com a “gurizada”.</p>
Caio	18 (2013)	Setor 1	<p>Os pais de Caio fizeram parte do processo de Ocupação da São Miguel, onde ele cresceu. Mora com a mãe e a irmã. O pai faleceu durante um assalto que sofreu, quando Caio tinha 7 anos. A irmã acabou adoecendo, primeiro teve um aneurisma, depois foi diagnosticada com câncer na cabeça, estando atualmente acamada. A renda da família vem da aposentadoria por invalidez da irmã e a pensão da mãe. Quando está trabalhando, também ajuda nos custos. Fez o curso de eletroeletrônica no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Cursa o 3º ano do ensino médio em uma escola pública do bairro. Trabalha desde os 13 anos, quando começou em um Supermercado. Quando a irmã adoeceu, venderam a casa na ocupação para cobrir os tratamentos e foram beneficiados com a política</p>

			de habitação popular com um apartamento no bairro Estância Velha. No entanto, com a piora da irmã, precisaram voltar a morar em uma casa e hoje alugam uma casa no Setor 1 do Guajuviras. Quando era mais novo, participou dos “Bondes”. Como rimava, ganhou o nome de MC e participava de campeonatos de rima na frente do Canoas Shopping. Quando conheceu o grupo de rap Rafuagi (Esteio), através de um educador social da Casa das Juventudes, motivou-se a cantar rap. Caio gravou um cd de Rap com composições próprias e frequentemente é convidado a apresentar-se no bairro, em Canoas e outros lugares. Além do rap, gosta de trabalhar em seu carro e fazer musculação na academia.
Carolina	19 (2012)	Comtel	Carolina viveu até os 6 anos de idade no bairro Mathias Velho, quando em 1999 os pais ocuparam um terreno na Comtel – Guajuviras. É a filha mais velha, com uma irmã com 15 anos e um irmão com 6 anos. Os pais são separados. O pai mora em uma ocupação próximo ao Pantanal, e ela e os irmãos moram com a mãe, que trabalha como cobradora de ônibus intermunicipal. Grande parte da família mora no bairro Mathias Velho e uma avó em Porto Alegre. A família de Carolina construiu uma casa de dois pisos de alvenaria, com reboco e pintura. Ela estudava em uma escola pública no Guajuviras, cursando o Ensino Médio, no entanto nos anos seguintes abandonou o ensino regular e posteriormente retornou para encerrar o ensino básico, contudo abandonou outra vez. Trabalha desde os 14 anos, quando fez os cursos de menor aprendiz e começou a trabalhar em uma rede de Supermercados localizada no município de Cachoeirinha. Posteriormente trabalhou na praça de alimentação do shopping de Canoas e em uma perfumaria no centro de Canoas. Em 2013 saiu de casa, passando a morar no centro de Canoas com amigos. Adora festas e fazer compras no shopping Center.
Clara	20 (2013)	MQ	Clara mora com a mãe, o padrasto, um irmão de 8 anos e uma irmã de um ano. Perdeu um irmão ainda bebê. Parou de estudar quando estava na 8ª série. O sustento da família vem, principalmente, da reciclagem. A casa é pequena e muito simples; o banheiro ainda está em construção. No pátio e interior da casa há diversos materiais da coleta para reciclagem. Clara tem um sério problema de pele, o rosto tem vários machucados, escamações.

			<p>Ela argumenta que é porque é muito nervosa, mas é provável que o material da reciclagem contribuiu no problema de saúde. Antes a família morava no bairro Mathias Velho, depois na Comtel, na casa da avó, com outros familiares. Estão ali há aproximadamente 8 anos. Estudou até a 8ª série em uma escola pública local, mas como não gostava de escrever e sofria <i>bullying</i> dos colegas acabou abandonando a escola. Fez cursos gratuitos de manicure e de empregada doméstica. Também participou do Protejo, em cursos de dança, teatro e informática. Já tentou emprego em vários lugares, mas não tem retorno depois das entrevistas. A reciclagem rende aproximadamente R\$ 130,00 por mês. A mãe recebe bolsa família e Clara ajuda nas despesas vendendo cosméticos da Avon e Natura e com a cesta básica que recebe pelo curso. Pensa em morar com o namorado, um vidraceiro de 61 anos.</p>
Eliana	14 (2013)	MQ	<p>Eliana mora no MQ há aproximadamente 5 anos. Desde nova, pouco ficava no local. Durante o dia permanecia na casa da tia, pois os pais consideravam o lugar muito perigoso. Estuda em uma escola pública no bairro Igara, onde tem a maioria de seus amigos. Em sua casa moram seus pais, Eliana e uma irmã mais nova. A casa é bem estruturada, de madeira. Antes moravam de aluguel no bairro Mathias Velho, mas no Guajuviras as oportunidades de terreno eram mais acessíveis, por isso mudaram de bairro. Gosta de estudar e pretende fazer um curso de informática e faculdade de direito. Como não tem amigos no local, fica bastante tempo em casa, lendo ou na internet.</p>
Everton	15 (2013)	MQ	<p>Everton mora com os pais e dois irmãos (9 e 16 anos). Vieram há aproximadamente 7 anos para o local. Os outros núcleos familiares moram no bairro Niterói e em Sapucaia. O irmão mais velho trabalha em um mercado no bairro. Everton estuda em uma escola pública do bairro, está na 8ª série e planeja fazer o ensino médio em um Instituto Federal localizado em Canoas, quer estudar informática, administração ou eletrônica. Também faz um curso de liderança no centro de Canoas. Como estuda no bairro e gosta de jogar futebol, tem muitos amigos no Guajuviras.</p>
Felipe	19 (2012)	Comtel	<p>Felipe mora na Ocupação da Comtel com os pais e cinco irmãos. É natural de Cachoeirinha do Sul, os irmãos de Canoas. A família sempre teve muitas dificuldades financeiras, o pai dificilmente</p>

			<p>tinha trabalho com carteira assinada; assim, a família sempre viveu em lugares com indicadores de violência elevados, tendo também morado na rua em sua infância. São quatro irmãs (16, 15, 12 e 9 anos) e um irmão (20 anos). Desde criança, Felipe ajudava a, segundo suas palavras: “granjar”, que é buscar auxiliar no sustento da família. A família mudou-se para a Comtel em 2001, quando ele tinha 8 anos de idade. Participou do Protejo, fez oficinas de música, teatro e engrenou pelo rap, atuando com outros amigos em apresentações no bairro e cidade e compondo músicas, muitas com influência religiosa, uma vez que também atuava no grupo de jovens da igreja Universal, o Força Jovem Brasil. A igreja está localizada na Av. Boqueirão. Felipe tem o ensino básico completo e trabalhou em diversas atividades informais. Em 2013 adquiriu um emprego de carteira assinada, em um atacado como empacotador de cestas básicas em Gravataí e continua com as atividades de compor e cantar rap, um de seus sonhos.</p>
Giovana	21 (2013)	Comtel	<p>Desde que se lembra, Giovana é moradora do Guajuviras. Mora com a mãe e cinco irmãos. O pai faleceu. Foi o pai quem veio para fazer a ocupação, depois trouxe a mãe, que na época morava com a avó de Giovana. Quando tinha 14-15 anos, participava do carnaval. Adora o tambor e as roupas, mas quando decidiu tornar-se evangélica, optou por abandonar o carnaval. Na igreja gosta de louvar, de cantar para Deus, assim começou sua caminhada no canto, que hoje conjuga o louvor a Deus com o Rap. Ao participar da Casa das Juventudes, das oficinas de música, teatro, informática, teve acesso à possibilidade de gravar um CD de rap. Encaminhou um projeto e recebeu a gravação. O Rap e o Hip-hop estão muito ligados à igreja, assim, suas letras são fortemente religiosas. Está cursando o 3º ano do ensino médio e já trabalhou em diversas atividades, como recepcionista, vendedora, serviço administrativo... Atualmente se percebe como uma liderança para outros jovens, por isso preocupa-se muito com a sua imagem, com sua postura. Junto com outros jovens, planeja manter o funcionamento da Casa das Juventudes, aberta para que as novas gerações tenham acesso aos benefícios que teve.</p>
Guilherme	18	Brhem,	<p>Guilherme tem três casas, uma com a avó no</p>

	(2014)	Setor 6 e Moinhos de Vento	Setor 6, outra com o tio na Ocupação Brehm e outra com a mãe e o padrasto no loteamento de classe média Moinhos de Vento – Canoas. A mãe mora há aproximadamente 12 anos no bairro Moinhos de Vento. Guilherme tem uma irmã mais velha e dois irmãos mais novos (12 e 6 anos). A avó mora no bairro há 21 anos. Cresceu no Guajuviras, onde grande parte da família (avó e tios) reside. Fez todo o ensino fundamental em escolas públicas no Guajuviras e iniciou o ensino médio em uma escola do bairro Igara, pois a família considerava as escolas do Guajuviras impróprias, ainda mais para um rapaz que tem maior tendência a envolver-se com questões relativas a rua. Atualmente faz um supletivo em Porto Alegre, pois reprovou e quer terminar o ensino básico para ingressar no quartel. Guilherme quer entrar na Aeronáutica de Canoas. Há pouco tempo tem liberdade de sair para festas, pois a mãe sempre foi muito protetora. Como adquiriu a maior idade, agora também investe na sua formação na religião Umbanda. Guilherme é filho de santo de seu tio. Considera a religião uma das esferas mais importantes de sua vida e se tiver que escolher entre ir a uma festa e estar na casa de religião, escolhe essa. Também investe em um curso de tamboreiro em Viamão. A musicalidade não é apenas no terreiro das práticas religiosas, pois, junto com os familiares, sempre acaba tocando algum instrumento nas reuniões e festas da família e amigos.
Heitor	16 (2013)	Ocupação no Setor 6	Grande parte da família de Heitor mora no Guajuviras. Diz que a mãe mora desde o início, que sua família participou da ocupação das casas. Mora com a mãe e duas irmãs (24 e 31 anos), um cunhado e um sobrinho. O pai faleceu há 5 anos, vítima de câncer. Estuda em uma escola local, na 8ª série. Antes estudava em uma escola fora do bairro, pois os pais diziam que a escola era melhor. Espera fazer um curso de administração ou mecânica no SENAI e conseguir um emprego. Com os primos, toca pagode nas reuniões familiares, em um bar no bairro Niterói e nas atividades culturais da escola. Considera-se caseiro.
Janaina	17 (2013)	Setor 6	Sempre viveu no Guajuviras. Embora tenha sido criada pelos avós, tem contato com os pais. Os avós participaram da ocupação de 1987. A mãe mora na ocupação do Brehm, no Guajuviras. O pai também mora no bairro, mas tem pouco

			<p>contato pelo problema dele com o alcoolismo. Embora a família seja fragmentada, Janaina tem muito apoio da mãe e do avô. Estuda em EJA de escola pública dentro do próprio bairro, está terminando a 7ª e 8ª séries. Atrasou os estudos, pois não gostava de estudar e acabou repetindo algumas séries. Além do EJA, faz um curso de inglês no centro de Canoas. É uma jovem que gosta do estilo de roupas Hip hop e das músicas e danças da cantora Beyoncé. Como gosta de dançar, participa do grupo de dança de funk que foi desenvolvido a partir das oficinas do Protejo. Planeja ser dançarina profissional. Nunca trabalhou, mas pretende trabalhar em loja de Hip-hop de Porto Alegre.</p>
Jaqueline	19 (2012)	São Miguel	<p>Jaqueline estava terminando o Ensino Médio em uma escola pública no bairro. Entre seus planos, o principal é cursar administração na faculdade, uma vez que já fez dois cursos profissionalizantes sobre tema e gostou muito da área. Mora há 11 anos na Ocupação São Miguel. A casa de madeira hoje é um esqueleto sobre o qual é construída a casa de alvenaria, assim a família reside e constrói ao mesmo tempo. Jaqueline mora com os pais, uma irmã de 9 anos de idade e uma prima. Tem também uma irmã de 29 e um irmão de 27 anos. Quando criança morava com a avó, pois a mãe trabalhava e não tinha como cuidar dela. Voltou a morar com os pais na ocupação quando tinha 7 anos de idade. Tentou trabalhar no ano anterior, mas ficou difícil dar continuidade à escola e ao curso de línguas que fazia, então priorizou o ensino. Jaqueline converteu-se há um ano, é evangélica da Igreja neopetencostal Por Amor, que fica na esquina de sua casa. Após concluir o ensino médio, passou a trabalhar e ingressou no curso de administração na ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, localizada em Canoas.</p>
Jeferson	22 (2012)	Setor 5	<p>Jeferson vem de uma família muito pobre. Em 2012 havia retomado os estudos, após 3 anos de abandono. Cursava o 1º ano do ensino médio em uma escola pública local. O estímulo a voltar a estudar vinha tanto das inúmeras dificuldades em conseguir emprego, quanto de seus sonhos de ter uma vida melhor e fazer faculdade. Participava da política social de atendimento a jovens: Protejo. Na época, em 2012, estava desempregado, mas já havia trabalhado em</p>

			<p>diversos lugares, como a REFAP (Refinaria Alberto Pasqualini) e uma rede de supermercados localizada em Porto Alegre. Era um jovem negro, casado com uma jovem (25 anos) branca. Dessa união nasceram duas crianças, uma morreu ainda bebê e o outro tinha aproximadamente 4 anos em 2012. Ele, a esposa e o filho moravam de favor em uma pequena casa de fundos, era uma peça de compensados e sobras de materiais de construção. Moravam em péssimas condições, com roupas próximo ao telhado para conter a umidade e o frio. Tanto a união (entre um jovem negro e uma jovem branca), quanto a condição de moradia eram fontes de atritos com a família da jovem. Jeferson foi criado pelos avós e não possuía relações com o pai, demonstrando ter raiva deste. Também tinha atritos com a mãe, também moradora do bairro. Como ambos não possuíam emprego fixo, as dificuldades de alimentação, em especial o leite do filho, era uma constante dificuldade e com frequência tinham que recorrer aos familiares para poder comprar o leite. Jeferson possuía alguns problemas de saúde, como uma bronquite crônica, que certamente deve ter sido intensificada pelas condições da moradia, e problemas em uma perna, pois relatou que em 2009 foi confundido e alvejado em um beco próximo a sua casa, o que deixou sequelas. Era originário de Cacequi, no interior do Rio Grande do Sul. Estava morando há 6 anos no Guajuviras. Desde a infância, o alimento era ganho no dia a dia, conforme suas palavras: “ Nós trabalhava de dia pra comer de noite”. Tocava em uma banda de pagode e era muito fiel a religião Afro-brasileira Umbanda, cujo terreiro está localizado na Av. Boqueirão e o qual frequentava todas as semanas. Seus sonhos eram tornar-se músico, professor ou psicólogo. No entanto, no início de 2014 faleceu vítima de uma pneumonia.</p>
Joana	25 (2014)	Setor 5	<p>Joana mora com os pais no Guajuviras desde que nasceu. Os pais participaram da ocupação de 1987. O pai foi uma das lideranças que participavam das negociações com a COHAB-RS na década de 80-90. Tem uma filha de 6 meses de vida. Fez o ensino básico em escolas públicas do bairro e atualmente é estudante universitária na ULBRA. Desde cedo gosta das questões do bairro e de política. Foi líder de turma, participou por 10 anos do Grupo de Jovens da Igreja Católica e há 9</p>

			anos trabalha com política, sendo militante do Partido dos Trabalhadores (PT). Trabalha desde quando tinha 14 anos, começou como estagiária em um escritório de contabilidade em Porto Alegre. Destaca que Canoas tem poucas opções de lazer para os jovens, por isso acaba frequentando os bares de Porto Alegre e São Leopoldo.
Jorge	18 (2013)	Beco – Setor 6	Jorge mora com a mãe e tem cinco irmãos, 4 mais velhos e um mais novo. Todos moram em casas próximas, sendo que Jorge mora na casa com a mãe e o irmão mais novo. Mora no local há 15 anos, quando o avô comprou um terreno para a mãe e a família morar. O pai morreu em decorrência do diabetes quando ele tinha 10 anos. Estudava, até o final de 2012, em uma escola de ensino fundamental do bairro, tendo deixado a escola sem terminar o ano letivo. Passou a fazer o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) no próprio bairro. Faz parte do grupo de dança de Hip-hop da igreja evangélica Cruzada Pentecostal Brasileira da qual participa. Conta que se sente um pouco perseguido, mas isso porque tem problemas disciplinares. A escola era especial, onde encontrava os amigos e fazia bagunça. Em casa também tem atritos com a mãe. Conta que quer se casar, porque “crente não namora, casa. Crente não pode pecar”, quer ter uma boa casa e um bom emprego. Gostaria muito de servir na aeronáutica e seguir carreira militar. Como tantos jovens, gosta de estar conectado nas redes sociais. Trabalha em um supermercado local, tendo antes trabalhado no Supermercado Zaffari.
Julia	17 (2012)	Setor 5	Julia cursava o primeiro ano do ensino médio em uma escola pública no Guajuviras. Nasceu e cresceu no bairro, no Setor 5, onde mora com o pai, a mãe e uma avó doente. Trabalhou desde cedo, em padarias, como menor aprendiz, no Supermercado Rocha, localizado no Guajuviras, em Central de Atendimento por telefone. Julia planeja fazer uma faculdade, a exemplo do irmão mais velho que é acadêmico da PUC-RS. Nos domingos, vai a igreja com a família e no irmão, que mora no bairro Estância Velha com a esposa e um filho. Também gosta de passar o dia com o namorado, também morador do Guajuviras e antigo colega de escola. Adora arquitetura, tanto que ajudou no planejamento da casa nova, em construção na frente da que mora, de madeira nos fundos do pátio. A família é religiosa, todas as

			semanas a pastora de igreja neopentecostal vai fazer um culto na garagem da casa. Após um tempo, Julia foi morar com o namorado e acabou tendo dificuldades na escola, abandonando o ensino regular e retomando posteriormente e concluindo no formato de EJA. Atualmente mora com o namorado e um filho.
Karen	15 (2013)	Nova Nancy	Karen mora na ocupação Nova Nancy há pouco tempo, antes morou no bairro Estância Velha, mas o aluguel tornou-se muito oneroso. Morou também em Caxias do Sul, na Estrada do Nazário, Comtel (Guajuviras) e Rio Branco (Canoas). Outros integrantes da família já moravam no Guajuviras. Mora com a mãe, o padrasto e as irmãs (6 e 3 anos). Como Karen se envolveu com dois grupos rivais envolvidos com o tráfico, evita ficar na rua, tendo abandonado o ensino fundamental, quando estava na 3ª série. Conta que antes ficava muito na rua, com os amigos nas esquinas, em festas e que agora evita, pois esteve exposta a muitos conflitos e amizades que a levaram a caminhos que considera errado, como o consumo desde os 12 anos de cigarro. Karen ainda não fez os documentos, mesmo assim vai a muitos Bailes Funk em Porto Alegre. Planeja retornar aos estudos e fazer um EJA no ano seguinte, segundo ela: “É que eu não queria nada com nada antes, agora que eu tô me encaixando na vida”. Segundo Karen, ela vivia uma vida louca e desregrada.
Lucas	18 (2013)	Ocupação Setor 6	Lucas mora com os pais e duas irmãs (15 e 4 anos) em uma casa de alvenaria com uma boa infraestrutura, tanto familiar, quanto material. Desde a 4ª série estudou no centro de Canoas, pois a família achava as escolas do bairro ruins. Ao reprovar, passou a cursar um EJA dentro do Guajuviras e ao terminar o ensino fundamental, passou a cursar o médio fora do bairro. Embora o restante da família resida próximo ao centro, os avós e a mãe participaram da ocupação de 1987, sendo que, posteriormente, a mãe comprou uma casa de ocupação dessa área verde no Setor 6. Em 2014 Lucas começou a trabalhar, já tendo trabalhado como auxiliar de soldador.
Marcio	19 (2013)	São Miguel	A família de Márcio veio para a ocupação há 18 anos. A mãe, a avó e uma tia moravam de favor na casa de uma amiga na Zona Norte de Porto Alegre e a avó queria muito ter uma casa própria. Foi então que os tios de Mauricio participaram da

			<p>ocupação reservando um terreno para a avó. Residem com ele a mãe, a avó, uma irmã de 12 anos e um irmão de dois anos. Márcio está terminando o ensino médio em uma escola pública do bairro e faz curso de elétrica industrial e predial no SENAI, ganhando uma bolsa com a qual ele se mantém, compra suas roupas, as coisas que gosta... Antes de entrar no curso, trabalhava como garçom. Diz que é um privilegiado, pois a mãe teve que parar de estudar para ajudar a avó, trabalhando como diarista. Desde pequeno participa de escolas de samba, no início no bairro e atualmente em uma escola de samba de Sapucaia do Sul. Ao entrar no Protejo, logo foi para as oficinas de funk, onde passou a fazer parte do grupo de dança que se apresenta em eventos.</p>
Mateus	20 (2012)	Banhado	<p>Mateus mora há 11 anos na Ocupação Banhado. O pai morreu quando tinha 11 anos e posteriormente a mãe casou novamente, mudando-se para outro município da RMPA e tendo mais dois filhos. Mora, desde os 16 anos, com duas irmãs e um sobrinho. Embora residam juntos, cada um tem suas coisas, inclusive o alimento. A casa é simples: a parte da frente é de alvenaria e os fundos de madeira. Em um temporal no ano anterior perderam muitos objetos da casa. Tem uma irmã mais velha que mora em outra casa com o marido e filho. É um jovem muito ativo e vaidoso, podendo ser identificado como um Metrossexual. Participou do programa social Protejo, onde fez curso de teatro, música e de elaboração de projetos. Fez curso de música em um projeto de extensão do curso de música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalha desde os 16 anos como estagiário e atualmente em atendimentos e vendas de telemarketing. Em 2012 formou-se no ensino médio em uma escola pública do Guajuviras. Canta na igreja evangélica neopentecostal que frequenta próximo a sua casa, tendo a fé como um ordenador de sua vida. Entre os projetos, que não tiveram continuidade, era fazer curso para comissário de bordo. Entre outras transformações nos arranjos familiares e de emprego, constituiu em 2014 uma relação da qual espera um filho.</p>
Miguel	18 (2013)	Setor 5	<p>Miguel mora com os pais, embora eles não sejam mais casados, a irmã, um sobrinho e o namorado. Miguel é homossexual e atua nessa militância. Outra irmã mora com o marido no mesmo setor.</p>

			Um irmão está internado pelo uso de crack. Os pais de Miguel fizeram parte da invasão de 1987. A maior parte da vida escolar ele fez no Guajuviras, com algumas exceções quando morou com o pai em outros municípios. Em 2013 terminou o ensino básico em uma escola pública do bairro. Entre os 5 irmãos, apenas ele e outra irmã terminaram o ensino básico. Trabalha como estagiário em uma instituição pública localizada no Guajuviras. É bastante ativo e frequentemente assumia posições protagonistas em atividades culturais na escola. Gosta de ir ao Canoas Shopping e encontrar os amigos na rua onde conversam e fumam maconha, outra militância de Miguel. Participa dos encontros de jovens roqueiros, punks e emos no Parque da Redenção em Porto Alegre, ir a Bailes Funk e músicas da Beoncyé e Lady Gaga. Também frequenta algumas vezes a igreja evangélica.
Otávio	22 (2013)	Setor 5	Otávio mora sozinho em uma casa no Setor 5. Os pais moram em São Paulo. Tem cinco irmãos. Como não gostou de São Paulo, voltou e ficou com a casa dos pais no Guajuviras. É uma casa grande, de alvenaria. Junto com Felipe, Otávio tem um grupo de rap, cuja origem está ligada ao Força Jovem da Igreja Universal e devido divergências com os grupos da igreja, montaram um grupo sem vínculo oficial com a igreja. Além do rap, Otávio também canta o funk, em uma versão que considera crítica. Produz, junto com Felipe, as letras das músicas. Diz que o funk é mais acessível, não tem tanta preocupação com a voz. Trabalha de vigilante e já sofreu quatro assaltos. Diz que quando os pais se separaram, passou a beber, mas que nunca usou maconha, que a família sempre ensinou sobre essas questões. Quando mais novo participou de um bonde, fazendo pichações pela cidade. Mas diz que era o “Nerd” do Bonde.
Rafaela	18 (2014)	4B	A casa da família foi da ocupação de 1987, quando o pai e a mãe de Rafaela se conheceram. Ocuparam dois apartamentos que foram trocados pela casa, no mesmo Setor. Ela cresceu no bairro e hoje mora com a mãe na mesma casa. Tem duas irmãs, uma (20 anos) está separada no momento e vive também na casa, com o filho pequeno. A outra (22 anos) mora na ocupação do CAIC. Completou o ensino básico em escolas públicas do bairro e atualmente trabalha em uma farmácia. Gosta muito de sair em festas ou ficar com os

			amigos nos “postinhos” bebendo cerveja, chimarrão e escutando música nos carros. Antes de trabalhar fez cursos no Protejo.
Ricardo	25 (2013)	Setor 2	Ricardo é morador do bairro desde que nasceu. Os pais residiam em Canoas, o pai no Rio Branco e a mãe em Niterói; em 1987 participaram, com outros familiares, da ocupação do Guajuviras. Ricardo tem quatro irmãos (39, 38, 36 e 14 anos). Quando ocorreu a ocupação, a mãe estava grávida dele. Atualmente mora sozinho. Os pais, depois da aposentadoria, passaram a morar no litoral norte do Rio Grande do Sul. Há 10 anos está envolvido com a cultura do Funk – dança, música e educação. Há três anos entrou na Casa das Juventudes como educador, ministrando aulas de dança. Antes teve vários trabalhos; desde os 14 anos trabalhava com o pai em obras, tendo trabalhado também como confeitiro, garçom, telemarketing, recepcionista e jardinagem. Planeja criar de forma desinstitucionalizada uma estrutura que favoreça a atividade e a cultura do Funk no Guajuviras.
Rodrigo	27 (2014)	Setor 2- Prédios	Rodrigo cresceu no Bairro. Foi criado por sua avó e pai, tendo realizado todo o ensino básico nas escolas do Guajuviras. Nunca mudou de moradia, sua história é em grande parte ali. Foi no bairro que iniciou suas práticas musicais, primeiro a partir de uma escola de Capoeira, que mais recentemente tornou-se um ponto de Cultura. É músico de Jazz e aprendeu a tocar em um estúdio local junto com colegas. Faz graduação em área de engenharia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segundo Rodrigo, descobriu que não era branco na universidade. Em casa, precisou mostrar para a avó porque ele não tinha um bom emprego no momento, pois a cultura local é de trabalho e não de estudo. Suas fontes de renda vêm da atividade de educador e de apresentações que faz na rua para arrecadar dinheiro. Participa como educador musical no Guajuviras e do grupo de Sarau, o Entreverbo, que é realizado no centro de Canoas, mas que em sua grande maioria, são moradores do Guajuviras.
Taís	17 (2012)	Nancy Pansera	Taís mora na Ocupação da Nancy Pansera com o pai, madrasta e cinco irmãos. Tem mais um irmão de 19 anos que já esteve preso e não mora com a família. O pai e a madrasta não têm filhos dessa união. Taís não tem contato com a mãe, que após a separação pouco procurou os filhos. Após a separação, Taís ficou com a responsabilidade de

			<p>cuidar os irmãos mais novos enquanto o pai trabalhava. Veio para a Nancy Pansera em 2005. Em 2013 estava iniciando o ensino médio em uma escola pública do Guajuviras. Trabalha desde os 13 anos, primeiro como babá e depois como atendente na praça de alimentação no Canoas Shopping. No primeiro salário nem sabia gastar o dinheiro, mas como todos ajudam em casa, faz o mesmo. Durante o ensino fundamental participou do Protejo, onde fez oficinas de música, teatro e informática. Domingo é dia de culto em uma pequena igreja próximo a casa da família e embora seja evangélica, veste-se como tantas outras jovens. Alguns parentes, como a tia, moram perto de sua casa, o que reforça o sentimento pelo lugar.</p>
Vítor	15 (2013)	Parque São José	<p>Vítor mora com os pais e um irmão de 21 anos. Uma irmã mora em uma casa no mesmo pátio da família, junto com a avó e filhos. Vítor estuda em uma escola da rede pública localizada no bairro, está cursando o ensino fundamental. A família participou da ocupação de 1987, mas posteriormente precisavam de uma casa maior e então ocuparam no Parque São José. Grande parte da família está no Guajuviras, alguns nas construções da COHAB-RS, outros em ocupações de áreas verdes. Vítor joga futebol em Ivoti, indo para lá treinar todas as tardes da semana. Já viajou por vários lugares em campeonatos e fez teste para o Corinthians. Os pais são Pais de Santo na Umbanda e Vítor desde pequeno toca tambor, fazendo-o profissionalmente em outras Casas de Religião do Estado. Antes a família trabalhava no Galpão de Reciclagem do local.</p>
Wagner	20 (2012)	Comtel	<p>Wagner estava terminando o terceiro ano do ensino médio em uma escola local a noite, durante a manhã trabalhava como estagiário no Tribunal de Justiça em Porto Alegre e morava com a mãe, o padrasto e quatro irmãos (um de 15, outro de 13,12 e 2 anos) em uma casa pré-fabricada na Ocupação Comtel. Embora a casa fosse pequena, com dois quartos, era aconchegante. Tanto o pai quanto a mãe casaram e constituíram novas famílias, a mãe tem um filho do novo casamento e dois de um casamento anterior, o pai tem três filhos do novo casamento. Mora na Comtel desde sua ocupação, antes morava na estrada do Nazário, também no Guajuviras. Wagner trabalha desde os 15 anos de idade, tendo trabalhado de</p>

			<p>forma informal e temporária em supermercados, em lavagem de carros, soldagem e farmácia. Gosta de ir ao samba nos sábados à noite e de jogar voleibol na praça da brigada entre o horário da volta do estágio e da aula da noite. Planeja fazer faculdade de direito. Fez cursos de administração no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Wagner tem uma situação familiar muito difícil, o padrasto, homem de aproximadamente 40 anos, sofreu um acidente vascular enquanto trabalhava com eletricidade e perdeu o movimento dos braços e pernas, estando sob os cuidados da mãe que fica impossibilitada de trabalhar, assim a renda familiar fica consideravelmente reduzida. Em 2013 o irmão de 15 anos foi alvejado durante confronto com a polícia, correndo grave risco de morte. Após a recuperação o irmão passou a utilizar cadeira de rodas. Ainda em 2013, Wagner saiu de casa para morar com amigos nos prédios do Setor 4 do Guajuviras.</p>
Wilson	17 (2013)	Setor 1	<p>Wilson é um jovem com deficiência física, é cadeirante. Mora com a mãe, o pai e três irmãos (14,6 e 2 anos) mais novos. Seus pais moravam no bairro Niterói e vieram para o Guajuviras quando sua mãe estava grávida dele. Devido às dificuldades de locomoção, Wilson abandonou os estudos no 1º ano do ensino médio. No entanto, tem muito apoio familiar, os pais o levam e buscam das festas. É compositor e cantor de Funk, principalmente na linha Ostentação. Antes fazia músicas de rap, mas tem feito mais sucesso com as meninas com o funk, através do qual se apresenta em vários lugares, tanto em Canoas, quanto fora e embora faça sucesso, ainda não cobrou por suas apresentações. Um importante apoio para avançar na música foi através das oficinas e do espaço para músicos na Casa das Juventudes e vinculado ao Protejo. Com o aprendizado, produz músicas e as divulga pelas redes sociais. Em 2014 teve sérios problemas de saúde, permanecendo um período internado.</p>

Fonte: Levantamento de campo (2012-2014).

APÊNDICE B – Síntese das práticas espaciais

Quadro 3 – Práticas e comunidades de sentido de Jovens do Guajuviras

Jovem	Prática	Guajuviras	Espaço Metropolitano
Jeferson	Trabalho		Porto Alegre Canoas
	Protejo	Casa das Juventudes	
	Religião Umbanda	Boqueirão	
	Escola	Ensino Médio	
Carolina	Trabalho		Cachoeirinha Canoas
	Lazer		Porto Alegre
	Escola	Ensino Médio	
Julia	Trabalho	Comércio	Canoas Porto Alegre
	Religião Neopentecostal	Casa outros Locais	
	Escola	E.E. Ensino Médio	
Jaqueline	Ensino	Bairro	Canoas – ULBRA
	Religião Neopentecostal	Bairro	
Wagner	Ensino	E.E. Ensino Médio	
	Trabalho	Bairro	Porto Alegre
	Lazer- Festas	Bairro – ruas, praças e quadra de esportes	Canoas Porto Alegre
Amanda	Trabalho	Em casa	Canoas
	Igreja Adventista	Templo	Atividades do grupo de jovens – Estado e Brasil
	Protejo	Casa das Juventudes	
Mateus	Protejo	Casa das Juventudes	
	Trabalho	Avon	Porto Alegre Canoas
	Igreja neopentecostal	Templo local	Canoas São Leopoldo Triunfo Sapucaia do Sul

Felipe	Protejo	Casa das Juventudes	
	Trabalho		Gravataí
	Igreja Universal	Bairro	Porto Alegre
	Rap	Bairro	Canoas
Taís	Escola	Ensino Básico	
	Trabalho		Canoas
	Igreja Neopentecostal	Templo local	
	Lazer		Canoas São Leopoldo Porto Alegre
	Protejo	Casa das Juventudes	
Jorge	Escola	Ensino Básico	
	Trabalho	Comércio	Canoas
	Igreja Neopentecostal	Templo na Boqueirão	
Wilson	Funk	Atividades culturais/festas	Canoas Porto Alegre Eldorado do Sul
	Skate	Rua	
Giovana	Protejo	Casa das Juventudes	
	Igreja	Av. Esperança	
	Hip-Hop	Atividades culturais/festas	Canoas Porto Alegre Esteio Brasil
Caio	Ensino	E.E. Ensino Médio	Canoas – curso técnico
	Trabalho		Canoas
	Rap	Atividades culturais/festas	Canoas Porto Alegre
	Bondes	Ruas – praças	Canoas – shopping
Bernardo	Ensino		Estância Velha
	Bondes	Ruas e praças	Canoas
	Pichação	Ruas, muros e casas	Municípios metropolitanos e Porto Alegre
Karen	Lazer	Ruas – praças	

	Baile Funk	Casas de amigos	Canoas Porto Alegre
Otávio	Trabalho		Canoas
	Rap	Atividades culturais – festas – igreja	
	Igreja Universal	Boqueirão	Porto Alegre Canoas
	Bondes	Ruas	Canoas
Heitor	Ensino	Ensino Básico	
	Pagodes (tocar)	Casa – amigos e familiares	Canoas
	Festas	Casa – amigos e familiares	Canoas
Lucas	Ensino		Estância Velha
	Lazer/Festas	Casa – amigos	Canoas Porto Alegre São Leopoldo
	Trabalho		Porto Alegre
Ricardo	Dança/Funk	Casa das Juventudes – atividades culturais – festas	Canoas Porto Alegre Região Metropolitana Municípios do Interior
	Trabalho	Educador Comércio	
Bento	Trabalho		Canoas
	Lazer	Praças e ruas	Canoas
	Protejo	Casa das Juventudes	
Clara	Ensino	Curso de manicure	Canoas- Cursos de doméstica
	Trabalho	Venda da Avon	
	Igreja neopentecostal	No bairro	Guaíba
Janaina	Ensino	EJA	Canoas – Curso de Inglês
	Dança	Casa das Juventudes/ atividades culturais/ festas	Canoas
Eliana	Ensino		Canoas – Igara
	Lazer – Ir para casa de amigos		Canoas – Igara

Everton	Ensino	E. M. de Ensino Fundamental	Canoas – Curso de liderança
	Lazer – Jogar bola, ficar com amigos	Ruas e praças	
Márcio	Dança – carnaval/funk	Casa das Juventudes Atividades culturais Festas	Canoas Porto Alegre São Leopoldo Novo Hamburgo Sapucaia
	Ensino	Ensino Médio	Porto Alegre – Curso técnico
	Lazer – bailes funk, festas, amigos	Casa de amigos Ruas Praças	Porto Alegre Canoas
Vítor	Ensino	Ensino Básico	
	Futebol	Praças, ruas e campinhos	Ivoti Rio Grande do Sul Brasil
	Práticas religiosas – Umbanda	Terreiros	Canoas Porto Alegre São Leopoldo
Miguel	Trabalho	Estagiário	
	Ensino	Ensino Médio	
	Lazer – Festas- Amigos	Ruas, Praças	Porto Alegre Canoas
	Encontros LGBT		Canoas Porto Alegre
Alice	Ensino		Porto Alegre- Universidade
	Trabalho		Porto Alegre
Joana	Ensino		Canoas- Ulbra
	Trabalho		Canoas
	Lazer-Festas		Canoas, Porto Alegre
	Militância política	Ruas, praças, igrejas, Cooperativas	Canoas
Alessandra	Ensino	Ensino Médio	
	Trabalho		Porto Alegre
	Igreja neopentecostal	Comtel	

	Lazer – festas	Casa de amigos, em casa, na igreja	Canoas
Rafaela	Trabalho		Canoas
	Lazer – festas	Em casa, Casa de amigos	Canoas Porto Alegre
Guilherme	Ensino		Canoas
	Religião – umbanda	Terreiro	Canoas Viamão
	Lazer – tocar instrumentos – amigos	Casa, casa de amigos e familiares, ruas	Canoas
Rodrigo	Ensino		Porto Alegre – Universidade
	Música	Em casa Com amigos Estúdio Praças Ruas	Canoas Porto Alegre Rio Grande do Sul
	Trabalho	Educador	
	Sarau de Poesias – Entreverbo		Canoas

Fonte: Levantamento de campo (2012-2014).